



A
CABEÇA de
SÃO BERNARDO
das **CORRENTES**



Marcos Granconato





A
CABEÇA₃ de
SÃO BERNARDO
das
CORRENTES



Marcos Granconato

Marcos Granconato

A CABEÇA₃ de SÃO BERNARDO das CORRENTES

1ª Edição



São Paulo
2019

Copyright© 2019 por Marcos Granconato

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610 de 19/02/1998.

É expressamente proibida a reprodução total ou parcial deste livro, por quaisquer meios (eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação e outros) sem prévia autorização por escrito da editora.

Autorizado o uso de citações breves com indicação da fonte.

ISBN 978-85-94139-03-0

Granconato, Marcos

A cabeça de São Bernardo das correntes / Marcos Granconato – São Paulo, 2019.

1ª Edição

Capa e diagramação: Níckolas Ramos Borges

Ilustrações: Matheus Gomes

Mapa: Marcos Granconato

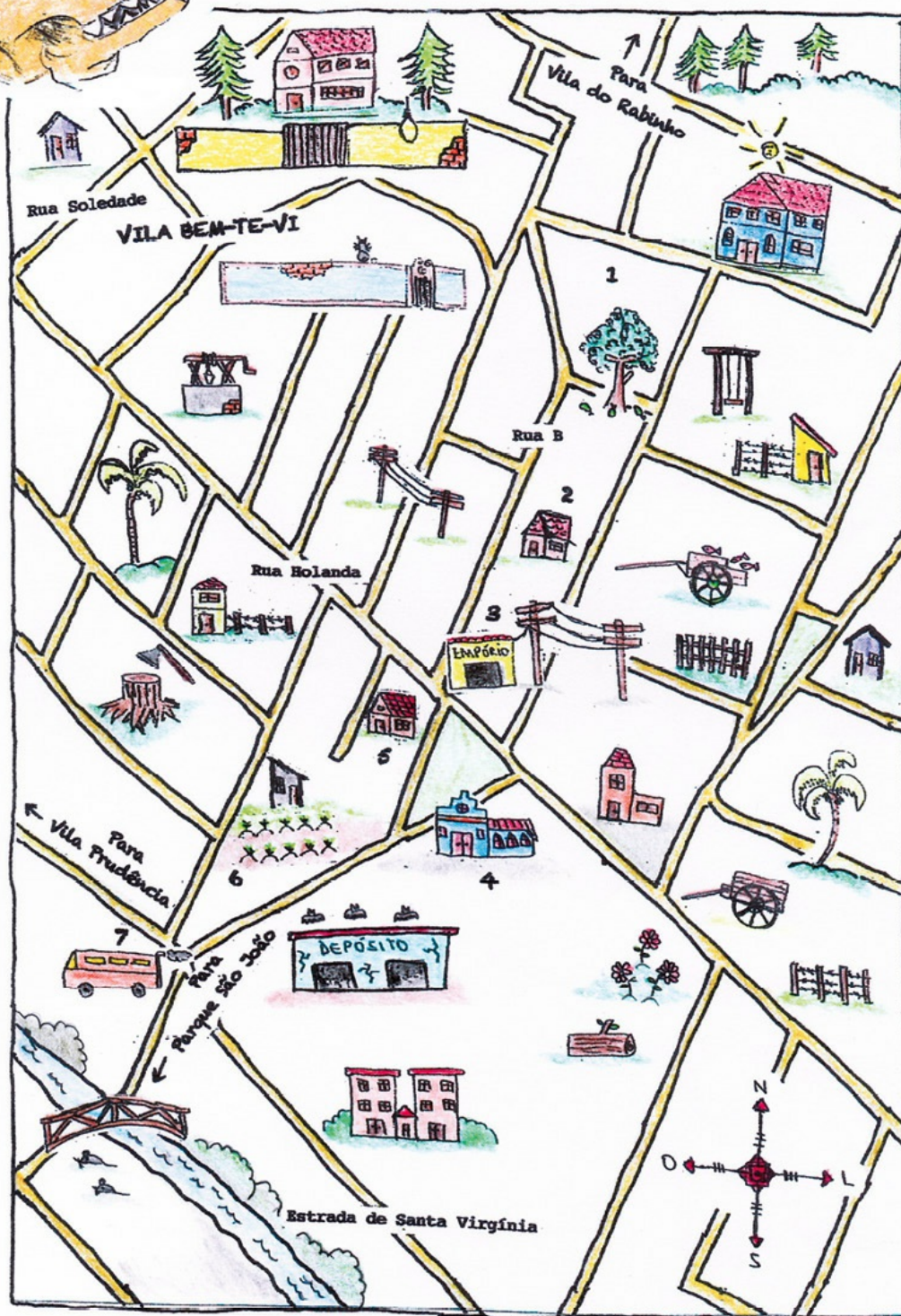
Revisão: Amorim Leite, Leandro Boer e Simone Matias

Publicado no Brasil com todos os direitos reservados por:

Marcos Mendes Granconato

DEDICATÓRIA

*À mãe do Fino,
a velha senhora de cujo nome não me recordo
e de quem roubei uma beterraba
no dia em que sua chácara foi invadida
pelos moradores da Vila Santa Virgínia.*



- 1 - Descampado; 2 - Casa da Dona Lola; 3 - Empório do Branco; 4 - Templo da Assembléia de Deus; 5 - Casa do Padre Luciano; 6 - Chácara do Fino; 7 - Ponto final do ônibus

PARTE 1

Capítulo 1

SÃO BERNARDO

Entre as montanhas e colinas do Sul de Minas Gerais, existe uma cidadezinha chamada Munhoz. No limiar da década de 1960, os arredores dessa cidade eram dominados por pequenas propriedades de chacareiros e sitiantes que plantavam batata, milho e pomares acanhados. Também criavam galinhas, porcos e algumas cabeças de gado.

Era numa dessas pequenas propriedades que moravam Lola e Osvaldinho, um casal bastante humilde e tímido que beirava os trinta. Eles não eram donos do sítio. Apenas viviam ali como caseiros. O dono era o senhor Nelson que morava em São Paulo. Ele havia combinado com Osvaldinho que tomasse conta da propriedade, cuidasse dos animais e fizesse a terra produzir. Em troca, o caipira e sua esposa podiam morar no casebre que ficava na beira do terreiro, perto de um galpão cheio de ferramentas e velharias. Osvaldinho também tinha direito à metade de tudo que plantasse no sítio do senhor Nelson.

Para o pobre lavrador, as condições não eram ruins. Até porque o patrão não era um homem severo como outros sobre quem ouvira falar. Na verdade, o senhor Nelson era pessoa muito agradável e alegre, daquele tipo que sempre faz piada com tudo que vê. Só nutria um defeito: gostava de dar a impressão de que tinha mais do que na realidade tinha. Assim, era comum dizer que morava numa casa com piscina em São Paulo, que seu “outro carro” era mais confortável do que o DKW que usava para ir ao sítio e que tinha um telefone alugado para uma loja de móveis. O fato, porém, é que sua casa tinha apenas um tanque redondo que construía para criar peixes, empreendimento que logo deixara de lado, ficando o tanque abandonado e acumulando sujeira. Quanto ao “outro carro” tratava-se do Volkswagen da empresa em que trabalhava como supervisor de Vendas, veículo que às vezes tinha permissão de usar em serviço. Já o telefone, seu real proprietário era o pai do senhor Nelson, que o alugara para reforçar a minguada aposentadoria.

Mesmo assim, para aquilo que Osvaldinho pensava poder esperar de um patrão, o senhor Nelson era um homem bom. Tanto que, quando chegava ao sítio nos fins de semana, sempre junto com a esposa, Dona Dulcelina (que gostava que a chamassem só de Dulce) e a filha adolescente, Iolanda, todo o ambiente mudava. O tédio ia embora, Osvaldinho falava mais... Até os animais pareciam ficar agitados, pois o senhor Nelson vistoriava tudo, andava pra cá e pra lá, perguntava sobre os acontecimentos da semana, repetia ordens confusas ao “alemãozinho” (chamava assim o caseiro porque ele era baixo e loiro) e fazia piadas seguidas de sonoras gargalhadas.

Quem mais se sentia feliz com a chegada do senhor Nelson era Dona Lola. Ah, que alívio para ela era a chegada do patrão! E que desespero quando ele ia embora! Sim, pois Dona Lola, é bom já dizer, apanhava do marido. E apanhava muito. Todos os dias, depois de trabalhar duro no cabo da enxada ou cuidando dos animais, Osvaldinho ia até a cidade onde se embriagava com os amigos. Então, já escuro, voltava para casa e o inferno começava. Ele xingava a mulher, quebrava pratos e copos, jogava cadeiras contra as paredes, derrubava as panelas de comida no chão, urinava pela casa, cuspiam na roupa lavada, enfim, agia como um animal enfurecido.

Durante toda essa balbúrdia, Dona Lola se espremia apavorada num canto escuro do quarto, fazendo o possível para não chamar atenção do monstro. Mas a estratégia sempre falhava e, depois de ver tudo em volta ser arreventado, chegava a sua vez de receber pancadas. Osvaldinho a chutava, dava-lhe tapas na cara, puxava seus cabelos e a esmurrava até que ela caísse. Dona Lola gritava, mas quem poderia ouvi-la naquela solidão? E se alguém a ouvisse o que poderia

fazer? Ela havia aprendido com a mãe que com marido e mulher as coisas são assim mesmo. Sabia de outros casos iguais nos arredores, ouvira histórias... “É desse jeito que as coisas têm de ser”, pensava. Esse era o fardo que algumas esposas tinham a obrigação de carregar. E parecia que todos entendiam essa sina. Mesmo o senhor Nelson, quando a via com hematomas no rosto, nunca ousava perguntar o que havia acontecido. Sem dúvida ele sabia das surras ou pelo menos desconfiava que ocorressem, mas, como dizem por aí, “em briga de marido e mulher, não se mete a colher”.

Dona Lola não apanhava somente do marido. Ela apanhava também das lembranças. Um dia, havia uns cinco anos, ela tinha sido mãe. O bebê, porém, não tinha nascido com saúde. Era uma “criança mole”, como dizia Osvaldinho. Viera ao mundo sem qualquer vivacidade — um bebê semimorto! Mesmo com seis meses de vida, não firmava o pescocinho, quase não movia os bracinhos e as pernas e, o que era mais estranho, mantinha as mãozinhas sempre fechadas, sem que nada as fizesse abrir. Por entre os dedos assim recolhidos, escorria uma estranha secreção branca, leitosa, fétida, que tornava a criança um tanto repulsiva para quem se aproximasse.

O choro baixo, fraco e lamurioso, a baba sempre escorrendo da boca e o olhar parado, voltado para o chão, faziam do menino o retrato da miséria e da tristeza. Por evocar sentimentos assim, Dona Lola dera-lhe o nome de Sebastião. Segundo ela, seu filhinho fazia lembrar o santo cheio de flechas, cuja estátua ornava um dos nichos da igreja católica de Munhoz.

Perto de completar um ano, Sebastião já conseguia se sentar. Então, Dona Lola estendia uma toalha no terreiro em frente ao casebre e colocava o menino ali, enquanto lavava roupas ou as pendurava no varal. Sebastião ficava parado, quase imóvel, olhando para o nada. Logo várias moscas se acercavam dele, rodeando sua cabeça, andando sobre sua face, seu nariz e sua boca, e sugando a secreção que emanava de suas mãozinhas. Dona Lola, quando via, afugentava logo as moscas, mas elas voltavam depressa, torturando o menino e plantando nele ainda mais doenças.

Certa manhã, tendo Osvaldinho saído bem cedo para trabalhar no milharal, Dona Lola, como de costume, colocou Sebastião sobre a toalha no terreiro e foi cuidar das roupas. Tinha de lavar os lençóis da casa do patrão e, sendo grande o trabalho, envolveu-se completamente ao ponto de se distrair.

Finalmente, depois de lavar algumas peças, lembrou-se de Sebastião. Então, voltou-se para ver a criança e assustou-se. Ela estava caída para o lado, o rosto em terra. Dona Lola correu até o menino e o encontrou desacordado. Tentou despertá-lo: “Tiãozinho, Tiãozinho”. Nenhuma reação. O pobrezinho sequer respirava. Apavorada, sozinha e sem saber o que fazer, a mulher decidiu tomar o filho nos braços e correr com ele até a cidade em busca de socorro. Foi o que fez.

Saiu às pressas carregando o menino. Correu a pé pelo sobe-desce do caminho esburacado que conduzia à cidade. Só Deus sabe onde encontrou forças para percorrer os quase três quilômetros que separavam o sítio do centro de Munhoz. Exausta, chegou à rua principal. Atravessou a praça da igreja sob os olhares curiosos dos circunstantes. Caminhou trôpega até a farmácia do Cido.

– Pelo amor de Deus, seu Cido, acuda! Meu filho está muito mal.

Cido pegou logo o menino e o pôs ali mesmo sobre o balcão. Em silêncio examinou a criança inerte.

– Faça logo alguma coisa – disse Dona Lola – parece que ele está sem respirar!

O farmacêutico olhou para a mãe com gravidade e disse:

– Não precisamos mais correr... Seu filhinho é agora mais um anjinho no céu.

Dona Lola não viu mais nada. Caiu sem sentidos ali mesmo. Quando acordou estava num quarto com várias pessoas ao seu redor. Numa cama ao lado jazia o corpo de Sebastião, com

vermes enormes saindo da sua boca, dos seus olhos e das suas narinas.

Todas essas lembranças unidas aos pavores da desgraça conjugal faziam de Dona Lola uma mulher muito triste e infeliz. Sua angústia parecia não ter fim. Às vezes, depois de apanhar, quando Osvaldinho já estava esparramado na cama roncando como um porco, ela rezava à Nossa Senhora pedindo ajuda e livramento. Fazia súplicas a Santo Antônio implorando por seu casamento. Invocava o socorro de São Sebastião que, como ela, sabia como era a dor das feridas. Fazia promessas a todos os santos de que lembrava e cumpria cada uma delas.

Centenas de ave-marias, outro tanto de pais-nossos, jejuns, esmolas, missas... Tudo isso praticava com zelo e devoção. Entretanto, parecia que nem o panteão católico inteiro podia ou queria ajudá-la. As surras continuavam e a lembrança do filhinho fraco, morrendo silencioso coberto de moscas no terreiro não se extinguia de sua memória, alimentando culpa em seu coração, além de saudades e desejos de morte.

Aconteceu, porém, que, num sábado de primavera, o carro do senhor Nelson chegou ao sítio trazendo não só o patrão e sua família, mas também um grande cachorro. Osvaldinho e Dona Lola foram recebê-los como de costume, dispondo-se a ajudar no descarregamento de malas e sacolas.

– Que cachorro bonito – disse Dona Lola quase sorrindo – É de raça?

– É claro que sim – respondeu o senhor Nelson – Eu só lido com animais de raça.

– E qual é a raça dele?

O senhor Nelson pensou um pouco. Olhou para o animal, resmungou alguma coisa consigo mesmo e por fim falou:

– A senhora não vê? É um legítimo São Bernardo!

– São Bernardo? E existe essa raça de cachorro com nome de santo?

– Claro que existe. A senhora não sabe? Parece que se chama São Bernardo porque essa raça de cachorros ajuda pessoas em perigo, como os santos fazem quando a gente reza pra eles.

Um cachorro que ajudava pessoas em perigo! Dona Lola deu asas à imaginação. Pensou no animal entrando ferozmente no casebre e salvando-a da fúria de Osvaldinho. Viu o cão feroz saltar sobre seu marido, derrubá-lo e mordê-lo, fazendo-o fugir espavorido. Imaginou o cachorro sempre ao seu lado, rosnando para Osvaldinho cada vez que se aproximasse dela e fazendo, assim, com que nunca mais aquele cachaceiro a tocasse.

– O senhor vai deixar esse cachorro aqui no sítio?

– Sim. Eu o trouxe para ajudar a espantar as raposas que vivem matando nossas galinhas. E tem ainda o problema de que a Dona Dulcelina não quer animais na casa lá em São Paulo.

Dona Dulce olhou para Nelson com reprovação. Era “Dulce” e não “Dulcelina”.

– O senhor deixa eu cuidar dele? O Osvaldinho não vai ter tempo. E eu posso tratar bem do bichinho.

– Claro que deixo. Pode até dar nome a ele.

– Mas um cachorro desse tamanho ainda não tem nome?

– Não. A gente nem pensou nisso. Pegamos ele faz pouco tempo. A senhora mesma pode decidir como quer chamar o cachorro. E então, tem alguma ideia?

Dona Lola pensou. Olhou para o animal... Um cão de raça! Quem diria! E um cão salvador! Um legítimo São Bernardo!

– Acho que vou chamá-lo de Bernardo.

– Bernardo? É um nome estranho para um bicho, mas tem a ver com a raça dele. Bernardo está bom.

Dona Lola ficou contente com a aprovação do patrão. Acariciou os pelos do animal e disse que

ia levá-lo para comer alguma coisa. Queria, na verdade, brincar um pouco com seu novo amigo. Saiu então faceira, sob os olhos desconfiados de Osvaldinho.

Quando entraram na casa, Dona Dulce disse ao senhor Nelson:

– Você não perde essa mania de grandeza. Um São Bernardo, Nelson? Tenha dó! O cachorro é só um vira-latas que apareceu em frente de casa. Tenha santa paciência!

– Sossega, mulher. Que diferença faz? Se essa gente pensar que somos do mesmo nível deles, perde-se o respeito. Agora desfaça as malas que amanhã vamos à missa.



Capítulo 2

UM NOVO EMPREENDIMENTO

– Alemãozinho, tenho uma tarefa pra você.

Era manhã de domingo. Osvaldinho não gostou nem um pouco de ouvir essa conversa do patrão. Trabalhava duro a semana inteira. Que história seria essa de ter tarefa pra fazer no domingo? Na cabeça de Osvaldinho iniciou-se uma tumultuada argumentação, mas só na sua cabeça. Osvaldinho era assim: tinha o pensamento vivo, formulava respostas rápidas, fazia trocadilhos inteligentes e até piadas engraçadas. Mas tudo isso acontecia somente “dentro”. Pra fora não ousava colocar muita coisa.

– Fique tranquilo que não é pra hoje, não – ressaltou o senhor Nelson, como se adivinhasse os pensamentos do caipira.

– Mas mesmo que fosse... Eu tô aqui pra isso! O que o senhor quer que eu faça?

– Bom, eu estava pensando em aproveitar o pasto que a gente tem aqui no sítio e botar ali uns bezerrinhos ou quem sabe até umas vaquinhas e um bom reprodutor. Este ano está acabando e eu acho que no ano que vem daria pra ganhar uns trocados a mais produzindo leite, vendendo algumas cabeças pra corte... O que você acha?

– A ideia é boa. Eu gosto de mexer com gado. Aprendi bastante com meu pai.

– Pois então... A gente podia combinar uma participação sua nos lucros desse negócio também. É só questão da gente conversar. Mas o que eu queria mesmo por enquanto era preparar o pasto pra colocar uns bezerrinhos. Acho que a primeira coisa a fazer seria cavar um poço lá perto. Se não, como a gente vai dar água para os animais? Não vejo outro jeito se não cavar um poço. Depois a gente constrói um tanque e aí o problema fica fácil de resolver.

– O senhor tem mesmo boas ideias. Então quer que eu cave o poço, né?

– Você pode fazer isso?

– Ah, seu Nelson. Taí uma coisa que eu nunca fiz. Não sei como começar e nem escolher o melhor lugar. Tem todo um esquema pra fazer isso. E também tem o problema de que uma pessoa só não consegue cavar um poço. No começo até que dá, mas depois que o buraco fica fundo, tem que ter alguém pra ajudar a puxar a terra pra cima.

– Entendi. Você não conhece ninguém que saiba fazer isso?

– Bom, tem bastante poceiro por aí, mas o melhor que conheço é o Tatu.

– Tatu? Pelo nome o homem deve ser bom em cavar buracos!

– E é mesmo. É o melhor! E é rápido. Ele usa um enxadão de cabo bem curto e com aquilo faz miséria. Numa horinha cava mais de um metro, dependendo da dureza da terra.

– Caramba! É desse homem que precisamos. Tente achá-lo durante a semana. Veja quanto ele cobra. Eu pago o serviço dele. Você, como meu sócio nisso, entra com seu trabalho, ajudando o Tatu.

– Pra mim tá bom. Nessa semana vou ver se encontro ele. Eu sei que ele mora em Pedra Bela, mas tá sempre em Munhoz fazendo algum serviço.

– Então estamos conversados. Você me avisa quando encontrar o Tatu e me diz o quanto ele cobra. Dependendo do que ele disser, a gente começa já. Vou comprar logo uma boa manivela pra instalar no poço e também uma corda e um balde pra tirar água. Os fazendeiros que se cuidem porque vamos encher o nosso pasto de bois!

– Deus te ouça, patrão – disse o caipira com um sorriso maroto –, Deus te ouça.



Capítulo 3

O POÇO

Não foi difícil achar Tatu. Também não foi difícil negociar os serviços dele. Em poucos dias estava tudo acertado e, numa segunda-feira bem cedo, o poceiro chegou ao sítio pronto pra começar o trabalho.

Osvaldinho já estava esperando na porteira e os dois foram para o pasto procurar o melhor lugar para cavar o poço do senhor Nelson que, a essa altura, já dizia para seus amigos em São Paulo que estava entrando no “ramo da pecuária”.

O pasto não ficava longe, mesmo porque o sítio não era muito grande. Para ir até lá, Osvaldinho saía do casebre no fundo da propriedade, cruzava o terreiro, passava em frente ao barracão e, mais adiante, atravessava a calçada defronte à casa do patrão. Então chegava à porteira que dava na estrada de terra que levava à cidade. Mas para ir ao pasto ou às plantações de milho e batata, Osvaldinho não saía pela porteira. Em vez disso embrenhava-se por uma trilha à esquerda que corria junto à cerca de arame que ladeava a estrada.

Ía assim caminhando até que o terreno entrava num leve declive e podia-se avistar lá embaixo uma vasta área verde à esquerda farta de capim. Era o pasto. Nos limites do prado ao redor, uma mata exuberante e fechada estendia-se até o pé de um grande rochedo que dominava a paisagem, isolando aqueles rincões e deixando Osvaldinho temeroso diante da simples ideia de viajar e ir além do lugarejo que conhecia.

O caseiro dificilmente descia ao pasto, pois nunca tinha nada a fazer ali. Seu trabalho era mais frequente nas plantações de milho e de batata que ficavam no fim da trilha da cerca, ocupando um terreno plano que ia da beira da estrada até próximo da mata ao fundo. Porém, uma vez que passava todos os dias por ali, o cenário lhe era muito familiar.

– O pasto é ali – disse Osvaldinho, apontando para o campo à esquerda.

– Então vamos até lá porque acho que já estou vendo um lugar bom pra cavar um poço – disse Tatu.

O dia estava apenas clareando. Os dois homens desceram até o capinzal, mas Tatu quis prosseguir até a beira da mata. Ali examinou as árvores e o solo, olhou a paisagem à sua volta, andou de lá para cá... Finalmente, estacou em frente uma paineira frondosa e disse:

– O poço vai ser aqui.

– Por que? – Perguntou Osvaldinho.

– Imagine só que beleza. Um poço perto da sombra. O patrão pode até botar uma rede aqui, fazer uma mesa, bancos... Aí pode vir aqui com a família almoçar nos domingos enquanto olha os boizinhos no pasto, tendo água fresca bem ao lado.

Tatu, na verdade, não estava interessado nos piqueniques do senhor Nelson. De fato, ele sabia que o lugar escolhido não era bom, pois ficava meio longe de onde os animais pastariam. Certamente, um bebedouro teria de ser construído um pouco mais próximo do centro do capinzal e se o poço fosse escavado perto da entrada da mata, como queria o poceiro, Osvaldinho teria mais tarde bastante trabalho para encher esse bebedouro.

O fato é que Tatu escolheu o local para não ter que trabalhar debaixo do sol torturante que ele conhecia muito bem. Aquele serviço podia durar dias. Pedras podiam estar escondidas no rumo da escavação. Só Deus sabe a que profundidade encontraria água. Era bom precaver-se e garantir que o trabalho árduo fosse feito, pelo menos, à sombra da paineira.

Osvaldinho observou o lugar sem fazer qualquer objeção. Na verdade, ele previu até certo ponto os problemas de um poço situado tão longe do miolo do capinzal. Porém, reconhecia que

Tatu era o especialista ali. Certamente escolhera o melhor lugar. Além disso, os motivos do poceiro pareciam fazer sentido, atendendo ao conforto do patrão e não do caseiro. Some-se a isso o lembrete de que Osvaldinho geralmente só discutia com os outros “por dentro”.

– Como você quer fazer, Tatu? Vamos marcar o lugar e começar agora?

– É claro! Por mim já bebia água desse poço hoje mesmo!

– Minha Nossa Senhora! O homem é bom mesmo! Então me diga o que fazer e vamos começar já.

A escavação iniciou-se sem que Osvaldinho tivesse muitas tarefas. Seu trabalho no começo era só espalhar ao redor a terra que Tatu ia removendo pra que não se amontoasse. Já Tatu trabalhava duro com um enxadão de cabo curto. Ele cavava rápido e incansavelmente. Osvaldinho ficou especialmente impressionado com a habilidade com que Tatu fez um buraco de perfeita redondeza, como se tivesse usado um compasso. Aos poucos a perfuração foi indo mais e mais fundo. A terra, segundo Tatu, não era muito dura e, em algumas horas, ele já tinha cavado dois metros de poço. Então, de repente, gritou desanimado:

– Ih, Osvaldinho! Deu pedra!

– Ai, e essa agora! Será que não é só uma pedrinha? Veja se ela sai.

Tatu não respondeu. Já estava cavando em volta da pedra e viu que não era grande, muito menos uma camada rochosa. Era só uma “pedrinha”, como disse Osvaldinho. Dava pra remover.

Após soltá-la, Tatu a levantou sobre os ombros. Depois, com os braços fortes que ganhou no trabalho que fazia, ergueu-a sobre a cabeça e Osvaldinho o ajudou a rolá-la pra fora do buraco. Devia pesar uns quinze quilos.

– Olha só — disse o caipira — tem a forma de um feijão gigante!

– É... E eu já estou mesmo começando a pensar em feijão. Vamos cavar mais um pouco e então a gente para pra comer. Depois do almoço eu vou trabalhar só mais um pouco porque tenho uns negócios pra resolver em Pedra Bela. Amanhã eu venho bem cedo. Só vamos dar uma paradinha agora porque essa pedra me deu sede. Enquanto eu tomo um fôlego, você podia ir buscar a manivela, a corda e o balde que seu patrão comprou, porque daqui a pouco só vai dar pra tirar a terra puxando com a manivela. Traga também uma escada porque já está ficando difícil sair do buraco.

Osvaldinho concordou e foi buscar as coisas. Teve de fazer duas viagens. Enquanto o caipira ia e vinha, Tatu saiu do poço, bebeu um copo de água e se deitou embaixo da paineira. Quando viu Osvaldinho chegando com as últimas coisas, entrou de novo no buraco e retomou o serviço. Cavou mais um metro e teve que parar para instalar a manivela num cavalete alto que fizeram com galhos grossos de árvores. O cavalete era necessário porque o poço já alcançava uns três metros de profundidade e para remover a terra era preciso agora usar um balde preso numa corda.

Na hora do almoço, Tatu precisou usar a escada para sair do poço. Saiu, comeu a boia fria que tinha trazido e descansou mais um pouco sob a árvore. Osvaldinho também almoçou e ficou aguardando o fim da sesta. Então, Tatu cavou até o poço chegar a mais ou menos quatro metros de profundidade. Nenhuma água brotou e o poceiro foi embora para a cidade vizinha onde morava, rejeitando a oferta de dormir no sítio.

— Hoje não vai dar — explicou. — Tenho assuntos em Pedra Bela. Resolvo tudo e durmo por lá mesmo. Amanhã espero você na porteira.

Osvaldinho ficou mais um pouco no local espalhando os montes de terra com uma enxada. Depois passou o resto da tarde fazendo pequenos serviços na roça. No fim do dia estava mais cansado do que de costume e não quis ir à cidade encontrar os amigos de copo. Foi então para

casa e logo que escureceu já estava na cama.

Naquela noite, Dona Lola não apanhou. Aproveitou assim o sossego para brincar com Bernardo e, aliviada com a sorte, disse ao cachorro coisas do tipo: “Você é mesmo meu santinho protetor! Meu São Bernardinho. Mal chegou em casa e já me trouxe uma graça. Olha que é difícil uma segunda-feira sem surra. Ah, seu cachorrinho milagreiro!”.



Capítulo 4

ATAQUE FERROZ

Nem bem o Sol havia nascido se projetando atrás do penhasco e Osvaldinho já estava de pé, pronto para ir ao local do poço. Seguiu, passo lento, até a porteira, mas Tatu não estava lá. “Decerto passou por baixo do arame da cerca e foi direto para o pasto pra não ter de vir até aqui”, pensou. Aguardou mais um pouco para evitar o desencontro e, então, seguiu pela picada que margeava a estrada do lado de cá da cerca.

Quando chegou ao declive, avistou a paineira frondosa e o espaço da escavação, mas Tatu não estava lá também. Desceu até o pasto, atravessou o vasto capinzal e, chegando ao poço, deteve-se sem saber o que fazer sozinho ali. Decidiu esperar. Então, rolou a “pedra feijão” que jazia na beira do poço até o tronco da paineira e sentou-se nela, tendo a árvore como encosto.

Os minutos foram passando... Dez, vinte, trinta... Tatu não chegava. Osvaldinho pensou em ir embora. Não podia ficar ali à toa. Estava mesmo prestes a se levantar quando olhou para o lado e, por uma fração de segundo, seus olhos não puderam acreditar no que viram.

Bem ali junto dele, imóvel e silenciosa, estava uma onça-parda enorme, pronta para atacá-lo. Osvaldinho sentiu o sangue gelar nas veias. Ficou petrificado, tenso, atônito. Nesse instante, a fera que se abaixara para se aproximar sorrateira, vendo que sua presa a descobrira, intuiu que era hora de fazer a investida. Feroz e faminta, ergueu-se, avançou a cabeça mostrando as presas mortais e soltou um terrível rugido. Osvaldinho, como que liberto de um feitiço, levantou-se e deu um passo para trás em pânico. Então a onça saltou sobre ele.

Tudo aconteceu tão depressa que mesmo Osvaldinho jamais pôde recordar os detalhes do ataque, nem tampouco medir o tamanho da sorte que teve quando a onça feroz tentou esfaquear seu pescoço numa mordida fatal. Sim, pois, nesse exato momento, gemendo e gritando de dor enquanto as garras da fera eram cravadas em sua carne abrindo sulcos sangrentos, o caipira, num reflexo desesperado de sobrevivência, levantou os braços para proteger o rosto, amparando com o cotovelo direito a dentada da bicha que, querendo dar outra mordida, fazia tudo para imobilizar a presa, afastando seus braços com a cabeça.

Foi então que o inesperado aconteceu. Tentando firmar as patas da frente sobre Osvaldinho, a onça furiosa jogou o flanco para a direita dele na busca de apoio, mas nada encontrou exceto o vazio do poço. Então desequilibrou-se, as pernas traseiras movendo-se desvairada e inutilmente à procura de um ponto em que pudessem se firmar. A fera rosnou selvagem e, enlouquecida, tentou se segurar, rasgando com as unhas o peito e a barriga do caseiro. Estava para recompor-se mas, assustada, vacilou por um átomo, a fração suficiente para que Osvaldinho, chorando e gemendo, a empurrasse para dentro do buraco, numa sequência frenética de socos e pontapés.

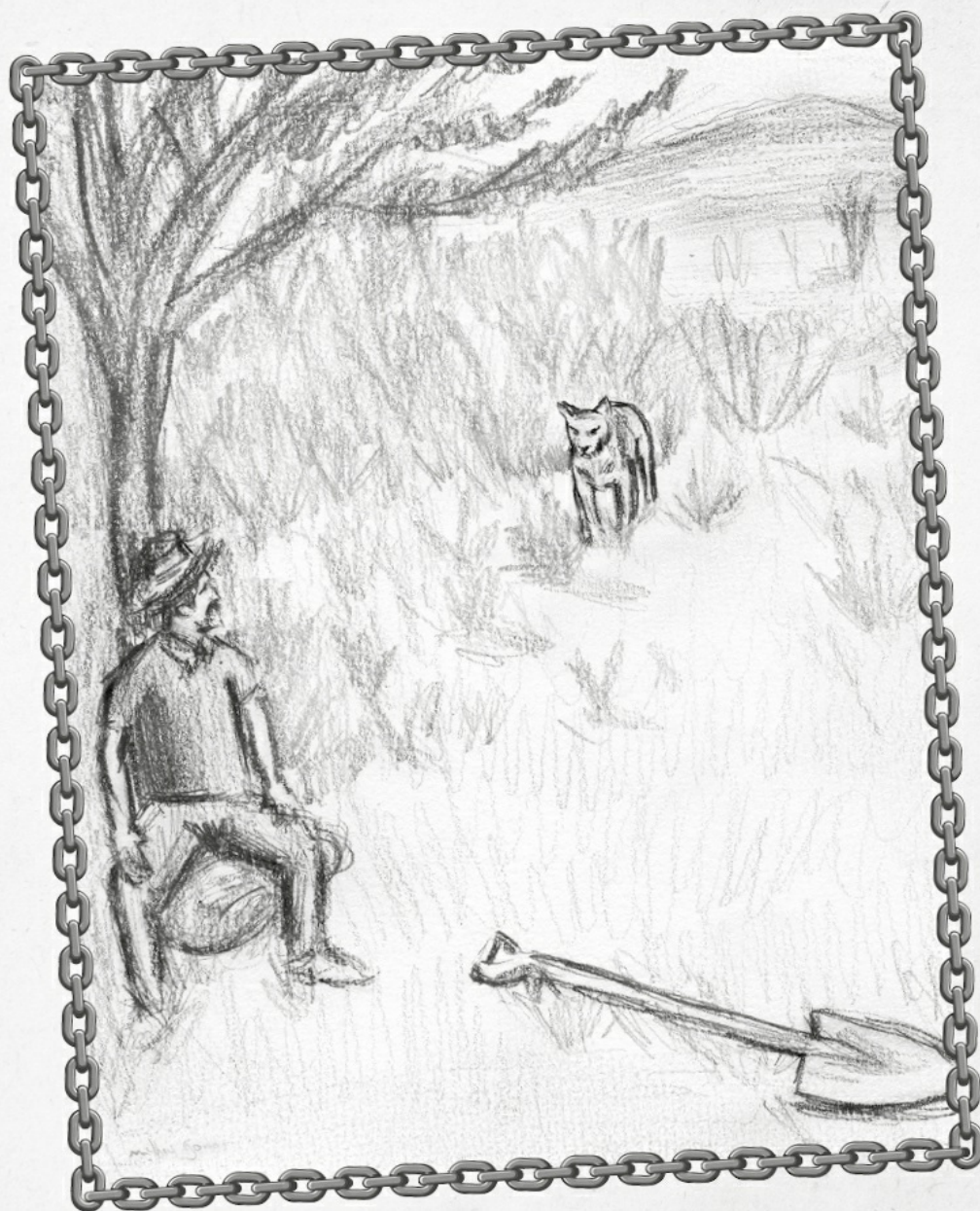
A enorme onça caiu urrando, enquanto buscava se agarrar em vão a qualquer coisa. Chegou ao fundo espumando e começou a saltar, louca como um demônio, tentando sair. Osvaldinho, ainda caído no chão, olhou a fera lá embaixo que tentava em vão escapar. Uma fúria assassina brotou dentro dele, incitada pelas grandes ondas de pavor que ainda o arrebatavam. Levantou-se com a roupa em trapos, sangrando, e foi cambaleante até a “pedra feijão”. Mesmo tomado por dores lancinantes, sabia, cego de cólera como estava, o que queria fazer. Tomou a pesada pedra nos braços e levou-a até a beira do poço. Então, com um grito de ódio levantou-a sobre a cabeça e a lançou sobre a onça, esmagando o crânio da bicha.

O matuto deixou-se cair novamente ao chão. Viu que ia desmaiar. Percebeu que, se perdesse os sentidos, sangraria ali até morrer. Esforçou-se, então, para levantar, apoiando-se no cavalete. Seguiu lento e trôpego pelo pasto subindo o aclive até a picada. Ali foi se escorando na cerca até

alcançar a porteira. Então começou a chamar Dona Lola.

Passou pela calçada da casa, pela frente do barracão e cruzou o terreiro. Dona Lola ouviu seus gritos já bem fracos. Quando ela saiu enfim à porta do casebre, o marido parou e levantou a cabeça desfigurado – era um molambo sangrento. A mulher horrorizada o ouviu somente dizer: “Socorro! Pelo amor de Deus!”. Dona Lola correu para ampará-lo, mas não conseguiu impedir que Osvaldinho caísse como morto, bem no lugar em que Sebastião outrora agonizara entre as moscas.





Bem ali junto dele, imóvel e silenciosa, estava uma onça parda enorme, pronta para atacá-lo.

Capítulo 5

O GRANDE HERÓI

Dona Lola cuidou bem de Osvaldinho. Em meio ao susto inicial, reanimou o marido dando-lhe água. Limpou suas feridas ali mesmo no terreiro e estancou os sangramentos com panos limpos. Depois o conduziu para o casebre e o deitou na cama. Certificou-se de que estava um pouco melhor e, então, correu a pé até a cidade em busca da ajuda de Cido.

Encontrou o farmacêutico abrindo a farmácia na companhia da esposa, Dona Florides, e lhes narrou o ocorrido aos trambolhões. Cido tinha uma carroça e, em ritmo acelerado, ele e Dona Lola logo chegaram ao sítio. Quando viu Osvaldinho, Cido de pronto fez-lhe vários curativos, ministrou-lhe analgésicos e um anti-inflamatório, assistindo-o por quase uma hora. O material que trouxera para as ataduras, porém, foi insuficiente. Por fim, disse que achava melhor levar o homem à cidade para que pudesse cuidar dele melhor na farmácia.

— Ademais — ressaltou — tão logo recupere um pouco as forças, seria bom levá-lo até Bragança, para que um médico o examine e avalie a gravidade dos ferimentos.

Osvaldinho já se sentia um pouco melhor quando subiu na carroça. A extrema exaustão a que chegara lutando com a fera estava passando, mas o cansaço ainda era bem-sentido. O corpo todo lhe doía, as feridas ainda recentes o torturavam muito, mas os cuidados que recebera já surtiam algum efeito e traziam-lhe certo alívio.

Foi assim levado até Munhoz na companhia da mulher. Chegando lá, percebeu que havia corrido depressa a notícia de que o farmacêutico se ausentara por ter ido socorrer a vítima de um ataque de onça. Dona Florides tinha se encarregado de divulgar a novidade. De fato, quando Cido chegou com o ferido, vários curiosos se acercaram querendo saber os detalhes do ocorrido. O próprio Cido, depois de acomodar Osvaldinho num pequeno ambulatório que havia montado na farmácia, atrás de uma cortina, perguntou, ao ver que o caipira apresentava alguma melhora:

– Que bicho bravo foi esse que atacou você, homem?

– Foi o que a Lola já lhe disse, Cido. Era uma onça enorme! Nem vi o bicho se aproximar. Quando olhei estava bem ali do meu lado. Aí a coisa ficou feia...

– E como escapou da fera? Ela se assustou?

– Ah, teria sido bom se fosse assim, mas onça como aquela não se assusta fácil não... Mas eu matei a bicha.

– Matou? Você cravou a faca nela?

– Não. Eu estava desarmado.

Enquanto essa conversa prosseguia, os curiosos que se aglomeravam em volta do ambulatório iam passando as notícias para os que chegavam. “A onça o atacou, mas o homem deu cabo dela na unha!” A impressão era geral: “Na unha? Isso é que é ser valente! Esse homem é um herói!”. Osvaldinho ouviu o murmurar das pessoas perto da porta. Colheu uma palavra aqui, outra ali... Escutou fragmentos de frases... Logo percebeu a admiração que estava conquistando e gostou disso. Então os pensamentos começaram a girar depressa em sua cabeça, mas dessa vez não ficaram apenas lá dentro.

– Você é um homem de sorte – disse Cido. – Parece que nem vai ter de levar pontos.

– Sorte? – acudiu Osvaldinho. – Quando a gente tá atracado com uma fera daquelas não tem sorte nem santo. O que conta nessa hora é a força e a coragem. É aí que um homem mostra do que é feito. Quando vi aquela onça na minha frente, rosnando faminta, eu olhei fixo pra ela e disse: “Ah, danada, você não sabe com quem tá se metendo. Mas venha pra cima se quiser, porque hoje eu te pego pelo rabo”. Ela ameaçou saltar, mas eu pulei em cima dela primeiro e

saímos rolando pelo chão. A luta não foi fácil. Dá pra ver pelo meu estado. Mas depois que acertei uns quatro socos no focinho dela, a bicha bambeou. Aí enchi a cabeça dela de pancada até a fera amolecer. Então peguei uma pedra e dei-lhe no meio da testa pra acabar de matar.

Essa história correu a cidade como uma epidemia. Em pouco tempo, toda Munhoz já falava do matuto que havia enfrentado a terrível fera e a matado só com as mãos. Histórias adicionais reforçavam a coragem, a força e a agilidade do caipira. Alguns diziam que já o tinham visto enfrentar um boi bravo, pegá-lo pelo chifre e derrubá-lo habilmente, sem ter de usar muita força. Outros, mais velhos, afirmavam conhecer Osvaldinho desde menino e que já nessa época ele enfrentava cachorros ferozes do tipo que fazia outros meninos correr de medo.

Enquanto estava na farmácia, Osvaldinho não teve ideia do vulto que a onda de comentários havia tomado. Porém, assim que Cido concluiu os curativos que faltavam e as horas de repouso recomendadas pelo farmacêutico terminaram, o caipira se preparou para ir para casa. Então, quando pôs a cara pra fora da farmácia, percebeu estupefato que havia se tornado uma celebridade.

Uma pequena multidão o esperava e, ao vê-lo, todos aplaudiram e gritaram: “Viva o herói! Viva o grande matador!”. Risos, gritos e aclamações deixaram o acanhado matuto confuso e sem jeito, mas também lhe fizeram algum bem. Ele se sentiu revigorado e mais forte. Então, tímido como era, hesitou um pouco e, enfim, aprumou-se. As feridas ainda lhe doíam, dificultando seus movimentos. Mesmo assim, ele levantou a cabeça e os braços e, contemplando a gentarada com ares de campeão, gritou: “Venci a fera!”.

O povaréu foi ao delírio, enquanto Osvaldinho entrava na carroça do Cido para ser levado de volta ao sítio. Dessa vez, porém, o caipira permaneceu de pé na carroça. Esta passou devagar por entre a plebe alvoroçada.

A cena evocava, assim, a celebração dos antigos triunfos romanos. Naquelas paradas, ilustres generais, depois de vitoriosas campanhas militares, desfilavam pomposos em suas bigas pela capital do Império, sob as aclamações do povo em festa. Dizem que, algumas vezes, durante os triunfos romanos, o comandante que era homenageado seguia em sua carruagem acompanhado de um escravo que, de tempos em tempos, lembrava-lhe de sua mortalidade, a fim de que os encantos da glória não o fizessem perder de vista a realidade.

Pois bem, ereto e rígido em sua biga puxada por um pangaré, o grande general romano de Munhoz também teve um servo a lhe sussurrar nos ouvidos. Sim, enquanto vivia seu momento de glória, uma voz rouca e abafada trouxe-lhe um pensamento incômodo à cabeça, cochichando-lhe as seguintes palavras: “A carcaça da onça morta ainda está dentro do poço e, se alguém a achar ali, sua história de coragem terá de ser mais bem-explicada. Afinal de contas, até uma velhota bêbada é capaz de matar uma onça presa num buraco!”.

Quando ouviu o sussurro do inconveniente escravo, o caipira estremeceu. Num instante veio-lhe à mente que, caso tudo fosse descoberto, deixaria de ser o herói da cidade para se tornar a maior piada de toda a região, ridicularizado como qualquer frouxo que tenta contar vantagens para passar a imagem de machão.

Tomado por esses pensamentos, Osvaldinho parou de acenar, fechou a cara e sentou-se quieto ao lado de Dona Lola. A carroça, passo lento, foi deixando a multidão para trás e logo alcançou a estrada que dava no sítio. Em silêncio, o matuto foi pensando no que fazer para evitar o vexame. Tinha, é claro, de tirar a onça morta do poço. E tinha de fazer isso depressa. Se possível ainda naquele dia.

Quando chegaram ao sítio, Osvaldinho agradeceu ao farmacêutico e disse que faria os acertos das despesas assim que o patrão chegasse de São Paulo. Depois entrou no casebre com a esposa e

foi se deitar, as feridas doendo, o peito apertado. Dona Lola, nesse momento, disse:

– Será que o Tatu veio trabalhar mais tarde e foi procurar você lá no poço?

Osvaldinho sentiu o coração saltar. Eis aí uma hipótese muito plausível. E se o poceiro tivesse ido ao poço? Como explicar tudo a ele? Talvez pudesse dizer que matou a onça e a jogou no buraco. Mas que sentido haveria nisso?

– Acho que ele não veio, não. Mesmo assim, daqui a pouco vou até o pasto pra ver se ele mexeu em alguma coisa por lá.

– Você quer ir ainda hoje? Deixe disso! Não há necessidade. Você está todo machucado! Amanhã ele aparece e vocês conversam.

Ao dizer isso, Dona Lola deu mais uma razão para Osvaldinho ir ao poço ainda naquele dia. Se Tatu não tinha vindo (“e se Deus quiser ele não veio”, pensou o caipira), certamente viria na manhã seguinte e toda a história de heroísmo iria por água abaixo.

– Não, mulher. Preciso ir hoje, pelo menos pra dar uma olhada nas coisas. Também preciso enterrar aquela onça, senão junta urubu. E tem também o mau cheiro...

Dona Lola não discutiu, mesmo não vendo sentido nenhum na conversa sobre a necessidade de enterrar a carcaça. Deixou, então, o marido sozinho e foi tratar de Bernardo. Passava das três da tarde. Ao dar comida ao cachorro, a mulher lembrou-se de que sequer haviam almoçado em meio a tanto tumulto, sustos e preocupações. Preparou, pois, algo para comerem. Osvaldinho levantou-se, deu algumas garfadas e, sentindo ainda fortes dores, desejou imensamente voltar para a cama. Deitou-se por mais um tempo. Percebendo, porém, o cair da tarde, saiu para ir ao pasto antes que escurecesse.

No caminho, enquanto andava lentamente, tranquilizou-se. Certamente Tatu não havia aparecido. Se tivesse ido ao poço e achado a onça morta, com certeza o procuraria no sítio ou em Munhoz para saber o que tinha acontecido. Sem dúvida, ele havia ficado em Pedra Bela por algum motivo. E quanto à carcaça da onça, seria fácil tirá-la do buraco com a corda e a manivela, afastando de vez a ameaça de vexame.

Osvaldinho estava certo. Não havia nenhum sinal de que Tatu tivesse estado lá. Quanto a remover a onça do poço, de fato isso não foi um desafio tão grande. Já estava meio escuro quando ele desceu ao buraco pela escada, mas ainda pôde enxergar a fera inerte, sendo fácil prendê-la à corda. Depois puxou-a para cima com a manivela. Essa foi a parte mais difícil, pois estava com as mãos machucadas sob as bandagens e sentia os outros ferimentos serem estirados enquanto alçava a carga presa à corda. O caseiro, porém, era homem pequeno mas forte, com músculos moldados no cabo da enxada. Por isso, conseguiu, enfim, retirar a onça do poço e depressa ajeitou a carcaça ali na beira da cisterna. Pronto! O problema maior estava resolvido. No dia seguinte ou depois, ele e Tatu levariam a bicha morta para ser exibida na cidade. É certo que os animais da floresta comeriam as carnes durante a noite mas, obviamente, sobraria ainda muita coisa para mostrar.

Assim, apesar das dores que ainda sentia e do forte desejo de cachaça que se acendeu dentro dele, o caipira voltou para casa aliviado. As glórias de sua pequena Roma mineira estavam asseguradas. Ele mal sabia que Júpiter garantiu poucos finais felizes aos generais que agradeceu com o triunfo. Tampouco desconfiava que os deuses do panteão, quando queriam destruir um homem, primeiro o enlouqueciam.



Capítulo 6

PÉSSIMAS EXPLICAÇÕES

Eram seis horas da manhã quando Osvaldinho e Tatu se encontraram na porteira. O caipira contou ao poceiro sua história e disse que as feridas ainda lhe doíam muito, de maneira que não iria trabalhar por alguns dias. De fato, andava com dificuldade por causa dos profundos arranhões nas pernas. Também se movimentava devagar, soltando pequenos gemidos por causa dos machucados nos braços, no peito e nos lados. Fora isso, sua mão esquerda, além do cotovelo direito, tinha sido perfurada pelos dentes da onça e só não foi toda esfaqueada porque a fera a havia soltado para tentar mordê-lo no pescoço.

– Não tem problema, Osvaldinho. A gente suspende o trabalho. O importante é que você escapou e ainda matou a fera. Pra dizer a verdade, já ouvi muitas histórias de onça por aí, mas é a primeira vez que escuto sobre um homem que matou uma bicha dessas na unha! Tenho de reconhecer: você é um homem de muita coragem...

– Deixa disso, Tatu. Se você tivesse vindo ontem, do jeito que é bom com aquele enxadão de cabo curto, aí é que a onça ia ver estrela.

– Deus me livre, Osvaldinho! Se eu tivesse visto uma fera dessas na minha frente, largava enxadão, largava tudo e estaria correndo até agora. Bom... Mudando um pouco de assunto, já que não vamos cavar hoje, será que você me permite entrar pra ir até o poço pegar minhas tralhas?

– É claro que pode. Eu ia mesmo pedir pra você ir até o pasto comigo pra me ajudar a pegar a carcaça da onça e mostrar lá na cidade.

– A carcaça tá lá ainda?

– Lógico! Pensa que onça morta anda? Se ninguém a levou embora, a fera tem de estar lá, no mesmo lugar em que acabei com ela.

– Ah, isso eu quero ver.

Foram então para o pasto e, chegando lá, rodearam a onça morta, depois de afugentar as aves de rapina a pedradas. Como Osvaldinho previra, boa parte da carcaça havia sido devorada.

Andando em volta da fera, os dois homens falaram sobre o seu tamanho, examinaram suas presas, fizeram comentários sobre suas garras. No fim, dado o estado deplorável dos restos, decidiram enterrá-los, removendo apenas a cabeça a fim de mostrá-la aos moradores de Munhoz. Tatu mesmo fez a decapitação. Também abriu a cova para enterrar o que sobrou do animal. Depois ajuntou suas coisas e, antes de ir embora, olhou para o fundo do poço, medindo o quanto já cavara. Foi aí que exclamou confuso:

– Ih! O que aquela pedra tá fazendo de novo lá embaixo?

Osvaldinho, pego de surpresa, gaguejou assustado:

– Que pedra?

– Aquela que a gente tirou... Aquela que parecia um feijão gigante. Como foi parar lá embaixo de novo?

O caipira não tinha pensado nesse detalhe. Na ânsia de remover a onça do poço, esqueceu-se da pedra, um item que também punha sua história em risco. Como pôde ser tão distraído? Tinha chegado a mover a pedra para tirar a onça do poço! Por que a deixara ali? Bem, já estava meio escuro quando ele foi ajeitar seu cenário. A penumbra não permitira que a imagem da pedra se realçasse. Por isso o matuto a deixou passar. Agora lá estava ela. Osvaldinho lembrou-se, assim, num lampejo, do que o padre dissera certa vez na igreja, enquanto lia o evangelho: “As pedras clamarão”. Realmente, pelo menos aquela estava clamando. E clamava por uma explicação.

– Ah, a pedra feijão! É que ontem, quando cheguei cedo comecei a retirar a terra ao redor do

poço. Aí, quando fui tirar essa pedra, ela escorregou da minha mão e rolou pra dentro do buraco.

Tatu ouviu a explicação com os olhos fixos em Osvaldinho, mas não respondeu nada. Depois olhou novamente para o fundo do poço e disse:

– Tem também uma mancha escura lá embaixo. Parece um óleo preto!

Osvaldinho aproximou-se, olhou para baixo e logo percebeu que a mancha era de sangue seco, o sangue que escorrera da cabeça da onça. Lembrou-se de outro trecho da *Bíblia* que tinha aprendido quando menino, nas aulas de catecismo, quando estudou a história de Caim e Abel: “A voz do sangue do teu irmão clama da terra”. O caipira ficou aturdido. Com pedras e sangue clamando o tempo todo, ficava difícil manter suas lorotas. Mesmo assim não recuou e inventou depressa outra explicação:

– Você fala daquela mancha preta ali? Aquilo é sujeira de morcego. Esses bichos vivem em buracos... Uma porção deles deve ter ficado aqui durante a noite. Esses ratos de asa são amaldiçoados. Depois eu tampo esse poço pra eles não voltarem mais.

Tatu ficou pensativo. Olhou para a sepultura da onça, voltou-se novamente para o fundo do poço. Por um instante fitou Osvaldinho que estava bem desconcertado. Finalmente, virou o rosto franzindo a testa e, silencioso, tomou o rumo da picada. Era óbvio que Tatu não engolira as justificativas do matuto.

Osvaldinho, um pouco envergonhado, pegou a cabeça da onça e seguiu o amigo sem dizer palavra. Por fim, tentando quebrar o clima tenso de desconfiança, arriscou iniciar um assunto qualquer:

– Você conseguiu resolver seus problemas lá em Pedra Bela?

Tatu percebeu a tentativa de Osvaldinho e, com pena, decidiu cooperar:

– Consegui sim. Aliás, me desculpe não ter vindo ontem. Pensei que resolveria tudo na segunda-feira, mas precisei de mais um dia. Na verdade, não era nenhum problema. Acho que pra você eu posso contar... Não sei se você sabe, mas um novo padre está vindo para Munhoz. Ele vem para ficar no lugar do padre Orlando que vai cuidar da paróquia em Bragança.

Osvaldinho ouviu com atenção, satisfeito por ter escapado da atmosfera pesada que as perguntas de Tatu haviam produzido.

– Acontece que esse padre novo é meio parente da minha mulher. É filho de uma prima ou coisa assim. Então ele pediu para visitar a gente na segunda à tarde. Disse que queria fazer perguntas sobre Munhoz, a igreja, o povo, os políticos... Voltei pra Pedra Bela pra receber o padrezinho, mas ele acabou chegando só ontem de Pouso Alegre e ficou o dia inteiro com a gente. Foi por isso que não deu pra vir trabalhar.



Capítulo 7

A REUNIÃO DE PODER

A vida de Dona Lola mudou para pior depois que Osvaldinho se tornou uma celebridade. Logo no dia em que ele chegou ao centro de Munhoz com a cabeça da onça, todos o rodearam, ouviram de novo sua história de coragem e força e... pagaram-lhe bebidas. Ansioso, então, por receber mais e mais bajulações, o caipira passou a ir com maior constância à cidade, sendo sempre visto nas esquinas, nos arredores da igreja, na tão frequentada sorveteria e no boteco do Zinho que, aliás, conhecia muito bem.

Gostava de ser saudado pelo nome, de ver os meninos parar de jogar bola para observá-lo passar, de ser chamado para se sentar às mesas dos bares, de ver valentões baixando o tom de voz na sua presença. Em especial, apreciava perceber que, quando chegava, os faroleiros interrompiam a narrativa de façanhas incríveis em que venciam cobras enormes, cavalos indomáveis, cardumes de piranhas e até assombrações.

A postura do caipira diante das pessoas também mudou. O matuto tímido e de poucas palavras deu lugar a um homem mais expansivo, que ria e falava alto, que se sentava à mesa do boteco de forma esparramada, com ares de dono do espaço, da hora e da situação. Agindo assim de modo despachado, não poupava os jecas franzinos que apareciam no bar, lançando-lhes pequenas provocações, fazendo gracejos às suas custas ou caçoando abertamente de seus modos e aparência. Se algum desses homens lhe dirigia um olhar severo, Osvaldinho assumia uma atitude ameaçadora. Encarava o coitado com o rosto sério, levantava o queixo e perguntava: “Algum problema?”. Com medo, os matutos sempre recuavam. Sabiam da sua fama de matador.

O caipira deleitava-se em todas essas coisas tanto quanto na cachaça. Foi por isso que, buscando desfrutá-las ao máximo, multiplicou suas idas à cidade. Obviamente, por estar sempre zanzando pelas ruas e bares de Munhoz, trabalhava menos e bebia mais.

Como resultado, o senhor Nelson percebeu em suas visitas de fins de semana que o sítio estava meio abandonado. Mostrou-se, então, insatisfeito diante dos caseiros. Fez-se menos simpático e, desanimado, não falou mais sobre os planos de criar gado, abandonando tacitamente o projeto do poço. Depois, homem bom e paciente como era, entendeu que Osvaldinho tinha passado por um trauma muito grande e que precisava de algum tempo para se recuperar. Por isso, a fim de não pressioná-lo, começou a ir ao sítio mais raramente, na base de uma vez por mês.

Dona Lola sentiu muito essa redução das visitas do patrão. Antes, a chegada dele com Dona Dulce e a filha Iolanda era o evento mais alegre e esperado da semana. Agora, nem essas migalhas de felicidade a caseira podia mais esperar. E, pior: se antes Dona Lola apanhava algumas vezes na semana, agora, com as idas mais constantes de Osvaldinho à cidade e ao bar, as surras que levava eram praticamente diárias. E tinha ainda um agravante. Depois que fora atacado pela onça, Osvaldinho passou a ter terríveis pesadelos durante a noite. Sonhava que estava tirando a “pedra feijão” da beira do poço quando, de repente, a fera saltava de dentro do buraco para devorá-lo. O caipira, então, passava a se agitar na cama até que, excitado pelo pavor, levanta-se num ímpeto e, cego pelo sono, corria pelo casebre, gritando e derrubando tudo. Dona Lola tentava segurá-lo, mas isso só piorava o delírio, pois, sentindo-se tocado, desferia murros na escuridão, ferindo-se ainda mais e golpeando a esposa num alvoroço incontrolável.

Que vida desgraçada a daquela mulher! Antes, já era uma pessoa bem triste; agora, era um poço de infelicidade com a esperança morta lá no fundo, como que esmagada por uma pedra. Sim, pois a piora da crise doméstica a fez enxergar quão grande era o abismo existente entre a realidade sombria e o sonho tolo que nutrira de um cão messiânico que um dia poderia livrá-la.

Aliás, “coitado do Bernardo”, pensou. Se Osvaldinho era capaz de acabar até com uma onça, qual cachorro no mundo seria páreo para ele? Olhava, assim, para Bernardo desiludida. Apesar disso, não deixava de ver o cachorro como um bem muito precioso. Em dias tão ruins, era no dócil animal que encontrava distração, afeto e companhia.

Um dia, decorridos cerca de quatro meses depois dos “atos de bravura” de Osvaldinho, Dona Lola foi à farmácia do seu Cido, em Munhoz. Queria uma orientação na área da medicina, mas tinha de ser com a esposa do farmacêutico, pois era “assunto de mulher”.

Cido chamou a esposa e, enquanto ela não vinha, disse:

– Chegou uma carta de São Paulo para o Osvaldinho. É de uma tal Tereza Quintela.

Naquele tempo, a correspondência não chegava aos sítios. Por isso, o malote do correio era deixado na farmácia do Cido para entregar as cartas aos destinatários que apareciam por ali ou enviá-las pelas mãos de algum vizinho de terras.

– Ah, é a minha cunhada, casada com o irmão dele.

Cido passou o envelope para Dona Lola que não o abriu. Nesse instante, chegou a esposa do farmacêutico (a casa do Cido era nos fundos do terreno da farmácia).

– Bom dia, Dolores!

– Bom dia, Dona Flor. Desculpe incomodar a senhora, mas queria falar em particular.

– Não incomoda não. Podemos conversar lá em casa. Mas antes me diga como estão as coisas. Seu marido, pelo jeito se recuperou bem. Está famoso...

– É... Mas pra mim essa história toda só trouxe mais desgraça. Ele bebe mais, quase não trabalha, tem pesadelos toda noite. O patrão está desanimado com ele. Quase não vem mais ao sítio. É até capaz de por a gente pra fora. Desculpe o desabafo, Dona Flor, mas a verdade é que a minha vida... a nossa vida... é uma miséria só. Ô vidinha amaldiçoada... Ainda sinto falta do Sebastião...

E sua voz se esvaiu.

Cido, surpreso com a forma tão repentina com que a mulher despejou tudo que sentia, interveio cheio de compaixão:

– Que história é essa de vida amaldiçoada, Dona Lola? Não fale assim, mulher, que Deus castiga...

– Desculpe, seu Cido. Falei demais. Mas se Deus me castigar, acho que não vou nem sentir. É tanta agonia. Se ele me matasse seria até um alívio!

– Por favor, Dona Lola... – disse Cido indignado.

– Desculpe dizer o que vou dizer – interrompeu Dona Flor –, mas tem coisas que você falou que acho até que estão certas. Vocês católicos vivem adorando imagens, fazendo orações pra Maria como se ela fosse uma deusa, seguindo um monte de mentiras em nome de Deus, acreditando em papa, purgatório, rezas, procissões e por aí vai... Não conhecem a *Bíblia* nem o poder do Espírito Santo. Em vez de buscar a Deus quando estão com problemas vão atrás de benzedadeiras e de superstições. Quando pecam se confessam com o padre, um homem como nós e às vezes até pior do que a gente. Então, fazendo tudo isso, querem ter uma vida abençoada. Ah, façam-me um favor! Tem de vir é maldição mesmo!

– Florides, por favor... – socorreu Cido. – Não entre novamente nessa conversa de religião.

– Não é conversa de religião, não. É questão de bom senso. Veja a beata Maria do Socorro. A mãe dela era mais carola do que ela mesma, se é que isso é possível. A velha morreu faz tempo. Quando exumaram o corpo, a beata pegou um osso do dedo da mãe e guardou numa caixinha de joias com a permissão do padre. Dizem (eu não vi) que ela pôs a caixinha com o dedo ao lado do nicho de Nossa Senhora que tem na casa dela. Agora, quando reza, ninguém sabe se reza pra

santa ou pra mãe morta. Quer saber o que eu penso? Pra mim ela reza para as duas, o que não faz qualquer diferença. Morto por morto...

– Tudo bem, Florides. Tem coisa que não dá pra aceitar. Mas nem a igreja católica aprova excessos desse tipo. O padre deixou ela guardar o osso como lembrança. Se ela reza para o osso, isso não vem ao caso aqui. O problema é que você fala de um jeito que ofende as pessoas. Eu não sou nada, mas Dona Lola é católica. Olha só. Você está fazendo a mulher chorar.

– Desculpe, Dolores, se ofendo você, mas tenho que dizer. Essas coisas me incomodam. Eu fico com pena de ver. Vocês católicos vivem nessa desgraça que dá dó porque só procuram superstições e não sabem que Deus pode mudar de verdade a vida de vocês. Você mesma, Dolores, se conhecesse o dom do Espírito Santo não viveria nessa tristeza miserável. E é assim com todos os católicos. Pode notar... Agora dizem que um padre novo está chegando na cidade. Parece que é moço ainda bem jovem, mas você acha que com ele vai melhorar alguma coisa? Você acha que ele vai ensinar o povo sobre a *Bíblia* e sobre o Espírito Santo? Vai nada! Com certeza o padrezinho é cria dessa raça de batina que só engana o povo. Vocês vão ver...

A mulher do farmacêutico, na maior parte das vezes, era uma pessoa de palavras brandas e encorajadoras. Porém, quando o assunto era religião (e sempre ela introduzia esse assunto nas suas conversas), tudo mudava e ela “descia o pau” sem misericórdia em qualquer crença que não fosse a da Assembleia de Deus de que fazia parte. Para ela, católicos e evangélicos de outras denominações eram meio que farinha do mesmo saco.

Às vezes fazia concessões dizendo que os batistas e os presbiterianos eram um pouquinho melhores porque não adoravam imagens e liam a *Bíblia*. Mas, segundo ela, faltava-lhes o “alimento sólido”, a unção do Espírito, a bênção especial que consistia de conhecer os mistérios de Deus por meio de visões, sonhos, curas e milagres. Faltava-lhes especialmente a experiência do dom supremo: a capacidade sobrenatural de falar em línguas estranhas, prova cabal do batismo do Espírito Santo – algo de que ela sempre falava, mas ninguém sabia ao certo o que era.

Dona Lola tinha mesmo lágrimas nos olhos, como Cido observou, mas não por se sentir ofendida. Estava confusa e sem saber o que pensar. Falar dos seus problemas também a tinha deixado sensível.

– Tudo bem, seu Cido. Eu não estou ofendida, não. Eu nem entendo dessas coisas. O que sei é que rezo aos santos que conheço, vou à missa, cumprio minhas promessas... Faço só o que meus pais me ensinaram e sigo a religião deles. Nem conheço as igrejas de crente. Nunca fui a nenhuma... Só sei que preciso que Deus me ajude.

– Vamos fazer o seguinte – falou Dona Flor. – Hoje é quarta-feira. Temos reunião de senhoras na igreja, uma reunião de poder! Vai ser às quatro horas. Por que você não vem só pra conhecer? Vai saber... Deus pode fazer uma grande obra em sua vida. Se quiser eu espero você aqui na farmácia e a gente vai junto. É aqui pertinho, no rumo da ponte. Aí, no caminho a gente fala sobre o assunto particular da senhora.

A pobre mulher não encontrou motivo nenhum para recusar o convite. Ademais, o que tinha a perder? Foi para casa e preparou o almoço para Osvaldinho que, naquela manhã trabalhara na roça. Quando o marido chegou para comer, entregou-lhe o envelope que trouxera da farmácia. Ele o abriu só por curiosidade. Não sabia ler e se sentia humilhado em buscar a ajuda da esposa. O caipira enfiou então a carta no bolso. Pediria naquele mesmo dia que o Zinho do boteco a lesse pra ele. Por isso, logo depois do almoço, escorado na desculpa de que precisava resolver algumas coisas, foi depressa à cidade.

Dona Lola, por sua vez, esperou chegar a hora de ir se encontrar com a esposa bocuda do farmacêutico. Não avisou Osvaldinho que iria sair e nem era preciso. Sabia que o marido

chegaria somente à noite. Sabia também que com ele chegaria o diabo. Animou-se então a ir à “reunião de poder”. Quem sabe, pensou, com as orações dos crentes, o milagre divino não viesse antes da chegada do demônio?



Capítulo 8

A CARTA

O boteco do Zinho ficava na rua principal da cidade e era o bar preferido de Osvaldinho, até porque não havia muitas outras opções em Munhoz naqueles dias. Ademais, a localização central do estabelecimento permitia que seus frequentadores observassem o vaivém da pequena cidade e se mantivessem informados sobre tudo que acontecia nas redondezas. Para manter os clientes por mais tempo consumindo no bar, Zinho colocara três mesinhas na calçada que eram usadas para jogar dominó ou para formar rodas de bebida.

Quando Osvaldinho chegou, o bar estava vazio. Duas pessoas ocupavam uma mesa e Zinho passava pano no balcão. Logo que viu Osvaldinho, o comerciante pôs um copo diante dele e o encheu de cachaça.

– Boa tarde, matador! – disse sorrindo. – O que é isso pendurado no seu pescoço?

– Boa tarde, Zinho. Isso aqui é uma presa daquela onça. Depois que trouxe a cabeça dela para mostrar aqui no bar, eu a enterrei lá no sítio, mas antes arranquei o dente maior e fiz esse colar como lembrança.

Realmente, Osvaldinho tinha feito o colar para servir como lembrança, mas não para atender à lembrança dele e sim a dos outros. Queria que sempre que o vissem, recordassem sua suposta bravura. Então, por meio do colar, usava o dente da onça para morder a memória amortecida dos esquecidos, fazendo-a despertar e impedindo que a figura do herói se apagasse. Osvaldinho era, de fato, um homem simples, mas estava bem longe de ser burro.

Cido admirou por um instante a enorme presa. Depois tentou iniciar uma conversa trivial, perguntando como estavam as coisas. O caipira, porém, mostrou logo o motivo que o levava ali mais cedo do que de costume. Puxou a carta do bolso e disse:

– Zinho, você pode me fazer uma favor? Recebi hoje esta carta da minha cunhada que mora em São Paulo e preciso que você a leia pra mim. Não sei se é assunto importante.

O comerciante pegou a carta e a leu em silêncio. Fechou o semblante e olhou para o caipira com o rosto sério. Osvaldinho percebeu.

– O que foi? Pelo jeito não é coisa boa.

– E não é mesmo... É sobre seu irmão. Vou ler exatamente o que a sua cunhada escreveu.

– Pode ler, Zinho, por favor. Seja o que Deus quiser.

Então Zinho fez a leitura em voz alta. A carta dizia o seguinte:

Prezado Osvaldo:

Espero que esta encontre você e sua esposa gozando da mais perfeita saúde, com as bênçãos de Nosso Senhor e da Virgem Maria.

É com pesar que nessas maltraçadas linhas informo a morte de seu irmão João que morreu inchado de tanto beber. Ele entrou em coma e faleceu no dia 1 de abril.

Desculpe falar assim, mas não poderia ter sido dia melhor, pois, além de cachaceiro você sabe que ele era também muito mentiroso, dois defeitos que têm todos os homens que não honram as calças que vestem.

Eu pensei em avisar antes pra ver se dava pra você vir ao enterro, mas acho que não daria tempo. Também já faz tantos anos que a gente não se vê que eu nem sabia direito como encontrar você.

Bom, Osvaldinho, o que quero dizer é que o João morreu e deixou a casa de vocês. Você sabe que a gente não era casado no papel. Eu sempre quis, mas ele dizia que era besteira (e era

mesmo). Agora, já me disseram que eu não tenho direito nenhum na casa e que o dono de tudo é você.

Pra mim não tem problema. Eu até poderia bater o pé e ficar aqui pra compensar todo sofrimento que passei na mão daquele beerrão, mas não vejo a hora de sair desse lugar onde seu irmão fez da minha vida um inferno. Por mim não ficava aqui nem mais um dia. Parece que o cheiro do João está impregnado nas paredes e eu não aguento mais nem respirar aqui dentro.

Nesta semana mesmo viajo para a terra da minha família no interior onde vou ficar de vez. Combinei com o dono do armazém de deixar a chave da casa com ele. Se quiser vir aqui cuidar de tudo, acho bom, antes que alguém invada. O armazém fica no final da rua e você deve procurar o Branco. Ele foi avisado para dar as chaves só pra você ou para a Dolores.

Se quiser saber, seu irmão está enterrado no Cemitério da Vila Bonita. Lá eles informam a cova certa. Eu não me informei porque não quero voltar lá nem pra pagar promessa. Sem querer ofender, não chego mais perto nem de defunto pinguço.

Adeus e seja feliz com a Dolores porque eu não fui com o João.

Tereza Quintela

Zinho ficou impressionado com a carga de ressentimento que havia na carta, mas sobre Osvaldinho o impacto foi maior. De um só gole ele tomou a cachaça, pôs o copo vazio sobre o balcão, pagou, pegou a carta de volta e saiu. Perambulou sozinho pela cidade, pensando no que a cunhada tinha escrito. Não que seu coração tivesse sido golpeado pela notícia da morte do irmão. Na verdade, isso não o abateu muito. O que entrou como uma faca em seu peito foi Tereza dizer que quem bebe e mente é homem que não honra as calças que veste. Como podia ter sido tão mal-educada ao falar do “marido” morto? Que ofensa pesada era aquela! Não honrar as calças que veste! É muito desaforo. Era o mesmo que dizer que o dito-cujo não tinha sido homem de verdade! Isso era demais! Se estivesse agora na frente da cunhada diria umas poucas e boas...

Dominado por esses pensamentos, inconformado e cheio de raiva, Osvaldinho, que também bebia e mentia, puxou as calças que honrava, apertando-as na cintura. Assim, sob uma chuva branda que começou a cair, tomou o rumo de casa, dessa vez bem mais cedo do que sua mulher esperava.



Capítulo 9

O LIVRAMENTO

– Já voltou? – disse Dona Lola surpresa e aliviada ao ver que o marido estava sóbrio. – Pensei que só chegaria à noite!

– Eu não tinha mais nada pra fazer na cidade. O Zinho leu a carta pra mim e eu vim logo pra casa.

– O que a Tereza conta de novo?

– Não é coisa boa, não. Disse que o João morreu.

– Virgem Santa! Ele era moço ainda! Morreu de quê?

– Eu sei lá... Deve ter sido do coração. Ela não falou. Tereza escreveu mais pra dizer que está indo embora da casa. Ela quer que eu vá lá cuidar disso. Alugar, vender... Não sei. Só sei que não vou lá não. Acho que isso é só dor de cabeça. Deixa essa casa pra lá. Não vale a pena.

Osvaldinho tinha pavor só de pensar em ir a São Paulo. Assustava-se com a agitação da cidade grande. Tinha medo de se perder, de ser enganado, de ficar à mercê de gente estranha, de se meter em grandes encrencas. Ouvira histórias ruins e não estava disposto a conferir se eram verdadeiras ou não. Além disso, na questão da casa, não tinha noção alguma do que fazer. Lidar com documentos, advogados, corretores... Ah, isso lhe dava tamanha insegurança que preferia sofrer prejuízos e perdas a dar qualquer passo no rumo da complicada burocracia dos cartórios.

– Aquela casa deve ter algum valor. Talvez a gente ganhe algum dinheiro com ela – disse a mulher.

– Que nada. É só um barraco velho e deve estar ainda mais ruim agora. Acho que não compensa nem pagar a passagem do ônibus pra ir lá ver.

– Que eu me lembre, quando fomos lá, não era barraco. Tinha quarto, cozinha e até uma areazinha onde a gente ficava tomando café. Tudo de tijolo. Era até uma casa bonitinha, mas você é quem sabe.

Osvaldinho não respondeu. Fingiu que não tinha ouvido. Por dentro estava quase explodindo. Primeiro a carta mal-educada da cunhada; agora a mulher querendo ensiná-lo a viver. O que mais lhe faltava?

Dona Lola mudou de assunto:

– Daqui a pouco vou ter de voltar à cidade pra encontrar com a Dona Flor.

– Você já não falou com ela hoje?

– Falei, mas não deu pra conversar sobre tudo. E também ela me convidou pra ir na igreja dela.

– E você vai? É igreja de crente! E está chovendo!

– Essa chuva é passageira... Eu fiquei sem jeito de não aceitar. O seu Cido sempre ajudou tanto a gente. Não dava pra fazer essa desfeita pra mulher dele.

– Para aquela mulher faladeira, acho que tem que fazer desfeita sim. Ela desce a lenha em tudo da igreja católica. Como é que você aceitou ir com ela nessa igreja que fala mal até da Virgem Maria?

– Eu já disse por que vou. E eu só vou hoje. Pelo que ela falou nem vai ser missa de crente. Vai ser só uma reunião da mulherada que frequenta lá.

– Eu não iria nem assim. Você acha que essa gente é de Deus? Esse povo é maluco. Vivem berrando dentro do salãozinho deles. É gente ruim. Xingam Maria, as imagens e até o papa. Se eu fosse o padre, mandava expulsar esses crentes da cidade e botava fogo naquela igreja deles.

Era nítido que Osvaldinho estava começando a se exaltar. O aborrecimento que a carta lhe trouxera começava a tomar vulto e expressão. Era de “pavio curto” e Dona Lola sabia disso

muito bem.

– Falando em padre, Dona Flor me contou que tem um padre novo vindo pra Munhoz.

Evidentemente, a esposa tentava abrandar a conversa. Percebera com temor que os ânimos do marido estavam ficando exaltados.

– Eu sei. O Tatu me falou – disse Osvaldinho se acalmando.

– Você tem visto o Tatu?

– Não. Ele me falou do padre quando veio aqui da última vez. Parece que esse vigário é meio parente dele.

Na verdade, Osvaldinho via Tatu na cidade com bastante frequência, mas evitava falar com ele. Sentia-se pouco à vontade na presença do poceiro que tanto desconfiava de sua bravura. Além disso, suspeitava que Tatu contava às pessoas o que tinha visto na cena do ataque da onça, lançando dúvidas sobre a história de heroísmo que o caipira vivia divulgando.

Dona Lola, ainda receosa, intuiu continuar falando sobre o padre, mas cometeu um erro ao tentar demonstrar apoio às palavras do marido. Com toda ingenuidade do mundo ela disse:

– Por que não fala com esse padre novo? Dizem que é moço ainda. Talvez tenha coragem de expulsar os crentes. Se bem que eu acho que isso é trabalho de valentão, não de padre. Você já matou até onça. Por que não põe esse povo pra correr?

Osvaldinho fixou os olhos faiscantes na mulher. O que ela queria dizer? Perdera o respeito e estava sendo zombeteira? Ou, pior ainda, estava sendo irônica, pondo em dúvida, como Tatu, o relato fabuloso da luta com a onça?

– Você tá duvidando da minha coragem? Não acredita que matei a onça?

Dona Lola balbuciou qualquer coisa tentando se explicar. Não adiantou. Osvaldinho a atropelou elevando a voz:

– Pois fique sabendo que sou homem que honra as calças que veste. Se falo que fiz é porque fiz; se falo que faço é porque faço. E se eu cismar que devo arrebentar na pancada essa crentaiada do diabo eu arrebento, com padre ou sem padre. E se eu disser que você não vai nessa missa do inferno com aquela mulher louca, você não vai. Porque você casou com um homem que honra as calças que veste, ouviu? Eu honro as calças que visto!

Osvaldinho foi dizendo essas coisas numa onda crescente de furor. Quando chegou à última frase estava gritando e batendo na mesa. Dona Lola, tremendo de medo, encolheu-se indefesa prevendo que, naquele dia, apanharia mais cedo.

Então, no silêncio que se seguiu, os dois ouviram um rosnado ameaçador vindo de um canto da cozinha e se mesclando ao ruído da chuva que aumentara. Era Bernardo que, incitado pela fúria de Osvaldinho, expunha as presas afiadas em posição de ataque, prestes a avançar sobre o caipira. Surpreso, o homem esboçou intuitivamente um gesto para afugentar o cão. Bernardo, porém, tomado por cólera indomável, avançou rosnando mais alto, pronto a fazer em pedaços aquele louco alucinado que ameaçava sua dona. Lembrando-se da onça, Osvaldinho recuou atônito, esbarrou numa cadeira e caiu de costas. Ergueu-se assustado, os olhos arregalados. Correu então para o quarto e fechou a porta – reações estranhas para quem saltava sobre feras selvagens no meio da mata.



Capítulo 10

LÍNGUAS ESTRANHAS

As duas senhoras encontraram-se na frente da farmácia e seguiram juntas para o salão de cultos da Assembleia de Deus. Passaram pela igreja católica construída numa pequena praça que dividia a rua principal em duas vias, as quais se uniam novamente à frente do templo. Andando lentamente sobre o chão úmido de terra, seguiram pelo caminho que corria ao longo do paredão esquerdo da igreja. Logo avistaram o bar do Zinho do outro lado da rua, precisamente onde as duas vias se juntavam novamente. Acenaram para ele e Dona Lola só não foi lhe agradecer por ter lido a carta porque havia poças de lama em frente ao bar. Ela não queria sujar ainda mais o único sapato que tinha para sair.

Nesse ponto, Dona Flor perguntou:

– Dolores, você não quer falar sobre aquele assunto particular enquanto caminhamos? Assim a gente aproveita o tempo.

Dona Lola concordou e passou a relatar tímida alguns sintomas que vinha sentindo ultimamente: leves mudanças corporais, inchaços e, o que mais a preocupava, a abrupta interrupção da regularidade de suas regras.

A mulher do farmacêutico parou por um instante. Ouviu tudo atentamente. Ao final sorriu e, retomando a pequena caminhada, disse:

– Dolores, você está grávida!

– Ai, Dona Flor, foi o que pensei. Será que é isso mesmo? Eu não queria ficar embuchada agora. Não tem condições...

– Fique sossegada. Filhos são dádivas de Deus. Você não sabe como eu queria estar no seu lugar, mas o Senhor me fechou a madre.

– Eu até fico contente com a notícia. Lá no fundo a gente fica feliz. Mas é que eu tenho medo. Lembra do Sebastião? E se vier outra “criança mole”?

– Dolores, você não deve se preocupar assim. Ponha tudo nas mãos de Deus. Confie no poder dele. Hoje vamos fazer uma oração forte por você.

O que seria uma oração forte? Dona Lola não fazia ideia, mas como parecia algo bom, sentiu-se aliviada e ambas seguiram adiante falando sobre aqueles “assuntos de mulher”.

Já tinham saído da rua principal, entrado à direita e atravessado a ponte sobre o riacho. Enfim avistaram, num terreno alto, o pequeno salão azul claro da Assembleia de Deus, situado bem perto da saída da cidade.

Outras mulheres já estavam lá e, aos poucos, foram chegando mais. Cada uma que se aproximava cumprimentava com alegre simpatia as demais e, logo em seguida, ajoelhava-se junto a um banco, orando por alguns minutos. Dona Flor circulou pelo salão apresentando a amiga. Depois escolheu um lugar para sentarem e ali também se pôs de joelhos como faziam todas as outras senhoras.

Dona Lola, apesar de bem recebida, estava deslocada. Pensou em imitar as crentes para mostrar respeito, mas não sabia se podia (ou devia) também se ajoelhar. Por fim, apenas sentou-se, esperando com certo receio o que aconteceria ali em meio àquelas mulheres estranhas, quase todas (inclusive Florides) de coque no cabelo, blusa branca e saia escura. As palavras de Osvaldinho sobre os crentes ainda ecoavam na sua cabeça. E se ele estivesse certo? E se aquela gente fosse mesmo do diabo e começasse a gritar xingando os santos, os padres e a Virgem durante a reunião?

Esses pensamentos circulavam pela cabeça da humilde senhora quando uma mulher de meia

idade foi à frente e chamou a atenção de todas para o que disse ser o “início dos trabalhos”:

– Queridas irmãs, eu saúdo vocês com a paz do Senhor!

Todas então responderam com vigor: “A paz do Senhor!”.

– Vocês sabem que hoje é dia da nossa reunião especial de oração, mas como também estamos comemorando mais um ano da nossa união feminina, temos o privilégio de receber entre nós o pastor José Ferreira, de Belo Horizonte. Ele veio a Munhoz visitar a filha e vai nos trazer uma palavra abençoada nesta tarde, amém?

“Amém!” – responderam em coro.

– Mas antes vamos ter uma palavra de oração. Depois a irmã Rute vai nos dirigir em alguns cânticos de louvor ao Senhor. Logo em seguida, o pastor José Ferreira estará com a palavra.

O que se seguiu foi um tanto barulhento. Algo bem diferente da monotonia mórbida que Dona Lola estava acostumada a ver nas missas da igreja católica. A oração mal pôde ser ouvida, pois todas falavam ao mesmo tempo, algumas senhoras gritando aleluias e glórias a Deus em meio a uma confusão de súplicas, clamores, lamentos e levantar de mãos. Os cânticos também foram tumultuados, entrecortados por aleluias e outras palavras de exaltação, mas pelo menos era possível entender o que se dizia e Dona Lola os achou até bonitos.

Durante a maior parte do tempo, porém, como não sabia orar nem cantar, aproveitou para observar o lugar em que Osvaldinho queria atear fogo. Percebeu que, na verdade, um incêndio ali não destruiria muita coisa. Era um salão pequeno, sem nenhum adorno (e muito menos imagens!) nas paredes, guarnecido com duas curtas fileiras de bancos de madeira. À frente havia um pequeno púlpito pintado de branco com a caixa de ofertas ao lado. A decoração limitava-se a uma cortina azul-escuro que cobria a parede atrás do púlpito. As janelas laterais, três de cada lado, não tinham cortinas, e eram de formato ogival, dando ao salão um leve aspecto litúrgico.

Enquanto Dona Lola se distraía observando essas coisas, o período de cânticos terminou. Então o pastor José Ferreira foi à frente. Era homem de baixa estatura, calvo, de rosto arredondado, aparentando uns cinquenta anos. Trajava um terno cinza bem surrado cujo paletó não fechava por causa da pança. A gravata vermelha com um nó enorme, estilo coração-de-boi, dava a impressão de que ele não tinha pescoço.

Depois de saudar a todos, agradecer pela oportunidade de pregar, elogiar a congregação de Munhoz e gastar alguns minutos em outras formalidades habituais, anunciou o texto bíblico acerca do qual pretendia discorrer naquela tarde: *Gênesis 9.21-25*. Ele leu na sua enorme Bíblia de capa preta:

E começou Noé a ser lavrador da terra, e plantou uma vinha. E bebeu do vinho, e embebedou-se; e descobriu-se no meio de sua tenda. E viu Cão, o pai de Canaã, a nudez do seu pai, e fê-lo saber a ambos seus irmãos no lado de fora. Então tomaram Sem e Jafé uma capa, e puseram-na sobre ambos os seus ombros, e indo virados para trás, cobriram a nudez do seu pai, e os seus rostos estavam virados, de maneira que não viram a nudez do seu pai. E despertou Noé do seu vinho, e soube o que seu filho menor lhe fizera. E disse: Maldito seja Canaã; servo dos servos seja aos seus irmãos.

A pregação do pastor José foi assim:

Minhas irmãs, Noé era um bom crente, mas como a gente viu aqui, ele tinha um defeito: era chegado numa garrafa. Um dia o homem bebeu tanto, mas tanto, que perdeu a noção da decência e ficou nu dentro da tenda onde ele morava. A coisa foi feia e a família teve de ajudar. Foi aí que vieram seus filhos: Sem, Cão e Jafé. Esses filhos são muito importantes na história. Cada um deles representa uma grande lição para nós.

O primeiro que aparece é Cão e, pelo nome, já dá pra ver que não era boa gente. O safado só fazia cachorrada. Nem o pai escapou das maldades dele. Quando viu Noé nu, ficou lá olhando. Que graça tem ver um velho pelado? Nenhuma! Mas ele queria motivo pra sair fazendo fofoca e falando mal do coitado para todo mundo. Vocês podem conferir aí na Bíblia que Cão logo foi contar para os irmãos o que o pai tinha feito. Tudo só pelo prazer de fofocar. Quando o cachorro late, late pra todo mundo ouvir e não foi diferente com esse filho vira-latas de Noé. E olhe que tem muita gente assim nas igrejas; gente pior que cachorro. E se a gente exortar, esse povo ainda rosna querendo morder.

Mas Noé tinha outro filho bem diferente. O nome dele era Sem. Vejam na história que ele virou o rosto pra não ver o pai nu. Ele fez bem porque ser visto nu deixa um homem envergonhado e Sem não queria envergonhar o pai. Porque esse filho era assim? Ah, pra entender isso é só pensar no nome dele. Como eu disse, ele se chamava Sem. Olhem só que coisa linda! Ele não era vinte, não era trinta e cinco, não era oitenta e dois. Ele era Sem! Quando eu vi isso fiquei emocionado. Quase chorei pensando: “Será que eu sou Sem?”.

Depois pensei em quantos irmãos eu conheço que são Sem. Com muita tristeza não me lembrei de nenhum. Na minha igreja tem um irmão que eu acho que é noventa. Ele não ouve rádio, não deixa a barba crescer, não permite que a mulher passe maquiagem nem use brinco, não veste camisa de manga pra ir aos trabalhos da igreja, canta com bastante fervor nos cultos, fala em línguas estranhas, ora só de madrugada... É um exemplo de crente. Mas não é Sem! Às vezes pega um dinheirinho emprestado e não paga. Até pra mim ele deve uns trocados já faz tempo. Também costuma falar uns palavrinhas na hora do nervoso. Por isso eu acho que ele é noventa... Mas a gente tem de se esforçar pra ser Sem. Menos que isso, não dá.

O outro filho de Noé é o de que eu mais gosto. Ele atendia pelo nome de Jafé. Esse nome é formado por duas palavras: Já e Fé. Minhas irmãs, a fé tem que ser já. Não pode demorar pra vir. Quando Deus revela uma coisa pra nós temos que ter fé já, não depois. Muita gente é lenta pra ter fé nas coisas que Deus diz. Ele diz, por exemplo, que quer batizar os crentes com o Espírito Santo. É só a gente buscar com fervor que ele batiza e nos faz falar em línguas estranhas. Mas muita gente não tem fé já. Demora para crer e, por isso, não busca. No fim das contas, não recebe essa bênção maravilhosa.

Bom, pra terminar, vocês viram na história que Noé amaldiçoou Canaã. Ele não amaldiçoou o Cão porque esse já era maldito mesmo. Em vez disso, ele amaldiçoou Canaã. Esse nome lembra cana. E do que a pinga é feita? Não é de cana? Acho que Noé aqui decidiu parar de beber de vez. Eu não sei... Acho que ele se converteu um pouco antes de fazer a arca pra passar pelo dilúvio, mas tenho para mim que ele só foi batizado pelo Espírito Santo nessa hora, quando parou de beber e até amaldiçoou a cana.

Agora tenho uma pergunta: você é uma cachorra, uma crente nota Sem ou uma Jafé? É bom que seja uma Jafé porque, muitas vezes, a gente passa por problemas bastante graves e até perde a fé quando a coisa fica mesmo feia. Quantas mulheres como vocês não estão agora enfrentando medo e desespero, sem saber o que fazer? Essa é a hora de ter fé. Fé já, fé nesse instante, pois Deus pode ajudar.

Até esse momento, Dona Lola tinha prestado pouca atenção ao sermão. Mas quando o pastor falou de mulheres com muitos problemas, ela se ajeitou no banco. Parecia que o homem estava referindo-se a ela! Seria isso possível? O homem sequer a conhecia!

– Muitas mulheres como vocês vivem com a cabeça cheia de preocupações. Às vezes estão

com a vida e com a família de um jeito que é só miséria. É como se o próprio diabo estivesse há muito tempo fazendo estragos terríveis em sua casa. Mulheres que passam por isso ficam desesperadas, sem saber o que fazer.

O diabo fazendo estragos na família? Dona Lola começou a desconfiar que o pastor estava realmente falando sobre ela. Lembrou-se de Sebastião, das quebradeiras do marido bêbado, do ataque da onça. Até a morte de João entrou nas contas que fez. De fato, o pastor parecia descrever os seus tormentos. Mas como, se nunca sequer a havia visto?

– Se você, minha irmã, está se sentindo assim, eu tenho uma palavra de Deus para lhe dar ânimo. Tenha fé já e o Senhor trará livramento. Se você tiver fé já, ele encherá o seu coração de segurança, fará coisas inesperadas e colocará um muro de proteção à sua volta. Então ele não permitirá que o inimigo continue a atacar a sua vida. Nunca mais! Nosso Deus tem poder para realizar o seu sonho...

“Meu Deus!” – pensou Dona Lola. “Será que ele está falando de Bernardo?” Havia pouco o pecado animal a livrara de forma inesperada, realizando os sonhos que tivera desde que vira aquele cachorro pela primeira vez. Será que se ela tivesse fé Bernardo continuaria a ser um muro de proteção colocado por Deus ao seu redor para que o inimigo furioso nunca mais a tocasse? E mais: seria aquele pastor estranho o profeta do Senhor que estava mostrando isso tudo a ela?

– Mulheres oprimidas, tenham fé já, porque assim a obra do Senhor em sua vida será completa. Ele tem poder para restaurar e devolver tudo que o diabo tirou de vocês!

Nesse instante, se no coração de Dona Lola ainda havia qualquer sombra de dúvidas acerca da palavra profética do pastor José, tudo se dissipou de imediato. Sim, sim, sim... O espírito maligno havia levado Sebastião, mas agora o Senhor estava lhe dando outro filho, inaugurando uma nova fase de alegria, segurança e paz em sua vida. Tudo já estava preparado. Ela tinha apenas de ter muita, muita fé. E fé já! A pobre mulher caiu em prantos. Chorou copiosamente sendo amparada com carinho por Dona Flor que também chorava.

Então o pastor José que já aumentara aos poucos o tom de voz em seu discurso, bradou vigorosamente, gesticulando cheio de excitação:

– Tenha fé já, mulher do Senhor! Porque ele tem poder para libertar, em nome de Jesus! E ainda pode lhe dar o Espírito Santo, ateando fogo ao seu coração que agora está triste e frio! Ah, balacameja minaxúria!

Nesse instante, um violento frenesi tomou conta de toda a igreja. A maioria ficou de pé e todas as senhoras começaram a falar ao mesmo tempo. Umas gritavam aleluias e glórias a Deus; outras pronunciavam palavras de ordem contra demônios, repreendendo-os severamente em nome de Jesus; outras ainda oravam em voz alta, com as mãos levantadas e o rosto desfigurado. Várias delas, assim como o pastor, emitiam sons sem sentido. Dona Lola, em meio à emoção de dentro e a confusão de fora, tentou entender o que diziam, mas não conseguiu.

A balbúrdia chegou ao seu ápice com várias mulheres berrando, sapateando e rodopiando. Duas ou três delas estavam deitadas no chão imóveis, em êxtase. Dona Lola, ainda com lágrimas nos olhos, permanecia sentada, observando confusa os delírios que a rodeavam. Estava de fato assustada, quando, aos poucos, o tumulto foi se esfriando. As mulheres, então, começaram a reassumir a compostura, sentaram-se e, conversando calmamente entre si, passaram a aguardar as orientações da dirigente. Finalmente, a líder das senhoras foi à frente e anunciou mais um cântico a ser dirigido pela irmã Rute. Depois orou e, agradecendo mais uma vez ao pastor José, despediu o grupo com a “paz do Senhor”.

No caminho de volta para casa, Dona Flor sondou a amiga:

– Parece que o Senhor falou muito ao seu coração hoje, não é, Dolores?

Dona Lola estava desconcertada, mas reconheceu:

– É. Não sei como, mas o pastor falou coisas que se encaixam certinho na minha vida. E sem me conhecer! Como isso foi possível?

– Ele tem o dom de profecia. E aquela palavra certamente foi pra você. Agora você tem de ter fé para receber as bênçãos de Deus.

– Ah, eu tenho fé, sim. E algumas daquelas bênçãos Deus já começou a me dar, do jeitinho que o pastor falou.

– Que bom! Só que, se quiser conhecer mesmo o poder de Deus, você precisa ainda ser batizada pelo Espírito Santo. Aí você vai ver o que é a ação do Senhor...

– Mas eu já fui batizada quando era criança.

– Não, Dolores, não é desse batismo que estou falando. Esse batismo é o da água. Eu estou falando do batismo com o Espírito Santo. É uma coisa que você precisa pedir a Deus com muita fé. Tem de buscar com jejum e oração. E quando você receber essa bênção, vai mergulhar nos mistérios de Deus e conhecer as suas maravilhas.

Dona Lola não entendeu nada, mas parecia que a amiga estava falando de algo muito bom. Fez então perguntas, falou de suas impressões, mostrou-se interessada.

– Para saber se você foi batizada pelo Espírito Santo – continuou Dona Flor — tem um sinal inconfundível.

– E qual é?

– É o falar em línguas estranhas. Você não percebeu durante o culto que algumas senhoras falavam de um jeito que a gente não conseguia entender?

– Ah, eu percebi sim. O que elas estavam dizendo?

– Eu não sei. Eram mistérios. Elas falavam em línguas de anjos. Nem elas mesmas sabem interpretar. Quando alguém é batizado pelo Espírito Santo passa a ter esse dom. Aí a pessoa fica madura espiritualmente e sai da fase do leite espiritual. O poder de Deus, então, flui através dela. É uma maravilha!

Tudo que Dona Flor dizia era muito vago. Na verdade, apenas repetia alguns jargões que estava acostumada a ouvir na igreja. Ela mesma não compreendia bem as coisas que falava. Mas sobre a pobre caipira, aquela linguagem obscura causava grande impressão. Palavras como “mistério”, “poder” e “maravilhas” entravam pelos seus ouvidos e punham sua mente diante de um abismo imenso, com realidades espirituais insondáveis e sacrossantas ao fundo, um tipo de gnose vasta e profunda que ia além do seu entendimento, mas que encantava e atraía a roceira acostumada somente com palavras como “galinha”, “enxada” e “matagal”.

As duas seguiram juntas até a farmácia. Despediram-se e Dona Lola foi para casa. A noite caía quando chegou. Bernardo veio saudá-la em festa. Dona Lola, com o coração leve como nunca, acariciou seu protetor com ternura. Então entrou no casebre. Encontrou Osvaldinho quieto, emburrado ao pé do rádio.

– Vou esquentar a comida – disse ao marido.

Osvaldinho não respondeu. Aguardou, comeu e voltou para o rádio. Depois deitou-se e dormiu. Com a casa assim em completo silêncio, Dona Lola se sentou perto da janela da cozinha e passou a observar a noite, cujas nuvens escuras estavam se dissipando, revelando o azul estrelado. Pensou, então, em tudo que tinha visto e ouvido naquele dia. A ideia de que Deus se poria finalmente ao seu lado a alegrava. Lembrou-se do livramento, das boas promessas... Tudo aquilo lhe fizera tão bem! Recordou-se enfim do que disse Dona Flor sobre algo muito maior: “mistério”, “poder”, “maravilhas”... Ah, já que Deus lhe estava sendo favorável, porque não buscar isso tudo agora mesmo?

Olhando então para o céu, suplicou a seu modo por todas essas coisas. Queria, numa palavra, receber o batismo com o Espírito Santo! Assim, terminada a súplica, esforçou-se por trazer à memória o modo como o pastor José e algumas mulheres haviam falado em línguas. Repetiu: “Mataticotico”. Espantou-se. Será que o Senhor estava lhe concedendo o dom maravilhoso? Ficou em silêncio por alguns instantes, mas sentiu-se instigada a prosseguir. Afinal de contas, como saber se recebera ou não a bênção se ficasse de boca fechada? “Mala mamatuisalari caduca”. A mulher estacou. “Caduca? Hi, hi, hi! Eu falei caduca!”. E Dona Lola riu. Riu muito! Há quanto tempo não ria daquele jeito! Soltou-se então cheia de alegria e leveza: “Xalamuricó birinaca pimalaca lacatina”. E assim prosseguiu feliz e animada até se cansar. Que felicidade! O Senhor havia concedido o que pedira. E quão doce tinha sido aquela experiência!

Sentindo-se assim renovada e cheia de esperança, Dona Lola finalmente foi para a cama. Estava cansada, mas demorou para pegar no sono. Mal podia esperar para conhecer mais “mistérios”, “poderes” e “maravilhas”.



Capítulo 11

A GRANDE DECEPÇÃO

Era por volta das nove horas da manhã. O tempo nublado com chuvas esporádicas havia dado lugar a uma ensolarada manhã de domingo. Osvaldinho estava sentado à mesa na calçada do bar do Zinho. Rodeado de amigos e bajuladores, desfrutava da sua fama mentirosa. Falava e ria alto, esparramava-se na cadeira, bebia, jogava, reinava absoluto, expondo o dente da onça pendurado ao pescoço.

A cidade estava especialmente agitada, com gente alegre indo e vindo, aproveitando a manhã de sol. Diante de Osvaldinho, do outro lado da rua, no pequeno pátio de terra em frente à igreja católica, quatro meninos jogavam bola numa partida barulhenta. O caipira, de vez em quando, distraía-se observando os garotos. Foi num desses momentos que percebeu que um deles parou de correr e voltou-se para alguém que o chamava.

– Doni, vá já para casa. Sua mãe tá chamando você. Vê se obedece, menino!

Era uma senhora de idade que vinha pela mesma calçada do bar acompanhada do velho marido. A mulher parara junto ao meio-fio para ralhar com o neto e, assim, o velho havia se adiantado um pouco.

Osvaldinho observou o casal de idosos. Na verdade, já os vira outras vezes. Eram crentes, sem dúvida da Assembleia de Deus, e estavam indo à igreja, cada um com sua *Bíblia* na mão. O velho era um homem baixo, gordo e de bigodes. Tinha os cabelos brancos penteados para trás. Trajava calça marrom, paletó cinza e camisa branca abotoada até o pescoço, mas sem gravata. A velha usava um vestido verde-escuro e coque no cabelo.

Osvaldinho, que ainda tinha na memória os rancores da quarta-feira anterior, olhou para o velho casal com desprezo. Covardemente, então, decidiu usá-los para se exibir para os amigos do bar e também provar para si mesmo que era capaz de peitar os crentes, como dissera para Dona Lola.

Assim, quando o homem se aproximou da cadeira em que estava sentado, Osvaldinho esticou as pernas a fim de obstruir a passagem. O velho parou sem poder contornar o obstáculo, pois a rua, bem na frente do bar do Zinho, estava cheia de poças de lama. O homem pediu licença educadamente, ao que o caipira respondeu:

– O que foi, velho? Não tem força nem pra levantar a perna? Levante a perna, irmão! Não é isso o que a sua raça faz quando vê um poste?

A mulher, estando logo atrás, percebeu a ofensa e, vendo o marido esboçar uma reação, interferiu:

– Vamos logo, Rafael. Não ligue pra isso. Pule os pés do moço e vamos embora.

– Eu posso até pular. Esse não é o problema. O que não posso é admitir uma afronta dessas.

– Isso não é nada, Rafael. Vamos embora. O moço só fez uma brincadeira. Estamos indo à igreja. Não convém brigar.

A essa altura, alguns no bar já tinham percebido o impasse. Osvaldinho, fingindo-se despreocupado, mantinha as pernas esticadas. O velho pensou por um instante e, convencido pela mulher ou tangido pelo medo que cresce com o avanço da idade, decidiu relevar. Tentou, então, seguir em frente, mas, no momento em que transpunha o obstáculo, o caipira ergueu maldosamente um dos pés. O senhor Rafael tropeçou, perdeu o equilíbrio e, vendo que ia cair, tentou firmar novamente o passo. A perna esquerda, porém, falseou, fazendo-o enfiar o pé direito na lama. Ia escorregando quando segurou-se abruptamente à mesa de Osvaldinho, deixando a *Bíblia* cair no barro.

Os puxa-sacos do caipira riram. Zinho, entretanto, veio depressa em socorro do velho. Amparou-o, abaixou-se recolhendo a *Bíblia* enlameada e perguntou se o idoso havia se machucado. Osvaldinho, vendo isso, disse com descaso:

– Que é isso, Zinho? Virou agora amigo desses quebra-santos? Mande logo o desgraçado embora. Deixe que a velha, esse bagaço aí, cuide dele longe daqui, antes que eu me irrite e faça os dois comerem toda essa lama.

Os adutores do caipira continuavam achando graça em tudo. O senhor Rafael, transtornado e humilhado, queria ir para casa a fim de trocar de sapatos e limpar a *Bíblia*. A velhinha, por sua vez, chorava enquanto tentava convencer o marido a não voltar para casa, mas seguir para a igreja.

– Você não vê, Rafael? É isso o que o diabo quer: impedir a gente de ir à igreja...

Zinho ajudou o homem a limpar o sapato, limpou também a *Bíblia* com jornais velhos e, em particular, pediu desculpas pelo comportamento do seu “cliente”. Disse que Osvaldinho estava bêbado e que, quando voltasse à sobriedade, sentiria vergonha do que fez. O velho sabia que não era verdade, mas deixou-se induzir pelas palavras pacíficas e retomou, junto com a esposa, o caminho da igreja. À certa distância ainda pôde ouvir a última provocação de Osvaldinho seguida pelas risadas dos amigos:

– Vai, bode velho! Leva logo embora o seu bagaço de mulher e vai dar dinheiro para o pastor!

O casal se fez de surdo. Queriam se afastar depressa do lugar e da situação. Osvaldinho observou-os virar a esquina, abanou a cabeça e riu satisfeito. Voltou-se, então, para os amigos da mesa e começou a fazer comentários jocosos contra os crentes da Assembleia de Deus. Nutriu o assunto por alguns minutos, mas logo deixou a conversa de lado e pediu outra cachaça.

Foi nesse instante que, de repente, chamou-lhe a atenção o forte tropel de um cavalo que vinha do outro lado do templo da igreja católica. O cavaleiro vinha veloz, passou pelo pátio da igreja atrapalhando o futebol dos meninos e parou em frente ao bar, trazendo um garoto na garupa. Segurando as rédeas do cavalo estava um jovem vaqueiro usando chapéu e botas de couro, a camisa entreaberta expondo o peito largo. Olhou para todos no bar com o rosto de poucos amigos. Apeou enfim sobre as poças de lama e disse ao menino:

– Desce do cavalo, Doni. Vá lá jogar bola com a molecada. Não quero você aqui perto.

O moleque obedeceu de pronto, enquanto Zinho, nitidamente nervoso, apressava-se em recepcionar o vaqueiro:

– Bom dia, Damião! Tudo em ordem? Entre pra tomar uma cerveja.

O vaqueiro, claramente irritado, mostrou que viera ali a fim de arrumar briga.

– Obrigado, Zinho, mas não vim aqui pra beber. Vim resolver um problema. Aquele moleque ali, meu sobrinho, disse que alguém no bar ofendeu meu pai e minha mãe. Foi isso mesmo? Se foi, quero saber quem é o safado porque agora o problema é comigo.

– O que é isso, Damião? Fique calmo...

O cavaleiro recém-chegado olhava enfurecido para as mesas, em busca do culpado.

– Teve um impasse aqui com seus pais sim – continuou Zinho –, mas não passou de uma brincadeira. Ninguém ofendeu ninguém.

Damião não estava para conversas. Fez uma pausa fixando o olhar feroz no dono do bar. Depois cuspiu para o lado, ajeitou o cinturão e pousou a mão direita no cabo branco da faca enfiada na bainha presa à coxa. Osvaldinho, tenso, ajeitou-se na cadeira, encolhendo as pernas.

– O senhor me desculpe, mas não foi isso o que o menino disse. Ele contou que um vagabundo provocou e xingou os velhos. Até empurrou meu pai na poça de lama... E o moleque é arreiro, mas não é de inventar. O senhor, por favor, diga logo quem foi que fez isso. Ainda está aqui o

safado? Se está que seja homem e dê as caras.

Todos ficaram em silêncio. Alguns olharam para Osvaldinho esperando que se manifestasse. Afinal, era o grande herói que matava onças a socos. Que medo poderia ter de Damião, mesmo sendo ele um homem forte como realmente era?

O caipira percebeu que tinha de dar um passo. A cobrança dos amigos era silenciosa, mas geral e nítida. Não podia decepcionar seus fãs. Então disse tentando disfarçar a voz trêmula:

– Fui eu que fiz uma brincadeira com eles, mas não quis ofender. Se o menino entendeu mal...

– Entendeu mal uma ova! E se foi brincadeira, quem lhe disse que cachaceiro tem liberdade pra fazer troça com minha mãe?

Osvaldinho com o coração aos saltos, criou um artifício para evitar a briga e, ao mesmo tempo, manter a fama. Gaguejando, tentou intimidar Damião:

– Olha... Cuidado... A gente vê que você não é daqui. Não sabe com quem está falando.

– O quê? Você pensa que me põe medo? Ainda está pra nascer homem que me assuste! Se não sei com quem estou falando, então se levante, cachorro, pra gente se conhecer. Levante que hoje você vai apanhar na cara, pra aprender a não ofender os pais de mais ninguém. Levante logo daí, canalha!

Osvaldinho levantou-se repetindo assustado:

– Olha... Cuidado...

Mas a ameaça do caipira não estava convencendo nem mesmo alguns de seus bajuladores, ainda que a maioria deles lamentasse o destino de Damião, acreditando que o jovem vaqueiro seria surpreendido por um ataque selvagem que o levaria ao nocaute em poucos minutos. Para aquela gente, o que estava prestes a acontecer seria um *show* imperdível – o herói em ação – e o povo já estava se aglomerando para assistir ao espetáculo.

Osvaldinho, tendo se levantado, ergueu os punhos tentando fazer pose de lutador experiente. A pequena multidão ao redor vibrou e ouviram-se vários gritos: “Vai, Osvaldinho! Mostre pra ele! Arrebente ele de vez! Vai, matador!”. Como Damião não era de Munhoz, vindo ali somente nos fins de semana para visitar os pais, pouca gente tinha amizade com ele. Ademais, os rapazes do local nutriam antipatias pelo jovem vaqueiro, dizendo que ele só vinha à cidade para cortejar as moças do lugar. Assim, como forasteiro com fama de sedutor, era de se esperar que toda a torcida fosse contra ele.

– Olha... Cuidado... – dizia Osvaldinho mais alto, com os punhos erguidos.

Damião decidiu então parar com a conversa e partir para as vias de fato. Avançou sobre Osvaldinho e deu-lhe um tapa na cara com tanta força que o caipira caiu para o lado. Depois, levantou-o pelos colarinhos e, segurando-o somente com a mão esquerda, acertou-lhe mais três tabefes no rosto com a mão direita espalmada, soltando-o em seguida. Osvaldinho, atordoado, tentou chutar o vaqueiro, mas foi agarrado novamente pelos colarinhos e jogado violentamente nas poças de lama onde caiu sentado.

Damião olhou para o caipira no chão sem qualquer piedade. Pensou em quebrar-lhe os dentes e o nariz, mas em vez disso foi até o cavalo e tirou da sela uma faca, pondo-a sobre uma das mesas da calçada. Depois puxou a faca da cintura e disse:

– Fique de pé.

Osvaldinho relutou.

– Levante, cachaceiro. Se não eu lhe meto a bota na cara.

Osvaldinho ergueu-se em silêncio. A multidão que havia pouco gritava, estava agora perplexa e confusa.

– Você é homem de ofender e ameaçar velhos e velhas. É macho pra ir pra cima de gente fraca

e de idade. É do tipo que bate em mulher e que provoca quem não pode se defender. Ameaçou até fazer meus pais comerem lama, não é, desgraçado? Pois bem... Já que você é tão macho, vamos testar sua coragem. Tem uma faca ali na mesa. Minha faca tá aqui na minha mão. Se você é homem mesmo, pegue agora aquela faca e venha pra cima de mim, porque um de nós vai ter de sangrar hoje. É questão de honra... Vá, pegue a faca!

Osvaldinho não respondeu palavra. Olhou para a lâmina na mão de Damião. Olhou também para a faca sobre a mesa. Estava ofegante e meio encurvado. A multidão não emitiu nenhum ruído. Era como se o próprio tempo tivesse parado. Damião quebrou o silêncio:

– Vamos! Pegue a faca, vagabundo! Você é um homem ou uma galinha?

Osvaldinho permanecia quieto. Então, uma mancha úmida começou a crescer em sua calça, encharcando-a à vista de todos. “Ele está mijando nas calças”, gritou uma criança. Ouviu-se um murmúrio geral, uma mescla de risos e lamentações.

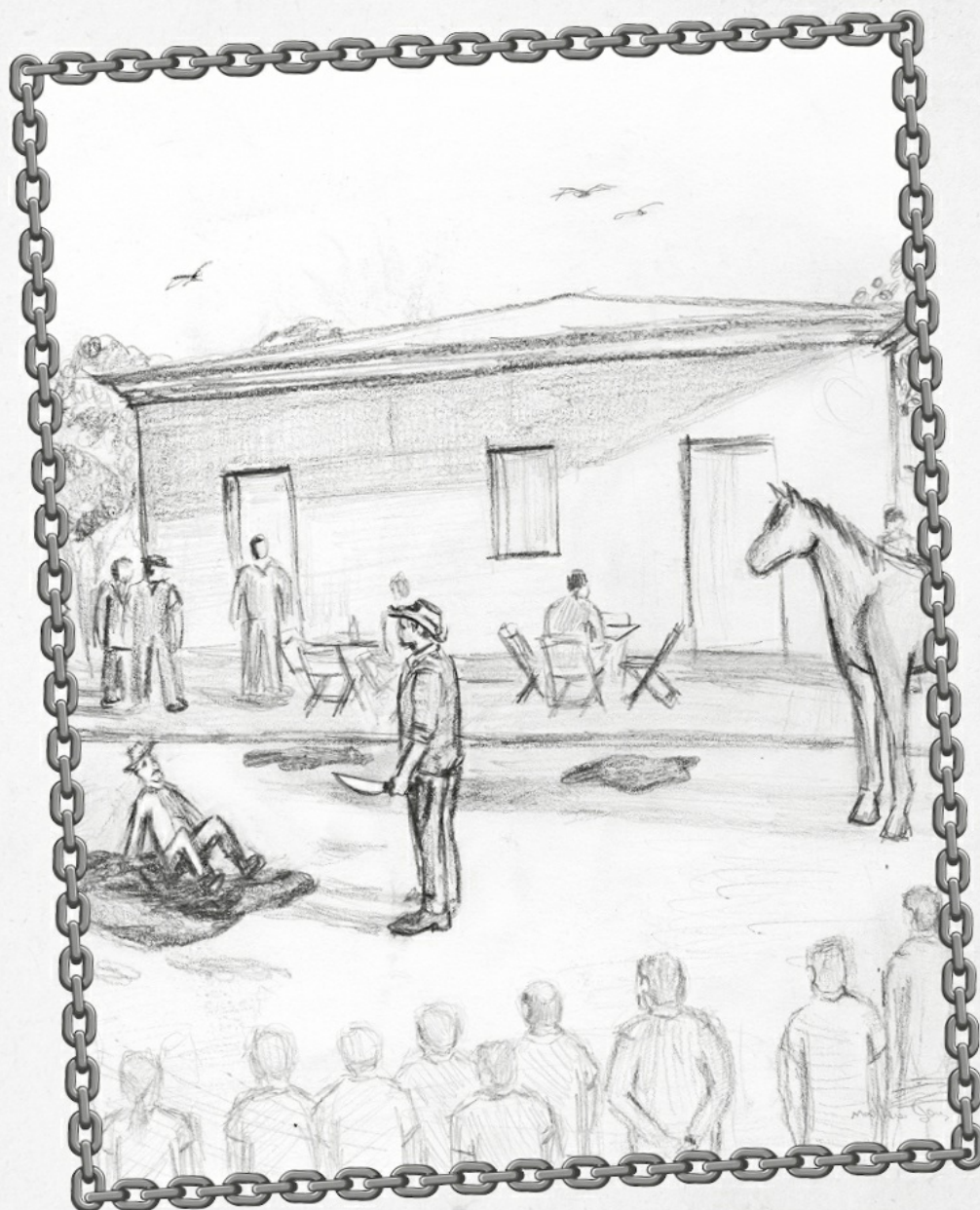
Damião sorriu com escárnio, meneando a cabeça. Guardou a faca e disse:

– Você é só uma galinha. Não tem honra nem coragem. Não vale a pena lhe fazer sangrar. O castigo que vou lhe dar é outro. Você vai comer a lama que disse que ia fazer meu pai comer.

E dizendo isso, pegou Osvaldinho pelo cangote e o fez ajoelhar gemendo. Então socou-lhe o rosto na poça esfregando-o na lama várias vezes. Depois, subiu na montaria. “Monte de estrume”, disse, cuspiendo no caipira. E foi embora a galope.

Osvaldinho levantou-se sujo, ferido e encharcado de urina. Em pé, no meio das poças de lama, correu os olhos por todos ao seu redor. A decepção do povo era quase palpável. O que havia acontecido com o herói que poucos meses antes tinha sido aclamado numa pequena réplica dos triunfos romanos? As pessoas abriram caminho para que o caipira passasse. Desolado, ele foi para casa, mas o seu nome ficou ali... na lama.





- Levante, cachaceiro. Se não
eu lhe meto a bota na cara.

Capítulo 12

A DEPRESSÃO DE OSVALDINHO

Não demorou muito para que a decepção do povo de Munhoz desse lugar à indignação. Em poucos dias, Osvaldinho tornou-se alvo de comentários maldosos na cidade inteira. Todos, inconformados e, às vezes, um tanto irritados, falavam do ocorrido, balançando a cabeça num gesto de completo desdém pelo herói mentiroso.

Quando Tatu soube da história, sentiu-se enfim encorajado a dizer às pessoas o que tinha visto no local do ataque da onça. “Eu tinha mesmo estranhado aquela história”, dizia. “A pedra no fundo do poço, a mancha de sangue lá embaixo... Pra mim ele chegou lá e já encontrou a onça presa no buraco. Aí só foi jogar a pedra em cima dela, coisa que até a mulher dele podia fazer! Os ferimentos? Vai lá saber se ele próprio não arranjou tudo só pra se fazer de machão. Ou então, como vive bêbado, pode ter até caído e se machucado sozinho. Sei lá... Uma coisa é certa: matar a onça na unha... Ah, isso ele não fez mesmo!”.

O testemunho e as hipóteses levantadas por Tatu espalharam-se por Munhoz. As pessoas viram nas palavras do poceiro uma forma de explicar como puderam ter acreditado numa lorota tão grande e se apegavam ao que Tatu dizia, pensando: “Como a gente podia ter desconfiado de algo sem saber desses detalhes? Se tivéssemos visto o que Tatu viu, nunca cairíamos naquela história”.

Mesmo justificando assim sua tola credulidade, as pessoas, ainda inconformadas, queriam vingar-se de alguma forma do matuto que as tinha feito de idiotas. Então, como era de se esperar, apelaram para o escárnio, uma arma muito usada por quem quer ferir correndo um risco baixo ou mesmo risco nenhum. Foi assim que, tentando compensar o papel de bobos que tinham feito, todos que haviam bajulado Osvaldinho agora zombavam dele sem nenhum respeito ou piedade. O caipira tinha rido deles por dentro, não é? Agora ririam dele por fora. Ah, e como ririam!

Osvaldinho havia desaparecido quase por completo da cidade, mas nas poucas vezes que voltou ao bar do Zinho, movido pela necessidade incontrolável de beber uma pinga, não foi de forma alguma poupado. Nessas ocasiões, um engraçadinho qualquer sempre fazia uma piada, gritando de algum canto, coisas do tipo: “Ô, Zinho! Você tem fralda aí pra vender? Acho que tem gente que veio comprar!”; ou ainda: “Gente, vamos esconder as facas senão alguém vai molhar as calças!”. E todos esbaldavam-se de rir na cara do matuto, especialmente os jecas franzinos que ele havia humilhado tantas vezes. Estes faziam questão de dar sonoras gargalhadas, expondo a boca desdentada sem qualquer acanhamento. Osvaldinho, então, envergonhado, ia embora em silêncio.

Também os meninos que antes paravam o jogo de futebol para ver seu “herói” passar, agora, quando o viam mofavam dele. Uns ficavam imitando uma onça, grunhindo, rosnando e levantando as garras, enquanto os outros olhavam para essas “onças” e arremedavam o caipira, dizendo com os punhos cerrados: “Olha... Cuidado...”. Os adultos, vendo isso, em vez de censurar os moleques, riam ainda mais e alguns dentre eles gritavam: “Cuidado, meninada. Vocês vão pisar o monte de estrume!”.

Osvaldinho vivia assim uma humilhação tão grande que logo percebeu ser impossível suportar. Tentando evitar a constante exposição ao vexame, ele isolou-se no sítio. Ferido pela vergonha, também fechou-se em si mesmo. Se antes falava pouco, agora andava envolto numa nuvem cinzenta de silêncio que só se dissipava quando, à noite, era torturado por seus constantes pesadelos.

Nessas ocasiões, ele revirava-se na cama, gemia e gritava em meio a visões de onças famintas

que o perseguiram e, agora, também de vaqueiros furiosos que saltavam sobre ele dando-lhe facadas. Então, no auge do seu desespero noturno, levantava-se como sempre e corria em pânico na escuridão, dando murros no ar, esbarrando nos móveis e objetos da casa e ferindo-se na fuga dos fantasmas que invadiam sua mente naquelas horas.

Para Dona Lola, contudo, a profunda depressão do marido redundou em bem. Mesmo perturbada quase toda noite pelos sonhos de horror do matuto, a mulher saiu no lucro com a surra que o caipira levou de Damião. Isso porque o abatimento de Osvaldinho empalidecera sua violência contra ela. Tornou-se notável que os tapas do vaqueiro quebraram ao meio o próprio espírito do lavrador, destruindo-lhe a vitalidade e abafando quaisquer ares de ardor ou euforia. Osvaldinho era agora um homem indiferente, distante e apagado, aparentemente incapaz de qualquer reação impetuosa.

Assim, Dona Lola, que antes temia respostas enérgicas diante das mais inocentes palavras que dizia, passou a conviver com um tipo novo de Sebastião, um “homem mole” que não levantava a mão de ameaça nem para afastar as moscas que o rodeavam. Obviamente, nenhum dos dois tipos de marido era o sonho de uma esposa jovem mas, sem dúvida, o segundo era melhor e menos perigoso.

Foi pela boca de Dona Flor que Dolores ficou sabendo da humilhação de Osvaldinho. Ela percebeu que algo ruim havia acontecido com ele já no domingo pela manhã, ao vê-lo chegar em casa sujo e calado, mas teve medo de fazer qualquer pergunta. Notou também logo de início que o caipira permaneceu mergulhado numa serenidade tristonha no dia seguinte e no outro, poupando-a de agressões. Conjecturou o que poderia ter acontecido, mas foi só na quarta-feira que soube do incidente no bar.

É que nesse dia ela foi novamente à reunião de senhoras da Assembleia de Deus. Quis voltar à igreja dos crentes porque estava animada com as promessas de livramento que tinha ouvido ali e também por causa da felicidade que sentira ao falar “línguas estranhas”. Anelava manter vivo tudo aquilo e, por isso, foi de novo com Dona Flor à reunião semanal das irmãs. Então, no caminho, a mulher do farmacêutico contou tudo que acontecera com Osvaldinho. Impressionada, na volta da igreja Dona Lola quis passar no bar do Zinho para ouvir diretamente dele, que tinha testemunhado o caso, o que exatamente havia ocorrido.

Voltou então para casa com pena do marido, mas também com suas esperanças de libertação mais aguçadas. Era inevitável que fizesse associações entre os fatos recentes e o sermão do pastor José. “Tenha fé e o Senhor trará livramento... Ele não permitirá que o inimigo continue a atacar a sua vida”, dissera o homem de Deus. Ao que tudo parecia indicar, os vaticínios do arauto do céu estavam se cumprindo. Ele havia descrito com surpreendente exatidão tudo que acontecia com a triste mulher no presente. Agora era animador perceber que também previra com acerto o livramento futuro. Sem dúvida, era chegado o dia da salvação. Agora era só esperar o pleno despontar desse dia glorioso, com a total derrota do diabo que tanto assolara a pobre família de Dona Lola.

* * *

Os dias se seguiram com Osvaldinho acorrentado à sua apatia. Ele se levantava cedo, ia para a roça, voltava para o almoço, ia novamente para a roça e, depois, ao término do dia recolhia-se. Nos fins de semana, dava assistência ao patrão que voltara a frequentar o sítio com mais assiduidade. Aliás, por esse tempo o senhor Nelson começara a dizer que, quando se aposentasse, talvez viesse morar na pequena propriedade com a esposa e a filha. Segundo ele, sua família gostava dessa ideia, especialmente Iolanda que, aos olhos do pai, estava demonstrando grande interesse em trabalhar como catequista de crianças na igreja católica.

Os caseiros ouviam esses planos com certo aprazimento. Dona Lola os considerava cumprimentos das boas palavras do pastor José, pois, certamente, a presença constante do patrão garantiria por completo o fim das surras. Já Osvaldinho via nisso uma apagada esperança de dias mais animados, já que as fugas para o bar, fugas que o alforriavam dos crepúsculos tediosos do sítio, não surtiam mais o efeito prazeroso de outrora e, por isso, raramente eram empreendidas.

Com efeito, Osvaldinho evitava a todo custo a cidade. O pífio produto da colheita que costumava vender aos comerciantes e feirantes de Munhoz chegava agora a eles pelas mãos de Dona Lola. O marido se dispunha a acompanhá-la com um saco de milho ou de batata nas costas até próximo da cidade, mas, depois, era a mulher quem tomava o fardo sobre os ombros e os oferecia aos compradores de costume. Quanto à bebida, era ela também que, contrariada, dava provisão ao marido, trazendo para casa uma garrafa de aguardente sempre que via a dependência do caipira fazer seu corpo tremer, clamando por um gole.

Era óbvio que esse modo aprisionado de vida não podia durar muito tempo. Osvaldinho precisava de uma saída e, ao que tudo indicava, qualquer que fosse essa saída, teria de abranger a fuga de Munhoz para nunca mais voltar. A princípio, o matuto se assustou com essa ideia, mas aos poucos notou que nada mais lhe restava se quisesse realmente provar de novo algum grau de respeito por parte de alguém. Precisava, assim, ir para onde não o conheciam. Nesse novo lugar faria novos amigos e estaria próximo de pessoas que não balançariam a cabeça cada vez que ouvissem o seu nome.

Foi pensando nisso que um dia, sentado à mesa do jantar, disse à mulher:

— Acho que vou a São Paulo ver a casa que o João deixou pra nós.

Dona Lola ficou surpresa. Jamais imaginou que o marido tomaria essa iniciativa. Animada, deu todo apoio a ele. Pensou nos novos recursos que a venda ou o aluguel da casa poderiam gerar e nos benefícios que isso traria ao bebê que estava por vir. Então, não se conteve. Percebendo a serenidade de Osvaldinho e confiando nas palavras do pastor, ela que, receosa, ainda não havia revelado a gravidez ao marido, deu-lhe a notícia com timidez.

Osvaldinho ouviu e franziu a testa lembrando-se de Sebastião. Depois ergueu-se e, como se não tivesse escutado as novas da mulher, disse impassível:

— Todos os dias a jardineira sai cedo para Bragança. Embarco nela depois de amanhã. Em Bragança pego o trem pra São Paulo. Lá eu me viro pra chegar na casa do finado João. Acho que ainda me lembro do caminho. O nome do bairro é Vila Santa Virgínia, não é?



Capítulo 13

PESADELOS DE MORTE

A jardineira tinha sua estação atrás da igreja católica. Era um tipo de ônibus pequeno, pintado de vermelho, com a frente prolongada para abrigar o motor barulhento. Parecia um bonde, pois era aberta nos lados.

Osvaldinho embarcou numa quarta-feira, por volta das oito horas da manhã. Trajava um terninho azul-claro e uma camisa branca. No pescoço mantinha ainda o dente da onça pendurado, pois, afinal de contas, pensava, tinha mesmo matado a fera e era seu direito carregar consigo o pequeno troféu de vitória. Levava uma mala de roupas e um saco de estopa lacrado com um barbante. Era o lanche que Dona Lola lhe havia preparado para comer durante a viagem.

Depois de acomodar suas coisas no compartimento superior de bagagens, o caipira sentou-se no último banco do lado direito do veículo, onde seria a janela, se a jardineira tivesse janela. Voltou então o rosto para fora cobrindo-o com a mão na expectativa de que ninguém o reconhecesse.

Os passageiros foram chegando e tomando seus lugares. Alguns entravam pelas laterais; outros preferiam usar o corredor que separava as duas fileiras de bancos. Entre esses estava Tatu — ele certamente ia para sua casa em Pedra Bela. O poceiro não viu Osvaldinho ou fingiu que não o viu. Embarcou seguindo um padre com quem vinha conversando. Sem dúvida era o parente de sua esposa que, finalmente, tinha chegado a Munhoz onde exerceria o sacerdócio.

Osvaldinho observou o clérigo enquanto ele vinha pelo corredor. Era homem alto, de bom porte, aparentando uns vinte e oito ou trinta anos. Os cabelos negros encharcados de brilhantina e o rosto bem formado lembravam os galãs de cinema que o caipira tinha visto em alguns cartazes expostos no bar do Zinho. “Era só o que faltava...”, pensou Osvaldinho. “Agora Munhoz vai ter um padre galã! Não vão faltar beatas no confessionário!”.

Enquanto o padre se mantinha em pé, dando espaço para que Tatu ocupasse o banco no lado oposto ao corredor, uma bela moça de longos cabelos ondulados soltos sobre os ombros entrou na jardineira procurando um assento livre. Parou esperando o padre sentar-se para poder passar. Então o clérigo sorriu para a moça fazendo um gracejo qualquer e agradecendo-lhe a disposição em esperar. Encabulada, a jovem enrubesceu, baixou os olhos risonha, passou adiante e sentou-se no banco bem atrás de Tatu, ficando também ao lado de onde seria a janela. Osvaldinho, que observou tudo atentamente, pensou: “Iiih! Além de galã, o padre é também paquerador! Está mesmo na hora de fugir dessa cidade. Principalmente quem tem mulher e filha bonita!”.

A jardineira partiu finalmente para Bragança numa viagem que geralmente durava cerca de três horas, às vezes mais, dependendo da condição da estrada. Seguiu lenta pela via estreita e esburacada. Cruzes, nichos e pequenos oratórios eram vistos nos dois lados da estrada, evocando sentimentos esparsos de devoção nos passageiros e também, no caso das cruzes, lembranças de pessoas mortas, cujas almas os parentes buscavam favorecer no além, edificando aqueles pequenos santuários em sua memória.

O coletivo parava várias vezes, tanto para pegar passageiros que embarcavam com galinhas e porcos, como para que alguém fosse afugentar bois e vacas deitados no meio da estrada. Assim, o trajeto demorado, cheio de longos aclives e declives, tornava-se ainda mais cansativo. Seria de fato insuportável, não fosse o prazer fortuito que vinha esporadicamente da visão da paisagem, toda ondulada por causa da predominância de colinas verdes. Rochedos majestosos quebravam eventualmente a monotonia dessa visão. O raro movimento de alguns pequenos rebanhos ao longe rompia a inércia total do cenário, provando que tudo ao redor era real, e não apenas uma

pintura imensa e enfadonha.

Nas cercanias da cidade de Toledo, a jardineira cruzou a divisa entre os Estados de Minas Gerais e São Paulo. Então, seguiu até Pedra Bela, onde Tatu e o padre desembarcaram, como previra Osvaldinho. Do lado de fora do veículo, o jovem sacerdote olhou de forma indiscreta para a moça bonita. Sorriu e piscou para ela com malícia. Dessa vez, porém, a jovem não correspondeu. Virou o rosto séria, decepcionando o santo homem de Deus e trazendo-lhe à triste lembrança os votos sagrados de celibato. “Benfeito pra ele”, pensou Osvaldinho, “Padre tem de pensar em Maria, não em Eva.”

A chegada em Bragança ocorreu por volta do meio-dia. Osvaldinho, no dia anterior, já tinha se informado acerca dos horários de partida dos trens para São Paulo. Sabia, assim, que uma composição sairia às duas horas. Teria de esperar, comendo uma parte do lanche preparado por Dona Lola.

A estação ferroviária do Taboão não era distante da praça que servia de terminal para a jardineira. Osvaldinho foi até lá e tentou comprar a passagem. O funcionário da bilheteria, porém, informou que o trem para a capital, vindo de Vargem, estava atrasado. Era uma composição mista e a liberação do carregamento de um dos vagões de carga tinha sido barrada por questões burocráticas. Por isso, dificilmente o trem chegaria antes das cinco da tarde.

– Se o senhor não quiser esperar – disse o moço do guichê –, tem um ônibus que vem de Belo Horizonte e que para aqui perto da estação pra pegar passageiros. Eles fazem isso pra preencher as poltronas vagas. É mais caro, mas chega mais depressa porque vai pela rodovia nova, a Fernão Dias. Lá pelas duas e meia ou três horas esse ônibus já encosta aí.

O caipira não gostou nem um pouco da ideia de pagar mais caro, mas sabia que se não optasse pelo ônibus, chegaria em São Paulo no início da noite, ou talvez até bem tarde, caso o trem se atrasasse mais do que o esperado. Isso o assustava bastante. Sozinho, à noite, perdido na capital paulista em busca de um jeito de chegar à Vila Santa Virgínia... Ah, para o matuto era preferível enfrentar outra onça! Por isso, esperou o tal ônibus e embarcou nele, adquirindo o bilhete das mãos do próprio motorista, um homem de meia idade, moreno e troncudo, cujo bigode farto no meio da cara realçava os ares de poucos amigos.

Coube a Osvaldinho, cansado e já sonolento, uma poltrona ao fundo, junto ao corredor. O caipira ajeitou sua mala e o saco de comida no compartimento de bagagem e sentou-se, o corpo dolorido, os olhos pesados. O sono lhe fugira na noite anterior por causa da ansiedade. A iminência da viagem a um lugar que o amedrontava fizera com que ficasse se revolvendo por horas na cama. Agora, com a ansiedade já um tanto envelhecida, o sono lhe sobreveio com força invencível. Por isso, mal a viagem começou e já dormia profundamente ao lado de um passageiro gorducho que fumava sem parar e que, entre um cigarro e outro, assobiava músicas alegres, parecendo assim muito bem-humorado.

O descanso de Osvaldinho... O bom humor do gorducho... Nenhum dos dois estados de espírito se harmonizava com a tragédia que estava por vir. Sim, pois enquanto o ônibus superava os primeiros quilômetros da rodovia, uma pesada chuva começou a cair num ponto alto da Serra da Cantareira, pouco antes de uma pequena cidade chamada Mairiporã. Quando o ônibus chegou nesse trecho, o grosso da chuva já havia passado havia cerca de uma hora, mas o asfalto molhado e um certo nevoeiro impunham cuidados maiores ao motorista.

Seguindo, pois, com mais lentidão, travado por pequenas freadas, o enorme veículo dava leves solavancos que, aos poucos foram agitando o sono de Osvaldinho. O caipira começou, assim, a se virar no banco incomodado, esbarrando às vezes no gorducho. Então, em meio às sombras da sua mente adormecida, foi-se formando a figura ilusória de uma onça assassina que o observava

enquanto ele se via imóvel com as botas presas numa grande poça de lama. No sonho, tentava sair do atoleiro e correr, mas quanto mais se esforçava, mais se afundava no barro.

Osvaldinho ficou bastante inquieto. Gemia no banco, virava-se, mexia as pernas e agarrava-se com força às laterais da poltrona, esbarrando novamente no gorducho cujo bom humor estava visivelmente indo embora. Então, num delírio que foi se tornando mais e mais intenso, o caipira viu a fera saltar atroz sobre ele. Tomado de assalto pelo pânico, Osvaldinho levantou abruptamente as mãos para defender o rosto, batendo o cotovelo direito com força no passageiro ao lado, precisamente quando ele levava o cigarro à boca.

O gorducho não se conteve. Empurrou com raiva o caipira. Ah, que infeliz reação! Osvaldinho, ao sentir o toque, levantou-se ainda dormindo e, enganado pela ilusão do ataque, saiu gritando pelo corredor numa euforia cega e enlouquecida. Dominado por pavor e fúria foi tropeçando em fuga até chocar-se com o banco do motorista sob os olhos assustados dos passageiros. O condutor, surpreendido pelo impacto, virou-se e tentou afastar o caipira com a mão direita, mantendo a outra ao volante. Osvaldinho então, totalmente transtornado, começou a desferir socos contra o motorista que, sob uma saraivada de golpes, deu involuntariamente uma guinada no volante para a esquerda, atravessando a pista na frente de um pequeno caminhão que vinha na direção oposta. O carro imenso ia tombar, mas, escorando-se no caminhão enquanto cruzava a pista, manteve-se em linha, rasgando, numa chuva de faíscas, a frente do outro veículo que foi sendo arrastado para o acostamento.

No átomo de segundo que se seguiu, o motorista do ônibus, ainda debaixo de bofetadas, viu em pânico um enorme abismo à frente. Então, buscando desesperadamente evitar o pior, o homem jogou o veículo para a direita a fim de ganhar o acostamento da pista contrária. Era sua única alternativa e foi o que fez, mas a manobra veio tarde demais e foi insuficiente, pois as investidas ferozes de Osvaldinho impediram que virasse totalmente o volante. O chofer percebeu assim que a roda dianteira esquerda girou no vazio e que o carro estava tombando para dentro do precipício. Então, tomado de cólera, ferido e com o rosto sangrando, o motorista agarrou furioso a garganta de Osvaldinho com uma só mão e, violentamente, arremessou-o contra o parabrisas. O pobre desvairado caiu sem sentidos e o condutor, numa tentativa derradeira de salvar a todos, acelerou, virando o volante às pressas. Foi seu último gesto em vida. O ônibus tombou para o lado e, em meio a gritos de horror, despencou do alto da serra, capotando até lá embaixo e espatifando-se entre as pedras.

Poucos sobreviveram. O gorducho foi um deles. Por seu testemunho, todos souberam mais tarde os detalhes do que havia acontecido. Entre os muitos que morreram, vários tiveram o corpo despedaçado e o rosto desfigurado no acidente. Um deles, totalmente irreconhecível, pôde, contudo, ser identificado com certa facilidade, já que usava um ornamento pouco comum. Ele trazia um dente de onça pendurado ao pescoço.



Capítulo 14

GRANDES MUDANÇAS

A morte drástica de Osvaldinho causou forte comoção em Dona Lola. Ainda que não tivesse no marido um bom companheiro e amigo, nutria afetos por ele e, por isso, sofreu e chorou muito. Sua dor, porém, não era decorrente apenas do amor pelo falecido, mas também da insegurança que a solidão agora gerava. O que faria dali pra frente? Sabia que não poderia permanecer no sítio sem o marido. Afinal de contas, o senhor Nelson precisava de alguém que cuidasse das plantações e de tudo o mais. Ela deveria ir embora. Mas para onde iria? Voltaria para a casa paterna? E quanto ao bebê que chegaria em alguns meses? O pobrezinho cresceria sem conhecer o pai! E como ela, uma mulher tão simples, criaria sozinha a criança? Todas essas questões atormentavam Dona Lola que se via sem rumo, ansiosa e com medo.

Agravando as incertezas que a viúva nutria em seu coração, outra dúvida às vezes a atormentava. Como ela deveria interpretar a morte do marido? Era parte do livramento de que falara o pastor José ou era um sinal de que o diabo ainda rondava sua casa? Se fosse o mau espírito, o que fazer para proteger o bebê que ia nascer? Talvez Dona Flor tivesse as respostas. Se ela não soubesse, certamente os pastores da Assembleia saberiam. Tão logo surgisse uma oportunidade, ela iria consultar um deles. A mulher debatia-se assim com esses pensamentos e via-se, dessa forma, emaranhada em questões difíceis, enquanto tentava encontrar uma saída para seus recentes e graves problemas.

Aos poucos, porém, como sempre acontece, tudo foi se ajeitando e no dia em que o senhor Nelson, passado o período de luto, chamou Dona Lola para solicitar que desocupasse o casebre, ela, que esperava por esse momento, tinha já definido o que ia fazer da vida. O senhor Nelson justificou o pedido dizendo que precisava de um casal que pudesse não só vigiar a propriedade, mas também fazê-la produzir e que, dessa forma, a presença ali de um caseiro que trabalhasse na terra era essencial para os seus “investimentos”.

– Eu entendo, seu Nelson. Já estava preparada para isso. Aliás, mesmo que o senhor me deixasse ficar, eu não poderia. Como eu faria pra cuidar de tudo e mais o neném que está vindo aí? Não tem jeito. Por isso, decidi voltar para a casa dos meus pais em Bragança. Lá eu posso arrumar algum emprego e os velhos me ajudam a criar o meu filho.

– Fico contente que a senhora já esteja encontrando um rumo. Não tenha pressa. Pode ficar aqui até arrumar todos os detalhes. O que precisar de mim é só pedir.

– Pra dizer a verdade, queria pedir só duas coisas...

– Pois fale, Dona Lola.

– Primeiro, queria pedir que o senhor me ajudasse a alugar a casa que o meu cunhado deixou pra gente lá em São Paulo. O Osvaldinho morreu quando estava indo lá pra ver esse negócio. Agora ficou tudo pra eu resolver. Se o senhor pudesse me ajudar...

– Mas é claro que ajudo. A gente pode combinar e eu levo a senhora lá. Vemos a casa, procuramos uma imobiliária... Quanto a isso, fique tranquila. E qual é o segundo pedido?

– Ah, seu Nelson, eu fico meio sem jeito de falar, mas só vou pedir porque sei que o senhor é um homem de bom coração, que nunca se apegou muito às coisas que tem...

O senhor Nelson ficou apreensivo. Achou que a mulher ia pedir dinheiro – uma boa quantia, suficiente pra recomeçar a vida. O que diria a ela? Sempre passou a imagem de uma pessoa boa e de ricas posses. Como poderia agora negar ajuda financeira a uma pobre viúva grávida que trabalhara tão fielmente para ele?

– Pois fale logo o que quer – disse o patrão desconfiado.

– É um pedido do coração... Queria saber se quando eu for embora posso levar comigo o Bernardo. Sei que é um cão de raça e que só gente rica tem bicho assim, mas eu me apeguei muito a esse cachorro. Ele foi meu companheiro e até me socorreu uma vez. Desculpe o pedido abusado, mas o senhor deixa eu levar ele comigo?

O homem suspirou aliviado.

– Deixo sim, Dona Lola. Mas cuide bem dele.

Dona Lola sorriu feliz da vida. Cuidaria sim muito bem do cachorro. E Bernardo continuaria a ajudá-la e o faria de modo inusitado. De fato, mesmo depois de morto ele mostraria à viúva do que os homens maus são capazes para fomentar, em benefício próprio, a mais tosca idolatria e a pior superstição.

* * *

A jovem viúva partiu de Munhoz numa manhã de domingo. Foi morar em Bragança, no bairro do Taboão, na casa dos pais. Ali deu à luz o bebê, um menino saudável, muito diferente de Sebastião. A criança também recebeu nome de santo: Francisco. Dona Lola o batizou na igreja católica, mas não deixou de levá-lo à Assembleia de Deus, onde pediu que orassem por ele e o ungissem com óleo consagrado.

Os pais de Dona Lola a receberam de braços abertos. Na verdade, nunca tinham aprovado plenamente seu casamento com Osvaldinho. Sabiam que ele era chegado à bebida e tinham certeza de que a filha ia sofrer. Porém, nos tempos de namoro, Dolores estava cega de paixão pelo “loirinho”, como o chamava; e é sabido que quando as moças entram nesse estado, são acometidas de um tipo de torpor que as cega e ensurdece. Aí, nada as demove do desejo de seguir em frente com o romance. O problema é que a cegueira e a surdez da moça apaixonada são passageiras. A cura vem pouco tempo depois do casamento – uma cura indesejada que fere mais que as próprias doenças e que chega muito tarde. Foi o que aconteceu com Dona Lola. Só Deus sabe o quanto ela se arrependeu por ter se casado com o “loirinho”. Só Deus sabe o quanto se lamentou quando, enfim, passou a ver e a ouvir de novo.

No fundo, no fundo, os pais de Dona Lola celebraram a morte de Osvaldinho. É claro que nem para si mesmos eram capazes de admitir isso. Mesmo assim, o senhor Arlindo e Dona Judite sentiam-se aliviados, pensando que fim teria aquele bebê, caso fosse criado no meio do mato por um roceiro ignorante que não saía do boteco. Lembravam de Sebastião...

No retorno à casa paterna, Dona Lola realmente melhorou de vida. A casa no bairro do Taboão era pequena, mas tinha um quarto só para ela e para o bebê. O senhor Arlindo era peixeiro e com seu trabalho supria com poucos percalços as necessidades da casa. Ele comprava pescados no mercado municipal e os vendia durante as manhãs com uma carroça. “Vai pescada boa? Vai peixe?”, gritava enquanto seguia devagar pelos bairros da cidade. Ao ouvir o anúncio, as mulheres vinham para fora trazendo pequenas bacias ou outros recipientes. Seu Arlindo, então, pesava o que pediam numa velha balança de pratos, cobrava e seguia em frente, enquanto as mulheres voltavam para casa com as vasilhas cheias de sardinhas, tilápias e lambaris. Algumas vezes, o senhor Arlindo levava Bernardo consigo em seus trajetos, mas isso somente quando o cachorro entrava na carroça, dando a entender (segundo interpretava o velho) que queria ir com o peixeiro. O senhor Arlindo o levava nessas ocasiões, mas sempre com certa má vontade, pois achava que cachorro espantava a freguesia, assustando as mulheres.

O lucro do carroceiro era pequeno, mas certo e constante. E ainda havia a ajuda de Dona Judite. Ela costurava e sabia fazer isso muito bem. Tinha freguesia fixa para quem fazia consertos e peças simples de roupas, como vestidinhos e pijaminhas de crianças. Dona Lola a ajudava indo toda semana a uma feira próxima de casa, onde tentava vender algumas peças aos

donos das barracas de vestuário. Ela também participava do sustento da casa com o dinheiro procedente do aluguel do imóvel que tinha herdado.

Sim, com a ajuda do senhor Nelson e de Dona Dulcelina, a casa da Vila Santa Virgínia, em São Paulo, fora alugada. O casal tinha acompanhado a viuvinha até o local e falado com um corretor de imóveis do bairro. Na ocasião, diga-se de passagem, mostraram algum interesse pela região e até circularam por ali vendo “oportunidades de investimentos”, como dizia o senhor Nelson. Isso, porém, não vem ao caso. Pelo menos não nessa fase da história. O importante é que, então, Dona Lola passou a ter uma renda com a qual podia ajudar no sustento da família e ainda dar um suporte melhor às necessidades do pequeno Francisco.

Foi assim que a vida prosseguiu – serena, pacata, enfadonha –, numa mesmice da qual Dona Lola só conseguia sair quando ia à Assembleia de Deus. De fato, o hábito de frequentar os cultos assembleianos tornou-se forte na viuvinha depois que se mudou para Bragança. Isso porque ali ela experimentava emoções que agitavam um pouco sua vida sem graça. Especialmente nos momentos de oração, deixava-se envolver pelo choro dos suplicantes, pelos gritos de clamor e pela busca frenética e tumultuada do que diziam ser a manifestação do Espírito – o batismo do Parácleto prometido, acompanhado do falar em línguas estranhas.

Ela que já havia sido agraciada com a delícia dessa experiência, unia-se a outras pessoas pronunciando em voz alta palavras sem sentido e sílabas soltas que brotavam aos borbotões de sua boca. À medida que prosseguia mais e mais nesse exercício, a mente se esvaziava e se desfazia numa brancura como a das folhas de papel. Então Dona Lola se sentia arrebatada por uma sensação indescritível de calor espiritual e de desafogo em que qualquer preocupação, ansiedade ou medo desapareciam para retornar somente algumas horas depois.

Tão grande era o prazer desse arrebatamento que Dona Lola, muitas vezes, tentava experimentá-lo sozinha em casa. Ela aproveitava os momentos em que o pai estava trabalhando e a mãe fazendo algumas entregas para buscar o prazer que tanto a satisfazia. Nem sempre, porém, lograva provar as mesmas sensações. Nessas ocasiões, sentindo-se frustrada e até culpada por não conseguir mergulhar mais fundo no oceano espiritual que ansiava explorar, a mulher clamava com empenho ainda maior, elevando a voz, contorcendo o rosto, emitindo gemidos, balbuciando quase apavorada os sons da sua língua estranha, tentando a todo custo sentir o calor do fogo no peito, o alívio do sopro na alma, o êxtase celeste perpassando todo o corpo.

Esses esforços renovados porém, muitas vezes eram definitivamente inúteis. Nenhum doce sentimento advinha então à viúva e ela, enfim, desistia, pensando em empreender nova busca no dia seguinte ou depois. Como eventualmente tinha êxito, sempre realizava essas iniciativas, sem perceber que cada vez mais precisava de emoções. O que já havia provado se tornava insuficiente. Carecia de sensações novas e mais fortes. Era óbvio que para obtê-las tinha de se empenhar com disposição maior. Com efeito, Dona Lola vivia um processo viciante. Para ela, dois ou três tragos da gostosa bebida da vibrante comoção não eram mais suficientes para saciá-la. Precisava de garrafões e de barris. Não morreria nem enlouqueceria se não os tivesse. No entanto, como todo vício, esse também deixaria suas marcas.



Capítulo 15

A CARROÇA VAZIA

O dia amanheceu ensolarado. Prometia, contudo, ser monótono como sempre, com o som rotineiro da máquina de costura de Dona Judite enchendo a casa. Esse som que se iniciava sempre às seis da manhã era o despertador diário de Dona Lola. Ela então se levantava, verificava se Francisco (ainda dormindo) estava bem, vestia-se e ia à cozinha para se servir do café da manhã. A essa altura, o senhor Arlindo já tinha saído com a carroça para abastecê-la no mercado. Tentava vender todo o peixe adquirido ainda antes do meio-dia.

Nos últimos três anos, praticamente todas as manhãs tinham sido assim. Naquele dia, porém, as coisas iam mudar. Pouco depois do café, enquanto realizava pequenos serviços domésticos, Dona Lola ouviu alguém chamando ao portão. Era Luizinho, um garoto de uns doze anos que morava na casa vizinha. Trajava uniforme escolar, mas, pelo jeito, estava bem atrasado para o início da aula. O menino parecia um tanto apreensivo:

— Oi, Luizinho. Está tudo bem?

— Bom dia, Dona Lola. Desculpe chamar, mas eu vi algo estranho quando estava indo pra escola e achei melhor voltar pra lhe dizer.

— O que foi? Pode falar...

— É a carroça do seu Arlindo. Ela está parada lá na estrada que vai pra rodovia nova, mas o seu Arlindo não está nela. O Bernardo está lá. Tem vários cachorros querendo chegar perto, mas ele não deixa. Parece que está vigiando a carroça. De cima da ponte dá pra ver.

A rua em que Dona Lola morava fazia um declive acentuado quando se aproximava do fim, conduzindo ao espaço largo coberto de grama rala que margeava o rio logo adiante. Mais à frente situava-se a ponte – uma estrutura larga e arqueada feita de madeira, suprida em ambos os lados com um guarda-corpo oscilante. Transpondo a ponte e cruzando o vasto terreno marginal, chegava-se à beira de uma estrada não pavimentada que saía da distante estação de trem à esquerda e seguia cortando em arco uma vasta planície à direita. Terminada a ampla curvatura, a estrada avançava reto ladeada por altos eucaliptos até o ponto em que entrava na mata, chegando logo depois à rodovia.

Para ir ao mercado, seu Arlindo não seguia por essa estrada, mas apenas a atravessava, entrando então numa larga rua de paralelepípedos logo em frente que, numa elevação pouco acentuada, levava até o centro da cidade. Naquele dia, porém, conforme se via, a carroça do peixeiro não subira a rua de paralelepípedos, mas tomara a direita na estrada de terra e estacionara ao fim da curva, pouco antes dos eucaliptos. De cima da ponte, Dona Lola, Dona Judite e Luizinho a viram. E viram também Bernardo rosnando para três ou quatro cachorros magros e vadios que tentavam se aproximar, atraídos não se sabia pelo quê.

Perplexas, as mulheres entreolharam-se.

— Cadê o pai?

— Tem coisa errada ali, filha. Vamos lá ver.

E, voltando-se para o menino, Dona Judite continuou:

— Luizinho, vá chamar o seu pai porque a gente não sabe o que aconteceu e talvez precisemos de ajuda. Peça também pra sua mãe olhar o Francisco que está dormindo.

Luizinho obedeceu. As mulheres correram o mais que puderam e, à medida que foram chegando perto da carroça, começaram a chamar por Arlindo.

Bernardo continuava a cercar os cães vadios que tentavam se aproximar, ainda que a chegada das mulheres os tivesse espantado um pouco. Elas olharam rapidamente dentro da carroça e não

viram nada de anormal. O rosnar e os latidos de Bernardo voltaram a chamar sua atenção e elas afugentaram, enfim, os cachorros. Então Bernardo acalmou-se e, acolhido por Dona Lola, começou a ganir cansado, triste, choroso.

— Cadê o pai, Bernardo? Você quis vir com ele hoje, não é? Cadê ele?

Dona Judite olhava ao redor e repetia:

— Mas aonde é que esse homem se meteu?

A carroça estava parada ao lado de um charco, à margem esquerda da estrada, metade dela fora do leito e um pouco tombada. Bernardo a rodeou e inclinou-se olhando para o charco e ganindo.

— O que foi Bernardo? – disse Dona Judite.

Então, mãe e filha viram o que o cachorro tentava mostrar. Ali, à beira do brejo, estava Arlindo, olhos esbugalhados, o corpo jazendo na lama fétida.

“Meu Deus! Meu Deus!”, gritaram enquanto lançavam-se no lodo.

Dona Judite, imersa quase até a cintura no barro, levantou a cabeça do marido e tentou despertá-lo com tapinhas no rosto. Dona Lola quis levantá-lo e, num esforço inútil, puxou o corpo do pai para tirá-lo daquele tremedal pútrido. Desesperadas, ora empurravam o corpo, ora tentavam arrastá-lo sem sucesso algum. Cobertas de lama, as duas choravam, gemiam, clamavam em alta voz, pedindo a ajuda de Deus.

E Deus as ouviu! Pois o pai de Luizinho chegou correndo. Ouvira os gritos enquanto ia até o local apontado pelo menino e se apressara. Luizinho chegou com ele e, vendo aquela cena espantosa, parou atônito.

— Não olhe, meu filho, não olhe! – disse o homem enquanto entrava no charco.

— Acuda, seu Getúlio. Pelo amor de Deus!

Getúlio não era um homem muito forte, mas foi capaz de puxar Arlindo para fora do lamaçal e esticar o corpo à beira da estrada, com a ajuda das mulheres em pranto. Estava aturdido e desorientado. Sem saber o que fazer, massageava o peito do peixeiro, mas em vão — ele permanecia imóvel.

O menino, assustado, livrando-se do assombro inicial, saiu correndo a espalhar a notícia. Logo o local encheu de gente. Alguém puxou a carroça para o outro lado da estrada e todos formaram um círculo em torno das mulheres que, cobertas de lama junto ao charco malcheiroso, soluçavam debruçadas sobre o cadáver sujo, numa cena de calamitosa miséria e aflição.

Os cães vadios voltaram, mas Bernardo não demonstrou mais qualquer perturbação.





Ali, à beira do brejo, estava
Arlindo, olhos esbugalhados,
o corpo jazendo na lama fétida.

Capítulo 16

A MORTE DE BERNARDO

O impacto da morte do senhor Arlindo sobre o espírito de Dona Judite e Dona Lola demorou muito para passar. As intrigantes perguntas que o caso levantava deixavam as mulheres ainda mais desoladas. O que havia acontecido, afinal? Hipóteses terríveis vieram-lhes à mente. Teria o pobre homem sido assassinado? Não. A própria polícia afastara essa ideia. Não havia sinal nenhum de violência no cadáver. A morte tinha sido natural.

Em breve, porém, teorias bastante razoáveis foram propostas. A mais convincente foi a seguinte: Arlindo fora vítima de uma parada cardíaca quando seguia para o mercado naquela manhã (aliás, ele havia se queixado de mal-estar e de dores no peito no dia anterior). Agonizando, ele recostou-se na lateral da carroça e morreu, soltando as rédeas. O cavalo, então, seguiu em frente evitando a leve ladeira que conduzia à cidade e seguindo na direção da grama verde que flanqueava o charco adiante. Chegando ali, saiu da estrada fazendo a carroça tombar em solavanco para a esquerda. Foi quando o defunto caiu e rolou para dentro do lodo onde ficou por mais de uma hora, tempo suficiente para atrair os cachorros vadios que vieram vilipendiar o cadáver. Não fosse por Bernardo, só Deus sabe em que estado o corpo teria sido encontrado.

Essa hipótese logo foi acolhida como fato e as mulheres se consolaram na certeza de que seu Arlindo não havia sofrido muito ao morrer. Elas encontravam alento também no papel da providência que, naquela manhã fatídica, havia disposto Bernardo a subir na carroça para acompanhar o peixeiro em seus últimos momentos, servindo-lhe, enfim, como guardião ao impedir que seu corpo fosse aviltado.

Sobre o leito desses pensamentos, as mulheres descansaram e a vida prosseguiu em sua rotina, os anos avançando meio sem rumo, como a carroça de Arlindo no dia da sua morte.

O despertar ao som da máquina de costura, as idas à igreja, as experiências com línguas estranhas, a criação de Francisco, que contava agora com oito anos de idade... Nisso resumia-se a vida de Dona Lola. Com efeito, somente mais um episódio agitou seus pensamentos naquela fase tão monótona: a morte de Bernardo.

O cachorro passara a sofrer de uma doença estranha e incurável. Não movia as pernas de trás e babava o tempo todo. Quase não comia e rosnava quando alguém chegava perto dele. Os vizinhos diziam para Dona Lola ter cuidado, pois podia ser uma doença contagiosa e ela tinha um filho ainda pequeno que jamais resistiria caso fosse vítima de enfermidade tão grave.

Dona Lola apavorou-se. Lembrou-se de Sebastião. Tinha de tomar alguma providência. Hesitante, chamou um homem das redondezas conhecido por sua disposição e habilidade em acabar com o sofrimento de animais muito doentes.

— Eu faço o serviço bem depressa, Dona Lola — disse o homem. — O bichinho nem vai sentir. Sei onde atirar. É rápido e eu mesmo enterro o coitadinho pra senhora. Depois a senhora só me dá uns trocados, se puder...

— É bom mesmo. Esse cachorro é muito especial pra mim. Se eu pudesse lhe dizer... Não é um bicho normal. É como um anjo que Deus mandou pra me proteger. Já chorei muito por causa do estado dele, mas não tenho o que fazer. Tenho medo por causa do Francisco. Essas doenças estranhas... A gente nunca sabe.

— Eu entendo, Dona Lola. A senhora tem razão, mas é melhor sacrificar o bichinho que já está sofrendo tanto do que expor a saúde da senhora, da sua mãe e do menino. E é como eu lhe disse: o cachorro não vai sentir nada. Eu atiro no ponto certo e pronto.

Na verdade, aquele homem não usava arma de fogo. Munição custa dinheiro e ele jamais usaria

uma bala para matar o cachorro vira-latas de quem quer que fosse. Seu método era bem diferente. Ele arrastava o animal até a beira de uma ribanceira não muito distante e, com um pesado porrete de pau, esmagava seu crânio. Depois jogava a carcaça ribanceira abaixo, evitando o trabalho de enterrar. Aves e animais de rapina faziam o resto do serviço.

— Então venha buscá-lo amanhã – disse Dona Lola. – Quero ficar com o Bernardo só mais um dia.

— Está certo. Amanhã cedo eu passo aqui. Até logo.

Ao anoitecer, Dona Lola foi ver Bernardo em sua casinha, no fundo do quintal. Ali, desolada, ela se despediu dele.

— É, meu santinho protetor... Tá chegando a sua hora e você vai me perdoar pelo que vou fazer, mas não posso deixar você sofrendo assim.

Bernardo, deitado dentro da casinha, olhava para sua dona apático, a pesada cabeça descansando sobre as patas.

— Você foi uma dádiva do céu. Teve até profecia na igreja sobre você. Quando Osvaldinho queria me bater, era você quem me protegia. Naquele tempo de desgraças, eu só tinha você como amigo. Depois, você cuidou do meu pai e não deixou aqueles cachorros vadios bulirem com o corpo dele. É mesmo uma pena você acabar assim.

E sua voz se esvaiu... Recompondo-se depois de muito chorar, Dona Lola foi para casa. Não jantou. Deitou-se cedo, deixando Francisco aos cuidados da avó. Foi-lhe custoso adormecer, pois tinha o estômago vazio e a cabeça cheia demais.

* * *

Na manhã seguinte, o matador bateu à porta de Dona Lola. Ela o conduziu até a casinha de Bernardo. O cachorro, porém, estava morto. Expirara durante a noite, vencido pela doença.

Para Dona Lola, foi um alívio, pois não teria de lidar com nenhum sentimento de culpa. Para o matador, contudo, foi uma decepção, pois dessa vez teve de se dar ao trabalho de cavar um buraco junto à cerca e sepultar ali a carcaça enorme de Bernardo. Resmungou bastante quando se viu sozinho com a enxada na mão e, para compensar o dissabor, fez uma cova rasa.



PARTE 2

Capítulo 1

AS OVELHAS DO BEM

O pastor Jerônimo Altino assumiu a liderança da Igreja Batista de Parque São João, em São Paulo, no mês de março de 1974 e ministrava ali havia cerca de dez meses quando ocorreram os eventos que dão sequência a esta história.

A referida igreja era pequena. Contava com cerca de oitenta membros. Se alguém quisesse descrever o perfil geral daquela comunidade, não poderia dizer que seus membros eram todos pessoas pobres ou de pouca formação acadêmica. É claro que alguns crentes ali eram de classe bem baixa, mas, considerando as condições que vigiam à época, é justo dizer que a maioria desfrutava de uma situação financeira e social equilibrada – o tipo de gente que talvez passasse algumas vontades, mas poucas necessidades. Também era o tipo de gente que havia frequentado a escola pelo menos nos primeiros anos, mas que tinha abandonado cedo os estudos. Somente um estrangeiro que congregava ali, um americano, tinha curso superior.

Quando foi empossado na Igreja Batista de Parque São João, Jerônimo Altino tinha 33 anos. Ele era moreno, um pouco corpulento e de estatura mediana. Trajava sempre um terno cinza-escuro, mas durante a semana dispensava a gravata. Sua esposa era a irmã Jandira, uma senhora robusta, com o cabelo sempre armado por causa dos altos penteados fixados com laquê. Usava óculos de armação metálica e lentes esverdeadas. Só trajava vestidos, a maior parte deles floridos e todos muito simples. Via-se de pronto que era uma mulher bem pouco vaidosa.

Jerônimo era uma figura não muito simpática. Na maior parte das vezes apresentava-se como um homem grave e austero. Também dava mostras de altivez e, não raro, deixava transparecer certa impaciência no trato com as pessoas. Era, contudo, um homem justo e verdadeiro. Nada se podia dizer contra sua conduta e reputação.

Dona Jandira, por sua vez, era a doçura em pessoa. De fato, não havia na terra criatura mais serena, sensata e piedosa do que ela. Era uma cristã de verdade. Amava a Deus acima de tudo e servia-o de coração. Mostrava cuidado com os irmãos da igreja, dando-lhes sempre atenção e conselhos, levando a todos, quando tinha oportunidade, uma palavra de encorajamento mesclada com versículos decorados da *Bíblia* e jargões evangélicos que repetia sempre com sinceridade – não de forma mecânica como muitos crentes faziam. Sua prudência e moderação eram reconhecidas por todos, inclusive pelo marido que, sem perder as rédeas do lar, dava-lhe sempre ouvidos e raramente tomava qualquer decisão sem antes ouvir suas impressões.

O casal tinha um filho pequeno chamado Samuel. Era um garotinho de apenas cinco anos, bastante tímido, mas também muito inteligente. Aprendia tudo bem depressa e, até onde permitia a simplicidade infantil, captava as coisas no ar, percebendo quando algo ia mal ou a família estava enfrentando alguma crise. Samuel era muito comportado e obediente, uma prova incontestável do bom desempenho dos pais na realização de seus papéis.

Quando Jerônimo Altino se tornou pastor em Parque São João, a família foi morar na casa pastoral, a três quarteirões da igreja. Essa casa fora edificada num terreno caído para os fundos, o que lhe dava mais privacidade, impedindo que olhos curiosos vasculhassem seu interior. Uma rampa íngreme descia desde o portão de entrada e conduzia até uma pequena varanda cujo piso era de cacos vermelhos de cerâmica e as paredes cheias de vasos de samambaia. A porta de entrada da casa, protegida pela varanda, era adornada com alguns relevos na madeira e com um postigo pivotante cujo vão era fechado com vidro texturizado e decorado com uma grade de ferro floreada ao estilo de arabescos.

Quem entrava por essa porta principal via à esquerda o espaço aberto da sala de estar e à direita

a porta de acesso à cozinha. À frente, um corredor estreito levava a dois quartos: o do casal à esquerda e o do menino à direita. Ao fim desse corredor ficava um pequeno banheiro.

Essa modesta casa tinha sido construída havia alguns anos pela igreja que, carinhosamente, também a guarneceu com móveis e até com um aparelho televisor – tudo para atender as necessidades dos pastores que, ao longo dos anos, viessem servir àquela comunidade.

Nessa casa, como foi dito, Jerônimo Altino foi morar com sua família quando assumiu o pastorado da Igreja Batista de Parque São João, uma igreja que, após cerca de um ano atuando ali, o sisudo ministro da fé dizia ser integrada por “ovelhas do bem” e “ovelhas do mal”.

Quem eram, segundo o pastor, as ovelhas do bem? Sem dúvida alguma, esse grupo era formado pela maioria dos membros, mas algumas pessoas merecem destaque.

A primeira delas, com certeza, era o viúvo Marvin Cottrel, um americano solitário de uns sessenta anos. Marvin vivia alegre, cumprimentando a todos com um sorriso contagiante. Gostava de fazer pequenos serviços na igreja e, por isso, sempre era visto consertando, limpando, arrumando ou reformando algo. O irmão americano era loiro, alto e magro. Tinha boa aparência, mas uma grande cicatriz em sua face chamava atenção. Ninguém sabia como ele havia conseguido aquele corte e Marvin nunca tocava no assunto. Alguns irmãos supunham que fora decorrente de algum acidente de trabalho, considerando o empenho daquele homem nos serviços mais rudes.

Além do “mistério” da cicatriz, Marvin era cercado por obscuridades imaginárias. Como nunca falava sobre seu passado, os membros da pequena comunidade criavam histórias. A mais comum era a de que ele era um espião da CIA infiltrado no Brasil com o objetivo de detectar pessoas e grupos comunistas. Outros, especialmente as ovelhas do mal, diziam que ele era um criminoso foragido que viera se esconder no Brasil – a cicatriz seria resultado de sua violenta vida pregressa. Alguns também diziam que ele tinha sido um grande e riquíssimo empresário, dono de um império industrial gigantesco nos Estados Unidos, mas que, com a morte da esposa, desgostara-se da vida e, abandonando tudo, viera refugiar-se no Brasil, adotando uma vida simples.

A verdade, porém, é que Marvin tinha nascido em Nova Jersey e, ainda criança, viera com os pais missionários para estas terras, sendo criado numa pequena cidade do Rio Grande do Sul chamada Kaloré. Mesmo morando desde criança no Brasil, mantivera o sotaque americano, pois seus pais o isolavam das demais crianças com medo de que ele acolhesse a cultura “inferior” dos sulamericanos. Com o passar do tempo, porém, o inevitável aconteceu. Cottrel, já na adolescência, fez amigos em Kaloré e, adulto, casou-se com uma brasileira para desgosto dos pais.

Aqui não convém narrar os demais fatos ligados à vida de Marvin Cottrel, mesmo porque é possível que mereçam um livro à parte. Contudo, talvez seja bom destacar somente um detalhe curioso acerca desse notável personagem: Cottrel dominava a língua portuguesa melhor do que a maioria dos irmãos da igreja. Na verdade, era apaixonado pelo idioma desta terra e conhecia como ninguém a literatura clássica brasileira e portuguesa. Seu autor preferido era Machado de Assis. Lia e relia com encanto as suas obras, só se debruçando com mais frequência sobre as *Escrituras*, das quais sabia muitas partes de cor.

Outra ovelha do bem era o irmão Nilson Barbosa. Alguns o chamavam de “pastor”, pois tinha liderado uma congregação no interior do Mato Grosso antes de chegar com a família a São Paulo. Nilson era um homem magro e bastante doente. Tinha sérios problemas no coração. A pobreza ao longo dos seus quarenta e três anos de vida tinha impedido que se tratasse de modo adequado e, por isso, parecia mais velho do que realmente era. Sendo negro e nitidamente

debilitado em sua saúde, era vítima de fortes discriminações, não conseguindo encontrar um bom emprego na cidade grande. Por isso, ganhava a vida fazendo pequenos consertos em aparelhos eletrônicos, usando um canto do pequeno porão em que morava como oficina. Apesar de tudo, o pobre homem levava a vida satisfeito. Era comunicativo, simpático e ponderado. Somente algumas ovelhas do mal não gostavam muito dele, mas se lhes perguntassem a razão, não saberiam responder.

O irmão Nilson era casado. Sua esposa, também negra, era tão fechada e distante que quase ninguém conversava com ela. Tinha vergonha de falar e de sorrir. Só Dona Jandira lhe dava maior atenção e poucos sabiam o seu nome.

Estevão, de doze anos, e Lúcia, de sete, eram os filhos do irmão Nilson e de sua esposa. A menina puxara o pai e era mais faladeira. Já Estevão tinha a timidez da mãe e dava a impressão de ser uma criança triste. Isso se devia, em parte, a um sonho que nutria havia muito tempo. Estevão queria um violão. Esse era o seu sonho. E sempre que via alguém da igreja tocando esse instrumento, aproximava-se em silêncio, ansioso para, pelo menos, segurá-lo ou tanger brincando as suas cordas. O pai, porém, parecia não envidar esforço algum para realizar o desejo do menino. Antes, em face de seus pedidos, dizia apenas:

— Tenha paciência! Quando você completar quinze anos, então terá seu violão.

Talvez o pastor Altino hesitasse um pouco antes de concordar com a afirmação de que Aurélio Augusto dos Santos era uma ovelha do bem. Ele contava com vinte e um anos de idade quando o pastor o conheceu e era o único crente em sua casa. Seus pais e dois irmãos mais novos visitavam eventualmente a igreja a seu convite, mas nunca se comprometeram com a fé evangélica. Eram tradicionalmente católicos. Aliás, para justificar sua permanência no romanismo e, ao mesmo tempo, criticar sutilmente Aurélio, diziam sempre que “é errado deixar de seguir a religião dos pais”.

Aurélio, contudo, deixara de vez a religião dos pais. Dono de uma inteligência singular, o moço, já na adolescência, mergulhara na leitura dos santos, dos místicos e dos teólogos do passado, motivado, a princípio, pela mesma tradição de família a que seus pais se apegavam. De início encantara-se com a sensação de que estava no caminho certo, andando sob a sombra dos doutores da igreja mais antigos. No entanto, passando a estudar Santo Agostinho, sentiu-se inquieto com sua história de conversão e decidiu, tal como o bispo de Hipona, obedecer à ordem que dizia teimosa “*tolle, lege*” (toma e lê). Então, passou a se debruçar sobre as *Escrituras*, fazendo descobertas intrigantes que o levaram a suspeitar da fé católica. A partir daí decidiu analisar os motivos de quem era contrário a essa fé e voltou-se para as obras dos reformadores do século 16. Foi o golpe final no edifício já abalado de suas convicções papistas embrionárias.

Aurélio deixou o catolicismo e passou a procurar uma igreja de tradição protestante para desespero da família. Chegou, enfim, à Igreja Batista de Parque São João, três anos antes de o pastor Altino assumir o ministério ali. Em breve, dando mostras de uma fé viva e transformadora, ganhou destaque entre os demais jovens da igreja e galgou depressa a liderança da mocidade.

Por que o pastor Altino não se simpatizava muito com um jovem tão brilhante e devotado como Aurélio? A razão era conhecida por todos. Aurélio, ainda que fosse regido por ideias e sentimentos espirituais solenes e profundos, tinha uma fraqueza que aflorou ao tempo em que Jerônimo Altino assumiu o ministério naquela igreja. Essa fraqueza era o orgulho intelectual. Isso, somado à ousadia e à audácia próprias da juventude (além, certamente, de uma velada antipatia pelo novo líder da igreja), fez com que o jovem não demonstrasse, a princípio, muita cautela no trato com o pastor durante os primeiros meses do seu ministério em Parque São João.

Entusiasmado com as descobertas que dia após dia fazia em suas leituras dos reformadores, impulsionado pelo desejo de ser reconhecido e desejoso de expor as limitações do ministro que parecia tão cheio de si, o jovem questionava publicamente as posições teológicas que Jerônimo Altino defendia em suas aulas na escola dominical.

Esses questionamentos deixavam Altino muito irritado, sentindo que sua autoridade como mestre da igreja era ameaçada toda vez que se mostrava em dificuldades para se desvencilhar das questões difíceis que Aurélio lhe propunha diante de todos.

— O senhor disse que Deus nos deu o livre-arbítrio para decidir se queremos obedecê-lo ou não, certo? E disse que se não fosse assim, seríamos como marionetes e Deus, como um tirano, não mostraria respeito algum pela nossa liberdade.

— Certo – respondia Altino com hesitação.

— Diante disso, eu tenho uma pergunta: No céu nós teremos livre-arbítrio, podendo decidir entre servir a Deus ou abandoná-lo? Ou na glória celeste não teremos essa opção?

Altino engolia em seco e caminhava melancólico e consciente para a armadilha óbvia da qual percebia ser impossível escapar.

— No céu – respondia friamente –, não teremos como nos rebelar contra Deus, mas precisamos lembrar que...

— Então no céu não teremos o tal livre-arbítrio.

— Não, não teremos. Mas é diferente...

— Logo, seremos como marionetes e Deus, como um tirano, vai desrespeitar nossa liberdade por toda a eternidade, certo?

— Não. Longe disso...

— Longe disso? Então a condição celeste mostra que é possível Deus limitar a liberdade de alguém e nem por isso se tornar um tirano que desrespeita a pessoa ou a transforma num fantoche, não é? Afinal de contas, ele faz isso com os crentes que estão no céu e o fará por toda a eternidade, concorda?

— Sim, eu concordo. É claro.

— Então, agora me explique por que, na visão do senhor, quando Deus faz isso com os santos no céu ele age certo e quando faz a mesma coisa com os homens na terra ele age errado.

Altino enlouquecia, continha-se e, por meio de suspiros e claras expressões faciais, dava mostras de sua impaciência. O jovem, porém, parecia não se importar. Tinha grande capacidade de raciocínio, mas pouco tato. Sequer levava em conta o fato de não ser somente o pastor quem demonstrava estar incomodado com suas intrusões, mas também a maior parte dos alunos da classe de adultos da escola dominical. Com efeito, quase todos consideravam aqueles debates inúteis e achavam que Aurélio, com suas constantes interrupções, somente atrapalhava o andamento da aula. Ao que tudo parecia indicar, Aurélio caminhava no rumo de se tornar uma pessoa indesejada, do tipo que, quando chega, causa descontentamento geral. Isso se não ocorresse algo pior, com o pastor Altino acusando Aurélio de causar tumulto na igreja, desafiando a liderança pastoral e promovendo doutrinas perigosas.

De fato, esse seria mui provavelmente o desfecho de tudo, não fosse a intervenção sábia de Marvin Cottrel. Ele, que assistia a esses debates em silêncio, chamou certa vez o jovem e lhe disse mansamente que seus pensamentos teológicos não eram errados; que era natural que um grande entusiasmo tomasse conta do coração dos crentes (em especial os mais jovens) ao aprenderem as doutrinas defendidas pelos reformadores; que as tendências que Aurélio vinha demonstrando desembocavam no que é tecnicamente chamado de “doutrinas da graça” ou calvinismo; e que ele próprio acolhia essas doutrinas e as considerava pérolas do ensino paulino.

— Mas – disse com seu sotaque americano –, a forma como você age, meu querido irmão, é errada. Desculpe se pareço severo demais ao falar assim, mas é com temor e tremor que lhe digo essas coisas; não como se quisesse ocupar o lugar de mestre, mas como um servo de Cristo que pretende com sinceridade auxiliar uma ovelha preciosa que, segundo vejo, está caminhando no rumo de um grande espinheiro. Note bem: você, com todos os seus questionamentos durante as aulas da escola dominical, passa a impressão de querer desafiar o pastor e faz, assim, com que ele se sinta desrespeitado. Com isso, em vez de conquistar espaço para propagar com amor e sabedoria o que tem aprendido, acaba obtendo o contrário. Você perde espaço e ganha a antipatia da igreja.

Aurélio tentou argumentar. Balbuciou gaguejante o que deveria ser o início de algumas frases, mas Marvin Cottrel se fez de surdo e prosseguiu sereno e grave, fazendo Aurélio se render aos poucos diante da sua sabedoria singela e das suas palavras humildes e penetrantes.

— Talvez você não goste do jeito do pastor. Talvez você o considere altivo e orgulhoso e pode até ser que tenha alguma razão nessa sua forma de avaliá-lo. Mesmo assim é preciso ter cuidado! Pois, talvez, você não odeie exatamente o orgulho que porventura haja no coração do nosso pastor. Pode ser que você simplesmente não suporte a ideia de alguém pensar que é superior a você.

Aurélio, agora cabisbaixo, permanecia calado, enquanto Cottrel não somente apontava seus erros notórios, mas também o desnudava, expunha seus segredos vergonhosos e, enfim, o açoitava docemente com a torturante chibata da verdade.

— Não tenho autoridade pastoral sobre você, mas o amor que, diante de Deus, nutro pela igreja, me constrange a dizer essas coisas. Você precisa mudar, meu irmãozinho. Se quer mesmo fazer a verdade brotar e se espalhar, tem de agir de modo diferente. Não se colhem uvas com pauladas...

Ouvindo, assim, uma espécie de pai amoroso que se curva para aconselhar o filho pequeno e imaturo, Aurélio viu-se gradualmente diante da própria iniquidade e insensatez. Com efeito, enquanto o velho falava, o moço foi percebendo, envergonhado, a imensa tolice da crença que nutria em sua grandeza e, aos poucos, reconheceu no coração quão grotesco era o papel que vinha desempenhando diante de todos – um papel tão pueril que beirava o ridículo, despertando mais o desprezo das pessoas do que o respeito que tanto almejava. Com o peito um tanto apertado, o jovem ouviu o desfecho da admoestação de Cottrel.

— Está vendo essa grande cicatriz? – continuou Cottrel um pouco hesitante e elevando a mão até o rosto. – Eu a ganhei porque alguém entendeu mal essas doutrinas que você está estudando... É uma longa história, mas o que quero dizer é que, se você não for humilde, amoroso, paciente e cuidadoso no ensino da sã teologia, poderá causar mais danos ao Reino de Deus do que benefícios. Poderá, em sua rigidez, despertar revolta, inconformismo, ódio e até apostasia... Aprenda, meu querido irmãozinho: o pão santo da *Palavra* deve ser servido aos irmãos na mesa da paz, da comunhão e da concórdia, não no caldeirão do orgulho, da aspereza e da provocação. Pois o doce Espírito de Deus não convence os corações usando a ironia amarga da língua, nem o raciocínio lógico da mente afiada, mas sim a branda docilidade do coração dependente que, de todos os argumentos, é o que menos se pode resistir.

Aurélio sentiu o espírito em frangalhos. Todo seu orgulho desmoronou e ele, que tantas vezes quis passar a imagem de alguém que vivia sob o total controle da razão, rendeu-se ferido sob os golpes da verdade pura, permitindo, enfim, que a grande tristeza da sua alma arrependida extravasasse, livre de qualquer controle ou contenção. Sem dizer palavra, lançou-se aos braços do velho conselheiro e chorou aos borbotões. Marvin Cottrel permitiu que o jovem desse livre

curso às lágrimas até que, com algumas palavras de conforto e uma breve oração, despediu-o taciturno... Taciturno e plenamente curado.

Foi assim que Aurélio Augusto dos Santos, que já era uma ovelha do bem, tornou-se, afinal, uma ovelha ainda melhor, apesar de o pastor Altino, mesmo percebendo a mudança do seu comportamento, jamais deixar de olhá-lo com desconfiança.

Entre as principais ovelhas do bem há apenas mais uma que merece destaque: Brenda Livorno, a moça mais bonita da igreja. Brenda tinha cabelos negros, pele clara, traços delicados. Sua beleza e seu sorriso perfeito atraíam a atenção de qualquer pessoa. Naturalmente, ela povoava os sonhos dos rapazes da igreja, inclusive Aurélio, de todos, o mais apaixonado. Marvin Cottrel, achando engraçado o modo insistente como a cortejavam, dizia, evocando Machado, que nenhum moço resistia aos seus “olhos de ressaca”. Com efeito, os olhos verdes de Brenda eram tão lindos e atraentes que seriam capazes de enfeitiçar até mesmo um homem de pedra. E ela sabia disso. E gostava disso.

Como toda moça bonita, Brenda não se apaixonava por ninguém. Em matéria de romances, deleitava-se apenas em observar o quanto os rapazes a desejavam e fazia o possível para manter acesa em todos a chama da paixão, no afã de, como rainha, jamais perder um súdito sequer.

Era assim que, cruel e impiedosa, lançava olhares para um jovem durante os cultos, sorria para outro numa roda de amigos, aparentava corresponder aos galanteios de outro num dado momento e, ao conversar com um moço, jogava frases vagas ao ar, frases que podiam ser interpretadas como um sinal de interesse por parte dela. “Eu não posso revelar meus sentimentos”, “Senti sua falta no domingo passado”, “Quem era aquela garota que estava com você?”... Dizendo coisas assim, Brenda enganava os rapazes fazendo-os pensar que a haviam conquistado e, mantendo-os numa prisão invisível e sem saída, fazia-os sofrer, controlando seus anseios, suas orações, seu estado de espírito, seus planos, seu modo de agir. Mesmo torturando assim os seus escravos, a moça não permitia que a consciência a incomodasse e, com artifícios e falsidades, mantinha intacto no espírito dos rapazes da igreja e de fora um fio de esperança, um fio que jamais deixava se romper, posto que, vaidosa, deleitava-se em saber que a amavam e que sofriam por ela.

Por que, então, Brenda era considerada por Jerônimo Altino uma ovelha do bem? Porque o pastor não testemunhara essas coisas. Quando chegou à igreja viu em Brenda uma moça que passava por intensas e rápidas transformações. Não era mais a garota de olhar lânguido que alimentava desejos ilusórios em homens obcecados. Não. Havia poucos meses sua postura tinha mudado e até as mulheres mais experientes da igreja, que a censuravam às ocultas por tratar os rapazes como “cachorrinhos”, haviam notado a diferença. De onde provinha tamanha metamorfose?

Isso decorreu de um episódio que vivenciou por ocasião da festa de aniversário em que comemorava dezenove anos. A família de Brenda – os pais e o irmão pequeno – fazia parte da igreja. Na verdade, Brenda havia crescido na Igreja Batista de Parque São João, tendo ali suas amizades mais antigas. Por isso, quando organizou sua festa de aniversário, convidou toda a mocidade para participar da comemoração que seria em sua casa, num sábado à noite.

Quase todos compareceram. Rapazes, moças, adolescentes, casais jovens, crianças e membros da liderança encheram a casa animando a festa. Os moços, como era de se esperar, trouxeram presentes nos quais haviam gasto valores além de suas possibilidades. Todos eles queriam impressionar a moça com seus mimos e anexavam aos belos embrulhos cartões ornamentados nos quais escreviam frases que, sutilmente, tentavam revelar paixões escondidas, sentimentos ardentes e sonhos audaciosos. Brenda recebia tudo fingindo ter sido atingida em seus afetos, fazendo cada rapaz suspeitar ingenuamente que a “estratégia do presente bonito” tinha aberto

uma brecha no coração dela.

Aurélio também compareceu. Ele que era líder dos jovens (e, é bom lembrar, um dos pretendentes de Brenda) não poderia faltar. Porém, durante a festa, o moço que, como os demais, sempre se mostrava nitidamente afetado pela presença de Brenda, agiu dessa vez com uma naturalidade que deixou a garota perturbada. Ele circulou livremente entre os diversos grupos que conversavam animados na sala e no quintal; não procurou, como sempre fazia, as olhadelas promissoras de Brenda e tampouco tentou chamar a atenção dela com gracejos ou atitudes artificiais. Num dado momento, quando seu olhar se cruzou com o dela, em vez de arriscar algum galanteio discreto, Aurélio simplesmente sorriu e acenou, como faria caso seu olhar desatento tivesse se cruzado com o de Dona Jandira, ou com o olhar do “pastor” Nilson.

Brenda quase não conseguiu esconder o incômodo. Apagou-se nitidamente e seus pais chegaram a pensar que ela não estava se sentindo bem.

— Não é nada. Só estou meio cansada. Acho que a correria dos preparativos me abateu um pouquinho.

Assim, desvencilhou-se das perguntas preocupadas da mãe e prosseguiu dando atenção aos convidados, enquanto sua mente formulava, teimosa, perguntas inquietantes: “Será que Aurélio não sente mais nada por mim?”; “Será que ele está interessado em outra moça?”; “Por que ele não trouxe nenhum presente?”.

Por fim, ainda no calor da festa, Aurélio se aproximou de Brenda para se despedir.

— Você já vai embora? É muito cedo. Mal cortamos o bolo!

— Tenho de terminar o estudo dos jovens para amanhã à tarde.

Brenda insistiu para que o moço ficasse mais um pouco, mas Aurélio foi inflexível.

— Então vou acompanhar você até lá fora.

Ambos seguiram até o portão. Antes de ir embora, Aurélio meteu a mão no bolso e pegou uma pequena caixa preta.

— Ah! Eu ia me esquecendo! Isto é pra você.

Brenda pegou gentilmente a caixinha. Abriu. Era um anel muito bonito ornamentado com uma pedrinha falsa. A moça mostrou-se surpresa e feliz. Agradeceu e foi logo pondo o anel no dedo.

— É lindo!

— Que bom que gostou.

— Só não gostei de ouvir você dizer que ia se esquecendo. Parece que não sou mais tão importante...

Brenda iniciava assim o velho jogo. Tentava revitalizar em Aurélio o que percebia estar se apagando. Queria o escravo, o súdito, o “cachorrinho” de volta. Afinal de contas, era-lhe inconcebível, inaceitável de fato, que um rapaz perdesse o interesse por ela.

— Brenda, você é muito importante pra mim. Você sabe disso e acho que já é hora de deixar de lado as sutilezas. Eu gosto de você. Gosto de você mais do que você será capaz de gostar de alguém um dia. Porém, eu não vou lutar pelo seu amor. Nunca mais farei isso. Nunca mais moverei um dedo sequer para obter sua atenção, sua admiração e seu afeto.

A garota mostrou-se espantada. Aquilo pareceu tão ousado e repentino! Aurélio não tremia ao falar. Mostrava firmeza, convicção e força. Acostumada que estava a joguinhos sutis, Brenda sentiu-se deslocada com tanta transparência e seriedade. Então, um tanto indignada, mas também contagiada pela sinceridade e intrepidez de Aurélio, revelou numa pergunta tímida o que realmente interessava ao seu coração egoísta:

— Por que você não vai mais lutar por mim? – Disse com a voz trêmula.

— Brenda, eu atinei finalmente para uma verdade que sempre estive diante dos meus olhos e

essa verdade me libertou. Eu percebi que o maior amor do universo, o amor do próprio Deus, me foi dado gratuitamente, sem que eu tivesse de lutar por ele. Se eu não tive de lutar pelo amor infinito e perfeito de Deus, por que teria de lutar pelo seu amor que é infinitamente finito e perfeitamente imperfeito?

No céu daquela noite escura, uma estrela caiu silenciosa, solitária. Brenda emudeceu... As palavras finais de Aurélio não lhe pareceram apenas uma construção criativa (e Aurélio era mestre em construções assim), mas, acima de tudo, uma tocha que punha fogo na palha de suas vaidades.

Ao longo daquela madrugada, a moça foi acometida de terríveis pensamentos. Comparou-se com uma nuvem negra que impedia que os homens vissem o sol fulgurante do amor de Deus. Sim, pois fizera os moços lutar e sofrer por seu afeto, nublando a verdade santa de que o amor verdadeiro é gratuito e se derrama incondicionalmente, fazendo sacrifícios, mas não os exigindo. Sentiu que blasfemara por longo tempo contra o Senhor, pois, sem dizer palavra, anunciara a mensagem de que seu amor era caro e que teriam de merecê-lo, quando nem o amor do Pai celeste era assim. Antes, o amor divino pagara muito, recebendo pouco ou nada, buscara sem ser buscado, flertara sem ser correspondido, convidara para sua festa, sem receber presentes, sangrara, afinal, num lenho tosco e grosseiro, sem nenhum bajulador à sua volta.

Nos dias que se seguiram, Brenda permaneceu quieta e reflexiva. Por algum tempo trancava-se no quarto, isolava-se e ria pouco. Semanas depois, mostrou-se, enfim, nitidamente alegre e sua postura mudou. Não era mais a garota de olhares provocantes. Nos períodos de conagração da igreja, ficava às vezes ao lado da mãe, evitando as rodas dos jovens onde as paqueras aconteciam e davam ensejo a conversas fúteis. Decidiu, meses mais tarde, voluntariar-se para dar aulas de *Bíblia* na classe de crianças, o que surpreendeu muita gente, já que Brenda jamais mostrara interesse por esse tipo de trabalho. Tornou-se, definitivamente, mais atenta aos sermões, mais sincera ao tributar louvores a Deus, mais amiga de todos, mais autêntica e verdadeira. A moça vazia, fútil e artificial deixara de existir para sempre. Brenda Livorno tornara-se uma ovelha do bem.



Capítulo 2

AS OVELHAS DO MAL

O pastor Altino não conheceu Hector Herrera. Quando ele chegou à Igreja Batista de Parque São João, Hector havia morrido fazia cerca de um mês. Era um colombiano de pele morena, estatura mediana, gordo e corpulento; o cabelo curto era abundante e espesso, assim como as sobrancelhas. Tinha a cabeça enorme, mas os olhos e orelhas eram pequenos, contrastando com o nariz meio achatado, os lábios carnudos e o queixo largo.

Hector era mal-humorado e grosseiro, incapaz de tratar os outros com simpatia. O forte sotaque espanhol soava áspero aos ouvidos de todos, fazendo com que a rude forma de se dirigir às pessoas parecesse ainda mais agressiva.

Ao tempo da sua morte, o colombiano trabalhava como gerente-financeiro num banco chamado Crefisul, de onde provinha seu excelente salário. Tinha automóvel, moradia própria e duas pequenas casas que alugava. Certamente, ele se estribava em sua privilegiada condição profissional e financeira para sustentar a postura orgulhosa e os modos indelicados. Sua esposa se chamava Agnes e seus filhos, de doze e dez anos, chamavam-se, respectivamente, Ananias e Atanásio. Agnes era brasileira e os dois meninos também. A família Herrera era integrada somente por ovelhas do mal.

Em vida, Hector fazia de tudo para ostentar sua superioridade social, sendo essa uma forma evidente de humilhar os irmãos. Diferente de outras duas ou três famílias da igreja que também eram de boa condição, os Herreras faziam questão de falar aos irmãos sobre suas posses, suas aquisições, suas viagens de férias, suas visitas às grandes lojas e suas idas a restaurantes. Até em seus pedidos de oração eles tentavam manter viva na mente da igreja a lembrança de que eram superiores financeiramente, rogando que intercedessem para que Deus os orientasse na compra de um carro mais novo, ou mostrasse para onde deveriam viajar no feriado prolongado.

Por serem crianças e, portanto, menos discretos em seu empenho em diminuir os outros, os filhos de Hector superavam qualquer figura intragável. Tanto que os dois meninos, Ananias e Atanásio, eram chamados pelos jovens de Satanias e Satanásio. Eles mereciam os apelidos. Eram garotos realmente odiáveis. Viviam brigando com as outras crianças, diziam palavras feias, perturbavam os coleguinhos durante as aulas da escola dominical e, sem que os pais jamais os corrigissem, geravam constantes reclamações por parte das professoras.

A vítima preferida de Ananias e Atanásio era Estevão, o filho do irmão Nilson. Eles zombavam especialmente dos sapatos do pobre garoto, comparando-os com seus tênis caros e modernos. Rindo de suas camisetas velhas, de seu suéter esgarçado, de sua surrada calça pula-brejo, do seu cabelo pixaim, da cor da sua pele e do seu jeito acanhado, Ananias e Atanásio chamavam Estevão de Jeca Podre e, sem pena ou piedade, falavam a ele, zombeteiros, dos doces que comiam, dos parques que visitavam e dos brinquedos que iam ganhar no próximo Natal.

Ocorreu, porém, que mudanças drásticas sobrevieram à família Herrera. Meses antes da posse de Jerônimo Altino no pastorado da igreja de Parque São João, Agnes pedira, durante uma reunião que era realizada nas noites de quarta-feira, que os irmãos orassem por seu marido. Disse que o departamento em que ele trabalhava no Banco Crefisul seria transferido para um prédio novo, na Praça das Bandeiras. Seguindo seu hábito de usar o momento de pedidos de oração para alardear sua boa realidade financeira, Agnes disse que Hector, como gerente, teria agora uma sala só para ele, guarnecida com móveis novos e telefone exclusivo. Ela pedia, enfim, que orassem para que Deus o ajudasse na adaptação a essa nova realidade, pois, segundo dizia, Hector gostava de trabalhar rodeado por pessoas e teria dificuldades para se acostumar com o

isolamento de uma sala. O pedido não passava de um aglomerado de banalidades – mero pretexto para se gabar diante dos irmãos.

Seja como for, nas semanas seguintes, o departamento em que Hector trabalhava foi, de fato, transferido para um prédio na Avenida Nove de Julho, chamado Edifício Joelma. Ele passou a ocupar uma sala no décimo-quinto andar, com belos móveis de madeira, carpete e cortinas. Hector fazia questão de chegar cedo ao escritório. Ali acomodava-se satisfeito e aguardava o tumulto agradável dos funcionários que logo enchiam todas as salas e movimentavam os corredores num vaivém meio frenético de gente que ia de uma sala para outra carregando pastas, atendendo convocações e levando comunicados ao som de máquinas de escrever e toques telefônicos.

Numa nublada manhã de sexta-feira, porém, em 1º de fevereiro de 1974, Hector e seus colegas ouviram mais do que o som de máquinas e telefones. Uma forte explosão ocorrida no décimo-segundo andar surpreendeu a todos. Sucedeu que um curto-circuito num aparelho de ar condicionado daquele pavimento deu início a um incêndio cujas chamas se alastraram para os andares superiores numa velocidade surpreendente, lavrando e consumindo tudo. Em cerca de cinco minutos, o fogo já chegara ao décimo-quinto andar, produzindo colunas de fumaça tão densas que mal as pessoas conseguiam divisar caminhos por onde fugir das labaredas.

O pânico foi geral. Toda a parte central do prédio até o topo foi tomada pelas chamas, transformando o edifício de vinte e cinco andares numa gigantesca fornalha. Nesse inferno, gente viva era incinerada em meio a berros e urros horrorosos, durante a tentativa espavorida de escapar do calor ardente. Uns tiravam as roupas para aliviar a queimadura escaldante; outros corriam para as janelas e terraços buscando atenuar o tormento do bafo causticante e a agonia causada pela fumaça nos olhos, no nariz e nos pulmões; outros ainda anelavam, por algum modo, alcançar os andares superiores, acreditando que o socorro viria dos helicópteros que já voavam ao redor e acima do prédio. Muitos homens e mulheres, com o rosto enegrecido pela fuligem e a pele abrasada pelo mormaço tentavam chegar às escadas ou aos elevadores a fim de descer. Nessa tentativa, desesperados e enlouquecidos, arriscavam-se a passar pelas chamas e, impedidos de prosseguir por causa do intenso calor, buscavam então espaço para recuar. As altas labaredas, porém, os envolviam depressa e, gritando e se debatendo, sucumbiam enfim uns sobre os outros, formando aglomerados de cadáveres que exalavam cheiro de carne queimada misturado ao odor da fumaça negra.

Hector, perplexo em meio ao tumulto, viu que não havia como se evadir e recostou-se, assustado, à janela do seu escritório na extremidade esquerda do pavimento. Dali ouviu explosões, estalos de vidros estilhaçando-se, sons de coisas desabando, o crepitar das labaredas que se acercavam e o grito agudo das sirenes lá fora. O fogo já invadira grande parte de sua sala. A fumaça e o calor unidos ao cheiro da carne queimada eram insuportáveis. Ele tinha de sair dali. Então, saltou a janela de vidro que dava para o exterior e encolheu-se sobre a pequena marquise frontal. Dali viu a multidão de curiosos que se acotovela lá embaixo, sendo contida por soldados da Polícia Militar. Viu também viaturas da polícia, ambulâncias e carros-pipa do corpo de bombeiros. A confusão era completa. Um policial, em meio ao alvoroço, gritava frases incompreensíveis num megafone. Alguns dentre o povo escreveram no chão e em faixas brancas a palavra “calma” com letras bem grandes, tentando conter os mais desesperados que começavam a saltar para a morte.

Os bombeiros, incansáveis, lançavam jatos de água sobre as chamas, mas não conseguiam alcançar além do décimo-terceiro andar. Chorando, Hector percebeu que os helicópteros tentavam se acercar do prédio para realizar algum resgate, mas logo desistiam por causa da

fumaça e da alta temperatura. Ele observou também que algumas pessoas se esforçavam para escapar do suplício improvisando cordas feitas com roupas e cortinas. Horrorizado, contemplou-as despencando de andares mais altos e espatifando-se na calçada.

O calor aumentava. Hector sentia a pele arder e sufocava-se em meio à fumaça. Então percebeu que uma escada Magirus tinha sido esticada bem abaixo da marquise em que estava. Para alcançá-la, porém, ele tinha que chegar ao décimo-terceiro andar.

— Suba mais! Suba mais! – gritou ao bombeiro que só entendeu o pedido por causa dos gestos que Hector fazia com a mão.

— Não chega! Não chega! – respondeu o oficial enquanto ajudava uma moça a sair do prédio.

O fogo acercara-se de Hector e flamas dançantes começaram a açoiar sua carne. Ele estava sendo assado vivo! Aflito, fustigado pelas chamas e totalmente tomado de pavor, não tinha alternativa. Hector teria de saltar e tentar agarrar-se à escada. Levantou-se, então, e se pôs em pé à beira da marquise. O bombeiro, percebendo o que ele ia fazer, estendeu o braço gritando para que esperasse, pois a moça que estava sendo resgatada já saía do prédio, mas ainda precisava de amparo, tendo dificuldades para acessar a escada. Hector, porém, não tinha mais nenhum segundo. Saltou.

A distância entre a marquise e o topo da escada era de cerca de cinco metros. Hector pulou com os braços estendidos para, num mergulho, agarrar-se a algum ponto da Magirus. Havia, sem dúvida, uma pequena chance de sucesso, mas o colombiano era um homem pesado e de pouca agilidade. Ele se chocou, então, desengonçado, com o bombeiro e com a moça que, hesitante e debilitada, saltava o guarda-corpo do lado direito do equipamento. A multidão que observava tudo soltou um gemido surdo. Com o impacto, o bombeiro tombou para trás, mas a sorte lhe valeu, pois seu pé esquerdo ficou preso de algum modo à escada, fazendo-o pender de cabeça para baixo, agitando-se na busca de onde se segurar. A moça foi menos feliz. O corpo de Hector a atingiu em cheio no exato momento em que ela, passando por cima do guarda-corpo, tirava o apoio da mão esquerda para firmá-la no corrimão do lado oposto. Sob o golpe, a mulher girou, ficando, por um átomo, de costas para o prédio, metade do corpo fora da escada, a mesma mão esquerda buscando a que se agarrar, mas só encontrando o vazio. Hector, após chocar-se com o bombeiro e com a moça, tocara por um momento com as duas mãos num degrau, mas saltara de cabeça e, no instante em que espalmou o estribo, virou em cambalhota, tombando para o seu lado esquerdo e, instintivamente, agarrou o vestido da moça. Ela conseguiu ainda fazer um movimento para a direita, a fim de se segurar à Magirus, mas a desgraça estava selada. Os dois caíram girando e gritando sob o olhar horrorizado de todos.

Os médicos correram até as duas vítimas sangrentas e alquebradas que jaziam no asfalto. A mulher, aferiram logo, estava morta. Hector ainda respirava, pois caíra sobre a moça e seu choque fora, assim, amortecido. Ele resistiu, porém, somente alguns segundos. Os socorristas o examinaram apressados, enquanto agonizava. Por um instante pensaram poder salvá-lo. Hector, contudo, cerrando lentamente os olhos, disse apenas em sua língua materna: “Perdoa, Jesus... Perdoa”. E morreu.

* * *

A ardência do sol derrete a cera, mas também endurece o barro. Ora, o coração de Agnes Herrera era de barro, e quando o sol abrasador do sofrimento o fustigou, tornou-se ainda mais seco e rígido, enchendo-se de rachaduras. A mulher que, agora, privada do sustento do marido, não podia mais sublinhar sua superioridade material, logo encontrou outro meio de se colocar acima dos demais irmãos. Ela faria, doravante, o papel da senhora supercrente, fingindo ser dotada de uma percepção espiritual sem paralelos.

Com efeito, tendo de viver somente com os recursos oriundos de duas pequenas casas alugadas, Agnes nãoalaria mais dos lindos presentes que recebera de Hector em ocasiões especiais. Em vez disso, exporia a todos com voz solene os dons extraordinários que o próprio Deus lhe concedia. Não diria mais nada sobre viagens a lugares turísticos, mas sim sobre experiências místicas em que era transportada em êxtase às próprias regiões celestes, tendo visões magníficas da divindade e recebendo revelações que somente uns poucos privilegiados, membros de uma elite religiosa muito elevada, podiam obter.

Seus pedidos de oração, feitos nas reuniões de quarta-feira, também mudaram. Agora ela não pedia mais que os irmãos orassem por orientação divina na escolha de hotéis ou da marca do carro novo. Não. Seus pedidos agora eram para que o Senhor lhe desse sabedoria para lidar com os grandes mistérios que ele lhe havia desvendado enquanto ela lia a *Epístola de Paulo aos Romanos* ou o texto de *Atos* (seu livro favorito).

Às vezes, Agnes incluía seus filhos nesses pedidos de oração, dizendo lorotas sobre os dois capetinhas que chegavam às raias do ridículo:

— O Senhor tem agido de forma grandiosa na vida deles — dizia. — Todos os dias fazemos nosso culto doméstico e, ao final, eles me dizem sempre: “Mamãe, como Jesus é maravilhoso!”. Eles também têm evangelizado as crianças da escola e, mesmo sendo ainda pequenos, já estão se tornando grandes instrumentos do Senhor. Eu peço que vocês orem por esse ministério tão lindo dos meus filhos.

Para que a peça exibida nesse teatro tivesse contornos mais realistas (pelo menos na cabeça dela), Agnes se apresentava em público de forma austera, numa demonstração artificial de espiritualidade. Nunca sorria. Durante os cânticos congregacionais levantava as mãos e contorcia o rosto como se estivesse provando alguma forma indizível de enlevo religioso. Em suas orações públicas, falseava a voz para que parecesse embargada e as pessoas pensassem que ela estava no limiar de um pranto piedoso, decorrente da alma que se esparramava aflita diante de Deus.

Tudo, porém, era só representação barata e Jerônimo Altino, assim como outros irmãos perspicazes da igreja, percebiam isso, ficando irritados com a falsa devoção, posto que manchava o culto ao Senhor com a borra nojenta da hipocrisia e com o desejo arrogante de impressionar os homens.

Para Agnes, no entanto, tudo estava bem. Mesmo trajando agora vestidos simples e sapatos comprados na feira, ela havia encontrado uma forma de continuar nutrindo sua ilusão de superioridade, deleitando-se na tola mentira de estar acima de todos, podendo, supostamente, desprezar os crentes “comuns”, algo que fazia com imenso prazer. E, nesse particular, era sempre imitada pelos filhos, as pequenas ovelhas do mal, capazes de perturbar qualquer reunião, desrespeitar qualquer pessoa e tirar a paciência até do justo Jó.

A paciência do justo Jó era algo que o pastor Altino se esforçava para manter em seu trato com Irlandino Silva. Ah, o irmão Irlandino! Esse era realmente inigualável em seus enguiços. Sendo, já aos sessenta e quatro anos, um dos membros mais antigos da igreja e tendo ocupado por diversas vezes o cargo de primeiro-vice-presidente, era visto como uma espécie de “chefe natural” de tudo.

À época da chegada do pastor Altino, Irlandino não tinha cargo nenhum na igreja. Não era diácono, não era vice-presidente, nem membro da diretoria estatutária. Mesmo assim, agia como o líder geral e, em conversas privadas, gabava-se de, ao longo dos anos, ter manejado soberanamente o pastorado da igreja de Parque São João, colocando e removendo ministros, de acordo com o que julgava conveniente e necessário.

Por causa disso, muitos chamavam aquele homem esguio, alto e de bigode farto, de “o dono da

igreja” e, ainda que esse rótulo fosse usado somente para ridicularizar, Irlandino o apreciava muito e adotava uma postura que combinava com ele.

Obviamente, o “dono da igreja” não tivera boas relações com nenhum pastor que exercera o ministério em Parque São João. Isso porque reconhecia abertamente que a igreja precisava de um líder espiritual devidamente ordenado, mas, no íntimo, julgava o pastorado apenas um mal necessário, posto que via todos os ministros que ali chegavam como ameaças à sua soberania ilusória.

Foi assim que, logo que o pastor Altino assumiu o ministério frente à Igreja Batista de Parque São João, Irlandino, desejoso de salvaguardar suas supostas prerrogativas como chefe vitalício e supremo, tentou deixar claro ao ministro recém-chegado quem dava as cartas ali. Para isso, adotou diversos expedientes, todos bastante conhecidos dos irmãos que estavam naquela igreja há mais tempo.

Primeiro, ele mostrou-se inacessível ao pastor. Evitava falar muito com ele, convidá-lo para ir à sua casa ou demonstrar algum grau de simpatia. Queria com isso manter uma atitude semelhante à do chefe no trato com um subalterno. Sua mensagem oculta nessa postura era relativamente clara: “Não pense que sou apenas mais uma ovelha sua. Não pense sequer que estamos no mesmo nível como líderes aqui na igreja. Na verdade, estou bem acima de você, pois estou aqui há muitos anos. Conheço tudo e todos. Não sou um novato qualquer. Por isso, não presume ter qualquer autoridade sobre mim. Tampouco acredite ter qualquer liberdade no trato comigo. Em vez disso, aproxime-se com temor e cuidado, pois sou o verdadeiro chefe aqui e não estou para brincadeiras. Outros pastores que estiveram aqui antes de você descobriram isso a duras penas. Não pague pra ver”.

Além dessa medida, Irlandino também enviava ao pastor recados velados que proclamavam sua autoridade em grau exclusivo. Em conversas em que o pastor Altino estava presente, ele dizia coisas do tipo “Ainda não decidi se vamos mudar o horário dos cultos da manhã”, ou “Avisem que só eu tenho as chaves daquela sala e que ninguém entra lá sem minha autorização”, ou ainda “Se a líder das senhoras continuar tão ausente aos cultos de oração, terei que substituí-la”. Entre essas afirmações, uma em particular deixava Altino cego de raiva, posto que questionava sua autoridade não somente sobre a igreja, mas até mesmo dentro de sua própria casa: “A casa pastoral é propriedade da igreja” – dizia Irlandino com desfaçatez. – “Quem manda lá são os membros e não quem a ocupa”.

O pastor Jerônimo Altino entendia esses “recados”, bem como o que estava embutido em alguns expedientes adotados por Irlandino no seu trato direto com ele. Por exemplo, o “dono da igreja” nunca o chamava de “pastor”. Sempre se dirigia a ele pelo primeiro nome, arrogando para si uma liberdade existente, no mínimo, somente entre iguais. Irlandino também desprezava abertamente as diretrizes de Jerônimo Altino, colocando-se acima delas. Certa vez, durante um culto, chegou a hora da leitura do texto bíblico que serviria de base para o sermão. O pastor Altino disse, então, que a congregação podia permanecer sentada durante essa leitura. Ninguém, obviamente, se levantou. Ninguém, exceto o irmão Irlandino. Ele e somente ele se pôs em pé no meio da congregação, os óculos na ponta do nariz, o braço esticado com a surrada *Bíblia* em punho, as feições enrijecidas no rosto severo. Ao longo de toda a leitura permaneceu ali, imóvel e impassível, bradando silencioso a toda igreja: “Não vou acolher essa orientação irreverente. Minha reverência pela *Palavra de Deus* não permite que eu me sujeite à visão desrespeitosa desse pastor – visão que o desqualifica como um líder a quem devamos obedecer”.

Entre todos esses procedimentos de Irlandino, havia um em especial que chegava às raias do ridículo. Não era uma forma de agir que tentava comunicar algo especificamente ao pastor, mas à

igreja como um todo. Para entender, porém, o que ele fazia, é necessário saber algo das características físicas da igreja e das disposições do que a guarnecia.

O salão de cultos da Igreja Batista de Parque São João era pequeno. Abrigava cerca de oitenta pessoas, sendo as cadeiras dispostas em duas alas, formando um corredor ao centro. O interior era pintado de um amarelo bem pálido e, fixadas no centro das paredes laterais, havia duas plaquetas que diziam: “Em oração, silêncio”. Na parte da frente, ao centro, havia uma mesa com duas cadeiras e um gazofilácio de madeira para depósito das ofertas financeiras. A mesa era usada para a realização da Ceia do Senhor, mas também era ocupada pelo pastor e pela secretária da igreja durante as assembleias mensais em que eram tratadas as questões administrativas.

Logo atrás da mesa, havia um pequeno palco de alvenaria revestido com cimento vermelho queimado. Sobre ele, ao centro, estava o púlpito de madeira, havendo também três cadeiras estofadas, reservadas para os pregadores e dirigentes dos cultos. À esquerda ficava um órgão bem antigo com pedaleira e registros. As duas extremidades do palco eram ornamentadas com vasos postos sobre suportes de ferro. Esses suportes deixavam as plantas – duas samambaias – na altura do púlpito. Em datas especiais, os vasos eram trocados, sendo as samambaias substituídas por uma dúzia de rosas vermelhas ou arranjos de flores coloridas.

Não havia batistério (os batismos eram feitos na Igreja Batista de Vila Bonita – um bairro vizinho) e, para cobrir a parede nua ao fundo, uma grossa cortina azul tinha sido instalada de fora a fora e de alto a baixo.

Anexo ao pequeno salão havia três pequenas salas – uma usada pelos jovens, outra usada pelas crianças e uma terceira usada como depósito (essa era a sala a que só Irlandino tinha acesso). Os sanitários ficavam no fim do corredor que perpassava essas salas.

Toda a construção ocupava somente os fundos de um terreno plano. A fachada era quadrada e sem nenhum ornamento. Nela só se via a porta dupla de madeira, ladeada por vitrões verticais compridos, feitos de ferro. No alto havia a inscrição em preto: Igreja Batista. Diante dessa pobre fachada sem cor estendia-se um pátio de chão batido em que os irmãos se espalhavam conversando em pequenas rodas, durante as horas de congregamento.

O que fazia Irlandino dentro desse cenário? Ele circulava pelo pátio nos intervalos entre as atividades da igreja ou após o término dos cultos, visitando cada roda de irmãos como se fosse um fiscal ou supervisor de todos. Não dizia nada. Apenas entrava num determinado círculo, quaisquer que fossem seus integrantes – jovens, homens, mulheres ou idosos – e se postava ali por alguns minutos como um guarda, o rosto sério, o olhar penetrante, a sobrançelha às vezes franzida numa atitude de quem estava avaliando (e, quem sabe, questionando) o que era dito. Então, de repente, saía sem pedir licença e dirigia-se a outra roda.

Terminada sua “ronda” geral, Irlandino ia até o salão de cultos e parava no limiar da entrada observando tudo. Seguia enfim até o palco e, sutilmente, posicionava-se atrás de um dos vasos por alguns segundos. Depois, esgueirava-se até a grande cortina azul e escondia-se atrás dela para dali, supostamente, verificar se alguém, na sua ausência, agia com desordem dentro do “templo consagrado”.

A contradição, porém, que havia nessa prática em particular, é que Irlandino não se escondia para não ser visto. Curiosamente, era o oposto o que pretendia com todos esses cuidados. Com efeito, ele queria, na verdade, que o vissem se escondendo para causar impressão nas pessoas. Eis o ridículo paradoxo daquele velho fariseu: Irlandino anelava ser visto tentando não ser visto! Acreditava que, assim, as pessoas diriam: “Vejam que homem zeloso pela casa de Deus! E vejam como age sem querer aparecer! Ele merece mesmo ser considerado um grande líder entre nós!”.

Lá no palco, então, ficava Irlandino, escondendo-se para ser notado. O volume e a forma do seu corpo alto atrás da cortina azul provocavam o riso no interior de todos e também a zombaria quase aberta dos jovens. Suas sutis olhadelas por trás do pano, revelando somente os óculos e o bigode, proporcionavam à igreja toda um espetáculo humorístico à parte. Da mesma forma, alguns tinham de se desdobrar para segurar o riso quando crianças muito pequenas puxavam a cortina, pensando que Irlandino estava brincando de esconde-esconde. Nessas horas, ele tentava afugentá-las batendo os pés, mas elas pensavam que isso fazia parte da brincadeira e permaneciam ali até desejarem se esconder também. Irlandino tentava impedi-las, mas logo desistia, dada a insistência própria das crianças daquela idade. Então, quem entrava afinal no salão de cultos, deparava-se com os contornos protuberantes de três ou quatro formas humanas cobertas pela cortina – uma grande e as demais pequenas – todas inertes vigiando o “templo”.

Havia naquela igreja outras figuras um tanto problemáticas, mas não ao ponto de o pastor Altino considerá-las “ovelhas do mal”. Eram crentes comuns que, às vezes, davam-lhe algum trabalho. O irmão Avelino, por exemplo, era um homem idoso, de pele escura, que falava de um jeito estranho, trocando o “erre” pelo “ele”. Ganhava alguns trocados criando e vendendo galinhas. Seu neto, porém, tinha deixado escapar na classe de crianças que o avô vendia aves que pegava em despachos de macumba. Os crentes ficaram horrorizados, pois muitos irmãos eram fregueses de Avelino e se lembravam de ter comprado galinhas pretas dele. O velho se irritava com os boatos:

— Só porque é preta é do diabo? E se fosse, qual selia o problema de comê flango do diabo. Jesus não ensinou que o que contamina a pessoa é o que sai da boca e não o que entra?

Apesar de toda a argumentação de Avelino, suas vendas caíram. Também alguns irmãos foram falar com o pastor, perguntando o que aconteceria com eles caso tivessem comido “carne oferecida a demônios”. Fortes debates sobre o assunto acaloraram as conversas dos irmãos e o pastor Altino teve de apresentar um estudo sobre *1Coríntios 8 e 10* para tranquilizar a igreja.

Outra pessoa que, a princípio, causou alguma preocupação ao pastor foi um moço chamado Tobias. Os jovens o chamavam de Tobias “Sistema”, pois ele criticava tudo, atribuindo os males que via no mundo, reais ou imaginários, ao que ele chamava de “sistema”. Ninguém sabia ao certo o que era esse sistema, nem quem o havia criado ou dirigia, nem ainda onde era sua sede ou quais eram os seus alvos. De qualquer forma, para Tobias tudo estava errado e tinha de mudar, destruindo-se o tal sistema.

Tobias não era muito inteligente como queria parecer. Na verdade, apenas repetia os jargões que ouvia por aí de alguns *hippies* “psicodélicos”. Mesmo assim, ainda que não entendesse muito bem as coisas que ele próprio dizia, é possível afirmar que ele estava certo, ou seja, que havia mesmo um sistema. Em sua ingenuidade, os crentes da igreja batista duvidavam disso, posto que, conforme dito, ninguém sabia onde era a sede do tal sistema ou quem era o seu chefe. A verdade, contudo, é que esse sistema subsistia de forma difusa, tendo sua concretude manifesta em instituições como a família, a igreja, a escola, a empresa e o estado, incluindo a forma como essas instituições eram estruturadas e a maneira como funcionavam. Já em sua expressão imaterial, o sistema se evidenciava por meio de um conjunto de valores morais e espirituais que afetavam os costumes, o comportamento individual, a linguagem, a arte e o relacionamento entre as pessoas.

Sim, tudo isso compunha o sistema que Tobias censurava tanto. O que talvez ele não soubesse é que os críticos desse modelo não queriam apenas o seu fim, mas, mais do que tudo, a sua substituição por outro sistema completamente oposto. Restava saber se esse sistema alternativo era realmente melhor do que o vigente, promovendo mais justiça e felicidade aos homens. Ora, a

história de várias nações, em seu curso posterior, provou que não, mas os *hippies* “psicodélicos”, ainda depois de velhos, nunca aceitaram as incontestáveis evidências disso, mesmo quando o tempo, inúmeras vezes, esfregou essas mesmas evidências no focinho de todos eles.

Durante algum tempo Tobias falou especificamente contra o “sistema” em que o homem sai para trabalhar e a mulher fica cuidando da casa e dos filhos. Em conversas informais com as moças e senhoras da igreja, ele dizia que esse sistema as oprimia. Elas, porém, olhavam para Tobias sem entender o que ele dizia. Tendo sustento, proteção, a tranquilidade do dia a dia e o aconchego da família, não podiam imaginar em que estavam sendo oprimidas. Na verdade, algumas delas se sentiam até privilegiadas.

— E se sentem assim com muita razão! — dizia Marvin Cottrel. — Ao longo de toda a história humana, que outra classe de pessoas teve mais privilégios do que a mulher moderna do mundo ocidental?

Muito cedo Tobias deixou de receber atenção dos irmãos da igreja. Aos poucos, o próprio pastor parou de se preocupar com ele. “Afinal de contas” — pensava —, “quem vai levar a sério esse aglomerado de absurdos que não tem ligação nenhuma com a realidade? Essas ideias passam. O ser humano não é tão estúpido assim.”

Por fim, alguns desconfortos ao pastor também eram gerados pela irmã Roseli. Ela era uma solteirona que beirava os quarenta e que se destacava por andar sempre bem vestida e cheia de bijuterias. Roseli gostava de participar de congressos evangélicos e sempre aparecia na igreja com músicas novas que aprendia nesses eventos. Seu primeiro impasse com o pastor Altino foi devido a um hineto que ensinou para os jovens e que o pastor, quando o ouviu, recomendou que não o cantassem mais. O nome do hineto era *Esta é a canção* e dizia o seguinte:

*Esta é a canção
de quem tristezas não tem, não.
Que vive alegre,
nunca está entregue
à dor de uma paixão.
Que odeia a guerra,
no entanto, a beleza do céu e da terra
vive a contemplar;
e que deseja que você também seja
feliz toda a vida e o convida a cantar:
Vem, vem, vem cantar
esta alegre canção, vem!
Entre na roda,
o choro saiu de moda,
é a alegria que vem.
Mas não se torture,
pois não há quem ature
ao lado de gente tristonha ficar.
A vida é linda e será mais ainda
ao ver que você está sorrindo a cantar.*

O pastor sentiu-se incomodado com essa música porque, a seu ver, a letra não dizia nada sobre Deus, sobre a salvação por meio de Cristo, sobre as *Escrituras Sagradas* ou sobre qualquer doutrina cristã. Segundo ele, era somente um “corinho” que estimulava a pessoa a se ajudar em vez de buscar ajuda em Deus. Proclamava nada além de uma mensagem rasa, sem nenhum

conteúdo sólido e que dizia apenas para a pessoa ser mais otimista.

Roseli reagiu dizendo que a música era linda e que a igreja precisava inovar, agregando coisas modernas à liturgia. Do contrário, segundo argumentava, os jovens logo iriam embora, na busca de algo que satisfizesse as suas expectativas. Ela também disse que cristianismo não é só doutrina e que era preciso também transmitir algo que trouxesse algum consolo e estímulo à vida das pessoas.

— Se as doutrinas da *Palavra de Deus* não são suficientes para satisfazer as expectativas dos jovens – dizia Jerônimo Altino – e se essas mesmas doutrinas não transmitem consolo e estímulo aos irmãos, então receio que não temos mais nada a lhes oferecer. Jesus disse que “nem só de pão viverá o homem, mas de toda a palavra que procede da boca de Deus”. Se, porém, essa palavra não supre aquilo de que nossa alma precisa, então estamos mesmo em maus lençóis, pois não existe nada neste mundo mais eficaz do que ela para matar a fome e a sede do coração. E mais: a irmã diz que a música é linda. Eu concordo. A melodia é maravilhosa. Porém, os hinos cantados numa igreja não são apenas enfeites para a liturgia. Eles são veículos didáticos. Por meio dos hinos, o povo aprende. Se a igreja começar a cantar hinos que não ensinam nada sobre a sã doutrina, em poucos anos o cristianismo será desfigurado e, então, não vai somente cantar, mas também abraçar e propagar um número imenso de banalidades. Desculpe, irmã Roseli, eu aprecio sua boa vontade, mas não posso deixar que as sementes de algo assim sejam plantadas justamente na igreja que eu pastoreio.

Roseli cedeu torcendo um pouco o nariz, mas não era pessoa do tipo que se apegasse muito a uma causa, qualquer que fosse. Por isso, o assunto morreu cedo, deixando apenas alguns jovens descontentes e dando ensejo a que Tobias, durante uma ou duas semanas, dissesse que esse tipo de controle (ele usava a palavra “censura”) era devido ao sistema.

A irmã Roseli, sendo muito comunicativa e dinâmica, gostava também de cuidar do quadro de avisos, fixado ao fundo do salão de cultos. Ela fazia isso com muito esmero, mantendo a igreja sempre informada acerca dos eventos do calendário, da situação dos irmãos enfermos, da atualização de rol de membros, das decisões da assembleia e de tudo que dizia respeito à vida da comunidade. Como a igreja de Parque São João não tinha um boletim semanal impresso, todas as notas eram fixadas naquele quadro, sempre atualizado pela irmã Roseli.

O problema era que, sendo “um pouco desmiolada” (como dizia Irlandino), Roseli, algumas vezes, formulava mal as notas, dando ensejo a que tivessem sentido duplo. Em julho, por exemplo, o quadro de avisos exibiu uma nota assim:

Neste mês de férias, temos recebido vários visitantes de outras cidades. Na semana passada tivemos conosco um pastor de Salto e um casal de Araras.

Jerônimo Altino riu das piadas que os irmãos fizeram sobre essa nota e deu de ombros, só ficando um pouco irritado quando um jovem engraçadinho lhe perguntou quando ele convidaria o pastor de Salto para pregar. Mas a bronca passou rápido e Jerônimo não disse nada à irmã Roseli.

Numa outra ocasião, contudo, o pastor achou que deveria interferir. Foi próximo do aniversário da igreja. A irmã Roseli havia publicado a seguinte nota:

O culto de aniversário da igreja está chegando. Vai ser um evento muito especial. Na ocasião teremos a apresentação do coro infantil e também um solo pela Dona Dinha.

Orientada pelo pastor, a irmã Jandira procurou Roseli e lhe disse que aquela nota, mais especificamente a expressão “pela Dona Dinha” podia gerar imagens de nudez na cabeça das pessoas, além de certo constrangimento à irmã Wanda, a tal “Dinha” mencionada na nota. Ela explicou que o pastor não quis abordá-la diretamente porque achava que, sendo homem, não

poderia falar sobre esse assunto com uma mulher da igreja sem ferir de certo modo o pudor.

Roseli, mais uma vez, demonstrou descontentamento:

— Tem de ser uma pessoa muito maliciosa pra ler a nota e fazer essa associação erótica.

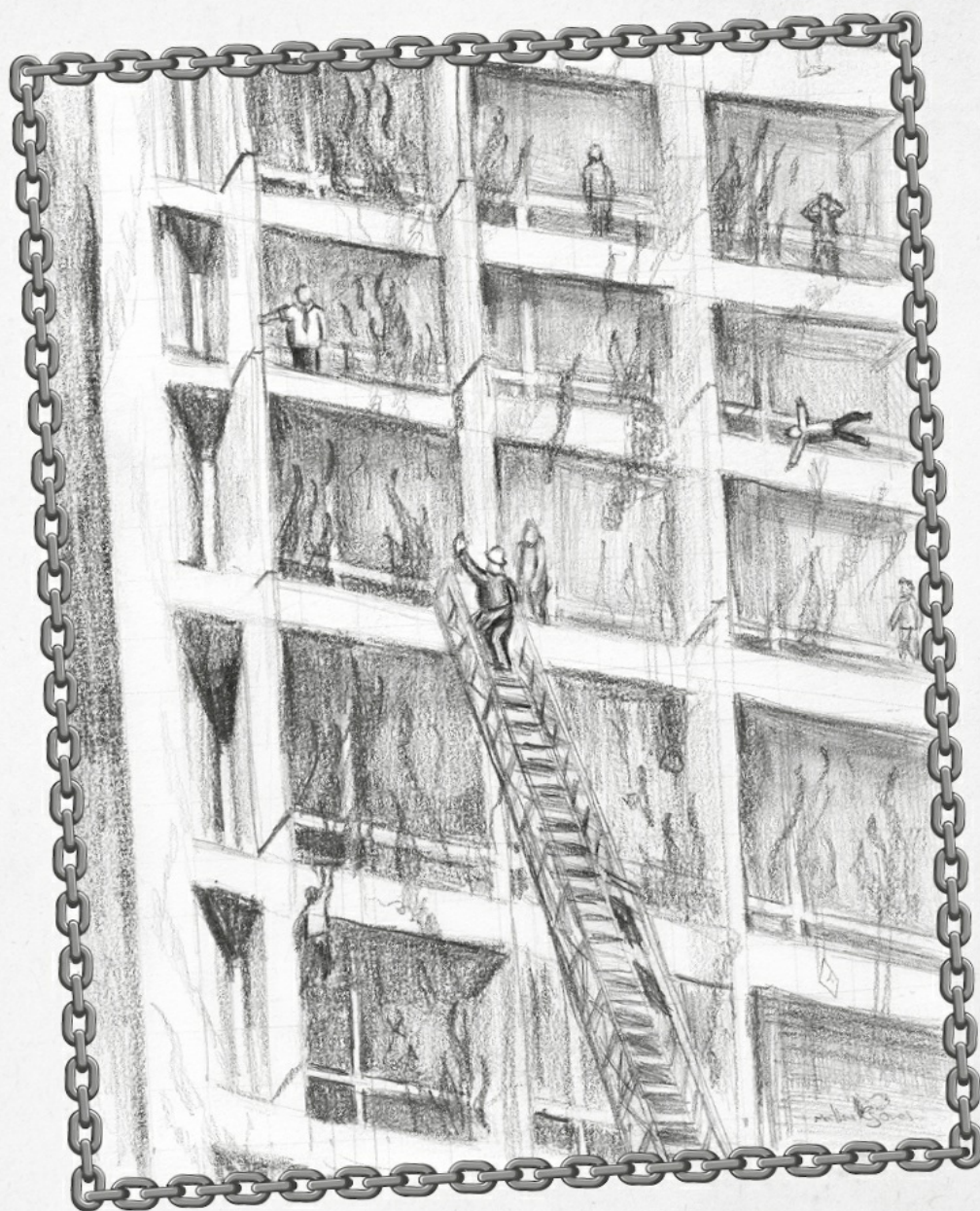
— Eu concordo – respondeu Dona Jandira. – Mas a *Bíblia* diz que temos de evitar fazer qualquer coisa que leve o irmão a tropeçar. E se a nota traz esse perigo, porque não alterá-la onde for preciso, por amor aos mais fracos?

Roseli concordou com relutância. Por alguns dias ficou com raiva “daquela mulher”, a irmã Jandira. Contudo, seu coração não era de todo mau e o rancor desapareceu depressa. Então ela corrigiu a nota que ficou assim:

O culto de aniversário da igreja está chegando. Vai ser um evento muito especial. Na ocasião teremos a apresentação do coro infantil e também um solo pela Dinha.

O pastor Altino desistiu do caso.





O bombeiro, percebendo o que
ele ia fazer, estendeu o braço
gritando para que esperasse.

Capítulo 3

DONA LOLA RECEBE UMA VISITA

— Que mal lhe pergunte, Dona Lola, mas o que é aquilo sobre a prateleira?

A senhorinha sorriu com malícia. Sabia que a irmã Jandira logo faria aquela pergunta. Já tinha percebido os olhares curiosos da visitante para os lados da prateleira do armário da cozinha estranhamente ornamentada com a caveira de um cachorro.

Recostada à pia de granito instalada ao lado do fogão, a dona da casa tentou responder com naturalidade a pergunta da visitante que estava sentada numa das quatro cadeiras que rodeavam a mesa revestida de fórmica verde.

— Ah, me desculpe, Dona Jandira. Eu sabia que a senhora ia perguntar. É a cabeça de Bernardo, o melhor cachorro que uma pessoa poderia ter.

Francisco, que também estava na cozinha, sentado à mesa com a irmã Jandira, interferiu:

— A senhora acha isso macabro?

O menino gostava muito da palavra “macabro”. Ele a ouvira pela primeira vez nos tempos em que morou em Bragança Paulista com a mãe e a avó. Na ocasião, Dona Lola havia contratado um pedreiro para consertar a cerca ao fundo da propriedade. Durante os trabalhos, o homem viu o pedaço de uma corrente velha, parcialmente enterrada. Puxou-a e pedaços de ossos emergiram da terra presos a ela. Cavou cuidadosamente o lugar para ver o que mais havia ali e achou o crânio de Bernardo. Dona Lola, sensibilizada pelas lembranças, tomou a caveira e a corrente, limpou tudo e guardou numa caixa de madeira, sob os protestos de sua mãe que falou que aquilo tudo era “muito macabro”.

Depois de ouvir e entender o que significava essa palavra, Francisco não somente a adotou em seu vocabulário, mas também começou a se sentir atraído pela temática que o termo sugeria. Ele passou a se interessar por histórias de terror, por figuras horrendas de demônios, por ambientes lúgubres, sinistros e sombrios, pelos cenários fúnebres de criptas e cemitérios... Vestia somente camisetas pretas, algumas delas com pinturas grosseiras de diabos, monstros e caveiras que ele mesmo fazia.

Lobisomens, zumbis, fantasmas, bruxas e vampiros povoavam a imaginação de Francisco e ele se deleitava nessas fantasias, fazendo desse universo imaginário uma espécie de brinquedo com o qual se divertia criando aventuras, diálogos e até “rituais de mentirinha”, com velas, invocações sinistras e pedaços de brinquedos velhos que fingia serem órgãos e membros amputados de cadáveres.

— Pra ser sincera, eu acho meio macabro, sim – respondeu a irmã Jandira com um sorriso acabrunhado.

Dona Lola meneou a cabeça reprovando a intervenção de Francisco. Então prosseguiu, olhando com ternura para a caveira.

— É que esse cachorro é muito importante pra mim, Dona Jandira. Foi um presente dado pelo senhor Nelson. Ele era um homem muito bom. Sua esposa, a Dona Dulce, e a filha deles, a Iolanda, eram gente que eu considerava minha segunda família. Foi muito duro ter de ir embora da chácara deles depois que meu marido morreu.

— Pra onde a senhora foi quando ficou viúva?

— Eu estava grávida do Francisco e, então, voltei para a casa dos meus pais em Bragança, levando o Bernardo comigo. Aliás, o Bernardo sempre me acompanhou. Ele me protegia e me livrou de grandes perigos. É por isso que guardo essa lembrança dele.

Dona Jandira mostrou-se intrigada. Era seu costume visitar senhoras que compareciam pela

primeira vez à Igreja Batista de Parque São João e estava habituada a ouvir histórias de todo tipo, mas a que estava para ser narrada parecia ser singularmente interessante.

— Como esse cachorro livrou a senhora?

Dona Lola baixou a cabeça em silêncio e refletiu por um momento. Depois olhou para Francisco e disse com aspereza:

— Kiko, vá brincar lá fora com seus amigos. A conversa aqui é de adulto.

O menino levantou-se relutante e saiu arrastando os pés, sem esconder a má vontade. Estava esperando a hora em que o bolo e o chá seriam servidos à visita. Agora precisaria esperar que a mãe o chamasse para comer, o que poderia demorar muito, caso a “conversa de adulto” se prolongasse, como era comum acontecer.

Dona Lola abriu o forno. O bolo estava longe do ponto. Sentou-se então à mesa com a irmã Jandira e contou àquela doce senhora os episódios mais marcantes de sua vida. A casa pequena, com apenas um quarto e uma cozinha com varanda, foi logo inundada pela monotonia das histórias tristes da viúva, uma monotonia que se mesclava à languidez do cair da tarde no bairro humilde de Vila Santa Virgínia.

Em tom melancólico, Dona Lola falou de Sebastião, sua doença e morte. Falou também das surras que levava do marido. Contou com detalhes a história da onça, desde a luta de Osvaldinho com a fera junto ao poço, até a sova que o caipira levou de Damião e o acidente fatal na viagem de Bragança para São Paulo.

Com lágrimas nos olhos, Dona Lola foi traçando o trajeto lento de suas calamidades, expondo-as diante da irmã Jandira que, mesmo demonstrando sincera atenção, às vezes divagava, observando o chão liso de cimento vermelho, tão limpo e bem encerado, a ratoeira debaixo do fogão, o filtro de barro sobre a pia, as marcas de umidade nas paredes caídas, a cortina de tiras de plástico coloridas instalada na porta entre a cozinha e a varanda ou a rachadura que corria no teto revelando a fragilidade do estuque. Quando, porém, pousava o olhar sobre o armário verde fixado à parede ao lado da porta, a visão bizarra da cabeça de Bernardo sobre a prateleira a advertia a retomar a postura educada e a cuidar mais da concentração.

A narrativa da morte de Arlindo e do modo como acharam o seu corpo mergulhado no brejo impressionou bastante a irmã Jandira que não pôde esconder a emoção e chorou enquanto a ouvia.

— Em quase todos esses momentos, Bernardo estava comigo. A senhora vê: ele me salvou quando Osvaldinho ia me bater, como já lhe contei, e também protegeu o corpo de meu pai quando os cachorros vadios quiseram bulir com ele. Também não era pra menos... Quando Bernardo chegou em casa, teve até profecia falando que ele seria meu libertador.

— Profecia? – reagiu a irmã Jandira.

— Profecia, sim. A senhora sabe que eu era bem católica, mas um dia fui à Assembleia de Deus lá em Munhoz com uma amiga crente que me convidou. Aí o pastor pregou sobre Noé e, depois, sem me conhecer, falou tudo sobre a minha vida e profetizou dizendo que Deus colocaria um muro de proteção à minha volta. Isso aconteceu no dia exato em que o Bernardo me protegeu daquela surra. Foi aí que percebi que o muro que Deus havia posto ao meu redor era o Bernardo. E ele me protegeu mesmo de muitas coisas ruins. Eu até brincava dizendo que ele tinha nome de santo porque era meu protetor. Agora a senhora entende porque eu guardo a cabeça dele com tanto carinho?

Dona Jandira, como boa batista, tinha pouca familiaridade com revelações e coisas do tipo. Não gostava, porém, de discussões e respondeu com tato, evitando polêmicas.

— Entendo, sim, Dona Lola. E gostaria de agradecer por me contar coisas tão particulares logo

na nossa primeira conversa. A senhora nem me conhece direito e já me confidenciou tantas coisas!

— Na verdade eu não conheço quase ninguém aqui. Eu cheguei a São Paulo faz somente um ano e sou meio lenta pra fazer amizades.

— E esta casa? É comprada ou alugada?

— Esta casa era do irmão do meu falecido marido. Ele morreu antes do Osvaldinho e deixou a casa pra ele. Quando eu fiquei viúva, o senhor Nelson, meu ex-patrão, me trouxe aqui pra ver. Eu pensei em vir pra cá, mas o Kiko era só um bebê. Não dava pra eu cuidar de tudo sozinha. Manter a casa com criança pequena... Então decidi alugar o imóvel aqui e ficar em Bragança, morando com os meus pais. Fiquei lá até o ano passado, quando minha mãe morreu.

— A Vila Santa Virgínia é um lugar tranquilo para morar. E é perto da nossa igreja. Vários membros de lá moram por aqui. A senhora pode nos visitar outras vezes.

Dona Lola não gostou da sugestão. De fato, não queria voltar nunca mais. Ficara impaciente e divagara durante o sermão do pastor Jerônimo Altino. Não que Altino pregasse mal. Na verdade, seus sermões eram claros, simples, instrutivos e cheios de ilustrações interessantes. Mesmo as crianças e as pessoas menos letradas entendiam aquelas pregações bíblicas e sempre tão ligadas à vida prática. O problema é que Dona Lola que, por anos a fio, vinha praticando o que chamava de “dom de línguas”, desenvolvera certa flacidez intelectual. O hábito contínuo e prazeroso de relaxar a mente, para que sílabas sem sentido fluíssem de seus lábios, produzira nela um cérebro preguiçoso, incapaz de seguir por mais de dez minutos os pontos integrantes de um raciocínio lógico ou de uma exposição didática sistematizada.

— Eu não vou prometer. Fui lá no domingo passado porque aquele garoto que mora aqui ao lado insistiu muito, dizendo que o conjunto musical dele ia cantar...

— Ah, o João Tito. Aquele menino é muito bonzinho...

— Pois é... Ele insistiu tanto... Então eu fui com o Kiko, mas aos domingos eu costumo ir na Assembleia de Deus ali na praça... Aquela que tem um alto-falante na frente. De vez em quando vou à igreja católica, mas é muito longe e tem de pegar condução. Nem sempre dá. A senhora sabe... O dinheiro é meio contado e eu ainda dependo do aluguel da casa dos meus pais em Bragança.

— Mas a senhora é católica ou assembleiana?

— Antes eu era católica e nem podia ouvir falar de outras religiões, mas agora acho que Deus é um só em todas as igrejas. Eu ainda sou católica, mas depois daquela pregação que ouvi lá em Munhoz, passei a frequentar muito a Assembleia. Como eu falei, pra mim Deus é um só e o que importa é a pessoa ser sincera quando o adora. O lugar que ela frequenta não tem importância.

A irmã Jandira conhecia várias pessoas que, como Dona Lola, frequentavam diferentes igrejas, sem se comprometer oficialmente com nenhuma delas. Mesmo na Igreja Batista de Parque São João havia pelo menos dois visitantes assíduos que agiam assim. Tanto ela como o pastor Altino reprovavam esse procedimento. O pastor julgava (talvez com razão) que aquelas pessoas não eram crentes de fato, pois ainda que não se insurgissem abertamente contra a doutrina evangélica, permaneciam “atreladas às superstições papistas”, como costumava dizer. Vendo-as assim, como inimigos silenciosos da fé bíblica, em conversas fechadas Jerônimo Altino se referia a tais pessoas chamando-as de “diabos mansos”.

Lembrando dessas coisas, a esposa do pastor ouviu com paciência o pequeno discurso conciliador de Dona Lola. Sorriu ao escutar cada jargão batido e desbotado, mas, enfim, irritou-se um pouco com aquela velha fala que, na boca de tanta gente rasa e ignorante, teimava em querer parecer piedosa, espiritual e madura.

A irmã Jandira sabia que todo aquele discurso bonito era, na verdade, apenas uma forma maquiada de esconder a postura de quem não tem apego nenhum à sua doutrina, de quem não quer compromisso algum com a fé sólida dos apóstolos. “Mais um diabo manso”, pensou enquanto ouvia.

No entanto, a boa senhora tinha o coração cheio de compaixão. Assim, afastou depressa aqueles pensamentos de reprovação e desprezo e julgou que Dona Lola, simples como era, apenas repetia palavras que havia escutado aqui e acolá em conversas com ateus enrustidos ou católicos pouco carolas. Por isso, ousou censurar leve e cuidadosamente a nova amiga, evitando ao máximo que qualquer atmosfera pesada se formasse e, afinal, as envolvesse.

— Desculpe falar assim, mas eu não concordo muito com isso que a senhora disse. Na verdade, penso que se houver duas igrejas muito diferentes entre si, uma delas estará certa e a outra errada. Não há como as duas estarem certas no mesmo nível caso ensinem coisas muito opostas. Por exemplo, a Igreja Católica ensina a venerar Maria. A Assembleia diz que isso é errado. Uma delas está enganada. Uma delas não agrada a Deus com o que ensina.

Dona Lola ficou assustada e confusa. Fora pega de surpresa. Não esperava que a visitante fosse tão indelicada. Em conversas de comadre é contra as regras da etiqueta criar discussões. Deve-se apenas anuir com a cabeça, não importa o que o outro diga.

— É verdade, mas eu quis dizer...

— Fique tranquila, minha amiga. Eu entendi. Longe de mim criticar você. Eu não vim aqui para isso. No domingo eu perguntei se poderia visitá-la porque é meu costume me aproximar dos visitantes na igreja e buscar uma oportunidade de compartilhar com eles um pedacinho da *Palavra de Deus*.

— Muito obrigada, Dona Jandira. Eu agradeço muito.

— Então, se me permite, vou ler para a senhora o *Salmo 121*.

A esposa do pastor tirou da bolsa uma *Bíblia* surrada, ajeitou os óculos no nariz e procurou o texto anunciado. Então leu solenemente:

Elevo os olhos para os montes:

de onde me virá o socorro?

O meu socorro vem do Senhor,

que fez o céu e a terra.

Ele não permitirá que os teus pés vacilem;

não dormitará aquele que te guarda.

É certo que não dormita, nem dorme

o guarda de Israel.

O Senhor é quem te guarda;

o Senhor é a tua sombra à tua direita.

De dia não te molestará o sol,

nem de noite a lua.

O Senhor te guardará de todo mal;

guardará a tua alma.

O Senhor guardará a tua saída

e a tua entrada,

desde agora e para sempre.

Terminada a leitura, a irmã Jandira disse, removendo os óculos:

— Nesse texto o salmista fala sobre a proteção de Deus...

— Dona Jandira... – interrompeu, de repente, Dona Lola.

— Fale, minha amiga.

— Desculpe, mas enquanto a senhora lia...

Dona Lola hesitou. Suspirou e, olhando para a cabeça de Bernardo, prosseguiu:

— A senhora acha que eu deveria me livrar disso?

— Não sei... Por que? O que a está incomodando?

— É que às vezes eu confesso que peço ajuda pra ele. Quando vem algum problema mais difícil eu costumo olhar pra cabeça de Bernardo e dizer: “Ô, meu santinho, me ajude de novo! Você já me ajudou tanto!”

A esposa do pastor percebeu que Dona Lola estava um tanto envergonhada. De fato, aquela visita estava dando alguns motivos para isso. A irmã Jandira havia feito correções na visão que Dona Lola tinha acerca das várias igrejas, dissera que visitava pessoas para compartilhar com elas a *Palavra de Deus*, era capaz de ler e explicar um Salmo (pelo menos estava prestes a fazer isso). Tudo aquilo, aos olhos tão simples de Dona Lola, fazia dela uma autoridade em assuntos religiosos. Por isso, a pobre viúva se sentia envergonhada com a confissão que acabara de fazer.

— Não posso dizer que a senhora tem de jogar esse crânio fora. Conheci um pescador que tinha em casa a carcaça de um peixe enorme. Sei de gente rica que coleciona cabeças de animais empalhadas. Eu nunca vi, mas ouvi falar que tem. Não posso dizer que isso é errado, mas fazer orações pra qualquer coisa ou pessoa que não seja o próprio Deus, ah, isso eu tenho certeza que é pecado. A senhora devia parar com esse costume.

— O que a senhora me aconselha fazer?

— Como eu disse, não é errado ter essa cabeça em casa, desde que a senhora pare com essas orações. Mesmo assim, eu a enterraria em algum lugar. Pelo que vi, essa cabeça lhe traz muitas lembranças de horas de horror. Não acredito que isso lhe faça bem. Jogá-la no lixo, eu penso que feriria seus sentimentos por esse cachorro de que a senhora gostou tanto. Por isso eu a enterraria. Peça para o menino fazer isso. Já é grandinho. Que idade ele tem? Doze anos?

— Faz treze neste ano. Falando nisso, está na hora de chamá-lo. O bolo está pronto. A senhora aceita uma xícara de chá?



Capítulo 4

O RITUAL MACABRO

A tarefa que Francisco recebera era simples. Tinha apenas que enterrar a cabeça de Bernardo e sua velha corrente num canto qualquer do quintal. No entanto, já haviam se passado dois dias desde que a irmã Jandira estivera em sua casa e fizera essa sugestão, sem que nenhum sepultamento tivesse sido feito. É que Francisco quis aproveitar a chance para fazer mais uma brincadeira macabra, dessa vez com um objeto realmente sinistro: o crânio de um cachorro!

Ele pensou longamente nos detalhes da tal brincadeira. Seria um “ritual satânico de mentirinha”. Sim. Seria o máximo! Nos dois dias que se seguiram ele preparou tudo. Obteve velas pretas num despacho de macumba que, desde a última sexta-feira, estava no cruzamento entre a rua de sua casa – a Rua B – e a Rua Holanda; preparou suco de groselha para beber “sangue de mentirinha” durante o ritual; recortou orifícios para os olhos e para a boca num saco de papel que usaria para cobrir a cabeça, a fim de se parecer com um sacerdote do mal mascarado... Francisco até pensou em usar o camundongo capturado na ratoeira sob o fogão para simular um sacrifício sangrento, mas ficou enojado quando viu o bichinho morto e desistiu da ideia.

Agora que tudo estava pronto, o menino só precisava escolher o lugar certo. Não podia ser o quintal de sua casa, pois sua mãe certamente não aprovaria uma brincadeira tão diabólica. Quais seriam, então, suas opções?

Descendo a Rua B e atravessando a Rua Holanda, bem em frente ao empório do Branco, chegava-se a uma praça que, na verdade, não passava de uma área pública abandonada tomada pelo mato e junto à qual, do outro lado, ficava o templo azul-claro da Assembleia de Deus. Francisco sabia que só poderia realizar o ritual ali de madrugada, pois o local era movimentado. De fato, o trânsito de pessoas era grande naquele trecho, com gente indo ao empório, à igreja ou rumo à Estrada de Santa Virgínia mais adiante, onde passavam os ônibus que levavam ao centro da cidade.

Além disso, na margem direita da rua que ladeava a praça, ficava a chácara do Fino, um moço grandalhão que sofria de retardo mental e cujo propósito maior na vida parecia ser acertar um tijolo na testa de Francisco.

Realmente, Fino odiava o garoto. Quando Francisco chegara ao bairro, pouco mais de um ano antes, o chacareiro maluco fora indiferente a ele, mas um dia observou as estampas horripilantes de suas roupas pretas e ficou perturbado. Daí em diante passou a chamar o menino de “*mueque u capeta*” (moleque do capeta). Então, sempre que Francisco se deparava com Fino andando pelo bairro com seu macacão de jeans, sem camiseta por baixo, a enxada sobre os ombros, as botinas pesadas e o chapéu de feltro marrom com as abas viradas para baixo, tinha de correr, pois o moço, forte como um touro, atirava-lhe pedras, gritando enlouquecido “*mueque u capeta*”.

Fino morava com sua mãe, uma velha senhora que era, na verdade, quem cuidava da chácara. Ninguém sabia o nome daquela mulher. Todos a conheciam como a “mãe do Fino”. Era uma senhora isolada; jamais era vista conversando com alguém. No entanto, mostrava doçura no trato com o filho doente a quem chamava de Jurandir. Quando calhava de ela estar próxima do moço em seus acessos de raiva contra Francisco, conseguia acalmá-lo com uma ou duas frases. Contudo, era muito raro o menino vê-la por perto quando tinha a infelicidade de dar de cara com aquele doido em algum caminho.

Lembrando de todos esses inconvenientes e perigos, Francisco decidiu que não faria a brincadeira macabra na praça. Restava-lhe, assim, apenas uma alternativa para o lugar do “ritual

de mentirinha” e essa era perfeita.

Subindo a Rua B, chegava-se a um grande descampado com um forte declive para a frente e para a direita. Saudando quem chegava ao limiar dessa vasta extensão deserta, havia um imenso abacateiro, cujos frutos mais altos os transeuntes às vezes tentavam colher, quase sempre sem sucesso. Era a única árvore do local. Uma baixa e escassa vegetação predominava naquela área, conferindo-lhe um aspecto ainda mais ermo. Essa esparsa vegetação, aliás, não era suficiente para estancar as grandes corredeiras de água que desciam ali durante as estações chuvosas. Por isso, cortando horizontalmente o descampado, havia uma grande fenda que corria de uma extremidade a outra, aberta pelas enxurradas. Sobre essa fenda, fora construída uma pequena ponte de madeira, muito útil para quem preferia ir ao bairro vizinho cortando caminho pelo descampado, em vez de seguir pelas ruas do trajeto normal.

Esse atalho, porém, era muito pouco usado, pois quase nada havia depois do descampado que atraísse muita gente para aquela direção. Na verdade, apenas algumas crianças percorriam com certa frequência o caminho da ponte e isso somente em dois horários específicos do dia. É que um grupo pequeno de meninos e meninas (e nesse grupo estavam Francisco e João Tito) estudava numa escola municipal situada além daquela grande área deserta. Era uma escola construída num planalto ao longe, bem no meio de um bairro vizinho denominado popularmente Vila do Rabinho, o reduto dos moleques mais perversos daquelas bandas. Para ir até lá, os poucos alunos que moravam na Vila Santa Virgínia preferiam atravessar o descampado. Além deles, pouca gente passava por ali. Sendo, assim, tão isolado e vazio, o menino considerou aquele local perfeito para fazer sua brincadeira macabra.

Foi assim que, no fim de uma tarde fria e nublada, Francisco subiu a Rua B e, chegando ao grande abacateiro, contemplou o descampado aberto e solitário que se estendia à sua frente. Divisou junto à pinguela um ponto que julgou adequado aos seus objetivos e para lá se dirigiu, tendo nas mãos a caixa de madeira que continha a cabeça de Bernardo, a velha corrente enferrujada e os apetrechos para o ritual de faz de conta.

Com o coração um tanto receoso e oprimido, o menino, sem compreender o motivo de sua inquietação, chegou ao local escolhido, pôs a caixa sobre a relva úmida, abriu-a e a esvaziou lentamente, tirando primeiro de dentro dela a feia caveira amarelada do cachorro. Em seguida, pôs o crânio do animal sobre a caixa fechada, começando a montagem do cenário para a realização da cerimônia.

Por que estava fazendo aquilo, afinal, se desde o dia anterior, tendo já reunido tudo de que precisava, sentia-se tenso e aflito com a simples ideia da execução do ritual? Ele, com outros meninos da rua e da escola, sempre brincavam de faz de conta, simulando serem pilotos de aeronaves, *cowboys* corajosos e bons de pontaria, super-heróis em combate contra monstros gigantes... Nenhuma daquelas brincadeiras, contudo, impingira nele aquele aperto quase sufocante, aquele temor que, como uma camada fina de gelo, parecia envolver suas mãos e braços, seu peito e sua face. Qual seria, então, a razão de tanto mal-estar? E se eram esses os sentimentos, por que prosseguir?

É que, na raiz daquilo tudo, havia na alma jovem de Francisco um fascínio verdadeiro e profundo pelo oculto; um encanto, uma sedução que não era “de mentirinha”, mas que, em algum lugar escuro dentro dele, desejava mesmo perscrutar os mistérios sombrios do além, os segredos insondáveis do mundo dos mortos, aqueles labirintos pelos quais vagavam espíritos assombrosos e nefastos, sim, espíritos que outrora animaram os cadáveres agora apodrecidos, os corpos devorados por vermes que jaziam sob o mármore negro das criptas dos cemitérios. No fundo, no fundo, o menino ansiava mesmo fazer contato com esses fantasmas e com os demônios

que os acompanhavam. Queria, de fato, aprender seus nomes, sua ciência hermética e, quem sabe, obter deles alguns favores.

De algum modo, o coração de Francisco sabia disso. Sabia que havia algo real naquela brincadeira, que seu faz de conta era movido por um anelo veraz. Era nisso que estava a origem do seu pesar, ainda que, criança como era, não fosse capaz de esquadrihar os recessos de seu coração, nem desvendar seus próprios enigmas.

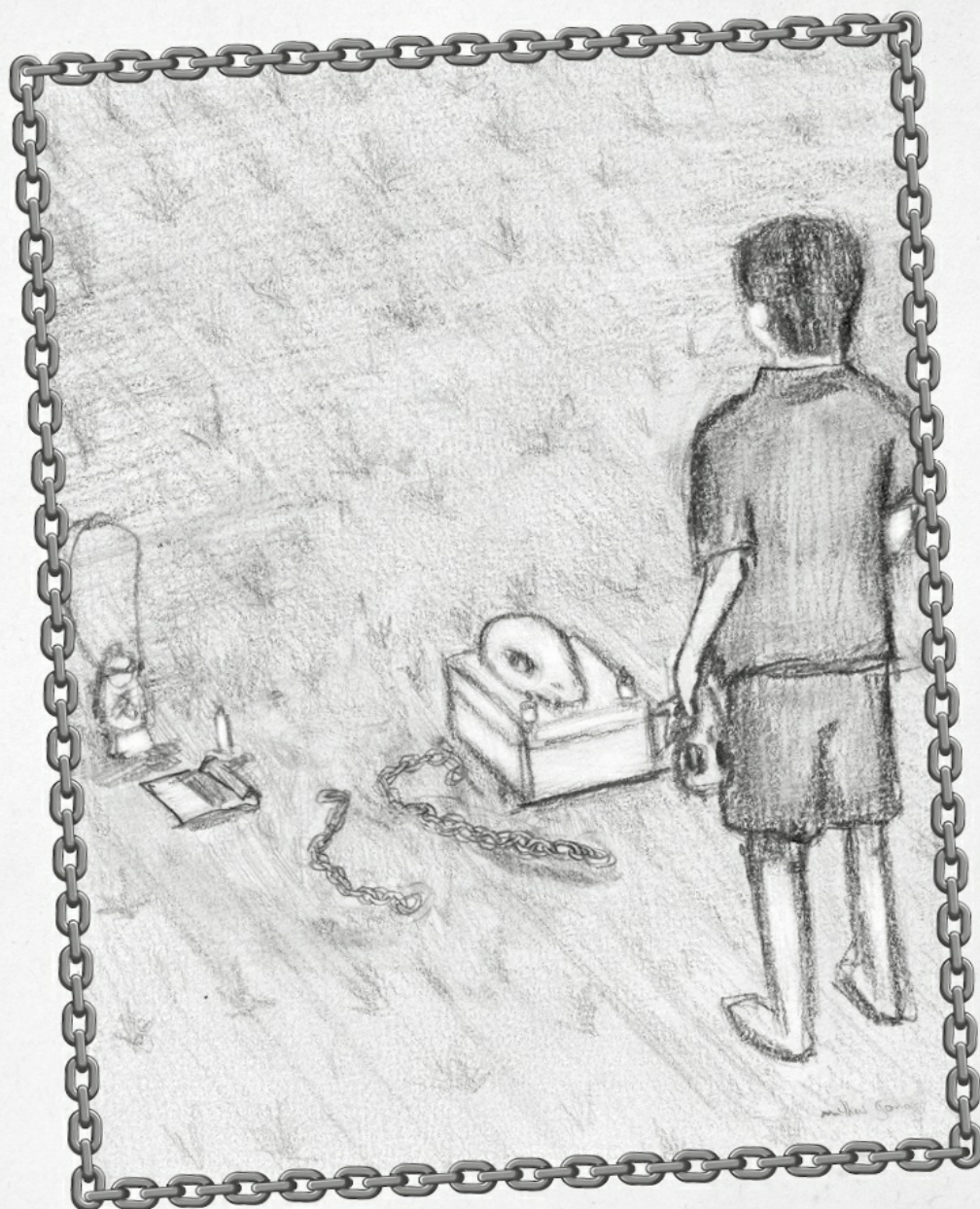
A brisa gelada não soprava forte, mas dificultou o acendimento das velas pretas. Francisco abaixou-se, posicionando-se contra o vento para proteger as chamas. Lembrou-se, então, de vestir a máscara sacerdotal. Em seguida, tomou o frasco com sangue de groselha e molhou a ponta do dedo indicador no grosso líquido vermelho. Ato contínuo, levou a mão à altura da testa e desenhou uma cruz entre os orifícios dos olhos abertos na máscara. Depois derramou um pouco do sangue artificial diante da caveira como uma oferta de libação, aspergindo-o também sobre o crânio, a corrente e a caixa de madeira. Curvou-se solenemente três ou quatro vezes diante do pequeno altar, repetindo com voz grave e austera “cão maldito, cão maldito, cão maldito”. Finalmente, estando de joelhos, elevou o recipiente com groselha ao alto com as duas mãos e, levando-o em seguida aos lábios, sorveu o sangue fantasioso, selando o ritual macabro.

Uma garoa fina começou a cair enquanto aquele dia triste se apagava. Francisco levantou-se e tirou a máscara. Afastou-se uns dois passos e, por alguns minutos, fitou silente, sob o sereno, o pequeno cenário que montara. A cabeça de Bernardo parecia agora mais sinistra envolta na penumbra do crepúsculo. As chamas das velas negras agonizavam em meio à garoa, mas ainda lançavam sombras dançantes sobre a caveira. A brisa desistira de soprar. Um silêncio tumular permeava toda a atmosfera e parecia penetrar nas coisas paralisando-as, tornando-as inertes. Era como se o universo inteiro estivesse em luto, chorando lágrimas de orvalho.

Francisco, absorto, baixou a cabeça, a mente vazia divagando... De súbito, porém, um breve ruído chamou-lhe a atenção. Voltou, então, o rosto para o altar de brinquedo e estacou assombrado, não podendo acreditar no que seus olhos viam. Horror dos horrores: a caveira de Bernardo estava se movendo, arranhando a tampa da caixa com os dentes! Atônito, o menino a viu girando devagar para a esquerda até que, nesse deslocamento arrastado, as presas pontudas do cachorro penderam para a frente, fora do apoio da caixa. Então, parando nessa posição, a cabeça morta fixou os olhos cavados em Francisco, exibindo um filete carmesim que lhe escorria pela face descarnada. Permaneceu assim o velho crânio, fitando o menino com seu olhar oco e parecendo dizer em tom de ameaça: “Agora eu sei quem você é”.

Francisco empalideceu. Gemendo, reuniu cegamente as forças e, num ímpeto, lançou-se histérico sobre o altar desfazendo tudo. Jogou os objetos de volta à caixa e a fechou depressa. Lembrou-se, enfim, que a ordem da mãe era para que enterrasse a cabeça e a corrente. Só então atinou para o fato de que, envolvido com o plano do ritual, esquecera de trazer uma enxada. Às pressas, deixou a caixa sob a pinguela e correu até a casa de João Tito para tomar a ferramenta emprestada. Voltou ofegante trazendo a enxada e uma marreta. Queria terminar o serviço antes que o crepúsculo desse lugar à escuridão completa da noite. Cavou com tanto vigor que logo um buraco fundo se abriu à margem da picada. A terra úmida facilitou o trabalho. Em alguns minutos a cabeça de Bernardo estava enterrada. Francisco bateu ali uma estaca para marcar o local. Então, voltou quase correndo para casa, onde sua mãe, apreensiva, já o esperava junto ao portão.





A caveira de Bernardo estava
se movendo, arranhando a tampa
da caixa com os dentes!

Capítulo 5

AVIÃO! AVIÃO! AVIÃO!

O padre Luciano alcançou a Rua Holanda irritado. Havia chovido muito na noite de sábado e poças de lama pontuavam a estreita viela sem pavimento em que morava com a irmã e o sobrinho. Finalmente chegara ao calçamento da Rua Holanda, mas os sapatos, recém-engraxados, estavam sujos de barro e mesmo a borda da batina não havia escapado de alguns respingos cor de terra.

Mal saíra da viela e dobrara à direita na larga alameda asfaltada e ouviu, atrás de si, no topo da ladeira, a voz ensandecida daquela mulher horrível que bradava sem parar:

— Avião! Avião! Avião!

Quase todos os domingos pela manhã era a mesma coisa. A “Louca do Avião”, como era conhecida, punha-se a andar de um lado para outro no alto do aclive, gritando para os transeuntes lá embaixo a mesma palavra. Esquelética e maltratada, os cabelos desgrenhados e o rosto desfigurado pelos acessos de raiva insana, tudo isso fazia daquela pobre mulher uma figura ao mesmo tempo assustadora e repulsiva. As crianças tinham pavor dela e os adultos, quando a viam, afastavam-se depressa balançando a cabeça, condoídos diante de tanta miséria.

O padre Luciano, porém, não tinha medo nem pena da coitada. O que sentia era raiva.

— Maldita mulher do diabo! Por que não vai logo fazer suas maluquices no inferno? Todos os domingos tenho de ouvir esses gritos insuportáveis. Está chegando o dia em que eu mesmo vou descer-lhe um tabefe na cara e curar de vez a loucura dessa velha.

Na verdade, a louca não era velha. Tinha cerca de trinta anos, ainda que estivesse bastante acabada e parecesse ter mais idade. O termo “velha” vinha à mente do padre porque era uma palavra ofensiva que ele pronunciava com muita frequência para se referir às mulheres carolas da Paróquia de Santo Emílio, onde exercia o sacerdócio como vigário paroquial.

O fato é que Luciano tinha um pequeno arsenal semântico que usava sem qualquer hesitação. Isso porque o padre era um homem amargurado. Parecia odiar tudo e todos. Assim, no trato com os que lhe eram mais próximos e com aqueles que julgava inferiores, raramente abria a boca sem disparar uma frase em que não houvesse uma palavra dura, áspera, feia e ofensiva.

Não tinha sido sempre assim. Quando jovem, Luciano mostrava-se geralmente simpático e alegre, apesar de viver sob o peso de ter de cuidar da mãe doente. Foi, porém, justamente sua mãe que, no leito de morte, colocou mais um fardo sobre ele, fazendo-o jurar que seria padre. É que Luciano nascera muito fraco, com poucas chances de sobreviver. Sua mãe, então, tomada de aflição, jurara a Nossa Senhora que se o menino não morresse ela o faria dedicar-se ao sacerdócio.

— Não me deixe em dívida com Nossa Senhora, meu filho — dizia ela com a voz trêmula e apagada. — Jure que honrará a palavra dada por mim à Mãe de Deus, pois como minha alma poderá voar do purgatório para o paraíso se estiver maculada pela culpa da quebra de uma promessa tão santa e que lhe valeu a própria vida?

E Luciano, comovido, jurava. De fato, jurou várias vezes ao pé daquele leito de enfermidade. Como, pois, poderia mais tarde descumprir o que prometera de forma tão solene à mãe em agonia? Entrou, enfim, bastante jovem, para o seminário e seguiu sua vocação forçada acalentando, pelo menos nos primeiros anos, certa disposição e boa vontade.

Tivera seus desvios, é verdade... Sendo um homem opulento, dotado de muito boa aparência (o que surpreendia, considerando quão fraco fora quando bebê) desfrutara da facilidade de se aproximar indevidamente de algumas mulheres de quem fora confessor. Mantivera, porém, a

discrição e evitara problemas mais complexos. Exceto num caso, aliás, bastante grave, do qual não convém falar agora.

Seguira, pois, sua carreira a contento, pelo menos aos olhos dos seus superiores, e tinha pouco de que se queixar. Contudo, estando agora já na casa dos quarenta, o padre nutria alguns desapontamentos bastante profundos.

Na verdade, duas eram, basicamente, as suas frustrações. A primeira tinha como causa a própria Igreja. Luciano acreditava que as autoridades do clero tinham sido, até então, injustas com ele. Estando já na meia-idade, entendia que passava da hora de liderar uma paróquia, deixando de ser apenas um “simples padreco”, como dizia, que ajudava na Matriz de Santo Emílio exercendo as funções de mero vigário paroquial. Até então tinha sido padre em cidades pequenas e mesmo agora, exercendo o ministério em São Paulo, na igreja situada no bairro vizinho de Vila Prudência, era sujeito ao padre Pacômio Saaz, o que o deixava inconformado, posto que se considerava alguém com muito mais visão e capacidades do que o velho pároco.

A segunda causa do espírito amargurado do padre, talvez a mais profunda e dolorosa, era sua frustração como indivíduo. Luciano invejava os homens casados. Contava exatamente com 45 anos. Considerando o tempo decorrido e o que o futuro parecia reservar para ele, sentia que o sacerdócio lhe roubara o direito de desfrutar plenamente dos prazeres corporais na fase de maior vigor da sua vida. E não somente isso. A carreira eclesiástica o privara de ser feliz e realizado como pai de família, como homem comum cercado de esposa e filhos, amando e sendo amado de forma singular, com aquele tipo de afeto que, agora, o padre parecia estar condenado a jamais conhecer.

Assim, tudo que Luciano podia vislumbrar na vida doméstica presente era a convivência entediante com a irmã viúva e com o sobrinho adolescente. Quanto ao futuro, imaginava que iria tão somente envelhecer bem devagar na companhia maçante da irmã, morrendo afinal sozinho, talvez na mesma casa da viela. Certamente, poucos iriam ao seu funeral.

— Avião! Avião! Avião!

A louca continuava gritando. Um casal e o filho adolescente saíram da Rua B, à frente do padre, passando diante do empório do Branco que, às seis e meia da manhã, ainda estava fechado. Atravessaram a Rua Holanda, voltando a atenção para a mulher que berrava lá no alto. Instintivamente, o padre olhou para trás. Não para mirar a louca, a quem fazia questão de, por todos os meios, desprezar, mas porque percebeu que alguém o seguia de perto.

— Ah, caiu da cama, afinal, preguiçoso!

O sobrinho do padre não respondeu. Apenas dirigiu ao tio um olhar encabulado.

— Tem sorte de me alcançar, porque eu não ia ficar esperando vagabundo acordar. A missa começa às sete e meia e não vou me atrasar por sua causa.

Voltou o olhar para a frente e, com um movimento da cabeça, apontou para a família que havia acabado de atravessar a rua, seguindo na direção da chácara do Fino.

— Olhe aqueles ali. Todos com o livro preto na mão. Bando de bodes que acham que podem entender a *Bíblia* sem a ajuda da santa Igreja. Lá vão eles bem cedo servir ao diabo em suas reuniões heréticas. E você, Baxixa, que sabe o que é certo, não tem um pinga de disposição para ir à missa.

O garoto continuava quieto. Baixou a cabeça para esconder a irritação que se estampou em seu rosto quando o tio o chamou de “Baxixa”. No fundo, aquele apelido o ofendia. Destacava um dos diversos traços negativos de sua aparência. Com efeito, o garoto era baixo e, além de baixo, era ruivo, sardento, tinha orelhas de abano e era muito magro. Pra piorar, usava óculos de lentes grossas fixadas numa armação preta, o modelo preferido das pessoas idosas, mas o único que sua

mãe se dispusera a comprar, levando em conta somente o preço e desprezando totalmente a estética.

— Avião! Avião! Avião!

A mulher alucinada continuava a gritar, enquanto o padre e o garoto dobravam a esquina atrás da família de crentes.

— Oh, dia abençoado! — disse Luciano ironicamente. — Cá estou eu, logo cedo, cercado pela ralé mais desgraçada. Uma louca, três hereges e um vagabundo à minha volta... Devo ser Dante ou, quem sabe, Virgílio, pois só posso estar no inferno.

“Vagabundo é você”, pensou Baxixa, contendo a fúria que lhe subia à cabeça. “Vagabundo e comilão. Bem que merecia estar mesmo no inferno. Não move uma palha e trata minha mãe como escrava, exigindo que ela faça tudo por você. Sem vergonha... Chama os crentes de hereges, mas eu sei que grande santarrão é você. Conheço muito bem o tipo de revistas que você esconde debaixo do seu colchão. Não são revistas com fotos da Virgem Maria. Ah, não são mesmo...”.

Aquele domingo era um dia úmido. A manhã nublada acabara de chegar ao apogeu da sua claridade, mas um fino véu de neblina ainda se estendia, inerte e triste, sobre a relva da praça. As ruas estavam vazias. As portas do pequeno templo azul da Assembleia de Deus ainda estavam fechadas, sem ninguém na calçada à espera de que fossem abertas. O culto ali só começaria às nove.

Os três crentes, seguidos pelos dois católicos, caminhavam pelo outro lado da rua, margeando a praça que ficava à esquerda, bem em frente à igreja ainda fechada. Logo vislumbraram a chácara do Fino à direita. Não havia muros ou mesmo cercas em torno daquela propriedade. Era totalmente aberta. As pessoas consideravam especialmente agradável observar aqueles belos canteiros, sempre viçosos e bem cuidados, todos coloridos com diferentes tons de verde, dependendo do que havia sido cultivado em cada um.

O calçamento da rua terminava bem em frente à chácara e, nesse ponto, a rua estava bastante lamacenta. Os crentes, especialmente a jovem senhora, caminhavam com cuidado, escolhendo onde pisar. O padre e o sobrinho os teriam alcançado, mas Luciano sabia que, se passasse por eles, estando ainda o lugar tão ermo naquela hora da manhã, veria-se obrigado a cumprimentá-los cordialmente. Por isso, ralentou os passos o máximo que pôde. Num dado momento, porém, o adolescente evangélico olhou para trás e acenou para Baxixa, sorrindo. O sobrinho do padre retribuiu a saudação cordialmente, sorrindo também com simpatia.

— Você conhece essa gente, molenga? — sussurrou Luciano em tom de reprovação.

— Conheço sim. É o João Tito. Estamos na mesma escola.

— O heregezinho está na sua classe?

— Não, tio. Ele é mais novo do que eu.

— Que estranho — respondeu o padre com um sorriso maldoso — Ele tem a sua altura!

Baxixa fez ouvidos moucos. Luciano prosseguiu:

— É esse aquele moleque maldito de que você falou? Você sabe... Aquele que...

— Não, não... Aquele é o Kiko.

— Virgem Santa! Quanto amigos bodes você tem?

— O Kiko não é crente, tio. A mãe dele é católica. É que, de vez em quando, ela vai naquela igreja azul ali atrás... Aquela do alto-falante...

— Eu sei, eu sei... Ah! Isso me deixa furioso! O que uma católica vai fazer nesses cultos do diabo? E você, Baxixa, já sabe muito bem: com tantos amigos bodes, se eu souber que você pôs os pés numa dessas igrejas falsas, a coisa vai ficar feia. Eu lhe dou uma surra pior do que a

última. Depois excomungo você e até o seu falecido pai... Agora me diga: esses três aí na frente são de qual seita evangélica?

Baxixa engoliu em seco, especialmente ao se lembrar da surra que o tio lhe dera pelo simples fato de ter esquecido de engraxar seus sapatos. Mas a menção do pai também o incomodara. Baxixa não o conhecera, pois o pobre homem havia morrido quando o filho era ainda muito pequeno. De fato, o menino não nutria qualquer lembrança afetiva em relação ao pai. Contudo, não se conformava com aquelas ameaças que Luciano sempre fazia. Por que o tio o provocava tanto e por que parecia deleitar-se em fazer ameaças que pareciam tão injustas? O garoto sabia que, de acordo com o que o padre lhe dissera, se alguém fosse excomungado depois de morto, sua alma jamais sairia do purgatório. Porém, não entendia porque Luciano faria o cunhado falecido responder para sempre pelos pecados do filho adolescente. A igreja já colocava fardos imensos sobre um homem nesta vida: rezas repetitivas, penitências severas, confissões sem fim... Não poderia deixar a pessoa em paz pelo menos depois de morta?

— Eles vão na Igreja Batista do Parque São João — respondeu baixinho, com medo que ouvissem. — Eles...

— Está vendo? É aquela igreja de que lhe falei em que mataram uma pessoa e enterraram o corpo nos fundos da propriedade. Você se lembra disso?

— Eu me lembro de o senhor ter falado sobre isso quando eu era pequeno, mas pensei que fosse só história pra criança.

— História pra criança, imbecil? Eles mataram mesmo! Depois subornaram a polícia e tudo foi encoberto. Por isso eu lhe digo: não chegue perto dessa gente.

É claro que ninguém havia sido assassinado na igreja batista. Tampouco nenhum cadáver jazia enterrado nos fundos da sua propriedade. Naqueles dias, porém, era comum alguns padres prevenir os fiéis católicos contra os cultos evangélicos inventando calúnias horríveis que, segundo diziam, os devotos deviam espalhar para o bem e para a segurança das pessoas. Luciano mesmo dissera ao sobrinho que ele deveria divulgar a tal história do assassinato e alertar a todos que pudesse acerca do grande perigo que seria o só chegar perto de uma igreja de crentes.

Na verdade, o perverso sacerdote ia além em suas medidas contra os “bodes”. Circulando pelo bairro em que morava ou próximo à Paróquia de Santo Emílio, no bairro vizinho, era comum as crianças se acercarem dele para beijar-lhe a mão e pedir-lhe a bênção. Nessas ocasiões, o padre as observava atentamente, enquanto sorria e as abençoava. Quando, afinal, percebia que entre elas havia garotos que ele chamava de “meninos largados”, ou seja, moleques de rua travessos que pertenciam a famílias desajustadas, Luciano os incentivava a atirar pedras em qualquer pessoa que vissem com uma *Bíblia* na mão. Desse modo, criava um pequeno grupo de cruéis agressores contra os quais os crentes não podiam reagir e, ao mesmo tempo, desencorajava qualquer um que estivesse “pensando em virar crente”, ao exibir as agruras e despezos a que estava exposta aquela gente.

A família de batistas, tendo passado pelo lamaçal, chegou ao fim da rua, atravessou a Estrada de Santa Virgínia e entrou numa ruela. Desceram então até a ponte de madeira sobre o riacho que servia como divisa entre a vila em que moravam e o Parque São João. Desapareceram, enfim, de vista e o padre suspirou inconformado.

— Por que vão tão cedo atrás de suas mentiras? — disse entrando à direita na estrada e parando, logo em seguida, em frente ao ponto de ônibus.

— Eles têm uma reunião de oração antes do culto e da escola dominical.

Luciano fulminou o sobrinho com os olhos. Que linguagem era aquela? “Reunião de oração”? “Escola dominical”? Com quem o sardento estava andando, afinal? Que tipo de influência estava

recebendo?

— Ah é, orelhudo? Vejo que está bem familiarizado com a ralé.

— Eu sei disso tudo porque escuto os meninos conversando na escola. O João Tito leva o Kiko na igreja dele de vez em quando.

— E Kiko é o moleque maldito que enterrou o próprio irmão numa cova rasa a mando da mãe?

— Foi o que ele me disse. Enterrou a cabeça do menino, se entendi direito.

— É bom que tenha entendido direito e que se lembre bem de cada detalhe, pois hoje contaremos essa história macabra ao padre Pacômio. Ele tem de saber o quanto o povo estúpido deste bairro precisa fazer parte de uma paróquia própria pra ser doutrinado mais de perto.

Enquanto o padre falava, o ônibus alaranjado da Viação Virgínia chegou. Luciano não precisou sinalizar para que parasse, pois estava no “ponto final”, ou seja, no que hoje é geralmente chamado de “terminal”. Ele e o sobrinho embarcaram, pagaram a passagem e aguardaram a partida. O trajeto até o Largo de Vila Prudência, onde ficava a matriz, duraria cerca de trinta minutos.



Capítulo 6

OS BATISMOS EM PARQUE SÃO JOÃO

Como sempre, havia poucas pessoas presentes na reunião matinal de oração da igreja batista. Além de João Tito e seus pais, somente mais seis pessoas compareceram: o pastor Altino, acompanhado de Dona Jandira e do pequeno Samuel; Nilson Barbosa; Aurélio Augusto; e Brenda Livorno. Marvin Cottrel também estava na igreja, mas permaneceu no pátio, cuidando de um pequeno jardim que plantara havia poucos dias, junto ao muro da frente.

Dispondo as cadeiras em círculo como de costume, os componentes do grupo seguiram o esquema habitual, lendo a *Bíblia*, expondo seus pedidos de oração, rogando a Deus uns pelos outros, suplicando em favor dos cultos que seriam realizados naquele domingo e entoando dois ou três hinos sem acompanhamento instrumental.

Tudo transcorreu normalmente, exceto, talvez, pela inusitada postura taciturna do pastor Altino durante o encontro. Sendo o líder da igreja, ele sempre abria aquelas reuniões matinais com voz forte, lia em alto e bom som algum texto bíblico que falasse sobre súplicas e ações de graças, tecia breves comentários sobre a passagem lida e dava, assim, ao encontro um caráter bastante dinâmico, não deixando que o número reduzido de participantes, o frio das primeiras horas da manhã e o sono quase inevitável que atordoava a todos fizessem aquele pequeno culto cair no marasmo total.

Naquele dia, porém, era nítido o desânimo do pastor. Ele, por assim dizer, empurrou a reunião com evidente falta de disposição e, quando chegou o momento de expor seus pedidos pessoais de oração, rogou que clamassem em prol do seu ministério, posto que, conforme disse, estava enfrentando uma situação difícil. Esclareceu que tratava-se de um problema que, na verdade, vinha já se arrastando por algum tempo e que, a seu ver, punha em jogo sua autoridade pastoral e, conseqüentemente, a possibilidade de continuar seu trabalho ali.

A reunião de oração terminou pouco antes das nove, quando os demais membros da igreja chegavam para o culto matutino. As senhoras que conversavam no pátio com seus altos penteados fixados com laquê, as crianças que brincavam felizes, correndo por toda parte sob a censura fingida dos pais, os jovens que formavam rodas de conversa, sorrindo simpáticos no desfrute de amizades divertidas, os apertos de mão calorosos dos homens cujos rostos mostravam indícios de uma barba que acabara de ser raspada com navalha, tudo isso dava àquela manhã iluminada uma atmosfera de júbilo ao mesmo tempo imenso e moderado, capaz de, em anos futuros, despertar a saudade muda e quase incontida de quem viveu aqueles dias de fé infantil e de zelo maduro.

Chovera à noite, é verdade, mas o Sol agora brilhava forte e lançava raios dourados que faziam derreter as lembranças de quaisquer fardos e, numa mágica indecifrável, desenhavam sorrisos cordiais no rosto de todos. De todos, exceto um. O pastor Altino continuava sisudo. Antes do culto começar, alguém o viu se aproximar de Irlandino e dizer mal-humorado: “Preciso ter uma conversa séria com o irmão ainda hoje. De preferência, antes da assembleia”.

O culto matutino começou dez minutos mais tarde, mas o atraso foi compensado pela homilia que, dessa vez, foi mais curta do que de costume. Quando os ponteiros do relógio fixado na parede ao fundo do salão marcaram dez horas, todos foram para o intervalo que duraria trinta minutos. Findo esse intervalo (o que era sinalizado por uma campainha tocada pela irmã Roseli), iniciou-se a Escola Bíblica Dominical, com cada grupo (crianças, jovens e adultos) se reunindo em sua respectiva classe: os adultos no salão de cultos; os jovens e as crianças nas salas ao lado.

Ao término das aulas (o que também era sinalizado pela campainha), todos se ajuntaram

novamente para um breve “encerramento” no salão de cultos. Então foi cantado um hino e a irmã Roseli procedeu à leitura dos relatórios de cada classe, informando o número de alunos presentes (e quantos haviam trazido suas *Bíblias*), o total de visitantes e a soma de membros que haviam estudado a lição semanal publicada na revista doutrinária fornecida pela Convenção Batista Brasileira.

Quase sempre, era assim que se concluíam os trabalhos das manhãs de domingo, geralmente por volta do meio-dia. As únicas exceções eram os quartos domingos de cada mês, quando a igreja se reunia em assembleia ordinária, logo depois do “encerramento”. Poucos participavam dessas assembleias, pois começavam tarde e eram entediantes, uma vez que tinham por propósito tratar de questões financeiras e administrativas, além de outros assuntos referentes ao funcionamento da igreja. Mesmo assim, as assembleias eram realizadas rigorosamente a cada mês e havia irmãos que eram muito zelosos de sua participação.

A séria conversa que o pastor queria ter com Irlandino ocorreu no intervalo entre o culto da manhã e a escola dominical. Eles se encontraram no canto esquerdo do palco, logo atrás do órgão, e o diálogo foi assim:

— Irmão Irlandino, desculpe chamá-lo para conversar num intervalo tão curto de tempo. Na verdade, preciso ter um bate-papo com o senhor sem correrias a fim de lhe expor várias coisas, mas quis lhe falar agora porque o assunto tem a ver com o que vamos tratar em assembleia.

— Não tem problema, Altino. Já imagino qual seja o assunto, mas adianto que não pretendo mudar de opinião. Você quer falar sobre o local dos próximos batismos, não é?

Jerônimo Altino conteve-se. Primeiro porque Irlandino insistia em não chamá-lo de pastor e, pra piorar, o tratava por “você”. Em segundo lugar porque, de pronto, já se demonstrava obstinado, mesmo antes de ouvir qualquer argumento.

— Eu sei que o senhor tem sua opinião e a entendo, mas haverá muito tumulto desnecessário na assembleia se o senhor insistir nisso. E note que essa sua opinião não vai prevalecer de forma alguma, mesmo porque eu não posso me dispor a fazer os batismos em nosso salão de cultos. O senhor sabe o que ocorreu da última vez. Não temos estrutura. É muito perigoso...

— Se você não vai realizar os batismos aqui de maneira alguma; se a decisão já foi tomada de forma arbitrária e ditatorial, porque então vai levar o assunto à assembleia? Você acha que as assembleias da igreja são um teatro?

Irlandino realmente não demonstrava respeito algum pelo pastor. E Jerônimo estava cansado disso. Na verdade, seu aborrecimento naquele dia não era somente devido ao caso do local dos batismos. Antes, tratava-se de um aborrecimento acumulado, que vinha crescendo havia meses e que estava chegando a limites insustentáveis. De algum modo, o pastor sabia que um confronto pesado estava prestes a acontecer. Ele só não sabia quando isso ocorreria e lutava ferozmente para, pelo menos por enquanto, controlar a fúria que já sentia borbulhar dentro de si.

— Irmão, por favor... É claro que as assembleias não são teatros, mas eu preciso formalizar a decisão de fazer os batismos em outro lugar...

— Pois no que depender de mim, você não vai formalizar coisa alguma. Vou votar contra sua proposta em assembleia e levarei comigo tantos quantos eu puder.

— Então, no caso de sua proposta vencer, não teremos batismos, pois não vou expor a igreja a mais um vexame como o ocorrido da última vez.

— Vexame? Não houve vexame algum! Foi apenas um acidente.

— Meu Deus! Foi uma tragédia jamais vista! Os batizando ficaram totalmente... expostos!

— Você não estava aqui na época. Sua opinião se baseia em testemunhos exagerados.

— É mesmo? Então todos inventaram aquela história? E o tal do Joca sumiu da igreja sem

motivo algum? O próprio Marvin Cottrel diz que não recomenda fazer os batismos aqui de novo. Disse que não há como garantir que dará tudo certo desta vez. Pra que arriscar? E a igreja de Vila Bonita sempre se dispôs a emprestar seu batistério. Lá é o melhor lugar de que dispomos...

A tragédia a que Jerônimo Altino se referia havia ocorrido alguns meses antes de ele assumir o ministério na Igreja Batista de Parque São João. Na época, seu antecessor havia preparado um pequeno grupo de candidatos ao batismo, três pessoas apenas, e disse que, então, gostaria de batizá-los no salão da igreja e não em Vila Bonita ou em qualquer outro lugar. Alegou que o batismo era algo ligado à vida particular da congregação local e que, portanto, seria muito mais significativo realizar o rito “em casa”, como dizia.

A fim de satisfazer os anelos do pastor, Marvin Cottrel se dispôs a construir uma estrutura retangular com colunas e travessas de madeira. Dentro dessa estrutura, fixou uma lona impermeável, formando, assim, uma espécie de tanque desmontável que, no dia marcado, seria enchido de água até a altura necessária para as imersões.

Para entrar e sair do tanque, Marvin fez, também de madeira, duas pequenas escadas de três degraus, instalando uma do lado de fora da estrutura e outra do lado de dentro, ambas à esquerda. O problema então passou a ser o que fazer com os candidatos logo após o batismo. Onde eles trocariam de roupa? Teriam eles que caminhar encharcados até a entrada do salão para enfim se dirigir às salas anexas? Isso seria muito ruim, pois deixaria o piso da igreja todo molhado e escorregadio, sem falar dos respingos que fatalmente atingiriam as pessoas sentadas junto ao corredor.

Movido, então, por sua habitual disposição e boa vontade, Marvin Cottrel fez um grande biombo e o instalou ao lado do batistério improvisado, cobrindo-o com lençóis. Criou, assim, um espaço atrás do qual os batizando (felizmente, todos homens) poderiam se enxugar e trocar de roupa com total privacidade.

Terminado o trabalho, Marvin percebeu que a estrutura que criara não era muito forte. Considerando, porém, que somente três pessoas seriam batizadas e que, portanto, tudo seria usado por apenas alguns minutos, concluiu que não seria exigido muito daquela armação provisória e deu-se, assim, por satisfeito.

A noite do batismo chegou e o tanque de Cottrel, cheio de água quase até as bordas, aguardava para ser inaugurado. O salão de cultos estava lotado. Uma agitação geral dominava a atmosfera dentro do templo abafado, antes de a cerimônia começar. O povo estava animado, conversando, rindo e fazendo comentários sobre a engenhosidade de Cottrel. Crianças curiosas acercavam-se do batistério e eram logo enxotadas por Irlandino que se postava de pé à frente, observando tudo com ares de manda-chuva.

Chegada a hora, o culto começou alegre, com hinos vibrantes sendo entoados por dezenas de corações devotos. Em seguida, o pastor, tendo lido a passagem de *Mateus 28.18-20*, pronunciou um breve sermão. Logo depois fez uma oração e convidou os três candidatos ao batismo a virem à frente para serem apresentados ao povo.

O primeiro era um moço tímido, magro e de estatura média, cujo nome era Manoel. Ninguém, contudo, o chamava assim. Todos o conheciam como Manequinho ou apenas Nequinho. O segundo a ser apresentado foi João Carlos Francelino, o Joca. Era um homem de uns trinta e cinco anos, enorme, peludo como um macaco, gordo e lento. Joca Francelino era estrábico e tentava compensar a falta de estética facial mantendo a barba preta bem cuidada. Finalmente, o terceiro candidato era o irmão Avelino, o ancião negro que vendia galinhas de macumba e trocava o “erre” pelo “ele”. Nequinho, Joca e Avelino estavam trajados com vestes brancas. Suas roupas comuns, além de três toalhas bem surradas, os aguardavam atrás do biombo.

Terminadas as apresentações, o pastor posicionou-se ao centro do tanque de lona e chamou o jovem Manoel. Usando as escadas de madeira, o moço entrou na água fria soltando um gemido abafado e se pôs diante do ministro. O pastor, então, o arguiu acerca da fé e, juntando as mãos do rapaz e cruzando-as sobre o seu peito, empurrou-o para trás, mergulhando-o na água. Quando o moço se levantou, toda a congregação cantou com vigor:

Oh ! Que belos hinos cantam lá no céus!

Pois do mundo o filho mau voltou!

Vede no caminho o bom Pai abraçar,

Esse filho que ele tanto amou.

Glória, glória os anjos cantam lá!

Glória, glória as harpas tocam já!

É o santo coro dando glória a Deus,

Por mais um remido entrar nos céus.

Emocionado, Nequinho saiu do batistério, entrando atrás do biombo. Marvin Cottrel sorriu aliviado. A estrutura aguentara muito bem todo o movimento, sem sequer ranger. Certamente suportaria mais dois mergulhos.

O pastor convocou o próximo candidato, o Joca Francelino. Cottrel ficou apreensivo. Só agora lhe ocorria que Joca, sendo o maior e mais desajeitado dos três batizando, devia ter sido deixado por último. Assim, se algo desse errado enquanto estivesse sendo submetido ao rito, isso não comprometeria o batismo dos outros candidatos. Agora, porém, era tarde demais para sugestões. Joca já subira a escada externa e se virava lentamente para descer a interna, posta sob a água.

Como fizera Nequinho, o grandalhão se postou diante do pastor com as mãos cruzadas sobre o peito. Inquirido sobre a fé, respondeu com afirmações solenes, conforme o esperado. Diferente do que todos na congregação imaginavam, foi mergulhado sem qualquer dificuldade. Apenas saiu meio atordoado da água, sendo assistido pelo pastor quando pareceu perder um pouco o equilíbrio. Calmamente, porém, ao som da segunda estrofe do hino congregacional, moveu devagar o corpanção até as escadas e, já fora do tanque, desapareceu atrás do biombo.

Cottrel era só sorrisos. Se algo tinha de dar errado, o momento para isso passara. Agora só restava a imersão de Avelino. Com certeza, o homem era o mais trapalhão dos três e, conforme havia dito, morria de medo de água. Porém, mesmo que fizesse alguma estrepolia, sendo idoso, magro e pequeno, seria facilmente controlado pelo pastor que, experiente, já estava de sobreaviso.

Com a ajuda de Irlandino, o velho entrou na água tremendo. Seguiu até o pastor que o inquiriu com a maior simplicidade possível, perguntando apenas: “Você crê no evangelho?”. Ao que Avelino respondeu tímido: “*Cleio*, sim sinhô”. O pastor então levantou a mão direita, pronunciou a fórmula batismal e tombou o velho na água. Avelino não decepcionou a multidão e deu o pequeno *show* que quase todos esperavam. Levantou se debatendo e puxando o fôlego desesperado. Com um sorriso paterno, o pastor o amparou e acalmou, dizendo-lhe ao ouvido que tudo corra bem e que a parte mais apavorante já havia passado.

Recomposto, Avelino subiu a escada interna e, chegando ao alto, buscou onde se segurar para fazer o giro e descer os degraus externos. Onde estava, afinal, Irlandino para ajudá-lo? Sozinho, o velho ergueu o pé direito para transpor a borda do tanque, mas, perdendo um pouco o equilíbrio, curvou-se com cuidado para se segurar na própria estrutura. Vendo, porém, que o apoio das mãos, por estar muito abaixo, não seria possível, aprumou-se e levantou outra vez o pé direito para firmá-lo na escada externa. Nesse exato momento, porém, o pé esquerdo escorregou e o pobre homem, tentando se recompor, estendeu instintivamente a mão direita, agarrando-se

em pânico à parte superior do biombo que veio abaixo num grande estrondo, enquanto o velho caía de costas na água.

O pastor apressou-se em socorrer Avelino, não percebendo de pronto que, naquele instante, a tragédia era outra e muito pior. Sim, pois, ao derrubar o biombo, o velho expôs diante de todos os dois candidatos que então trocavam de roupa.

Nequinho, a bem da verdade, já estava vestido e somente abotoava a camisa, mas Joca Francelino, lento como era, havia acabado de se enxugar e estava totalmente nu, tentando vestir uma camiseta de gola apertada. “Ele tá pelado!”, berrou um menino sapeca, apontando o dedo. A multidão gritou diante daquela cena horrenda e o gordo, arregalando os olhos tortos na face desfigurada pelo pavor, tentou depressa cobrir as partes pudicas com as mãos. Os braços, porém, estavam presos até os cotovelos às mangas da camiseta e o pobre homem, gemendo, sem ter onde se esconder, virou-se de costas, proporcionando à congregação inteira a visão mais escabrosa jamais testemunhada em toda a história das desventuras cristãs. Mas essa cena produzida pelo giro instintivo durou somente um segundo, pois Joca logo viu uma saída. Sem vacilar, ele subiu correndo a escada externa do tanque e pulou para dentro do batistério, caindo sentado na água.

O impacto do corpanzil foi tão forte que todos ao redor ficaram encharcados. A estrutura de madeira, sob o violento golpe, desmanchou-se e Joca, rolando, foi arrastado pela água, jazendo, enfim, com os olhos virados, nu e atordoado, entre as primeiras fileiras de cadeiras. Às pressas, um irmão bondoso o cobriu com um paletó.

O espetáculo havia terminado. E o culto também. Todos saíam do salão para se livrar da enchente. O pastor levava a mão à testa repetindo inconformado: “Meu Senhor! Meu Senhor!”. Avelino, chorando, desculpava-se com todos os que se aproximavam. Joca, protegido por uma barreira de homens que o cercavam, vestiu-se sem pronunciar palavra. Depois foi embora cabisbaixo e nunca mais voltou. Nem mesmo ao pastor ele deu quaisquer satisfações. Simplesmente desapareceu. Entre os crentes passou a circular a notícia de que se mudara para a casa de parentes em Bauru, interior de São Paulo, onde arranjava emprego como jardineiro num grande templo budista. Ninguém sabia se ele se filiara ou não a outra igreja.

Eis aí a história que apavorava Jerônimo Altino e o fazia repudiar a mais remota chance de repeti-la. Irlandino, porém, mostrava-se inamovível em sua oposição. Deleitava-se em revelar-se sempre contrário ao pastor, qualquer que fosse o assunto. Tudo a fim de que ninguém jamais o visse como um membro comum, submisso ao líder da igreja.

Foi assim que, durante a assembleia, ao tratar do item “Local para a realização dos batismos”, inserido na ordem do dia, o “Dono da Igreja” se levantou irritado, opondo-se à sugestão do “presidente” de tomar emprestado o batistério da Igreja Batista de Vila Bonita. Apresentou seus argumentos, nenhum deles, na verdade, muito inesperado: “Temos nosso próprio templo”; “Não podemos abusar da disposição dos irmãos de outra igreja”; “O acesso até Vila Bonita é difícil para muitos membros”; “Podemos evitar o que ocorreu no passado tomando as devidas precauções”...

Apesar de toda a sua veemência, Irlandino logo percebeu que não estava convencendo o povo. Os irmãos ainda viviam sob o impacto do trauma causado pela história do Joca e meneavam a cabeça enquanto Irlandino falava, dando sinais de reprovação. O homem, então, foi ficando mais e mais inflamado. Até porque não suportava a ideia de não ser ouvido, uma vez que isso indicava que estava perdendo espaço como chefe na visão das pessoas. Desse modo, nitidamente dominado pela impaciência, começou a atacar o próprio pastor, seu verdadeiro alvo em toda aquela pirraça. No uso desse expediente, sugeria zangado que Jerônimo Altino queria impor à

igreja seus caprichos pessoais e, para realçar seu desprezo pelo pastor, começou a se referir a ele como “este homenzinho”.

— Irmão, quero lembrá-lo que sou o pastor da igreja e presidente desta assembleia. Por favor, ao se referir a mim, use termos mais honrosos.

— O líder que exige ser honrado deve primeiro conquistar a honra, servindo os liderados e não manipulando-os em benefício próprio.

— Irmão, que benefícios pessoais o senhor acredita que eu recebo ao fazer os batismos em Vila Bonita?

Irlandino gaguejou... Resmungou qualquer coisa e, por fim, pronunciou um jargão desconexo:

— O verdadeiro pastor é zeloso pelo seu rebanho...

Os irmãos se entreolharam confusos. Irlandino parecia delirar. Estava transtornado e o que acabara de dizer não tinha relação alguma com o assunto discutido. O pastor, sentado à mesa, fitou-o com olhar inquiridor, como quem diz: “O que isso tem a ver com o tema em pauta?”.

Marvin Cottrel, percebendo o impasse e mostrando-se sensível à situação embaraçosa em que Irlandino se metera, tentou neutralizar a tensão do momento, pedindo a palavra:

— Irmãos, eu gostaria de expressar minha admiração e apreço pelo irmão Irlandino. Ele é um homem que tem o coração nesta igreja e é compreensível que deseje que um evento tão importante como os batismos ocorra aqui, no local que é, por assim dizer, a nossa casa. No entanto, acredito que ele se expressou com certa inexatidão ao dizer que nosso pastor está buscando interesses pessoais ao sugerir que os batismos sejam feitos na igreja de Vila Bonita. Na verdade, creio que essa sugestão do pastor Altino mostra exatamente o contrário, isto é, sua preocupação com a igreja, considerando os fatos ocorridos no passado. Por isso, com todo o respeito que tenho pelo irmão Irlandino, penso que a igreja deve acolher a sugestão do pastor que eu agora transformo em proposta.

As palavras brandas e elogiosas do americano não surtiram qualquer efeito positivo sobre Irlandino. Antes, ao ouvir a última frase de Cottrel, o “Dono da Igreja” levantou-se bufando como um touro bravo e caminhou para a saída batendo os pés. Chegando à porta, virou-se e, dirigindo-se à mesa, disparou: “Pastorzinho fajuto e ignorante!”. Então foi embora, abanando a cabeça.

Toda a igreja ficou perplexa, mas o pastor contornou a situação, dizendo que Irlandino estava somente um pouco nervoso, que mais tarde conversaria a sós com ele e que tudo acabaria bem. Depois, bastante tenso, deu sequência às discussões do principal assunto da pauta, aprovando por unanimidade a realização dos batismos na igreja de Vila Bonita. Por fim, encerrou a assembleia e despediu os irmãos com uma oração.

Todos foram embora e Jerônimo Altino ficou, então, sozinho no salão de cultos. A irmã Jandira e o pequeno Samuel já tinham ido para casa antes mesmo de a assembleia começar. “Estou atrasada com o almoço”, alegara a esposa do pastor ao sair. A boa providência a poupou, assim, de testemunhar os insultos feitos contra o marido que, agora, isolado e desolado, torturava-se com as lembranças do que acabara de ocorrer. Como Irlandino ousara ser tão insolente? De fato, cheio de más intenções, ele derrubara o biombo do respeito e se esmerara em expor o próprio pastor da igreja publicamente ao desprezo. Aquele velhote passara, sem dúvida, dos limites.

Jerônimo, é verdade, tinha se controlado de forma excepcional enquanto fora tão gravemente desacatado. “Só pela graça de Deus”, pensou. No entanto, a graça que o amansara há poucos momentos parecia agora escoar aos borbotões, tal como a água do batistério frágil que Joca destruíra. Com efeito, o que Jerônimo sentia crescer dentro de si naquele instante era um rancor

borbulhante, um desejo devorador de fazer Irlandino pagar caro pelo que fizera. A tristeza melancólica que o pastor abrigara nas primeiras horas da manhã cedia agora lugar àquele ódio fervente e sufocante que solapa todas as barreiras impostas pela razão. E Jerônimo iria extravasar esse ódio, afinal. Ah, iria sim. Só não imaginava que faria isso naquele mesmo dia. Na verdade, em menos de uma hora.



Capítulo 7

BAXIXA ENTENDEU TUDO ERRADO

— Que história descabida, padre! Não me lembro de algo assim jamais ter ocorrido por estas bandas.

O respeitável padre Pacômio, sentado na sacristia, levava a mão ao queixo, enquanto refletia sobre o caso que Luciano acabara de narrar.

— Sim, padre. Isso mostra o quanto aquela gente ignorante precisa de uma igreja mais perto. O senhor sabe o que penso. Precisamos criar uma nova paróquia. A região é grande demais. O senhor poderia falar com o bispo da diocese e...

— Eu sei, eu sei... Mas não é tão simples assim. Uma nova paróquia precisa ter os limites bem definidos. E vai envolver gastos. Você conhece tudo muito bem: o decreto do bispo não sai sem que tudo isso seja estudado e discutido. Talvez seja mais fácil apenas construir uma igreja. Ainda assim, uma obra desse tipo sai caro. E não podemos contar muito com a ajuda dos paroquianos da Vila Santa Virgínia. São pessoas pobres...

Pacômio Saaz tinha razão. Aliás, era raro não emitir pareceres razoáveis. O pároco de meia-idade, estatura mediana e óculos de armação preta era, de fato, um homem sincero e muito ponderado. Luciano, porém, detestável como era, não via naquelas palavras senão egoísmo e hipocrisia. “Maldito! Esse cura ambicioso não suporta nem mesmo a sugestão de dividir sua paróquia”, pensou.

— São essas pessoas pobres que estão sendo levadas para as seitas dos bodes, padre. Esse incidente que lhe contei ocorreu, com certeza, porque a mãe da criança morta, apesar de católica, mal conhece o catecismo. Meu sobrinho disse que ela frequenta as malditas comunidades de crentes espalhadas pela região. Aqueles bodes...

— Não são bodes, padre. São ovelhas de Cristo que foram desviadas por falsos pastores. A nós compete rezar por essas pessoas a fim de que voltem para o seio da Santa Mãe Igreja.

— Então, se me permite dizer, é bom rezar bastante porque a situação está ficando bem feia por aqueles lados. O diabo agora resolveu usar chumbo grosso!

— Como assim?

— O senhor já devia saber. Se não sabe, não é de estranhar. Como eu tenho dito, sua paróquia é muito grande. Não há como acompanhar tudo que...

— Vá direto ao ponto, Luciano! — interrompeu Pacômio Saaz com certa impaciência.

Luciano percebeu a irritação ainda que contida. Mais do que isso: ao ser chamado pelo primeiro nome, entendeu de pronto o recado. O pároco estava claramente fazendo-o lembrar que era seu superior, de modo que o que acabara de dizer não era um pedido, mas sim uma ordem.

— O que quero dizer — prosseguiu Luciano com a voz um pouco trêmula — é que o padre Aníbal, ou melhor, o ex-padre Aníbal tem feito discursos nas igrejas evangélicas da região. E muitos católicos têm ido ouvi-lo, até mesmo por mera curiosidade.

— O Aníbal Pereira Reis? O apóstata? — o padre Pacômio disse isso alterando o tom de voz, o que era raro num homem tão sereno como ele.

— Ele mesmo. O pior é que, pelo que ouvi dizer, os templos dos bodes ficam lotados. E aquele anticristo não poupa em nada a Santa Igreja. Difama desde os coroinhas até o papa. O canalha não tem limites...

— Mas o cardeal Agnelo Rossi já o desmascarou. Você lembra do episódio daquela suposta carta do cardeal para o Dom Paulo Evaristo? Já ficou provado que a tal carta foi forjada. O Aníbal falsificou o documento. Todo mundo sabe disso! Por que o povo católico continua

ouvindo um homem como esse?

Pacômio Saaz estava visivelmente irritado e isso deixava Luciano muito satisfeito. Se pudesse imprimir no espírito do pároco a noção da extrema gravidade da situação, certamente o convenceria mais facilmente a tomar medidas rápidas como, quem sabe, fazer o pedido de fragmentação da paróquia ao bispo da diocese. E se isso acontecesse, Luciano teria a chance de dar um passo adiante em sua carreira eclesiástica, deixando de ser um mero vigário paroquial. Afinal de contas, quem mais seria indicado para liderar a nova freguesia senão ele, que morava em Vila Santa Virgínia fazia anos?

— Desculpe, padre — disse Luciano, aproveitando o momento para por ainda mais lenha na fogueira —, mas o senhor acha que o povo de lá sabe dessas coisas? Os moradores de Vila Santa Virgínia não têm nem igreja católica pra frequentar. Para virem aqui na matriz precisam pegar condução. O custo da passagem de ônibus é pesado para eles. É gente pobre, como o senhor mesmo disse... Por isso eles ficam longe da igreja e desses assuntos, sem receber instrução nenhuma e sem ouvir alerta algum. Se houvesse pelo menos uma capela na região, poderíamos reunir os fiéis e preveni-los contra lobos como esse ex-padre Aníbal, mas não temos nada. A verdade é que nosso povo está à mercê das seitas evangélicas e, dói-me dizer, mas são essas seitas que estão doutrinando as suas ovelhas, padre.

Pacômio Saaz cobriu o rosto com as mãos e ficou em silêncio por um instante. O bom pároco sentiu um aperto no coração quando ouviu a última frase de Luciano. De fato, eram suas ovelhas, as ovelhas que Cristo lhe confiara, que estavam sendo devoradas por chacais perversos como o tal ex-padre Aníbal. Ao que tudo indicava, Luciano parecia ter razão. Algo precisava ser feito. Devia, porém, refletir mais. Não podia agir de modo temerário, fazendo solicitações impensadas ao bispo. Então, como que despertando de repente de um estado de torpor, cortou subitamente o rumo da conversa, voltando ao assunto inicial.

— Sobre a história do bebê morto que a mãe enterrou no descampado... Você tem mais detalhes? Tem certeza de que isso aconteceu mesmo?

— Certeza absoluta, padre. Meu sobrinho chegou a ver o lugar da sepultura. E ele conhece bem todas as pessoas envolvidas. Como sempre, eu o trouxe à missa hoje. É um menino meio estúpido, desculpe dizer, mas não é de mentir, nem de inventar histórias. Quer que eu o chame? Ele pode contar o caso com mais detalhes.

O pároco anuiu com um suspiro. O relato de mais absurdos e desgraças não poderia piorar aquela já tão desditosa manhã.

Baxixa entrou na sacristia atendendo o chamado de Luciano. Tímido, colocou-se ereto diante da mesa de Pacômio Saaz, os braços esticados junto ao corpo. Ficou ali, rígido como um pequeno soldado em posição de sentido, enquanto o pároco o examinava com os olhos, coçando o queixo.

— Então você é o Francismar? — perguntou o padre, esboçando um sorriso forçado.

— Sim, senhor.

Baxixa estava tenso. Sabia que se dissesse algo que desagradasse o tio, as consequências seriam terríveis para ele. Certamente levaria uma surra daquelas e podia ter certeza de que, por mais severa que fosse a coça, sua mãe não ousaria interferir, deixando sua “educação” nas mãos de “alguém capacitado por Deus”.

— Sente-se, garoto. Faça de conta que aqui é a sua casa, está bem? Não fique preocupado. Quero lhe fazer só algumas perguntas.

O pároco havia percebido o nervosismo do menino e sabia que isso poderia estancar o livre fluxo da narrativa que pretendia ouvir, tornando-a incompleta. Por isso, tentava mostrar simpatia,

escondendo os aborrecimentos que, naquela hora, guardava no coração abatido.

Baxixa agradeceu e, olhando de soslaio para o tio de quem aguardou aprovação, sentou-se na cadeira estofada em frente à mesa, preparando-se para a entrevista.

— Eu conheço você, Francismar. Sempre o vejo aqui na igreja. Nunca conversamos, é verdade, mas seu tio fala muito a seu respeito e já me disse que você é um bom católico. Se não me falha a memória, você até pretende ser padre. É verdade?

Francismar jamais desejara ser padre. Na verdade, nunca pensara, jovem como era, em seguir carreira alguma. A ideia do menino abraçar o sacerdócio no futuro era coisa do tio (que não suportava a hipótese de o sobrinho ter uma sorte melhor do que a dele) e da mãe (que sempre dizia que achava “linda a vocação religiosa”).

— Eu acho linda a vocação religiosa.

— Muito bem, meu jovem. E se algum dia quiser mesmo seguir os passos do seu honrado tio, pode contar com minha ajuda para orientá-lo. Agora, porém, quero falar com você sobre outro assunto. O padre Luciano me disse que um amigo seu enterrou o cadáver de uma criança lá em Vila Santa Virgínia. Você pode me contar melhor como foi isso? Essa história é mesmo verdade?

— É verdade, sim, padre. Foi o Kiko. Ele enterrou a cabeça do irmãozinho dele perto da pinguela que fica no caminho da escola.

— A cabeça do próprio irmão dele?

— Sim. Ele pôs a cabeça dentro de uma caixa de madeira e enterrou.

— E como você soube disso?

— Eu passo na casa dele e do João Tito todos os dias pra irmos juntos à escola. O João Tito é vizinho do Kiko. Mora algumas casas acima, subindo a rua. Um dia, quando eu cheguei, eles estavam conversando no portão e o Kiko dizia que havia enterrado a cabeça do Bernardo no descampado, perto da pinguela. Então eu perguntei: “Quem é esse Bernardo?”. E ele me disse que era o santo protetor da mãe dele.

— Santo protetor?

— Foi o que ele falou. Mas eu vi que o João Tito riu e eu achei que fosse brincadeira. Então eu me lembrei que o irmão do Kiko tinha morrido ainda bem pequeno, quando eles moravam num sítio. Aí eu perguntei: “Esse Bernardo era seu irmão?”. Então o Kiko ficou sério e respondeu: “O Bernardo era mais do que um irmão pra mim”. Depois a gente foi pra escola e, no caminho, ele me mostrou onde tinha enterrado a cabeça. O Kiko marcou o lugar com uma estaca.

Pacômio levou a mão à testa.

— Meu Deus! Não pode ser! Isso é uma afronta aos mortos! Será que estamos lidando com bárbaros pagãos? Diga-me, Francismar, você não acha que o seu amigo inventou essa história?

— Não porque eu perguntei para a mãe dele, a Dona Lola, e ela confirmou. Ela disse, quase chorando, que foi uma decisão difícil, mas que achou que era a melhor coisa a fazer.

Pacômio Saaz baixou a cabeça e ficou em silêncio. Baxixa olhou ansioso para Luciano que fez um sinal de aprovação. O menino abafou um suspiro aliviado e permaneceu quieto, aguardando as próximas perguntas. Com os ombros curvados, meio encolhido na cadeira, passou então a correr os olhos ao redor, admirando especialmente um gaveteiro de ébano todo trabalhado, em estilo colonial, que ocupava a extensão completa à direita da sala. Acima desse belo móvel negro, fixado no centro da parede, um grande quadro de moldura dourada exibia a fotografia do Papa Paulo VI sentado no trono pontifício. Trajava bata branca. O amito e o solidéu, também brancos, cobriam respectivamente os ombros e a cabeça. Um crucifixo de ouro pendia à altura do peito do Vigário de Cristo. O Santo Padre exibia ainda o anel de São Pedro na mão direita erguida, cujos dedos estavam dispostos na tradicional posição de abençoar.

Baxixa observou o quadro por alguns instantes, mas a figura do pontífice romano não lhe causou grande impressão. Logo outra coisa chamou-lhe atenção, fazendo-o voltar os olhos para o canto da parede à esquerda, bem atrás da mesa do pároco, onde percebera um pequeno movimento junto ao rodapé. Era um camundongo que circulava assustado tentando se esconder. Baxixa, não querendo denunciar o bichinho, tentou disfarçar a surpresa e tornou a observar a figura de Paulo VI, simulando um semblante devoto. “Se esse rato tiver a sorte de comer uma óstia consagrada”, pensou enquanto se ajeitava na cadeira, “criará asas e virará um morcego!”. Aprendera essa curiosa lição com Luciano. Tinha sido assim que o padre impingira no sobrinho a noção de que o corpo eucarístico de Cristo era um veículo sem paralelos de bênçãos infindas.

— Essa mulher, a Dona Lola, disse mais alguma coisa? — perguntou enfim o pároco, desejoso de concluir logo a entrevista.

O garoto, distraído, voltou-se para o inquiridor num leve sobressalto. Então vasculhou a memória por um instante e respondeu:

— Ela falou sobre um cachorro. O Kiko também disse algo sobre um cão enorme, mas eu não entendi direito. Parece que eles eram devotos de um cachorro morto e que achavam que esse cachorro era santo, mas eu não tenho certeza.

Quando ouviu isso, o próprio Luciano ficou surpreso.

— Essa parte da história, você não me contou — reagiu prontamente o tio do garoto. — Parece então que o caso é ainda pior!

— É que eu só me lembrei disso agora que o padre Pacômio perguntou. Por favor, me desculpe, tio.

Luciano, na verdade, não via nada de que Baxixa tivesse que se desculpar. O garoto estava fazendo muito mais do que o esperado. De fato, o padre perverso quase sentiu o desejo de abraçá-lo, mas logo rechaçou essa ideia com repugnância.

— A cabeça de um bebê enterrada num lugar qualquer e a adoração de um cachorro! — pensou alto o pároco. — E católicos se acotovelando nos salões protestantes para ouvir os devaneios de Anibal Pereira Reis... Que bairro é esse em que vocês moram?

— Com todo o respeito, padre, é um bairro em que a igreja está ausente. Precisamos fazer alguma coisa depressa.

— Sim, Luciano. E faremos. Faremos sim.

O pároco voltou-se então para o garoto e disse, pausadamente, com a voz cansada:

— Francismar, tudo que você viu e ouviu dessa gente é horrível e inaceitável. Espero que entenda isso. Um bebê sepultado dessa forma, provavelmente sem ser batizado, deve ter sua alma retida em pranto perpétuo no purgatório se não rezarmos muito por ela. Eu não me assustaria se ouvisse os seus gritos de horror brotando daquela cova rasa. Por isso, cuidado com as pessoas que fizeram isso e não se deixe influenciar por pagãos e apóstatas. Agora pode ir. Muito obrigado por nos ter dado ciência desses fatos. Tomaremos as providências necessárias. Só guarde essa história em segredo, até que tomemos qualquer decisão.

Pacômio Saaz exagerara. Sabia que as almas de bebês não batizados eram poupadas de castigos tão severos dada a sua inocência, sendo-lhes aplicada, no máximo, a “suavíssima pena” de ficar no limbo sem ter a visão de Deus. Porém, seu justo objetivo foi infundir temor no garoto, livrando-o de más associações. E o expediente funcionou. Francismar, tomado de assombro, demonstrou total submissão às orientações do pároco. Depois levantou-se e saiu da sacristia. Ao chegar, porém, à porta, deu uma rápida olhadela na direção do rodapé. O camundongo desaparecera.

— Não se preocupe — disse Luciano em voz baixa, um sorriso maligno no rosto. — Eu vi

onde ele se escondeu. Sabe o que vou fazer? Vou esmagá-lo com este sapato que você mesmo engraxou.



Capítulo 8

O VENDILHÃO

Jerônimo Altino caminhou para casa taciturno, os pensamentos embaralhando-se em sua cabeça. A raiva que sentia de Irlandino ainda não se apagara, mas parecia agora variar numa espécie de ir e vir, num revezamento em que ora nutria ternos anseios de reconciliação, ora criava imagens de fúria vingadora, uma gama de fantasias ousadas em que ele, Jerônimo, feria violentamente o “Dono da Igreja” e o humilhava até o nível mais baixo.

Seguiu assim para casa, desviando-se das poças de lama que o Sol preguiçoso daquele dia infausto ainda não estorricara. O trajeto era breve e repleto de distrações, pois as pessoas estavam nas ruas aproveitando alegres a folga do fim de semana. As senhoras, em especial, eram as que mais saíam das casas, a maior parte delas atraída pelo alto-falante instalado em uma perua Kombi, cujo motorista anunciava a venda de frutas e verduras a preços baixos. A garotada também animava as ruas jogando bola, pulando corda ou brincando de pega-pega, escondesconde e amarelinha.

Mesmo circulando em meio a tanta agitação, Altino chegou deprimido e cabisbaixo ao portão de madeira da residência pastoral. Entrou, limpou a sola dos sapatos no raspador de barro que ficava junto ao muro e desceu a rampa de cimento rumo à entrada principal da casa. Quando chegou à varanda, Dona Jandira veio ao seu encontro afobada, dizendo ofegante:

— Jerônimo, meu bem, graças a Deus você chegou. Eu estava apavorada! O irmão Irlandino está aqui. Ele invadiu a casa! Eu tentei impedir que ele entrasse, mas... — e a voz da irmã Jandira se esvaiu em prantos.

— O quê?

O pastor, conturbado, desviou-se da mulher e caminhou rápido até a porta. Estacou junto ao limiar de onde viu o corpo magro do invasor esparramado no sofá da sala à esquerda. Os pés enfiados em meias pretas estavam sobre a mesinha de centro, os sapatos jogados no tapete.

Com o paletó esquecido no braço de uma poltrona, a gravata afrouxada e o colarinho aberto, Irlandino olhava fixamente para a TV, tentando externar ares de quem estava muito à vontade. Na verdade, sentia o coração bater forte e uma tensão pétrea torturante perpassava os músculos da sua face se espalhando até o dorso. Disfarçava, contudo, a aflição fingindo estar absorto, totalmente concentrado no programa exibido na televisão. Por isso, engolindo em seco, sequer olhou para o pastor à porta, cuja chegada não lhe passara despercebida, posto que ouvira os lamentos de Dona Jandira na varanda.

— O que você está fazendo aqui?

Irlandino segurava um copo d’água. Levou-o à boca controlando os tremores da mão e bebeu devagar, ignorando o pastor e mantendo os olhos da TV.

Dona Jandira apressou-se e se colocou diante do marido, pousando as mãos em seus ombros.

— Jerônimo, ele chegou faz quase uma hora. Entrou no quintal sem chamar. Quando eu vi já estava na varanda, batendo à porta. Eu estranhei alguém chegar assim desse jeito. Quando abri o postigo, ele foi logo dizendo que queria entrar na casa. Eu respondi que não seria possível porque só eu e o Samuel estávamos aqui e que não era conveniente recebê-lo na ausência do meu marido. Então ele disse que esta casa e tudo que há dentro dela é da igreja e que ele, como membro, podia entrar aqui quando bem entendesse.

A pobre mulher, nervosa e assustada, falava depressa. Gaguejava, atropelava as palavras, às vezes perdia o fôlego. Jerônimo Altino olhava eventualmente para Irlandino que, imóvel como uma estátua, ainda simulava estar distante, distraído pelas atrações exibidas na televisão.

— Eu segurei a maçaneta e insisti com ele para que viesse mais tarde, quando você estivesse aqui, mas ele empurrou a porta com força. Então, eu soltei a maçaneta e a quina da porta bateu no dedo do meu pé. Olhe o corte que fez!

Dona Jandira usava sandálias de tiras. Jerônimo viu que o dedo ferido da esposa ainda estava manchado de sangue.

— Esse homem teve a audácia de entrar aqui e machucar você? E o Samuel? Onde está o meu filho?

— O Samuel estava brincando na sala com o caminhãozinho de pau. O irmão Irlandino deu uma bronca nele, gritou com o menino e o mandou para o quarto. O coitadinho está lá morrendo de medo. O irmão dizia nervoso: “Agora quero ver a *minha* TV na *minha* sala”. Então ligou a televisão, tirou o paletó e os sapatos, abriu a gola da camisa e sentou no sofá com os pés na mesinha. Eu fiquei sem saber o que fazer. Então decidi me trancar no quarto com o Samuel, mas o irmão disse: “A senhora faça o favor de me trazer um copo d’água gelada agora mesmo. Pode pegar aí na *minha* geladeira”. Eu estava com tanto medo que obedeci e, depois, corri para o quarto... Meu Deus, Altino, o que está acontecendo? Eu nunca vi isso! A pessoa entrar assim na nossa casa, mexer nas nossas coisas, assustar nosso filho...

E Dona Jandira chorou a ponto de soluçar. O pastor, porém, não disse palavra. Apenas baixou a cabeça e pousou o olhar no vazio.

— Eu não via a hora de você chegar. Quando escutei o barulho do portão, sabia que era você. Aí falei para o menino não sair do quarto e vim correndo. Graças a Deus, meu bem, você está aqui. Eu estava sem saber o que fazer!

Diante de tudo que via e ouvia, Jerônimo Altino experimentou a sensação de, aos poucos, deixar de ser um homem de carne e ossos. Era agora um bloco de gelo, oco por dentro, animado por uma alma cega. Naqueles últimos instantes passara a não ter mais temores, nem zelos. Tampouco qualquer sombra de prudência, equilíbrio ou compaixão podia ser encontrada nele. Mesmo assim, numa estranha contradição, algo lhe ardia lá dentro, em algum lugar oculto. Era um coração selvagem que parecia despertar como um monstro indomável, uma fera de fogo que se levantava lenta, revolvendo-se num crescente desejo de matar, um dragão furioso que não encontrava agora barreiras no temor que perpassa os nervos da carne e refreia os homens. É que em Altino, naquele instante, não havia mais nervos nem músculos, mas somente gelo — gelo e fogo.

Com os olhos faiscando, ele observou silencioso a esposa que chorava e o feio ferimento em seu pé. No corredor, à frente, viu Samuel com a cabeça para fora da porta do quarto, espiando tudo com os olhinhos negros arregalados no rosto assustado de criança. Quando o menino percebeu que o pai o vira, escondeu-se depressa, com medo de mais uma repreensão. Na sala que se abria ao lado esquerdo, Irlandino, ainda esparramado na poltrona, permanecia imóvel olhando para a TV. Certamente passara a perceber a gravidade do momento e, talvez, comesse a se arrepender de seus abusos. Agora, porém, era tarde demais.

— Vá para o quarto com o menino e tranque a porta.

— Jerônimo, pelo amor de Deus, o que você vai fazer?

— Cale-se e faça o que estou mandando — respondeu firmemente o pastor.

A mulher não ousou resistir. Foi para o quarto chorando e dizendo “Meu Senhor! Meu Senhor! Tem misericórdia! Meu Deus, meu Deus!”.

Lentamente, Altino tirou o paletó e arregaçou as mangas da camisa. Então, com o semblante desfigurado pela cólera, olhou feroz para Irlandino e disse puxando o cinto:

— Hoje você vai aprender a respeitar o teto e a família de um homem de verdade.

E num ímpeto de fúria cega e ensandecida, Jerônimo avançou sobre Irlandino desferindo-lhe uma chuva de chibatadas que lhe atingiram o rosto, os ombros, os braços e as costas. O pobre diabo, gemendo e gritando tentou deter seu agressor, mas o pastor, ainda que não fosse um homenzarrão musculoso, era um tanto troncudo e agora, mais do que nunca, tinha a força redobrada pelo ódio que o dominava.

O velhote, então, protegendo instintivamente a cabeça, tombou para a frente e correu engatinhando pelo chão da sala, enquanto era furiosamente fustigado com o cinto. As lapadas estalavam violentas e enormes vergões brotavam, sob a camisa, no couro das costas do “Dono da Igreja”. O infeliz chorava e gemia de dor, mas o pastor, transtornado como uma fera selvagem, nem pensava em dar um basta à coça. Antes, sem pena ou piedade, ia distribuindo seguidos e pesados golpes com o açoite improvisado, até que Irlandino, tomado de pânico, conseguiu, desajeitado, abrir a porta da casa e se lançar sobre o piso vermelho da varanda. Correu, então, sem sapatos e aos tropeções, para o quintal, numa fuga alucinada. Jerônimo, porém, em completo furor, seguiu em seu encalço cobrindo-o com mais e mais chibatadas, enquanto o coitado subia a rampa encurvado, tentando alcançar a rua. Chegou, enfim, ao portão e o abriu com dificuldade sob uma saraivada de golpes.

O miserável invasor, já bastante ferido, ainda encontrava forças para fugir. Contudo, quando atravessou a rua em desespero, não se deu conta da aproximação da perua Kombi que circulava pelo bairro vendendo verduras. O veículo vinha devagar, mas o impacto sobre Irlandino teve força suficiente para lançá-lo ao chão, fazendo-o jazer junto à sarjeta. Ali, caído e com o corpo todo esfolado, o infeliz desistiu enfim de escapar e rendeu-se calado, retorcendo-se lentamente próximo a uma poça de lama. O pastor, então, diante dos olhos assombrados de toda a vizinhança, avançou novamente sobre o desafeto prostrado e, mesmo vendo-o ali alquebrado e indefeso, desferiu-lhe ainda mais chibatadas. Estava mesmo a ponto de acertar-lhe uma lapada no rosto, quando sentiu alguém segurar-lhe o braço.

— Pelo amor de Deus, Jerônimo, pare! Eu imploro: Pare, pelo amor de Deus!

Era Dona Jandira.

* * *

A ira do homem não produz a justiça de Deus. É o que diz a *Epístola de Tiago*. Talvez seja por isso que as pessoas, pelo menos a maioria delas, não sentem o coração aliviado depois de terem dado livre curso ao ódio impetuoso. Esse foi o caso de Jerônimo Altino. Após ter extravasado sua fúria contra Irlandino, o pastor não se sentiu melhor. Em vez disso, foi acometido de uma mescla tão grande de sentimentos ruins que não teve outra escolha senão render-se ao choro desatado. Conduzido, então, pela esposa, entrou em seu quarto e deitou-se, permanecendo ali na penumbra, sozinho e aos prantos.

Em vão Dona Jandira tentou consolá-lo, dizendo que qualquer homem reagiria da mesma maneira ao ver sua casa invadida e sua família ameaçada. Palavra alguma, porém, trazia qualquer conforto ao pastor. Por isso, sua bondosa mulher decidiu pedir ajuda, enviando um garoto da vizinhança à casa de Marvin Cottrel, solicitando que ele e o “pastor” Nilson viessem à sua casa, socorrê-la numa situação de emergência.

Enquanto isso, Jerônimo Altino revirava-se em seu leito, torturado pela culpa e pelo medo. Certos lampejos do que havia ocorrido vinham-lhe à mente numa constância que não lhe dava qualquer trégua. Ele via Irlandino, todo sujo e ferido, levantando-se devagar com a ajuda dos vizinhos perplexos; via as mulheres e as crianças olhando assustadas para o “homem de Deus” que, com o rosto desfigurado pela cólera, ainda segurava o cinto de modo ameaçador; via o motorista da Kombi apavorado, dizendo que não tinha culpa de nada e insistindo com Irlandino

para que ele o deixasse levá-lo ao hospital; via Dona Jandira (e isso o torturava mais do que tudo) tentando explicar às vizinhas o que havia ocorrido, a fim de salvaguardar qualquer coisa que ainda restasse da boa fama do marido e do bom nome de cristão...

“Que péssimo testemunho, meu Deus!” — dizia o pastor para si mesmo. — “Com que mancha enorme eu maculei hoje o ofício pastoral, a igreja de Deus e o nome de Cristo! Como poderei novamente sair na rua com uma *Bíblia* na mão? E quanto à minha esposa? Quanta vergonha eu trouxe sobre ela! Justamente sobre ela que, dentre todas as mulheres de Deus, é, sem dúvida, a mais santa! Eu jamais poderia ter causado isso a ela. Nenhuma mulher seria mais digna de ser poupada desse vexame do que a minha Jandira.”

Além de todo o peso da culpa, Altino também sentia medo. Teria algum vizinho procurado a polícia? De fato, isso era pouco provável. O único telefone de que as pessoas do bairro se serviam era o da mercearia que, como esperado, estava fechada naquele domingo. Quanto à hipótese de alguém ter ido pessoalmente à delegacia, esta também era pouco plausível. Quem estaria disposto a perder o dia de descanso, ficando horas à espera da boa vontade de um escrivão que se dispusesse a dar atenção a relatos de brigas de rua?

Havia, contudo, a possibilidade (aliás, bastante razoável) de o próprio Irlandino ir à polícia, apresentando-se como vítima de agressão. O que faria o pastor nesse caso? Negaria tudo, acrescentando ao seu pecado a mentira deslavada? E se confessasse? Como a lei seria aplicada numa situação como aquela? Acaso o agressor deveria ser processado e preso? Se isso ocorresse, o que seria do seu ministério? Jerônimo, apavorado, via a vida desmoronar. Imaginava-se entrando algemado numa viatura sob os olhares curiosos dos vizinhos. Via-se numa cela com outros detentos. Criava imagens de sua esposa entrando no presídio de mãos dadas com Samuel nas horas de visita aos presos, ambos sendo humilhados e maltratados por policiais zombeteiros...

As horas passavam e Jerônimo Altino, sozinho, deitado em sua cama, ia sendo devorado por uma agonia indescritível, até que Dona Jandira entrou no quarto.

— Meu bem, você está melhor? O irmão Marvin veio aqui junto com o irmão Nilson. Eu os atendi na varanda pra não incomodar você. Contei tudo que houve. Ele queriam ver você, mas eu não deixei. Disse que você queria ficar só. Eles então foram à casa do irmão Irlandino para ter notícias dele. Acabaram de passar aqui vindo de lá. As notícias não são de todo ruins. Disseram que ele foi à farmácia e fez uns poucos curativos, mas nada grave. Disseram também que ele está bem triste, chora às vezes...

— Diga para o Marvin e para o Nilson virem aqui. Quero falar com eles.

— Meu querido, eles já foram embora. Mas fique tranquilo. Eles conversaram bastante com o irmão Irlandino. Oraram com ele e o acalmaram. Tudo vai ficar bem, Altino. Esse temporal vai passar. Jesus acalma qualquer tempestade.

— Eu queria pedir para o irmão Nilson dirigir o culto de hoje à noite. Não tenho condições de estar à frente de nada e muito menos de pregar.

— Eu sei, eu sei... Eu já imaginava. Por isso pedi para eles cuidarem disso. Desculpe não lhe ter consultado, mas achei que você não se importaria de eu tomar essa iniciativa. Eu quis lhe poupar...

— Calma, Jandira. Você fez bem, mulher!

O pastor segurou ternamente a mão da esposa e os dois ficaram em silêncio por alguns segundos.

— Jandira, os irmãos disseram se o Irlandino pretende ir à polícia?

— Polícia? O que você está dizendo, Jerônimo? Ninguém vai à polícia. E se alguém tiver de ir

à delegacia para prestar qualquer queixa, esse alguém é você. Foi você quem teve a casa invadida e a família agredida.

Essas poucas palavras da esposa trouxeram um alívio imenso ao pastor. Ela tinha razão. Qual delegado não seria capaz de entender quem era o verdadeiro vilão naquela história toda? Irlandino entrara em seu quintal sem qualquer autorização, forçara a porta da sala, ferira a dona da casa, assustara um garotinho e tirara proveito da ausência do pai de família para constranger a mulher e a criança, assenhoreando-se de tudo com uma postura ameaçadora. Ele sim deveria ser preso!

Tranquilizado por esses pensamentos, Altino adormeceu por algumas horas. Despertou, enfim, no início da noite e foi até a sala, sentando-se em silêncio na “poltrona de Irlandino”. Dona Jandira preparava o jantar. Samuel brincava no corredor com o caminhão de pau.

“O culto deve começar em alguns minutos”, pensou. “Como o Cottrel e o Nilson vão explicar minha ausência à igreja? Bem, que diferença faz? Cedo ou tarde todos saberão o que houve. E não importam os meus motivos. A verdade é que nada justifica o que eu fiz. Acho que tenho de aceitar o fato de que meu ministério acabou na Igreja Batista de Parque São João.”

Mergulhado nessas reflexões, Jerônimo decidiu que no domingo seguinte, terminado o culto da manhã, apresentaria à igreja seu pedido de demissão. Sabia que as consequências disso seriam penosas, tanto para si como para sua família. Para onde iriam? De onde receberia seu sustento?

“A igreja talvez nos conceda uns dois ou três meses de moradia. Depois, podemos ocupar um quarto na casa de meus pais durante algum tempo, somente até as coisas se ajustarem. Além disso, não sou nenhum inválido. Logo arranjo um emprego secular que dê pra suprir as nossas necessidades. O Senhor há de nos ajudar...”

Tomada essa decisão, Altino a compartilhou dias depois com a esposa que, com lágrimas nos olhos, acolheu tudo em silêncio. O espectro cruel de toda aquela situação açoitava a piedosa mulher sem que ela pudesse sair da sala e correr para o quintal; sem que ela pudesse sequer pensar em abrir o portão e fugir para a rua. Na verdade, mesmo que pudesse, Jandira não o faria. Sensata e bondosa como era, entendia as razões do esposo e cria do fundo da alma que ele era, com todos os seus defeitos e virtudes, o homem que Deus havia posto em sua vida a fim de conduzi-la por onde quer que fosse. Assim, com o coração em pedaços, preparou-se para se despedir em breve dos irmãos queridos. Nutrindo um espírito manso e tranquilo, próprio das mulheres cristãs de verdade, afugentou, enfim, as sombras do medo e decidiu segurar a mão do marido, caminhando ao lado dele, qualquer que fosse o horizonte vislumbrado à frente.

Nos dias que se seguiram, Altino não compareceu aos trabalhos semanais da igreja. Deixou tudo nas mãos de Cottrel e Nilson. Sequer saiu de casa com vergonha dos vizinhos. Quando, enfim, o domingo seguinte chegou, dirigiu-se bem cedo para a reunião matinal de oração, acompanhado da esposa e do filho. Sabia que, àquela altura, todos os irmãos da igreja já tinham ouvido falar da surra que ele dera em Irlandino. Uma vez na igreja, contudo, ninguém ousou tocar no assunto, nem mesmo Cottrel ou o “pastor” Nilson. Terminada a pequena reunião, Altino permaneceu no salão de cultos, sem falar com ninguém. O culto da manhã, então, teve início com a igreja cheia, todos na expectativa de que o pastor fizesse algum pronunciamento sobre o incrível episódio.

Jerônimo não pretendia decepcionar os irmãos ansiosos. No entanto, os fez esperar. Deu sequência normal aos trabalhos e pregou sobre *Romanos 7*, texto que fala acerca da luta travada no interior do homem que, muitas vezes, movido por suas paixões pecaminosas, não faz o bem que quer, mas sim o mal que detesta. Concluída a pregação, anunciou o cântico de um hino congregacional, informando que, após o louvor e a oração final, o culto estaria terminado, mas

que todos deveriam permanecer no salão por mais alguns minutos, posto que tinha um comunicado importante a fazer.

O hino foi entoado e a oração que se seguiu marcou o término da liturgia. Jerônimo, então, descendo do púlpito, depositou sua *Bíblia* fechada sobre a mesa e, com um suspiro, pronunciou as primeiras palavras do discurso de demissão e despedida que havia preparado:

— Meus amados irmãos, todos devem estar sabendo dos fatos terríveis ocorridos nos últimos dias envolvendo a minha pessoa e a...

Nesse exato momento, alguém apareceu no umbral da larga porta de entrada e interrompeu o pastor, dizendo com voz trêmula, mas penetrante:

— Meu bom pastor, por favor, eu posso entrar?

Todos se voltaram para ver quem falava. A forte claridade do dia, porém, contraposta ao fundo, desenhava sobre a soleira apenas uma silhueta escura, alta, magra e alquebrada. O pastor Altino tentou em vão distinguir os traços do homem que permanecia parado à porta.

— Meu pastor amado, por favor, eu tenho a sua permissão? Peço para entrar e lhe dizer algumas palavras. Eu suplico humildemente...

O homem deu dois passos tímidos para dentro do salão. Então, Jerônimo pode finalmente divisar o rosto ferido e abatido de Irlandino.

— Eu suplico, meu bom pastor.

Os irmãos se voltaram novamente para o pastor, aguardando atônitos e ansiosos a sua resposta. Altino lançou um olhar inibido para a irmã Jandira que estava sentada na primeira fileira à sua esquerda. A boa senhora anuiu com discrição. O pastor, então, respondeu:

— Sim, irmão Irlandino. O senhor pode entrar. Tenha a bondade...

— Obrigado, meu pastor — disse Irlandino aproximando-se.

Enquanto percorria o corredor entre as fileiras de cadeiras, toda a igreja observou os curativos e os vergões que aquela figura inesperada trazia nos braços e no rosto.

— Eu gostaria também de, com a sua autorização, dirigir algumas palavras ao senhor e à igreja.

Jerônimo sentia-se inseguro. Seu coração batia forte no peito. O que aquele velho mandão tinha em mente? Aprontaria mais uma das suas? Naquela hora, porém, não via outra alternativa, senão permitir que Irlandino falasse.

— Fique à vontade, irmão. O senhor está com a palavra.

Irlandino, então, fraco e ferido, disse em tom sereno:

— Querido pastor e irmãos amados, eu vim aqui hoje, triste e machucado, para fazer uma sincera e humilde confissão...

Nesse momento, sua voz se esvaiu e Irlandino, baixando a cabeça, cobriu o rosto com a mão direita esfolada e chorou. Alguns irmãos da igreja, comovidos, choraram com ele. Passados, enfim, alguns instantes, o homem se recompôs e prosseguiu:

— Durante muitos anos eu agi como senhor e dono desta igreja, crendo que, por ter trabalhado durante tanto tempo aqui, tinha o direito de fazer o que bem entendesse, sem me sujeitar a nada e a ninguém. Aliás, eu não me sujeitei nem mesmo aos ministros que o próprio Espírito Santo constituiu para pastorear o seu rebanho santo. Como aqueles homens perversos que montavam suas bancas dentro do templo de Jerusalém para ali ganhar dinheiro, sem levar em conta que não tinham esse direito, eu também montei minhas bancas aqui, não para ter lucro financeiro, mas para ganhar preeminência e poder, satisfazendo assim meu coração orgulhoso.

A igreja, em completo silêncio, não acreditava no que estava ouvindo. Especialmente os mais antigos, que conheciam bem o “Dono da Igreja”, jamais haviam sonhado que viveriam o suficiente para ver aquela cena. O pastor, já um tanto aliviado, mantinha-se em pé à frente,

olhando para baixo, enquanto ouvia a confissão de Irlandino.

— Sim, eu agi por muitos anos como aqueles vendilhões do templo, aqueles perversos que nosso Senhor expulsou com um azorrague. E da mesma forma como o Senhor tratou aqueles vendilhões, assim também ele me tratou, não por sua própria mão, mas pela mão de seu servo. Isso mesmo: o azorrague de Cristo estalou sobre as minhas costas, sobre as costas deste vendilhão que achava que podia, como bem entendesse, montar e desmontar suas bancas no templo de Deus, a fim de ganhar poder e grandeza. E eu fui posto, assim, sob o flagelo de Deus, até o ponto de ser merecidamente ferido e humilhado, como todos vocês certamente já sabem.

Irlandino fez uma pausa, enxugou os olhos e voltou-se diretamente para Jerônimo Altino, fitando-o com brandura. Naquela hora, um vento leve de frescor, transpondo a porta, soprou delicado, trazendo um breve alento sobre todo o povo. Era como se fosse uma brisa temporã mandada pelo próprio Deus para dispersar o ar pesado, o mormaço incômodo que dominava aquele ambiente até então abafado por sentimentos múltiplos de incerteza, julgamento, crítica, mágoa e rancor. O velho penitente fechou os olhos por um instante e sorveu o ar fresco que o acariciava.

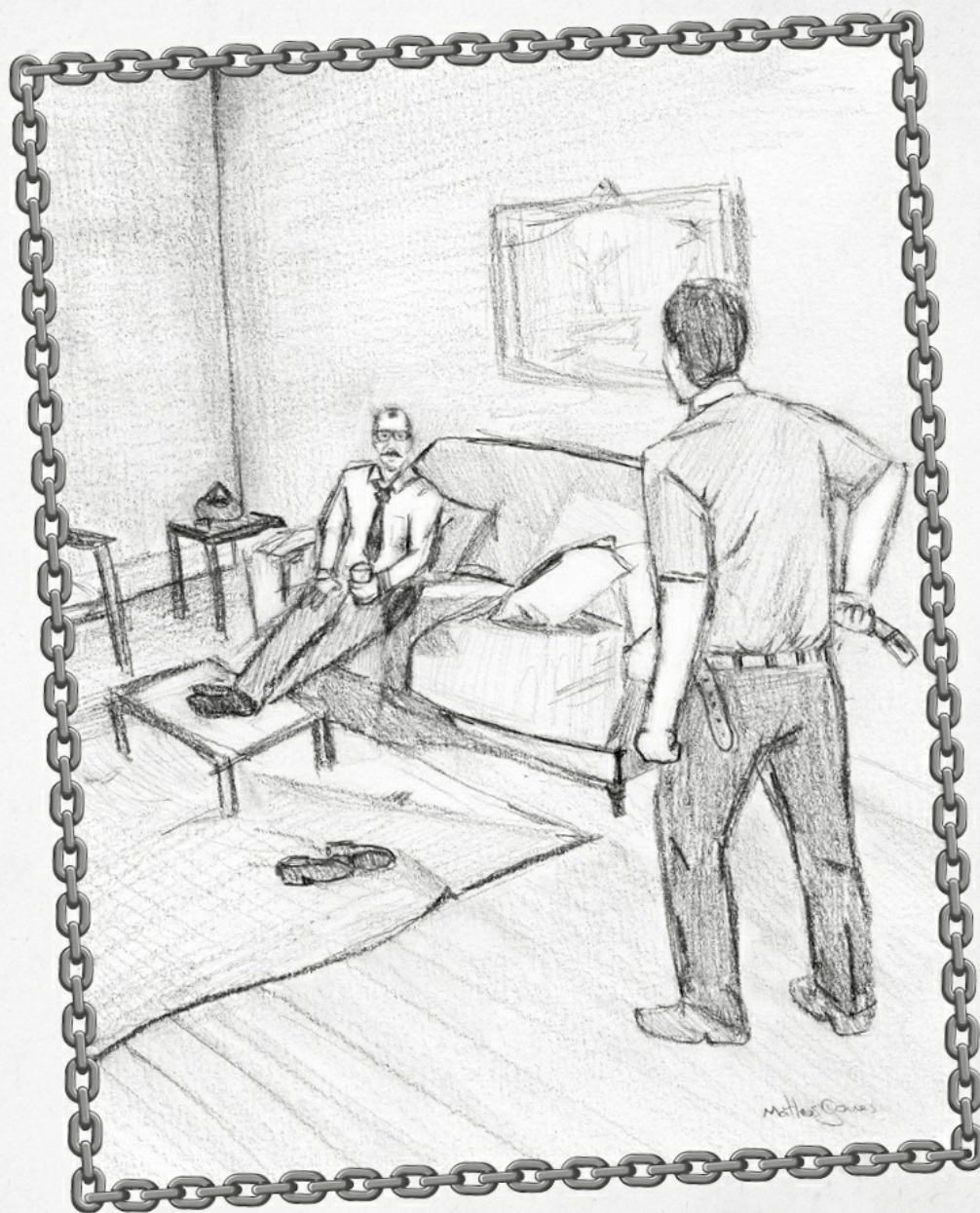
— Foi assim que, pelas suas mãos, meu pastor, Deus me puniu. E agora, arrependido, estou aqui para pedir perdão. Não só a você, pastor Altino, mas a toda igreja. Sou um vendilhão açoitado, pastor, um vendilhão açoitado. Perdoa, meu pai! Perdoa!

E Irlandino começou a soluçar. Os braços compridos, totalmente soltos junto ao corpo magro, a fronte caída, os vergões no rosto, os ombros curvados, os ferimentos cobertos com curativos... Aquela figura clamava por amparo. Dona Jandira, então, não podendo se conter, levantou-se depressa e, em lágrimas, tomou entre as suas a mão de Irlandino que dizia cada vez mais alto e em soluços: “Um vendilhão, meu Deus! Um vendilhão açoitado. Oh, que perverso e ímpio vendilhão! Tem misericórdia, meu pai! Perdoa, perdoa, perdoa...”.

O pastor Altino, enfim, vendo cena tão tocante, acercou-se de Irlandino e, num ímpeto de compaixão, o abraçou fortemente, concedendo-lhe, com os olhos úmidos, o perdão suplicado. Nesse instante, toda a igreja se comoveu. Os irmãos, então, levantaram-se e juntos dirigiram-se à frente para achegar-se aos três. Todos queriam participar do abraço da graça, do riso choroso da restauração, da obra consoladora do Espírito Santo.

Naquele dia, muitos relacionamentos quebrados foram refeitos, muitas ofensas foram esquecidas e muitas falhas foram perdoadas. Com efeito, naquele domingo “Deus agiu poderosamente”. Pelo menos foi assim que a irmã Jandira descreveu o conjunto dos fatos aqui narrados. E, sem dúvida alguma, o pastor Jerônimo concordou com ela. Porém, é também verdade que, quando tudo terminou, uma frase bem menos piedosa passou pela cabeça de Altino como um breve relâmpago: “Agora o meu poder será consolidado de uma vez por todas nesta igreja”. Esse pensamento, contudo, destoava demais da sublimidade da obra divina testemunhada naquela manhã. Por isso, o pastor tratou de afugentá-lo para algum canto da mente onde ficou adormecido, mas só por algum tempo.





- Hoje você vai aprender a
respeitar o teto e a família
de um homem de verdade.

Capítulo 9

CLAMORES DO PURGATÓRIO

Na quarta-feira daquela semana, Kiko, Baxixa e João Tito foram juntos para a escola como sempre faziam. Em meio à neblina da manhã, os três meninos subiram a Rua B e chegaram ao grande abacateiro. Dali vislumbraram o descampado em que fora enterrada a cabeça de Bernardo. Seguiram então pelo terreno vasto, atravessando a ponte sobre a vala. Os três olharam para a estaca que marcava o local da sepultura, mas não falaram nada sobre o assunto. Na verdade, João Tito chegou a fazer um comentário corriqueiro, mas Kiko já não via graça naquela conversa e não respondeu palavra. Durante vários dias haviam falado sobre o ritual sempre que passavam por ali, o que tornara o tema bastante enfadonho. Além disso, Baxixa, por distração ou por alguma espécie de condicionamento mental, ainda não percebera que a cabeça sobre a qual conversavam não era humana. Por isso, mostrava-se sempre perturbado quando o assunto era o enterro de Bernardo. Fechava a cara, emudecia... Isso também contribuiu para que os meninos deixassem aquele tema de lado.

Terminadas as aulas daquele dia, cada garoto voltou para casa num momento diferente. João Tito saiu no horário normal e tratou de ir embora tão logo descobriu que os dois colegas iam se demorar. Kiko ficou um pouco mais na escola porque dois de seus colegas de classe mostraram grande interesse em sua narrativa de certos casos macabros. Tratava-se de histórias acerca do fantasma de uma mulher loira que, de acordo com “fatos comprovados”, começara a aparecer recentemente às crianças nos banheiros das escolas, pedindo que tirassem o algodão colocado em sua boca no preparo do seu corpo para o funeral. A difusão dessas histórias desde a semana anterior fizera com que muitos alunos evitassem ir sozinhos aos sanitários e vinha incentivando alguns professores a fazerem solenemente o sinal da cruz sempre que visitavam a latrina.

Baxixa também ficou mais tempo na escola, mas a razão disso foi que o professor de Matemática se dispusera a permanecer em classe após o término das aulas para ajudar os alunos que estivessem enfrentando dificuldades em relação à matéria. Não que o menino precisasse desse tipo de ajuda, pois era muito inteligente e estudioso. A verdade é que o sobrinho do padre Luciano aproveitava qualquer oportunidade que tivesse para ficar fora de casa, o mais longe possível dos rancores e das provocações do tio. Foi assim que, naquela quarta-feira, Baxixa foi um dos últimos alunos a sair da escola.

Kiko foi embora poucos minutos antes de Baxixa. Do topo do planalto em que ficava a escola, o menino avistou parte do trajeto que teria de percorrer praticamente sozinho. Ele não podia contar agora com a companhia dos grupos barulhentos de alunos que, de segunda a sexta-feira, por volta das onze horas, animavam as ruas, trajando uniforme azul e branco e anunciando por toda parte que as aulas da manhã haviam terminado.

O medo abalou um pouco o coração de Kiko quando se deu conta de que teria de atravessar a Vila do Rabinho totalmente só, pois isso fazia dele um alvo bastante atraente para as hostilidades dos moleques malvados (e eram muitos!) que ali moravam. Lembrou-se de Neno e Fidel, os meninos mais perversos daquela vila e que chefiavam bandos maltrapilhos de delinquentes mirins. Lembrou-se também do próprio Rabinho a quem nunca vira, mas que sabia ser um menino tão mau que, segundo diziam, até a polícia o temia, pois não hesitava em enterrar a faca na barriga de qualquer um que se colocasse em seu caminho.

Preocupado, Kiko apertou o passo querendo chegar depressa ao descampado cujo isolamento não lhe causava tanto pavor. Sabia que, tão logo atravessasse a ponte junto à sepultura de Bernardo, estaria em território muito mais seguro.

Chegou, enfim, ao pé do descampado e subiu a trilha até a pinguela de madeira. Quando a atravessava, porém, notou que havia alguém junto ao grande abacateiro logo acima, tentando colher alguns frutos com uma longa vara de bambu. Kiko congelou ao identificar aquela figura ao longe. Era Fino, o chacareiro maluco que tanto o odiava e que o chamava de “Moleque do Capeta”.

O menino estacou sobre a ponte sem saber para onde fugir. Fino, empenhado em colher os abacates com a vara, ainda não percebera a presença do garoto que vinha a distância. Kiko sabia que, se o chacareiro o visse, estaria em maus lençóis. O brutamontes certamente sairia em seu encalço com paus e pedras e ele não teria para onde fugir. Pra piorar a situação, naquele lugar tão isolado não havia nenhum adulto para ajudá-lo, ralhando com o louco e impedindo-o de agredi-lo.

“Meu Deus! Pense, Francisco.” Parado sobre a ponte, o menino olhava à sua volta tentando encontrar uma saída. Então, rápido e sorrateiro, entrou debaixo da pinguela e ficou ali escondido, observando o chacareiro através de um pequeno vão entre o chão de terra e a madeira da pequena ponte. Ficaria ali até que Fino fosse embora, o que, segundo imaginava, deveria ocorrer em pouco tempo, tão logo o grandalhão colhesse três ou quatro abacates.

Fino, porém, era lento. Cismara em pegar uma belíssima fruta que pendia de um galho bem alto e, desajeitado como era, não conseguia acertá-la com os golpes de vara. Às vezes, cansado, Fino interrompia as tentativas de derrubar o tal abacate e começava a ralar com a fruta, gritando-lhe impropérios com os punhos cerrados. Depois resmungava choroso por alguns momentos e, enfim, retomava as tentativas de colher aquele abacate zombeteiro que o desafiava.

“Esse maluco vai ficar horas aí. Talvez seja melhor eu sair desse esconderijo e arriscar fazer outro caminho. Mas, e se o Fino me vir? Será que consigo correr mais do que ele?”. Kiko lutava com esses pensamentos quando percebeu que alguém se aproximava, subindo a trilha poeirenta do descampado. Esperou sem se mover. O transeunte passou pela ponte e Francisco olhou pelo vão, curioso para ver enfim quem era. Que surpresa confortadora! Era Baxixa que voltava tarde da escola. Finalmente aparecera alguém que pudesse buscar ajuda. Com efeito, se Baxixa chamasse a mãe de Fino, ou mesmo um adulto qualquer que intimidasse o chacareiro doido, tudo estaria resolvido. Então, cheio de entusiasmo, Kiko chamou o amigo no volume mais alto que alguém, sussurrando, consegue falar:

— Baxixa! Baxixa! Me ajude!

Baxixa parou de súbito ao ouvir a voz sibilante. Olhou para os lados confuso e fez menção de prosseguir devagar, envolvido por um laço discreto de desconfiança.

— Baxixa, eu estou aqui embaixo! Baxixa! Aqui embaixo!

Francismar olhou para trás à procura de quem falava e, não vendo ninguém, voltou-se assustado para a estaca fincada junto à ponte. Com a boca entreaberta e os olhos esbugalhados, fitou o piquete que marcava o local em que jazia a cabeça de Bernardo, acreditando que a voz sinistra partia dali.

— Baxixa, me ajude!

O sobrinho do padre virou-se num ímpeto para o outro lado. Olhou depois para trás, gemendo apavorado ao não ver ninguém. Então, sugestionado por suas crendices toscas, entendeu num átomo que a alma sofrida de Bernardo clamava desde o purgatório, pedindo socorro e assombrando aquele caminho da mesma forma como a loira do algodão assombrava os banheiros gelados das escolas.

— Baxixa! Aqui embaixo!

Pobre Francismar! Aquele clamor cadavérico fazia o sangue congelar em suas veias. Olhando

histérico para todos os lados, completamente tomado de terror, o menino sentiu que o fôlego lhe faltava. Seu coração, batendo acelerado e com toda violência, parecia prestes a explodir no peito ou pronto a saltar-lhe pela boca. Com o rosto desfigurado pelo medo, Baxixa levou as mãos à cabeça e emitiu um som agudo que se assemelhava ao ganido de um cãozinho choroso.

— Baxixa! Sou eu! Aqui! Aqui!

Ao ouvir novamente a invocação do fantasma, Baxixa não pode mais se conter. Gritou descontrolado — “Nãããoooo” — e correu velozmente, chorando e tentando recitar, aos atropelos, alguns trechos do Pai Nosso.

Do local em que estava, Francisco viu Francismar subindo o descampado em disparada. Viu também quando Fino se voltou confuso para o menino, sem entender de que ameaça ele fugia com tanto empenho e rapidez.

— Uma assombração! Uma assombração! — gritou o sobrinho do padre, avisando o chacareiro acerca do perigo.

A mãe de Fino repetia sempre: “O Jurandir pode ser meio retardado, mas ele não é burro!”. A velha tinha razão. E foi por não ser burro que Fino largou depressa a vara de bambu e também correu gritando: “*Mueque, mueque! Hum mi dessa qui soinho!*”, que, traduzindo, significa “Moleque, moleque! Não me deixe aqui sozinho!”.

Ambos desceram a Rua B em desabalada carreira, o tropel provocando os latidos de todos os cachorros da vizinhança. Na esquina com a Rua Holanda, Fino tomou o rumo da chácara. Chegando ali, atravessou a plantação, pisoteando afoito os canteiros de verdura. Entrou ofegante na casa deixando a mãe sobressaltada. Somente muito depois a velha entendeu a história que ele tentava relatar apavorado.

Baxixa, por sua vez, no fim da Rua B dobrou a direita, subindo a Rua Holanda e adentrando depois pela travessa em que morava. Apressado e trêmulo, bateu o portão e, chorando, buscou refúgio nos braços da mãe. Depois, um pouco mais calmo, contou o ocorrido detalhadamente ao tio que, abafando um sorriso incrédulo e malicioso, disse:

— Você precisa contar essa história ao padre Pacômio. E deve fazer isso já!

Luciano, cético como era no tocante às coisas da religião, não acreditou em nenhuma vírgula da história contada por Francismar. Para ele, tudo não passava de um aglomerado de ilusões nascidas na imaginação de um menino estúpido. Porém, esperto como uma raposa, queria aproveitar o fato de que o sobrinho ainda estava com as emoções à flor da pele para colocá-lo nessas condições diante do pároco. Sabia que, acometido por sensações tão fortes, Baxixa narraria tudo com vivacidade maior, causando grande impressão sobre o velho padre. E isso certamente serviria aos propósitos egoístas de Luciano, pois Pacômio Saaz dificilmente desprezaria um relato tão sincero. “Desta vez”, pensou Luciano, “o velhote tomará providências urgentes para fundar uma nova paróquia ou, pelo menos, construir uma nova igreja em Vila Santa Virgínia.”

Naquele mesmo dia, portanto, Luciano e Francismar procuraram Pacômio Saaz que ouviu todo o relato do menino com muita atenção, interrompendo-o às vezes para fazer uma ou outra pergunta. Ao fim de tudo, o padre expressou sincera tristeza diante de um sinal tão claro da agonia por que passava aquela alma infantil no purgatório. Encerrando o encontro disse, para alegria de Luciano, que providências urgentes seriam tomadas a fim de remediar aquela situação e também evitar que coisas semelhantes voltassem a ocorrer. Quando, enfim, os visitantes se despediram, o pároco, intrigado, dirigiu ao garoto uma última pergunta:

— Francismar, a alma penada chamou mesmo você de “Baxixa”?



Capítulo 10

BABALOLO

O relógio marcava dezoito e trinta quando João Tito bateu ao portão da casa de Kiko. Os dois haviam combinado ir juntos ao culto de oração da igreja batista. João Tito sempre convidava o amigo para ir a essas reuniões. Kiko aceitava às vezes, não porque gostasse de frequentar a igreja, mas porque julgava mais divertido estar num culto com algumas pessoas de sua idade do que ficar em casa na companhia monótona da mãe.

Dona Lola também costumava sair nas noites de quarta-feira para ir ao pequeno templo azul da Assembleia de Deus que ficava na praça em frente ao empório do Branco. Mesmo ainda apegada por tradição ao romanismo, ela se percebia como uma “católica não praticante” e, por isso, não via problemas em visitar igrejas evangélicas. Aliás, como se sabe, desde os tempos em que morara em Minas Gerais, sua comunidade preferida era precisamente a Assembleia de Deus, onde podia esvaziar a mente e relaxar a alma, deixando uma enxurrada de sílabas soltas escorrer-lhe da boca, no exercício do maravilhoso “dom de línguas” aprendido em Munhoz.

Naquele início de noite, porém, somente Kiko foi à igreja, seguindo na companhia de João Tito. Ao longo do caminho, ele contou ao amigo o que ocorrera mais cedo, quando retornava da escola para casa. Falou sobre os apuros em que se viu, sobre o esconderijo que encontrou e sobre o socorro que pediu a Francismar.

— Não sei o que deu no Baxixa pra sair correndo daquele jeito. Pelo que entendi, ele ficou assustado quando me escutou chamando e não viu ninguém. Com tantas histórias de fantasmas lá no colégio, ele deve ter pensado que eu era um espírito... Vou perguntar pra ele amanhã, quando formos à escola.

Os meninos seguiram o trajeto até à igreja em meio a certa movimentação. De fato, muitas crianças brincavam na rua, algumas delas esperando seus pais que, naquele horário, voltavam do trabalho. Várias senhoras conversavam no portão, aproveitando o agradável início da noite. Também muitos crentes transitavam pelas ruas indo às suas igrejas para os tradicionais cultos de quarta-feira.

Logo depois de atravessarem a ponte que dava acesso ao Parque São João, os dois garotos encontraram Brenda Livorno e seus pais que também estavam indo à igreja. Pouco mais adiante, Aurélio Augusto uniu-se ao grupo, aproximando-se logo de Brenda que o saudou com um sorriso tímido. Todos chegaram juntos à igreja, onde encontraram cerca de trinta irmãos.

O culto começou. Após o cântico de um hino e a leitura de um texto bíblico, o pastor Altino apresentou os motivos de oração daquela noite. Vários irmãos oraram, um de cada vez, de acordo com os pedidos que tinham sido expostos. Kiko, por sua vez, sentado com João Tito ao fim de uma fileira de cadeiras, apenas divagava. Num dado momento, enfim, passou a brincar de projetar sombras na parede ao lado, criando imagens monstruosas com as mãos. Demônios e mais demônios iam assim brotando da disposição variada de seus dedos, cada um deles nascendo como um novo habitante do mundo macabro que o menino criava e pelo qual tinha tanta atração.

O culto prolongou-se até às oito e meia da noite, mas os irmãos ficaram mais tempo na igreja, aproveitando o convívio agradável. Kiko e João Tito estiveram entre os últimos a ir embora, seguindo até próximo da ponte na companhia de Aurélio, do “pastor” Nilson Barbosa e do seu filho Estevão.

Eram quase dez horas da noite quando Kiko, finalmente, entrou em casa. Apesar de não ser tão tarde, Dona Lola já estava deitada e só não se entregara de vez ao sono porque precisou esperar o menino e abrir a porta para ele. Tendo feito isso, voltou para a cama.

Dona Lola e seu filho compartilhavam o único quarto da casa, onde colocaram duas camas de solteiro. A cama da senhora ficava perto da porta que dava acesso à cozinha. A cama do menino ficava junto à janela que olhava para a rua. Francisco, ao ver que sua mãe se dirigira para o quarto, preparou em silêncio um lanche rápido: uma fatia de pão com manteiga e um copo de leite. Depois de comer, abriu a porta que dava acesso à varanda e, adentrando pela escuridão do quintal, foi até o banheiro para escovar os dentes.

A noite estava quieta. Quieta demais. Nem mesmo o vento mais leve soprava. As folhas imóveis das árvores clareadas pela lua pareciam detalhes de uma gravura sinistra, precisamente do tipo apreciado por Francisco. Receoso, o menino chegou ao banheiro, entrou, acendeu a luz e abriu a torneira da pia. Estava prestes a levar a escova de dentes à boca quando ouviu um suspiro ofegante atrás de si. Voltou-se então, assustado, para ver quem era.

— Mãe! O que você está fazendo aqui? Pensei que já tivesse ido deitar...

Em pé junto à porta, Dona Lola, num penhoar rosado, olhava fixamente para Francisco mantendo a cabeça inclinada para baixo. Incomodado, o menino notou que o olhar da mãe era selvagem, felino. Lembrava uma fera prestes a atacar.

— Mãe, está tudo bem?

A mulher sorriu de forma discreta e maliciosa. Permaneceu então ali imóvel e em silêncio, os cabelos soltos e desgrehados, as mãos escondidas atrás das costas.

— Mãe... — disse Francisco dando um passo à frente.

— Meu filho...

Francisco recuou sobressaltado. Aquela voz o surpreendeu. Era sim a voz de Dona Lola, mas soava sibilante e masculinizada. De sua boca também começava a escorrer um filete de saliva.

— Mãe, o que há com você? Está babando! E o que está escondendo aí atrás.

Ainda fitando o menino com ferocidade, a mulher deixou as mãos penderem brevemente para os lados, escondendo-as depressa em seguida. Fez esse movimento umas três vezes. Kiko pôde então ver as mãos da mulher em breves relances. Eram mãos cinzentas e descarnadas, cheias de deformidades e protuberâncias. As unhas compridas eram grossas e negras.

— O que aconteceu com suas mãos? Deixe-me ver... A senhora não parece bem. Mostre-me as suas mãos.

Com a baba escorrendo até o queixo e dali descendo para o peito, Dona Lola respondeu:

— Meu filho, por que quer ver as minhas mãos se tudo o que almejo é que siga as pegadas dos meus pés?

Kiko sentiu o corpo congelado. Ao som daquelas palavras, não conseguia se mover livremente. Sua visão ficou turva e a atmosfera ao redor pareceu-lhe pesada, um tanto aquosa, como se o universo bêbado tivesse caído num lago viscoso, jazendo ali semiacordado.

— Quem é você? — perguntou o menino com a voz trêmula.

A figura misteriosa levantou lentamente a cabeça.

— Sou seu pai e seu amigo.

— Não! Eu não o conheço... Quem é você?

— Eu sou chamado de muitas maneiras, mas você não suportará ouvir cada um dos meus nomes. Pois sou o leão que ruge e devora, sou o grande dragão, a antiga serpente!

Kiko empalideceu. Tentando afastar-se um pouco, pousou levemente a mão esquerda sobre a pia gelada.

— Meu Deus! Seja lá quem você for, vá embora!

O estranho visitante abriu um sorriso.

— Eu disse que você não suportaria ouvir os meus nomes. Mas não se assuste, pois sou

também o seu dono. Sou também o seu chefe.

— Não! Isso nunca! Se você é quem estou pensando, então não pode ser meu dono e nem meu chefe! Não vê que acabei de chegar da igreja?

A figura bizarra virou o rosto de chofre. Depois olhou novamente para Kiko e, debochando, abriu bem a boca, colocando a língua roxa para fora. Então, arfando, emitiu o som de um riso gutural e disse por fim:

— Eu rodeio a Terra e passeio por ela. Estive num lindo jardim com um homem que me acolheu e também estive num horrível deserto com um homem que me repeliu. Os cenários não me confundem. Eu conheço os que são meus. Sei, assim, quem você é e recebo os seus sacrifícios.

— O quê? Meus sacrifícios? Aquilo foi só uma brincadeira! Não pode pensar que...

— Sim, eu sei! — acudiu o demônio, enquanto a baba viscosa lhe escorria da boca. — Muitos tributos me são pagos por diversão. O menino arteiro que rouba limões no quintal do vizinho, o adolescente ardiloso que vê filmes lascivos às escondidas, a mocinha que ridiculariza as roupas ou a aparência da amiga, o jovem exibido que se embebeda nos bares, o homem devasso que trai a esposa em festins noturnos e o velho soberbo que escarnece sorrindo dos seus semelhantes fazem essas coisas por simples diversão. E, ainda assim, eu me agrado de todos eles. Aliás, eu mesmo me empenho em várias obras somente por recreio. Quer um exemplo?

Kiko não respondeu. Ele ouvia aquelas palavras sem entender quase nada, mesmo porque o medo o impedia de prestar maior atenção. Naquela hora, tudo que queria era gritar, mas o pavor o sufocava. O Maligno, então, observou o menino por um momento, continuando, enfim, o seu discurso e dando o exemplo que acabara de ofertar:

— Veja: na mente dos falsos mestres infiltrados nas igrejas eu insufla regras tolas com que possam oprimir os crentes. Então me divirto ao ver a irmandade inteira distraída, fazendo fofocas por causa da maquiagem das mulheres, enquanto eu construo debaixo do focinho de todos o império do orgulho, da discórdia, da hipocrisia e do legalismo. Note que eu me engrandeço em minha própria diversão e também sou servido por meio da diversão dos homens. O que o faz então pensar que a obra feita em favor do meu reino perde a validade quando realizada por lazer ou mesmo por recreio inocente? O que o faz pensar que quando as pessoas se sujeitam à minha vontade, isso de nada me aproveita, caso o façam na forma de brincadeiras?

Oprimido e trêmulo, Francisco gemeu confuso. Estancando o choro, reuniu forças e coragem, dizendo então com a voz fraca:

— O que você quer comigo? Vá embora daqui!

Uma ruga do ódio assassino sulcou naquele instante a fronte do diabo. Rangendo os dentes, ele estendeu as horríveis mãos cinzentas e respondeu num grunhido:

— Olhe, moleque estúpido! Por quem você me toma? Eu tenho garras fortes! Será que você é como os tolos do seu povo que acreditam que eu rastejo pelas encruzilhadas em busca de galinhas pretas e pratos de farofa?

E elevando a voz, acrescentou:

— Eu sou o príncipe deste mundo, o deus deste século! Eu não obedeco, nem sirvo. Antes, sou obedecido e servido. Vim aqui para ajudá-lo a ser grande, pois tenho planos para os próximos cinquenta anos e usarei homens da sua geração como instrumentos.

Ainda que sua cabeça girasse e ele estivesse prestes a perder os sentidos, alguns fragmentos daquelas frases chegaram nítidos aos ouvidos de Francisco.

— Você quer me tornar grande?

Escondendo novamente as mãos, Satanás virou os olhos e entreabriu os lábios, fazendo brotar

da boca um jorro amarelado e nojento de saliva. Então disse devagar:

— Eu estou construindo um mundo novo. Iniciei essa obra faz alguns anos. Nas próximas cinco décadas, os meninos que agora têm a sua idade serão os executores desse grande projeto. Para isso, eu lhes darei dinheiro, poder e muita influência. De início (e essa etapa já está em andamento) vamos neutralizar os fatores que podem ser contrários aos nossos desígnios. Esses fatores, é claro, são as igrejas. Ah, nós vamos emporcalhar tanto esse nome... Primeiro vamos inundar a liderança das comunidades cristãs com tantos canalhas que o cristianismo será jogado no total descrédito. Você verá, meu filho! Verá e se maravilhará! Sim, pois ao longo dos últimos dois mil anos, a humanidade jamais contemplou o imenso abismo de podridões, escândalos e loucuras a que eu lançarei a igreja nas próximas décadas. Patifes desgraçados tomarão para si o título de pregadores e serão seguidos por muitos; mulheres insolentes e sem qualquer recato alegarão estar cheias do Espírito Santo e vão explorar a credulidade do povo ignorante; moços e moças se comportarão nos cultos como brutos irracionais, fazendo coisas que não se veem nem em hospícios... Os pastores vão roubar, fornicar e falar palavrões; nos cultos, os crentes vão gritar, rolar no chão e imitar animais... A igreja assim deformada perderá completamente a força moral e sua voz não será mais ouvida por ninguém. Então chegará o momento de dar o segundo passo.

Kiko, passado um pouco o susto inicial, ouvia agora tudo com real interesse. A descrição do que o Maligno preparara para o futuro despertava sua curiosidade. Seria mesmo possível que aquilo tudo acontecesse um dia? Na mente do menino, era difícil imaginar tantos desatinos ocorrendo na Igreja Batista de Parque São João ou mesmo no templo azul da Assembleia de Deus que ficava na praça perto de sua casa.

— O segundo passo será a fase das inversões. E eu me refiro a inversões absurdas. Nessa etapa, o alvo direto não será mais a igreja, ainda que, certamente, ela também será afetada. De qualquer maneira, o alvo direto dessa fase será o que os homens de hoje chamam de “cultura”. Por meio de forças que já coloquei em andamento e usando em breve os meninos da sua geração, eu vou levar o mundo inteiro a chamar o mal de bem e o bem de mal. Espere e veja! Os valores serão virados do avesso. Então a religião adorará a matéria, a ética protegerá o vício, a arte desprezará o talento e o direito favorecerá a injustiça...

Ainda que estivesse atento, Kiko não entendia muita coisa do que o demônio lhe dizia e isso o deixava impaciente. Por outro lado, notara que o medo havia já quase passado e, sentindo-se mais à vontade, esboçou no rosto uma expressão de quem não estava conseguindo acompanhar a exposição das ideias. O diabo, então, tentou ser mais claro.

— Em cinquenta anos você viverá num mundo diferente em que o sistema presente não mais existirá, dando lugar a uma ordem totalmente inversa. Assim, pessoas honradas serão hostilizadas por se insurgir contra a infâmia, ao passo que o mais vil cafajeste será acolhido por defender todo tipo de sordidez. Essa inversão alcançará tudo, mostrando a expansão completa do meu reino. Tanto que gênios da literatura, da poesia e da música serão esquecidos e uma ralé boçal e xucra tomará o seu lugar com criações banais que multidões imensas vão aplaudir. Crimes horrendos serão protegidos em lei expondo as pessoas boas às maldades dos facínoras. O agressor será chamado de vítima e a vítima de agressor. A vadiagem será recompensada, enquanto o trabalho e o estudo serão ridicularizados. Será o império do absurdo! No campo da moral sexual, especialmente, não haverá barreiras para as inversões, pois é nesse campo que eu mais tenho sucesso em meu alvo de desonrar as pessoas e destruir sua vergonha e dignidade. Por isso, em algumas décadas, professores de crianças ensinarão a mais tosca promiscuidade em salas de aula; meninos serão entregues para ser sodomizados com a aprovação dos pais; moços

vão se castrar, dizendo em seguida que viraram mulheres; e pais de família abandonarão esposa e filhos para se casar na igreja com outros homens... Nada será deixado no devido lugar. A confusão será completa!

Kiko balançou a cabeça e sorriu por dentro. “Quanta bobagem!”, pensou. “Quem suportaria viver num mundo assim?” Tomou, enfim, coragem e retrucou:

— Desculpe duvidar dos seus planos, seja lá você quem for, mas isso tudo me parece muito difícil de acontecer.

O diabo, então, lentamente, deu dois passos na direção do menino. Kiko encolheu-se assustado, mas o demônio não recuou. Antes, curvou-se sobre ele, aproximando os lábios do seu ouvido esquerdo. Francisco sentiu o hálito quente de Satanás sussurrando e espumando:

— Meu filho, nada disso é assim tão difícil. Tudo que tenho de fazer é dizer a todos que a verdade não existe. Quer me ajudar nessa tarefa?

Nesse instante, ouviu-se a certa distância o ranger da porta da cozinha que se abria junto à varanda da casa. Dona Lola estranhara a demora do menino e saíra lá fora para verificar onde ele estava. Viu então a luz do banheiro acesa na parte baixa do quintal e chamou:

— Francisco! Você está aí?

Ao ouvir a voz da mulher, o demônio afastou-se. Chegou à porta e, virando-se, entrou na escuridão. Kiko, um tanto atordoado, respondeu o chamado da mãe e foi depressa para casa. Uma vez no quarto, deitou-se em silêncio, sabendo que não conseguiria dormir. Sua mãe, já deitada também, disse-lhe ter tido a impressão de ter ouvido vozes lá fora. O menino resmungou qualquer coisa e virou-se na cama, dando a entender que não queria conversa.

Na manhã seguinte, Francisco e João Tito foram à escola juntos como sempre faziam. Dessa vez, porém, Baxixa não os acompanhou, pois, ainda com medo, faltou às aulas na quinta e na sexta-feira, não dando a Kiko a oportunidade de lhe esclarecer o que ocorrera na véspera junto à pinguela do descampado.

No caminho, Francisco relatou ao amigo os estranhos fatos ocorridos na noite anterior. João ouviu tudo atentamente. Depois fez algumas perguntas. Num dado momento, referiu-se ao visitante jocosamente chamando-o de “Lola Babona”. Kiko, no entanto, não gostou do gracejo e realçou que, apesar da forma feminina que tomara, aquela figura medonha era masculina. João Tito desculpou-se e disse então que o chamaria de “Lolo”.

— Melhor do que isso — completou João —, já que ele babava tanto, vamos chamá-lo de “Babalolo”.





Eram mãos cinzentas e
descarnadas, cheias de
deformidades e protuberâncias.

Capítulo 11

SÃO BERNARDO DAS CORRENTES

Na manhã de domingo, a mãe de Francismar foi chamá-lo um pouco mais tarde do que o horário habitual. É que, excepcionalmente naquele dia, o menino não teria de ir com o tio até a Matriz de Santo Emílio, no bairro de Vila Prudência. Seus deveres religiosos seriam feitos ali mesmo, em Vila Santa Virgínia. E o padre Luciano fazia questão de que esses deveres fossem realizados por volta das oito horas, quando um maior número de pessoas já estivesse circulando pelas ruas.

Baxixa, então, levantou-se e vestiu-se. Depois, tirou do guarda-roupas uma bata branca e a colocou sobre a cama. Era uma peça de vestuário que compunha seus trajes de coroinha e que era usada sobre uma veste vermelha. Baxixa não era mais coroinha (tinha sido poucos anos antes) e aquelas roupas já estavam meio pequenas para ele. Porém, a bata era larga e, mesmo estando um pouco curta, ainda lhe servia. Por isso, Luciano ordenou que o menino a usasse sobre as roupas comuns, sem a veste vermelha, no serviço sagrado que estava prestes a realizar naquela manhã.

E que serviço seria esse? Na verdade, era um trabalho simples, composto de duas etapas, sendo que a primeira não era propriamente litúrgica. Ocorreria que, no dia em que Luciano levou o sobrinho para contar a história da alma penada a Pacômio Saaz, ele aproveitara o momento de comoção do velho pároco para lhe pedir autorização para, no domingo próximo, ir rezar por aquela “pobre alma” no local da sepultura. Obviamente, o consentimento foi dado.

— Não precisa nem pedir — disse o bom padre Pacômio.

Ele, porém, naquela ocasião não suspeitava de nada do que Luciano tinha em mente.

O fato é que o padre matreiro planejava um pequeno espetáculo. Seguiria até o descampado no domingo pela manhã todo paramentado, chamando a atenção do povo e reunindo no local da sepultura o maior número possível de pessoas. De acordo com seus cálculos, se pudesse produzir um movimento assim, isso serviria como mais uma prova da necessidade de que uma igreja ou mesmo uma nova paróquia fosse inaugurada em Vila Santa Virgínia, tendo-o como chefe à frente de tudo. Ele imaginava que, num futuro breve, poderia usar o episódio da oração pelo finado Bernardo para argumentar em favor dos seus interesses, dizendo ao pároco ou mesmo ao bispo: “Veja a carência desse povo. Veja sua fome e sua sede. Observe como essas pobres ovelhas anelam se reunir sob o cajado da Santa Igreja, só não o fazendo por falta de condições de locomoção até a Matriz de Santo Emílio”.

Foi assim que, no afã de obter o melhor resultado possível na execução de seus projetos, Luciano ordenou que, no domingo cedo, Baxixa vestisse a bata branca de coroinha e pendurasse um grande crucifixo ao pescoço, saindo em seguida pelo bairro. Sua tarefa, a princípio, consistiria em chamar as pessoas para um santo ajuntamento no descampado situado no alto da Rua B, onde, às dez e trinta da manhã, seriam realizadas devotas orações. A segunda etapa da tarefa de Baxixa seria dar assistência ao tio durante a cerimônia, levando os apetrechos que seriam usados na ministração: uma pequena caldeira de água benta e um aspersório. No bolso da calça, Baxixa levaria um belo livrinho de orações com capa de marfim. A ideia não era celebrar uma missa (que exigiria outros objetos e símbolos), mas sim algo bem simples, com ênfase apenas nas rezas, posto que isso seria suficiente para atender os propósitos de Luciano e não ultrapassaria os limites do que Pacômio Saaz havia autorizado.

Chegou, pois, o dia esperado e Francismar saiu pelo bairro envergando a bata e o crucifixo. Ele começou batendo às portas da estreita travessa em que morava. Depois, entrou na Rua Holanda, onde viu, no alto à esquerda, a louca do avião andando impaciente de um lado para o outro. Seguiu então na direção da praça passando pelo empório do Branco — este costumava abrir aos

domingos somente pela manhã. A todos que via, Francismar recitava timidamente uma convocação que lhe fora ensinada pelo tio: “O Padre Luciano informa que todos os católicos devem comparecer hoje, às dez e trinta, ao descampado da Rua B para a realização de serviços sagrados. Todos os que estiverem presentes serão agraciados com as bênçãos de Nossa Senhora”.

O trabalho de Baxixa deu logo indícios de sucesso. Ele entrou nas ruas ao redor, indo de porta em porta e proclamando a convocação do padre a ouvidos mui atentos. Essa reação era, a princípio, de se estranhar, pois as pessoas em geral não gostavam de ser incomodadas por gente que batia ao portão, já que, com frequência, eram pedintes com histórias mentirosas ou vendedores insistentes. E quando quem chamava era uma criança vendendo doces, sorvetes, frutas ou qualquer outra coisa, as hostilidades dos moradores vinham à tona ainda mais facilmente, havendo quem escorraçasse a criança, gritando-lhe impropérios e pronunciando terríveis xingamentos.

Com o sobrinho do padre, porém, a experiência foi outra. Diante dos trajes do menino, as pessoas, certamente atingidas em seus sentimentos religiosos, não esboçavam nenhuma atitude de desprezo ou rancor. Antes, ouviam com simpatia a recitação mecânica de seu comunicado e comprometiam-se a atender o chamado do padre, havendo até quem oferecesse ao garoto um copo de suco, uma bala ou uma moeda. Se, entre um portão e outro, Baxixa abordava algum transeunte que descia à praça ou seguia rumo ao ponto de ônibus, a resposta era também a mesma. A pessoa parava, ouvia pacientemente o convite, agradecia e, na maior parte das vezes, dizia que compareceria ao local designado na hora marcada.

Nenhuma dessas reações, na verdade, deixara de ser prevista por Luciano. O arguto sacerdote conhecia a força dos paramentos religiosos. Sabia que as pessoas beijariam a mão do próprio diabo se ele estivesse trajando uma batina preta com sobrepeliz.

Foi assim que a notícia acerca do serviço religioso que seria realizado no descampado espalhou-se depressa. Aliás, num efeito positivo que Luciano não pudera prever, outras crianças, vendo as balas e moedas que Baxixa ganhava, logo começaram a circular nas ruas com crucifixos ao pescoço, indo de casa em casa para anunciar o evento sagrado e fazendo, a seu modo, a mesma recitação do sobrinho do padre. Por isso, em pouco tempo, toda a Vila Santa Virgínia ficou ciente do serviço eclesiástico que se realizaria ao fim daquela manhã no alto da Rua B, e todos se prepararam para participar.

Então, por volta das dez e quinze, o Padre Luciano apareceu cheio de pompa descendo a Rua Holanda. Trajava uma túnica alva ornamentada com um crivo bordado manualmente na parte inferior. O amito, também branco, cobria-lhe os ombros e parte das costas. À frente do sacerdote, em marcha solene, seguia Francismar, com bata e crucifixo, a caldeira e o aspersório nas mãos.

A cena seria de fato bastante suntuosa, não fossem os desvarios da louca lá no alto que gritava sem parar: “Avião! Avião! Avião!”. Luciano, irritado por ver a austeridade do momento ser assim aviltada, por pouco não amaldiçoou a mulher com um sonoro “vá para o diabo que te carregue, sua louca do inferno!”. Conteve-se, porém, entrando logo na Rua B, onde ralentou os passos a fim de dar tempo às pessoas de se achegarem a ele e segui-lo em procissão até o descampado.

Subindo, pois, a rua em marcha pesada e vagarosa, o padre foi atraindo uma multidão curiosa atrás de si. Quando, enfim, seguindo o sobrinho, chegou à sepultura de Bernardo, junto à pinguela, Luciano se voltou para o povo e ficou realmente surpreso. Não esperava um ajuntamento tão grande. Encheu-se, então, de satisfação e, por fim, em gestos teatrais, elevou os olhos aos céus com as mãos estendidas, numa ação de graças tão solene que toda a multidão silenciou. Ato contínuo, persignou-se acompanhado pelo povo que pronunciou com ele a fórmula

trinitária: “Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Amém”.

Em seguida, o sacerdote deu as boas-vindas a todos e passou a explicar os motivos daquela santa convocação:

— Irmãos e irmãs, todos devem estar perguntando o motivo pelo qual eu convoquei o rebanho de Cristo para estar aqui nesta manhã. Por isso, creio que vos devo algumas palavras de esclarecimento.

Os fiéis, em total silêncio para ouvir o discurso do padre, anuíram com a cabeça, esperando a explicação. A essa altura, Kiko que fora à rua para brincar com outros meninos, ouvindo falar do ajuntamento no descampado, e vendo outras pessoas seguindo para lá, foi curioso verificar o que estava ocorrendo. Chegou ao local no exato momento em que o padre dizia:

— Aconteceu que, para tristeza e espanto de todo homem fiel a Deus, foram sepultados aqui os restos mortais de uma criança sem que ela fosse purificada do pecado original pelo batismo, sem que nela fosse infundida, pelo santo sacramento, a graça santificante que é capaz de salvar, sem que ela, pelo rito batismal, passasse a pertencer à Igreja Católica, o que é fundamental à salvação...

Kiko que ouvia tudo sem entender muita coisa, resmungou:

— Não são os restos de uma criança que estão enterrados aí. É a cabeça de um São Bernardo e a corrente dele!

O menino não disse isso para ser ouvido. Porém, uma senhora ao lado o escutou no instante em que outra mulher chegava e perguntava qual era o motivo daquela cerimônia religiosa em campo aberto.

— Parece que um santo foi enterrado aí. Acho que se chamava Bernardo e morreu acorrentado.

— Coitado! — respondeu a outra. — Se morreu acorrentado, então é do tempo dos escravos!

— Deve ser...

Outras pessoas chegavam ao descampado curiosas para saber a razão do ajuntamento e da presença do padre ali. Logo as informações começaram a se desencontrar, pois nem todos conseguiam ouvir com clareza o que Luciano dizia. Alguns, os que estavam mais próximos dele, acompanhavam atentos sua explanação, mas, sendo em sua maioria pessoas simples e iletradas, não eram capazes de discernir com facilidade o sentido de suas frases ou mesmo o significado de algumas palavras. Por isso, ao fim divagavam, sem prestar atenção alguma ao que era dito.

Entre esses ouvintes mais próximos do padre havia, contudo, uma minoria mais esclarecida e que entendia tudo, sendo que, a partir desse grupo, difundiam-se informações precisas sobre uma criança que fora sepultada no descampado sem ter sido batizada. Esse relato, porém, logo se mesclava com o boato do santo preso em correntes. Como resultado dessa mistura, uma história inusitada foi, aos poucos, tomando forma e, nos momentos em que Luciano rezava pela alma da criança e aspergia água benta sobre a sua sepultura, quase todos os fiéis já estavam sensibilizados com o vago testemunho de um certo Bernardo, aparentemente um cristão devoto que fora acorrentado e decapitado na época dos escravos por ter defendido uma criança negra que, enfim, morrera nas mãos de senhores cruéis sem antes ser batizada.

Não desconfiando de nada disso, ao fim das orações em favor da criança, Luciano informou a multidão que a Igreja tomaria providências para que os restos de Bernardo fossem removidos dali e postos numa sepultura digna. Disse também que uma missa exequial em sufrágio da criança morta seria celebrada em tempo oportuno na Matriz de Santo Emílio, a fim de que o infante fosse encomendado à misericórdia de Deus e não ficasse mais sujeito à “suavíssima pena” que consistia da privação da visão beatífica.

Sem compreender palavra alguma do que fora dito, a multidão dispersou-se e Luciano voltou

para casa alegre e satisfeito seguido pelo sobrinho.

Na tarde daquele domingo e nos dias que se sucederam, dezenas de flores foram postas no túmulo de Bernardo por mulheres devotas que anelavam por graças especiais de livramento. Velas foram acesas no local, onde também depositaram objetos e fotografias de pessoas doentes. Assim, o cachorro a que Dona Lola se referia em brincadeiras, dizendo ser seu santo protetor, tornara-se agora um santo de verdade. E o povo não tardou a lhe dar um nome venerável: São Bernardo das Correntes.



Capítulo 12

FALANDO COM O NADA

O culto de comemoração do aniversário do pastor era o item do calendário anual da igreja que deixava Jerônimo Altino mais animado. Também, pudera... Nesse culto eram feitas grandes homenagens ao líder eclesiástico, pródigos elogios lhe eram tecidos, um pregador de fora era convidado para trazer a mensagem (o que poupava o pastor de, na semana antecedente, gastar horas preparando o sermão de domingo à noite), presentes eram dados ao aniversariante e uma festa era preparada com direito a bolo e tubaína.

Altino nascera em maio e aquele era o segundo culto de aniversário de que ele participava na Igreja Batista em Parque São João. Sabia, portanto, mais ou menos, o que lhe estava sendo preparado. E estava feliz, mesmo porque, num canto escondido do seu coração, acreditava piamente que merecia o completo reconhecimento de todos. Afinal de contas, fora ele quem demonstrara uma liderança forte e sábia, chegando ao ponto de, no curto espaço de um ano, livrar a igreja do problema crônico de Irlandino, colocando o velhote em seu devido lugar. Nenhum pastor antes dele realizara tamanha proeza e isso fazia Altino acreditar que era uma espécie de messias, um libertador dotado de talentos especiais, de percepção singular, de visão privilegiada, de discursos certos, enfim, um chefe capaz de criar medidas eficazes para neutralizar qualquer problema, mesmo os que pareciam de solução impossível aos olhos dos outros.

Esse elevado conceito de si mesmo não brotara na alma de Altino com o episódio de quebrantamento do “Dono da Igreja”. Na verdade, o pastor já o vinha nutrindo por muito tempo, desde os dias em que era ainda recém-formado na faculdade de teologia. Por essa época, a ideia de ser um pequeno messias insinuou-se na mente de Jerônimo em virtude de um episódio vivido em família, mais especificamente durante uma refeição na casa de seu pai.

Esse episódio transcorreu assim: Jerônimo tinha um irmão mais velho chamado Leônidas, homem brincalhão e muito simpático, mas também o único membro da família que havia abandonado a fé cristã. E isso para tristeza dos pais, membros antigos da igreja batista.

Leônidas era casado e pai de duas crianças lindas, saudáveis e inteligentes: Isabel e Sérgio. A menina, porém, quando tinha cinco anos de idade, contraiu uma bactéria muito resistente que a deixou prostrada com febre alta, vômitos e placas avermelhadas espalhadas pelo corpo. Os médicos decidiram interná-la e lutaram durante vários dias contra a doença, ministrando à criança toda a medicação então disponível. A família inteira entrou em desespero, multiplicando as orações pela saúde de Isabel. Contudo, apesar de todos os cuidados e das mais intensas súplicas, a menina somente piorava e, fraca e desidratada, enfim faleceu após quase duas semanas de agonia.

A consternação dos pais e dos demais familiares foi imensa. Leônidas e sua esposa ficaram inconsoláveis e, nos dias que se seguiram, pareceu que seu luto não teria fim. Ao término de alguns meses, porém, a desolação de Leônidas deu lugar a um tipo de inconformismo que, depressa, manifestou-se em revolta aberta contra Deus — uma revolta em face da qual ninguém ousava dizer palavra, posto que a viam como uma forma de ele aliviar sua dor.

Ocorreu, então, que, durante um jantar em família, Jerônimo, não podendo mais conter a indignação diante de tantas blasfêmias proferidas pelo irmão, decidiu romper o silêncio e repreender Leônidas severamente.

À mesa, naquela ocasião, estavam os pais dos moços, senhor Manoel e Dona Tereza, suas jovens esposas, Celina e Jandira, além de Serginho de apenas quatro anos de idade. Como é

costume entre as famílias de tradição evangélica, uma prece de gratidão foi feita antes da refeição. A pedido do seu pai, Jerônimo enunciou em voz alta a dita oração. Então, proferido o “amém”, todos começaram a se servir quando, com um sorriso malicioso, Leônidas disparou irônico:

— Agora que meu irmãozinho parou de falar sozinho, podemos nos servir.

A mãe dos rapazes baixou a cabeça angustiada e a esposa de Leônidas a imitou. Jandira pousou a mão esquerda sobre a perna de Altino, suplicando com esse gesto que ele não reagisse, enquanto o ancião fitava o filho blasfemo com ar de reprovação.

Jerônimo suspirou num esforço imenso para se controlar. Pôs então as duas mãos sobre a mesa, olhou para o prato e disse devagar, a fronte inclinada para baixo:

— Em que momento eu estive a falar sozinho, meu irmão?

Sem estremecer, enquanto estendia o braço calmamente para alcançar a panela de carne cozida, Leônidas respondeu debochando:

— Você sabe, pastorzinho... Mas não se irrite. Um dia você vai descobrir que tudo isso é perda de tempo. E eu digo isso por experiência própria.

— Oh! — devolveu Altino de pronto, agora encarando o irmão. — Então você teve uma marcante experiência de falar sozinho! Por que não compartilha conosco essa sua preciosa experiência?

Leônidas, acostumado que estava a, naquela fase do luto, dizer tudo que queria sem ser retrucado, perturbou-se um pouco e os ares de escárnio perderam levemente a nitidez em suas feições. A mãe dos rapazes olhou para Jerônimo meneando a cabeça, quase implorando para que ele não discutisse com o irmão ferido.

— Vamos, Leônidas, conte sua chocante experiência. Fale-nos sobre sua conversa com o nada.

O irmão mais velho encarou o caçula em meio a um inchaço de fúria que começava a crescer em seu peito e a deformar o seu rosto. Altino não se intimidou.

— Você acredita que sua dor lhe dá o direito de zombar da fé e dos valores de todos nós, não é mesmo, Leônidas? E abusa disso, pois já percebeu que não vamos reagir em respeito aos seus sofrimentos. Pois bem... Sabe o que você é, Leônidas? Você é um covarde, pois nos provoca sabendo que não lhe daremos o troco.

Celina fez menção de sair da mesa, mas Leônidas a impediu segurando o seu braço.

— O que você disse, Jerônimo? Pode repetir?

— Você ouviu bem. Dessa vez eu não falei com o nada. Falei com um escarnecedor covarde.

Num ímpeto de cólera, Leônidas bateu na mesa e, levantando-se, subiu o tom de voz, dizendo com o dedo em riste:

— Cale a boca, Jerônimo! Você não pode falar assim comigo. Cale-se, senão...

— Não! Eu não vou me calar — interrompeu Altino serenamente. — Já fiquei quieto por muito tempo aturando as suas blasfêmias. Quem vai se calar agora é você. E vai ouvir o que precisa, pois passou da hora de você ter o que merece. Por isso, sente-se e, como homem, encare a verdade que tenho a dizer.

Leônidas olhou ao redor. As mulheres choravam tentando conter os soluços. Sérgio, criança que era, observava a todos com o rostinho assustado. O pai dos moços ordenou com os olhos que o filho rebelde se sentasse para ouvir o irmão. Leônidas obedeceu.

— Então, você andou falando sozinho? — prosseguiu Jerônimo.

— Sim, pastorzinho... Falei com o nada durante quase duas semanas. Clamei durante dias e noites a fio, pedindo que esse Deus que você venera salvasse a minha filha. Duas semanas em vigília, chorando, jejuando, implorando, suplicando... Eu agonizei, meu irmão. Agonizei como

ninguém. Passei longas horas em desespero. E minha joia preciosa só desfalecia. Eu via a vida dela exaurindo-se aos poucos, sem que eu pudesse fazer nada exceto chorar e suplicar. Eu via os olhinhos dela fechando-se enquanto segurava sua mão. Aqueles olhinhos não saem da minha cabeça, pastorzinho. O tempo todo eu os vejo... Meu Deus! Meu Deus! Ela só tinha cinco aninhos!

E a voz de Leônidas se esvaiu... Agora todos à mesa padeciam. Comovida, Jandira lembrou-se do desolado rei Davi clamando inutilmente pela vida do bebê que nascera do seu adultério com Bate-Seba. Jerônimo, sensibilizado com o sofrimento do irmão, enxugou uma lágrima que ameaçava lhe escorrer pela face.

— Que Deus de bondade é esse, Jerônimo? Que Deus de bondade é esse que abandona crianças à morte e arranca, assim, o coração de seus pais. Diga-me: onde estava esse Deus compassivo nos momentos em que a minha filhinha secava naquela cama toda suja de vômito? Onde ele estava? Diga-me! Esse seu Deus tem um modo muito estranho de demonstrar amor.

Nessa hora Leônidas rendeu-se ao pranto, dando livre curso às lágrimas. Jerônimo não respondeu palavra, esperando cabisbaixo o irmão recompor-se. Então, passado o abalo maior do momento, replicou:

— Eu e você sabemos onde Deus estava. Ele estava onde sempre esteve e onde ainda está agora. Nunca saiu por momento algum de lá. Ele estava num trono, governando tudo e fazendo todas as coisas conforme o conselho da sua vontade. Pois é o querer dele e não o nosso que rege os fatos, meu irmão. E ele, como governante supremo, não tem obrigação alguma de atender as súplicas dos homens, nem a dos justos que são seus amigos e muito menos a dos injustos que são seus inimigos.

Leônidas anuiu impaciente baixando os olhos. Dava a entender que conhecia bem aquele discurso e que aquilo tudo não passava de um aglomerado de jargões antigos. Sabia o que vinha a seguir: Deus tem um plano, seus caminhos são insondáveis, quem somos nós para questionar a vontade do Senhor... O jovem pai inconformado não esperava que a fala de Jerônimo tomasse outros rumos. Porém, o que o “pastorzinho” disse a seguir surpreendeu a todos. Ele não enunciou nenhum jargão ultrapassado, nem palavras batidas e rasas de consolo. Em vez disso, sua fala seguiu por caminhos cruamente verdadeiros e, por isso mesmo, também dolorosos, ferinos e até cruéis.

— O que me intriga não é onde Deus está nas horas difíceis — continuou o jovem pastor. — Isso eu sei. O que me intriga é o que ele não fez diante do seu caso.

— É isso o que eu quero dizer... — interferiu Leônidas agora mais calmo.

— Não. Você não entendeu. Note bem: o que vou dizer é duro, mas você sabe que é verdade. Desde a sua meninice você sempre desprezou tudo que está ligado ao nome de Deus. Sempre! Quando éramos pequenos você sequer deixava a irmã Ivone dar aulas para a nossa classe de escola bíblica. Você zombava de tudo o tempo todo e nada o fazia parar. Lembro-me da irmã Ivone sair da sala algumas vezes chorando por sua causa...

— Ah, você acha que foi por isso que Deus me tirou a Isabel?

— Calma, Leônidas! Ouça, por favor. O que estou dizendo é que desde a sua meninice você zomba de Deus, mais do que de qualquer outra coisa ou pessoa... Olhe: nem mesmo os moleques da rua ou da escola que brigavam todos os dias com a gente foram tão provocados, desprezados e ultrajados por você ao longo da vida como Cristo, a sua igreja e a sua *Palavra* santa. Na verdade, nem o Bobi, nosso cachorro vira-latas, foi mais desrespeitado por você do que o Deus que nos criou. Creio que nem mesmo o Pedrão, aquele canalha golpista que ficou com o seu dinheiro quando a sociedade do táxi acabou, foi mais hostilizado por você do que Jesus. Eu pessoalmente

não me lembro de uma só palavra que tenha saído da sua boca que servisse para honrar ao Senhor. Sempre foi o contrário, desde a infância até a fase adulta, como acabamos de ver agora há pouco aqui mesmo nesta mesa.

Leônidas, pondo a mão no queixo, olhava atento para o irmão mais novo, mas não era possível saber se estava se abrindo ao duro discurso que ouvia ou se apenas preparava disfarçadamente o revide.

— Você sempre foi escarnecedor e blasfemo. Quando não agia como tal, era simplesmente indiferente e distante no tocante às coisas de Deus. É nisso que eu penso quando digo que fico intrigado ao observar o que Deus não fez.

— Como assim? Não estou entendendo. Se puder ser mais claro...

— Está bem. Eu posso reformular... Você, Leônidas, sempre foi um inimigo de Cristo, mesmo que não enxergue isso. Nunca o temeu, buscou, respeitou ou obedeceu por um momento sequer durante a vida toda. Então, num belo dia, como se fosse o próprio discípulo amado, você se aproxima dele pedindo que o livre dos seus problemas. Acha mesmo estranho que ele não lhe tenha dado ouvidos?

A atmosfera densa sufocava todos à mesa. Serginho pediu o colo da mãe. Leônidas mordeu os lábios e engoliu em seco.

— Oh, que grande surpresa! — prosseguiu Jerônimo num arremedo irônico. — Pedi um favor a um Rei de quem sou inimigo aberto e ele se fez de surdo! Que barbaridade, não é mesmo? Cuspi no rosto do Dono do Universo durante toda a minha vida, mais do que cuspi no rosto de qualquer patife que há por aí. Ridicularizei e humilhei sua família, fiz piadas com a sua *Palavra*, blasfemei contra o seu nome, pisei o seu sangue remidor, ultrajei seu Espírito de graça e, no fim das contas, quando lhe fiz um pedido, ele não me ouviu! Oh, quanta maldade! Oh, onde será que ele estava quando clamei? Sento à mesa do alimento e chamo de “nada” o Doador do próprio arroz que enche a minha pança. Então, quando lhe peço ajuda, ele a nega. Quanta injustiça! Quanta falta de compaixão! Não consigo entender a maldade desse Deus para comigo!

— Está bem — reagiu Leônidas. — Não precisa me ridicularizar. Já entendi o seu ponto.

— Mas eu ainda não terminei, meu amigo. Você disse que acha estranho o modo de Deus demonstrar compaixão. Pois bem. Agora quero dizer o que *eu* acho estranho. Eu realmente acho estranho quando Deus não atende a súplica dos justos e, para estes, não tenho palavras de explicação. Já no seu caso, não é isso o que eu acho estranho.

Leônidas levou novamente a mão ao queixo, mas dessa vez não havia dúvidas de que estava ouvindo o parecer do irmão com certo grau de boa disposição, ainda que fosse orgulhoso demais para admitir que havia sentido em tudo que ele dizia.

— Pra dizer a verdade, no seu caso eu não acho estranho nem mesmo Deus ter matado a Isabel, virando as costas para você.

Ao ouvir essa afirmação dita assim de forma tão crua, Celina gemeu, protegendo com a mão a cabeça do seu filhinho. Dona Tereza e Jandira reagiram juntas, exclamando: “Jerônimo!”. Elas, assim como o senhor Manuel, estavam perplexas diante da aparente falta de tato do pastor. Leônidas tentou protestar, mas Altino não permitiu e prosseguiu resolutivo:

— O que eu acho estranho no seu caso, como eu disse há pouco, é o que Deus ainda não fez. Você é um apóstata contumaz que vive em aberta inimizade contra ele, Leônidas. Por isso, o que eu considero realmente estranho não é Deus ter matado a Isabel. É ele ainda não ter matado a Celina e o Serginho.

Ninguém podia acreditar que Jerônimo tinha acabado de dizer aquelas palavras. Leônidas recebeu o golpe em toda a sua força e empalideceu, murchando em seguida, a cabeça inclinada,

as mãos sobre a mesa. Os demais fitavam Altino aturdidos.

— Isso sim é realmente de surpreender — concluiu o pastor calmamente. — E prova o quanto o Senhor é longânimo, paciente e bondoso, ao contrário do que você pensa.

Seria bom terminar essa história dizendo que, depois daquele confronto, Leônidas se arrependeu dos seus pecados e, quebrantado, tornou-se o cristão mais zeloso da família. Porém, a verdade é que o filho apóstata do senhor Manoel nunca voltou para a igreja, nem tampouco esboçou qualquer interesse em trilhar os caminhos de piedade que conhecera na infância.

Algo, contudo, ocorreu dentro dele depois da dura admoestação de Jerônimo Altino. Dali pra frente, Leônidas nunca mais foi ouvido pronunciando palavras zombeteiras contra Deus e a fé cristã. Talvez a simples hipótese, mesmo remota a seu ver, de um Deus irado que poderia matar sua família, tenha lançado uma sombra perene de temor em seu coração, especialmente levando-se em conta a dolorosa perda da pequena Isabel. Na realidade, porém, ninguém jamais soube as razões exatas da mudança.

Seja como for, uma coisa ficou clara: se a carreira de escarnecedor de Leônidas teve um fim completo, isso se deveu à firmeza e ousadia de Jerônimo que, segundo entendia, soube dizer a verdade no momento certo e na forma adequada àquele caso específico.

Assim, o jovem “pastorzinho” passou a se gloriar secretamente naqueles seus acertos, embora Jandira (talvez com razão) condenasse sua crueza. Uma vez, porém, que, ao mesmo tempo, ela aceitava o conteúdo do que fora dito ao cunhado, isso também servia para alimentar o ego do marido. A verdade é que, no fim das contas, em Jerônimo ficava evidente que a natureza humana está a tal ponto impregnada pelo pecado que mesmo os seus melhores frutos sempre trazem no interior as sementes disformes da autoindulgência e do amor próprio.

Era assim que, desde a época daquele memorável jantar, Jerônimo Altino cultivava um conceito messiânico de si mesmo. Ele era, conforme se julgava, uma espécie de vingador que punha os inimigos da piedade em seu devido lugar — e o episódio de Irlandino só reforçou esse conceito em seu coração. Por isso, no fim da tarde daquele domingo festivo, o pastor dirigiu-se à igreja cheio de boas expectativas. Seguindo para o culto do seu aniversário ao lado de Dona Jandira e de Samuel, pensava no quanto realmente merecia as homenagens que lhe seriam feitas. Às vezes, é claro, sentia um pouco de vergonha de si mesmo por abrigar ideias tão ousadas de grandeza. Nessas horas, porém, tentando aliviar o desconforto procedente da falta de modéstia, dizia de si para si: “Se sou o que sou, isso é pela graça de Deus. Portanto, a glória é somente dele”.



Capítulo 13

A MESA DE JESUS

Os organizadores do programa de aniversário não decepcionaram o pastor. De fato, as honras que ele recebeu foram numerosas. Seis senhoras que faziam parte da Sociedade Feminina Missionária apresentaram um jogral em que cada uma, alternadamente, dizia uma frase elogiando o ministro. As componentes desse jogral, lideradas por Agnes Herrera, também traziam pequenos cartazes à mão, sendo que em cada um desses cartazes estava estampada uma letra. Segurando os cartazes lado a lado, as senhoras do jogral formavam a palavra “Altino”.

Cerca de cinco irmãos previamente escolhidos foram convidados para ir à frente dar testemunho do quanto Jerônimo tinha sido importante em suas vidas. Evidentemente, Irlandino foi um deles, além do “pastor” Nilson e de Avelino (o velho que vendia galinhas de macumba). Tobias também deu seu testemunho a pedido da irmã Roseli, organizadora dessa parte. O jovem aceitou falar, mas deixou claro que não concordava com esse “sistema”. Entre um testemunho e outro, o dirigente, Marvin Cottrel, fazia questão de lembrar que a glória de tudo aquilo era devida unicamente ao Senhor e que a igreja não estava cultuando um homem, mas sim a Deus, mostrando gratidão a ele pela vida do ministro.

Um pequeno coral de crianças, todas usando batas azuis, apresentou-se cantando uma música em que o refrão destacava o nome de Jerônimo, afirmando o privilégio que era ser liderado por um obreiro tão consagrado, sábio e zeloso. Brenda Livorno dirigiu o grupo. Ao fim do cântico, Ananias e Atanásio (ou Satâneas e Satanásio, como preferiam os jovens) entregaram ao pastor um cajadinho feito de isopor no qual estava anexado um cartão de aniversário com a assinatura das crianças integrantes do coral. Jerônimo recebeu a homenagem emocionado e todos se sensibilizaram ao vê-lo contendo o choro.

O pregador da noite foi um amigo de seminário de Altino e sua presença ali fazia parte das surpresas que a igreja havia preparado para alegrá-lo. O nome do convidado era Silas, pastor de uma igreja na Zona Norte de São Paulo. Jerônimo ficou realmente feliz ao vê-lo, pois tinham sido bons amigos na juventude, mas dificilmente se encontravam.

Na pregação, o pastor Silas optou por não expor nenhum texto bíblico. Em vez disso, na introdução à sua homilia, disse quealaria sobre “três defeitos do pastor Jerônimo Altino”. Ao ouvir o tema, Jerônimo, sentado numa cadeira colocada especialmente para ele sobre o palco, olhou para a congregação e fez um biquinho, fingindo estar bravo. A igreja inteira riu do gracejo. O pregador fez uma pausa e, então, prosseguiu numa preleção de quarenta minutos em que explicou que os três defeitos do pastor eram os seguintes: “Ele ama demais; ele ora demais; e ele se dedica demais”.

Caminhando para o término do culto, dois presentes foram solenemente entregues ao aniversariante: um par de sapatos e uma gravata. O próprio Irlandino fez a entrega, após proferir um pequeno discurso repleto de encômios exagerados. Depois disso, a palavra foi finalmente passada a Jerônimo Altino o qual agradeceu as expressões de carinho e apreço e renovou seu compromisso com a igreja dizendo:

— Irmãos, eu ouvi dizer que, há poucas semanas, num bairro bem próximo de nós, os papistas entronizaram mais um deus no seu Olimpo profano. Eu soube que, de uns dias para cá, eles têm venerado um certo São Bernardo das Correntes, figura que dizem ser um santo novo, como se os muitos que eles já têm não fossem suficientes. Sei de gente que está indo ao túmulo do suposto santo para venerá-lo e fazer preces a ele, o que demonstra o quanto Cristo está longe de ser o personagem principal desse cristianismo desfigurado. Nós desta igreja, porém, jamais teremos

outro foco em nossos cultos que não seja o Filho de Deus. Ele e somente ele sempre será o centro de todos os nossos atos de adoração e, enquanto eu for pastor aqui, jamais nos desviaremos disso!

Ao ouvir essas palavras, Aurélio Augusto ajeitou-se na cadeira. Aquelas declarações lhe soaram absolutamente contraditórias, considerando que cada detalhe do culto de aniversário tinha sido planejado para enaltecer unicamente a pessoa do pastor, ficando Cristo em segundo ou terceiro plano. Incomodado, o jovem olhou à sua volta para observar a reação das pessoas, acreditando que elas também tinham notado a enorme incoerência. Surpreso, então, percebeu que todos apenas anuíam com a cabeça, incapazes de notar a dissonância entre o que estava sendo dito e o que tinha sido feito.

Aurélio ficou também um pouco surpreso quando, ao correr os olhos pela congregação, viu que Kiko, o garoto que vinha eventualmente com João Tito à igreja, dessa vez estava acompanhado de sua mãe, Dona Lola. De fato, aquela simples e tímida mulher estava visitando a igreja batista pela segunda vez em decorrência dos insistentes convites de Dona Jandira. O moço, crente sincero que era, ficou muito feliz ao vê-la. No entanto, a verdade é que Dona Lola mantivera-se distraída quase o tempo todo. Especialmente durante o discurso do pastor Silas, seus pensamentos tinham divagado para bem longe, não porque o pregador fosse enfadonho, mas sim porque, viciada como estava na prática de relaxar o cérebro por meio do exercício do “dom de línguas”, Dona Lola não conseguia realizar o menor esforço mental no sentido de acompanhar o desenvolvimento de um raciocínio, mesmo o mais simples. Por isso, prestar atenção naquela mensagem de trinta ou quarenta minutos tinha sido simplesmente impossível para ela, sendo essa a parte do culto que mais a entediara, fazendo-a deixar-se atrair apenas pelas flores coloridas que decoravam o salão.

O pastor Altino terminou a sua fala e Marvin Cottrel foi à frente anunciar o próximo item da programação. Os organizadores tinham previsto acertadamente que, dado o evento festivo daquela noite, a igreja teria a presença de muitos visitantes não crentes. Por isso, acharam por bem que, no fim de tudo, alguém lhes dirigisse uma palavra de agradecimento por terem comparecido e, se o tempo assim permitisse, também lhes formulasse um breve convite à fé evangélica.

Para falar nesse momento, os organizadores escolheram precisamente o jovem Aurélio Augusto que, convocado por Cottrel, logo abandonou seus pensamentos críticos e foi à frente com a *Bíblia* na mão, dentro da qual havia um papel dobrado com citações de um sermão de Santo Agostinho. Todos o observaram silenciosos e atentos, posto que sua figura meio desajeitada e tímida despertava o desejo geral de cooperar, seja por pena, seja por curiosidade. Até mesmo Dona Lola, que permanecera a maior parte do tempo olhando para as flores, volveu a cabeça para ver melhor o jovem magro e acanhado que subia ao púlpito.

Com um sorriso pálido, Aurélio cumprimentou a congregação e, desdobrando o pedaço de papel com as anotações que havia feito previamente, falou assim:

— Os irmãos que organizaram este culto pediram para eu dirigir algumas palavras aos nossos visitantes, agradecendo por terem vindo participar dessa festa tão importante para nós. Por isso, em nome na Igreja Batista em Parque São João eu quero agradecer pela presença de todos vocês que nos visitam e dizer que as portas desta congregação estão abertas para os que quiserem voltar. Sempre será uma alegria recebê-los e agora que o culto está terminando, pedimos que fiquem somente mais alguns minutos para partilhar conosco de um bolo delicioso. Afinal de contas, ir numa festa de aniversário e não comer um pedaço de bolo seria como ir a um parque de diversões e não comer algodão-doce!

A brincadeira não foi muito feliz, mas as pessoas esmolaram um sorriso, mostrando simpatia. Os visitantes que, aliás, eram mesmo vários, reagiram a essas palavras com o rosto alegre. Pelo menos o alvo de mostrar-lhes apreço e consideração tinha sido atingido. Aurélio, então, continuou:

— Antes, porém, de terminarmos o culto e irmos para os comes e bebes, eu gostaria de falar a vocês sobre outra festa: uma festa enorme que, em vez de durar somente algumas horas, estende-se por muitos anos, emendando dias e noites sem parar, faça chuva ou faça sol.

A igreja, surpreendida pela menção de uma festa tão singular, mostrou-se de pronto cativa das palavras do moço, mesmo porque o modo como ele introduziu o assunto fora com certeza atraente. De fato, naquela altura Aurélio começou a mostrar certa desenvoltura e enunciou suas frases fazendo gestos chamativos, além de dar ênfase a algumas palavras que escolheu de forma estratégica. Por causa disso, até as crianças voltaram o olhar atento para o moço. Dona Lola curvou-se para a frente e, ouvindo tudo, lembrou-se das festas religiosas de que participara em Munhoz, quando as ruas principais da cidade eram ornamentadas com bandeirolas coloridas e o povo alegre celebrava os eventos do calendário litúrgico desde as primeiras horas da manhã até tarde da noite.

— Na verdade, a festa a que me refiro não é uma comemoração como a de hoje, com bolo e refrigerantes. O que tenho em mente é um banquete... Imaginem uma festa assim, um tipo de festa na qual nos sentamos ao redor de uma grande mesa de madeira nobre, tendo diante de nós belíssimas bandejas de prata. Todos estão famintos e, chegada a hora, a tampa das bandejas é removida. Sabem, então, o que há nelas?

— Frango assado! — gritou uma criança eufórica, totalmente envolvida pela ilustração.

A congregação inteira caiu na gargalhada. Aurélio, agora bem mais à vontade, olhou para a criança com um sorriso amistoso.

— Não, amiguinho! — e voltando-se para a congregação, continuou. — Vou lhes dizer o que há nas bandejas. Quando as tampas são removidas, tudo que vemos para ser servido são... pedras!

Os pastores Altino e Silas ouviam o jovem intrigados. Aonde ele queria chegar? A congregação, imaginando bandejas de prata cheias de pedra ficou perplexa, esperando uma explicação do sentido dessa figura. Aurélio sabia que tinha pouco tempo, pois o culto estava acabando e corria o risco de cansar seus ouvintes, caso não fosse logo ao ponto. Então, o moço se apressou em adotar um semblante mais grave e dizer o seguinte:

— Meus amigos, este mundo é como a mesa de que falei. Nós esperamos encontrar aqui a bandeja da felicidade, mas o que na realidade nos é servido são as pedras da frustração, da perda e do medo. Nós até podemos desfrutar de alguns bons momentos à mesa, mas logo, sem que peçamos, nos é servido o prato intragável da dor e o vinho amargo da doença e da morte. O tempo todo nós vasculhamos as bandejas, as taças, as panelas e as tigelas procurando o prato da felicidade para então descobrirmos perturbados que esse prato não está sobre a mesa. Na verdade, ninguém jamais o encontrou aqui. É um prato que nunca foi servido na grande mesa da vida neste mundo.

Dona Lola, ainda inclinada para observar melhor o jovem orador, teve a sensação de estar entrando devagar num ambiente novo, onde a luz era mais forte e onde podia enxergar melhor. Ela captou toda a força da ilustração de Aurélio, num misto de sensações inéditas em que, dentro do coração, provava a dureza fria do aço abrandada pela expectativa de que a ferida aberta pela espada seria logo tratada com água e óleo. Sentia assim uma angústia imensa ao pensar em seus próprios infortúnios, mas por razões que não podia explicar, sabia que o alívio estava prestes a

chegar, que o remédio para a dor que a torturava seria logo oferecido. Por isso, em seu espírito o absinto daquela aflição se tornava suportável, posto que tinha certeza de que o mel do livramento seria depressa servido.

— O prato da felicidade é celeste! Até quando vocês perderão seu tempo procurando-o aqui? O alimento que vocês buscam existe sim, mas vocês o procuram na mesa errada. Ouçam: se vocês buscassem ouro num lugar em que não houvesse, o que um bom amigo lhes diria? Com certeza ele os admoestaria com as seguintes palavras: “Por que vocês se afadigam abrindo covas nesse terreno cheio de pedras e lama? Vocês não veem? Vocês não sabem? Não há nada precioso aí! Não nego que o ouro que vocês procuram exista. O que digo é que esse ouro não está no lugar em que vocês o buscam. A cova em que trabalham só serve para fazê-los suar e descer. Nela vocês não encontrarão nada”. Essas seriam as palavras de um bom e sábio amigo, caso ele os visse empenhados num trabalho assim. Pois bem... Eu quero ser hoje esse amigo e lhes dizer que o pão da felicidade que vocês buscam não está nesta mesa e que o ouro da paz que procuram não está na cova que vocês pensam ser uma mina.

Aurélio falava com tanta força e convicção que a igreja sequer se movia. O entusiasmo fútil que nascera dos números especiais, das surpresas ao aniversariante e dos gracejos eventuais dava agora lugar a uma atmosfera sóbria e solene. Era como se um grande rei tivesse adentrado àquele recinto. E um grande rei entrara mesmo ali, mas na forma de palavras.

— Vocês querem ser felizes sentados ao redor da mesa terrena. No entanto, nem mesmo o Filho de Deus, quando veio cear conosco provou o vinho da felicidade. Vejam o que lhe foi servido em nosso banquete. Vindo de longe nos visitar, ele provou somente a comida azeda que havia na masmorra da nossa miséria, sem rejeitar coisa alguma. Aqui ele bebeu vinagre e fel. Sofrimentos, dores e morte foram os pratos que provou em nossa casa, sentado humildemente à nossa mesa. E notem: enquanto comia, falou-nos docemente sobre outro banquete, sobre a mesa do céu, onde ele mesmo é o pão.

À medida que escutava aquela mensagem, Dona Lola percebeu como que uma espessa redoma de vidro fosco se quebrando silenciosamente à sua volta. Tendo vivido a vida inteira dentro daquela redoma, ela era capaz de ver a verdade e também ouvir a palavra de Deus, mas sempre de modo turvo e abafado, nada chegando a ela com total nitidez. Agora, porém, era como se aquela redoma tivesse ido abaixo e a senhorinha pudesse ver e ouvir melhor, compreendendo plenamente a mensagem de Aurélio. Nada ela fizera para estilhaçar a tal redoma. Tampouco tentara evitar que se quebrasse. A redoma fora simplesmente golpeada por algo ou alguém fora dela e Dona Lola agora entendia tudo, passando a anelar aos poucos o pão celeste de que o pregador estava falando.

— Ele sentou-se à mesa repugnante da nossa choupana e, sangrando enquanto comia, nos abriu o caminho para a mesa dourada do seu palácio. Então, não somente aceitou a nossa refeição, mas também nos ofereceu a sua. Agora, pois, o que ele nos diz? Ouçam a sua voz! Ele ainda convida: “Crede em mim e achegai-vos aos bens da minha mesa, pois não recusei os males da vossa”.

A doce fragrância das flores chegou às narinas de Dona Lola juntamente com essas palavras do pregador. Fechando delicadamente os olhos, ela sorveu com prazer o suave perfume. Então, por um momento, contemplou o Senhor que, a certa distância, estava de pé, sozinho, atrás de uma grande mesa servida. Ele ergueu a cabeça e fitou a senhorinha de longe, abrindo aos poucos um sorriso amigo.

— Sim, ouçam a sua voz! Ele diz: “À minha mesa vos convido. Nela ninguém morre, nela está a vida verdadeiramente feliz, nela o alimento não se estraga, mas se refaz e nunca acaba. Vinde! Eu vos convido para a amizade do Pai, para a ceia eterna, para fraternizarem comigo. Eu vos

convido, enfim, para participar da minha vida! Se crerdes em mim e me receberdes pela fé eu lavarei os vossos pecados com o sangue da minha cruz e lhes servirei o pão da vida plena. Acaso ousareis rejeitar o pão da minha vida? Lembrai-vos então que não recusei o vinho da vossa morte!”.

A retórica da fé chama o que ocorreu então com Dona Lola de “graça irresistível”. O fato, porém, é que nenhuma expressão teológica pode descrever com precisão aquela notável experiência. Era como se o próprio Jesus falasse ao coração da mulher dizendo com ternura: “Vem, Dolores!”. Dona Lola, é verdade, hesitou por um momento. Pensou na religião dos seus pais, na devoção que ainda tinha aos santos, nas crendices que aprendera desde menina. A voz do Senhor, porém, era cativante a atraente demais: “Vem, Dolores. Eu perdoo tudo. Vem!”.

A mulher levou as mãos ao rosto e chorou. Quão doce era o apelo da redenção! Quão difícil era recusá-lo! Dona Lola suspeitou que não conseguiria. Teve medo. Medo de não poder resistir, pois percebeu que, no fundo, não queria resistir. “Vem, Dolores... Vem”. O chamado da fé chegava agora em meio a um sopro tão forte de graça que a senhorinha sentiu que todas as amarras se rompiam. E o bom Senhor, junto à mesa, ainda sorria e convidava: “Vem, Dolores. Eu perdoo. Eu restauro. Vem”.

Foi então que Dona Lola fechou novamente os olhos, curvando a fronte devagar, o rosto banhado em lágrimas. Estava cansada, abatida, quebrantada. Relutante, a mulher uniu as mãos em prece e sussurrou enfim num suspiro: “Sim. Eu vou”. E desabou em soluços num pranto de alívio e alegria. “Meu Jesus, perdoa-me”, clamou baixinho. Nesse instante, sentiu que alguém pousava a mão sobre o seu ombro. Virou-se para ver quem era e se deparou com o rosto acolhedor de Dona Jandira.

— Bem-vinda à mesa de Jesus, minha irmã.



Capítulo 14

A BOA MENTIRA

— Padre Luciano, bem-vindo! A que devo sua honrosa visita logo na segunda-feira?

Pacômio Saaz estava sentado à sua mesa na sacristia. Ele conversava com um jovem que Luciano não reconheceu de pronto ao entrar no recinto. O pároco estava visivelmente animado, pois ainda que fosse sempre dócil e amável, não costumava mostrar tanta efusividade em suas saudações.

— Você se lembra do meu sobrinho Alberto?

Luciano olhou para o moço que, virando-se para ele, esboçou um sorriso, aguardando a reação do recém-chegado. Era um jovem um tanto forte e robusto, mas de aparência facial pouco privilegiada. O nariz alongado, os olhos pequenos, a mandíbula um pouco projetada para a frente e o cabelo preto dividido ao meio não permitiam que o moço fosse incluído num grupo de galãs de novela.

— Alberto? É você? Meu Deus! Está um homem feito!

Alberto levantou-se e estendeu a mão para o padre, cuidando para não simular entusiasmo demais. Até porque conhecia Luciano fazia alguns anos e lembrava-se das inúmeras vezes que tinha sido maltratado por ele quando o tio não estava por perto. Se Luciano não o via há muito tempo, a razão disso era que Alberto, no auge da adolescência, passou a evitar ir com a mãe à Paróquia de Santo Emílio, a fim de não encontrar o padre perverso que fazia questão de dar-lhe tapas na cabeça sob qualquer pretexto. A justificativa preferida do sacerdote era “tenha reverência na casa de Deus”.

Luciano não sabia, mas o afastamento do garoto provocado por ele tinha gerado seríssimos problemas. É que Alberto, longe da influência moral da igreja, tinha se enveredado por caminhos tortuosos. Chegara mesmo a ingressar num grupo de delinquentes juvenis, passando vários anos envolvido em brigas, vandalismos e arruaças. Até uns poucos assaltos havia praticado e só Deus sabe como não fora parar no Juizado de Menores. De fato, sua crescente revolta e indomável agressividade começaram a assustar até mesmo seus pais, levando-os a perder qualquer esperança de recuperá-lo.

O bom Pacômio, porém, como tio paciente e amoroso, aproximou-se do rapaz e conquistou aos poucos sua amizade e confiança. Passou a ensiná-lo, aconselhá-lo, corrigi-lo e orientá-lo como um pai ao filho, já que era assim que o pároco o considerava. Alberto, a princípio relutante, ouviu inúmeras vezes as palavras do velho piedoso e, lentamente, foi sendo contagiado por sua bondade e simpatia. Deixou enfim a vida delinquente e passou a estudar e trabalhar com afinco. Acolheu também, de corpo e alma, a doutrina católica, tornando-se devoto de Santo Expedito, o santo das causas impossíveis. Era, pois, agora, o orgulho da família.

— O Alberto chegou ontem de Portugal. Veio visitar a mãe doente. Ele está morando no Porto e trabalha ali na própria Catedral da Sé — disse Pacômio cheio de orgulho.

— Meu tio gosta de exagerar. É só um servicinho simples... E nem é na catedral, mas sim no prédio anexo, na Casa do Cabido. Eu só limpo as saletas...

— Limpa as saletas onde ficam as relíquias! — interrompeu o tio.

— Não é exatamente assim... São objetos de ourivesaria, livros, vestes...

— Mas tem relíquias também.

Alberto concordou relutante. Não queria discutir com o velho pároco, nem por em dúvida os motivos pelos quais se orgulhava tanto do sobrinho querido. Enfim, decidiu ficar em silêncio, abanando a cabeça como quem releva as ingenuidades de uma figura inocente.

— Esse menino é humilde mesmo, padre Luciano. Imagine que estuda arquitetura na Universidade do Porto, a segunda maior de Portugal, e faz questão de se passar por um “Zé Ninguém”. Conseguiu uma bolsa de estudos lá... O bispo da nossa região ajudou. Aliás, ele é quase um padrinho do Alberto. Sua santidade já percebeu que esse garoto vale ouro.

Alberto não dizia nada. Apenas sorria com timidez, enquanto o tio tagarelava.

— A meu pedido, um amigo do bispo arranjou esse emprego pra ele na catedral... Vaga importantíssima! E ele insiste em dizer que não é nada. Ah, isso sem falar que ele também estuda canto e faz parte do coro da catedral!

Era nítido que Pacômio Saaz queria demonstrar afeto e simpatia pelo sobrinho. Estava feliz por vê-lo, pois era a primeira visita de Alberto ao Brasil depois de dois anos na Europa. Exagerava, porém, nos elogios e estava deixando o moço encabulado.

— Você vai ser alguém na vida, Alberto. Isso eu lhe garanto. Não vai ser como seu pai que passou a vida toda trabalhando como um escravo na administração daquele cemitério. Eu acho que até a saúde da sua mãe vai melhorar com a lembrança de que você está progredindo tanto.

Alberto anuiu com timidez. Então Pacômio se voltou para Luciano, mudando de assunto.

— Mas o que o traz aqui numa tarde de segunda-feira, padre?

Luciano sorriu contente por ver o pároco com os ânimos tão bem dispostos. Tinha um pedido sério a fazer e o bom humor do velho o deixou bastante otimista. Alberto, por sua vez, ao ver que o padre estava prestes a expor seus motivos, pediu licença e, levantando-se, caminhou até a porta.

— Vou deixar vocês dois à vontade para conversar — disse saindo da sacristia.

Pacômio Saaz consentiu com a cabeça e pediu que Luciano se sentasse.

— Sou todo ouvidos, padre.

— Bem, padre Pacômio, eu já lhe falei sobre o que está acontecendo em Vila Santa Virgínia. Depois daquela reza pela alma do menino Bernardo junto à sepultura... Bem, eu não sei por que cargas d'água o povo cismou que os restos mortais sepultados ali são de um santo martirizado no tempo dos escravos. Deram-lhe até nome. Chamam-no de São Bernardo das Correntes. Eu não faço a menor ideia de onde tiraram isso...

O pároco estava, de fato, acompanhando o caso. Balançou então a cabeça impaciente e respondeu com certo pesar:

— Padre Luciano, eu estou impressionado com o vulto que essa história tomou. Já me falaram até de grupos fazendo romaria...

— Bem, ainda não chega a tanto, mas não estão longe disso. As pessoas vão ao local aos montes. Deixam flores, acendem velas, depositam objetos e fotografias de pessoas enfermas sobre o túmulo do tal santo... Já há até algumas histórias de milagres... A rua que dá no descampado vive movimentada, com gente indo e vindo. O povo faz fila pra chegar perto da sepultura.

Pacômio mostrava-se inconformado.

— Que plebe supersticiosa! Você tinha razão. A igreja esteve por muito tempo ausente daquele bairro. Como vamos agora convencer esse povo a venerar somente os santos de verdade?

As primeiras frases do pároco deixaram Luciano animado, pois percebeu que Pacômio Saaz iria afinal apoiá-lo no alvo de construir uma igreja em Vila Santa Virgínia. Por outro lado, quando o velho disse que seria necessário desfazer a fábula do santo, o padre mostrou-se incomodado.

— Sem dúvida, padre, a igreja precisa tomar medidas urgentes para se fazer presente ali. Quanto a isso não há o que discutir. Já quanto a dizer a verdade ao povo, esse é um dos assuntos

que eu gostaria de tratar com o senhor.

— Como assim? Você acha que devemos deixar o povo seguir essa fábula do tal São Bernardo?

— Note bem, padre: eu vejo isso tudo de forma diferente. Nós não inventamos essa história do santo. Tudo aconteceu sem qualquer intervenção nossa. Por isso, eu acredito que o que ocorreu foi obra da providência de Deus. Olhe: graças a essa fábula, a fé católica está sendo finalmente reacendida naquela bairro em que os bodes protestantes estavam se espalhando. O senhor não consegue ver a mão de Deus por trás disso tudo?

Pacômio Saaz recostou-se na cadeira pensativo, a fronte voltada para baixo. Luciano prosseguiu.

— Acaso Deus não escreve certo por linhas tortas? Se ele quis usar uma mentira para trazer os filhos da Igreja de volta ao seio materno, quem somos nós para nos opormos a ele? Eu sei que pode soar estranho, mas acredito firmemente que, em vez de tentarmos desfazer essas histórias do santo das correntes, nosso dever de piedade é incentivá-las. Na minha opinião, essa seria a melhor maneira de trabalharmos pelo bem das almas daquela gente que, aos poucos, começa a retornar para a casa de Deus.

O pároco ouviu os argumentos com atenção. Suspirou, levou a mão à testa e disse, enfim, devagar:

— Eu não sei, Luciano. É uma questão ética delicada. Ser cúmplice na divulgação de uma mentira... Minha consciência...

— Não é qualquer mentira, padre — interrompeu Luciano. — Pelo amor de Deus! O senhor esqueceu-se da meretriz Raabe? Ela mentiu para os homens de Jericó a fim de salvar a vida dos espias de Israel. Acha que ela agiu mal? Muito pelo contrário! O que ela fez teve tanto a aprovação de Deus que o nome dela figura hoje na galeria da fé da *Carta aos Hebreus*! Ora, se nossa mentira também servir para livrar o Israel verdadeiro, podemos ter certeza de que Deus nos abençoará, caso passemos a disseminá-la. Ele abençoou aquela rameira pagã. Acha que não vai abençoar dois sacerdotes que...

— Faz sentido, faz sentido... No entanto, lembre-se que a mãe da criança morta sabe que não é a cabeça de um santo que está naquela cova, mas sim o crânio de um bebezinho não batizado. Se ela decidir abrir a boca...

— Quando ela abrir a boca ninguém vai ouvi-la, padre. A infeliz frequenta mais os cultos evangélicos do que as missas. Se ela começar a dizer que ali não há nenhum santo, o povo logo vai acusá-la de ser mais uma protestante blasfemando contra a fé católica. E se ela disser que o que há ali é a cabeça de um cachorro, pior ainda, porque então...

— A cabeça de um cachorro? Por que ela diria que o que está sepultado ali é a cabeça de um cachorro?

Luciano engoliu em seco. Ajeitou-se na cadeira sem conseguir esconder o nervosismo. Por fim disse gaguejando:

— Ela não vai sair espalhando que ali está sepultada a cabeça de um cachorro. Por que ela faria isso? O que eu quis dizer é que, se Dona Lola se atrevesse a afirmar ou mesmo tentasse provar algo assim, o povo jamais acreditaria.

Pacômio Saaz olhou para Luciano com desconfiança. Conhecia bem o padre matreiro, o suficiente para perceber que ele estava escondendo alguma coisa. Decidiu, contudo, relevar e relaxou na cadeira enquanto observava Luciano tentando fugir do assunto.

— As pessoas precisam de um São Bernardo, padre. Precisam crer num milagreiro assim para ter alguma esperança em suas misérias. Por isso, mesmo que alguém mostrasse claramente que o

que há naquela cova é somente a carcaça de um animal, ainda assim continuariam tendo fé no santo das correntes. Foi aquela própria gente que criou esse santo e ninguém daquele bairro vai se desfazer dele com facilidade. Pode acreditar: nosso trabalho de incentivar a fábula é muito nobre, mas não é nem um pouco difícil.

— Muito bem... Vou pensar nisso tudo... Mas, certamente, você não veio aqui somente para me convencer a apoiar a disseminação da fábula, não é mesmo?

Luciano sorriu com malícia. Chegara o momento de apresentar seu pedido mais urgente e, como esse pedido não envolvia qualquer dilema ético, tinha certeza de que Pacômio Saaz não lhe oporia qualquer obstáculo.

— Padre, eu estou preocupado com a vulnerabilidade daquela sepultura. Acredito que em breve alguém vai violá-la pra roubar os restos do santo.

Luciano falava como se a aceitação da fábula de São Bernardo já fosse assunto encerrado entre ele e Pacômio Saaz. Referia-se, assim, à sepultura do descampado como se contivesse realmente os restos de um mártir dos tempos do Brasil Império. Tentava, desse modo, suggestionar o velho pároco e obter com sagacidade o seu consentimento. Pacômio percebeu o artifício e sorriu por dentro, relevando a tentativa e pensando: “Esse Luciano é mesmo uma raposa de batina”.

— Por isso, gostaria de sugerir que fizéssemos uma cerimônia de exéquias e transportássemos os restos de São Bernardo aqui para a Matriz de Santo Emílio, onde as relíquias ficarão mais seguras, longe de ladrões sacrílegos.

O Padre Luciano acreditava que a eventual remoção de qualquer relíquia de Vila Santa Virgínia provocaria grande insatisfação entre o povo que, em ruidosas manifestações, pediria que tudo voltasse para o seu lugar de origem. Ele cria que essa pressão popular aceleraria o processo de construção da nova igreja.

— O povo não vai gostar nada disso...

— Eu sei, mas nós podemos explicar aos fiéis que a remoção é temporária e que deve ser feita como medida de segurança contra protestantes e ladrões sacrílegos, gente que não hesitaria em profanar o local de repouso do crânio sagrado.

— “Crânio sagrado”... Hehehe. Padre Luciano, você é muito sagaz, além de um perfeito sofista!

Luciano abriu um sorriso, recebendo a observação do pároco como um elogio.

— Bem, padre Pacômio, não se trata de criar sofismas. É questão teológica. Diga-me: o que torna algo sagrado? Seria alguma propriedade da coisa em si ou a fé pura e inocente que o povo de Deus deposita nela? Da minha parte, eu acredito que a fé desses pequeninos é tão pura, tão angélica e celeste, que, se eles crerem que o vômito de um porco é sagrado, esse vômito se tornará tão santo, imaculado e venerável quanto uma hóstia consagrada no Vaticano. Eis o poder da fé!

O sacerdote matreiro encerrou essa fala voltando o olhar solenemente para o grande quadro de Paulo VI fixado na parede à direita. Não queria parecer desrespeitoso. O pároco, porém, conhecia aquela conversa. Ao longo dos séculos, a igreja usara argumentos assim para justificar a legitimidade do culto a relíquias flagrantemente falsas, como frascos com leite da Virgem e penas das asas do arcanjo Miguel. Pacômio, porém, detestava essa linha de argumentação por ser escandalosamente enganosa, podendo ser usada para justificar as artimanhas de qualquer canalha travestido de religioso. Por isso, irritado, fez de conta que não ouviu o que Luciano acabara de dizer.

— Não vejo problemas em promover as exéquias, mas, pelo menos por enquanto, não faremos isso atribuindo aos restos mortais a condição de relíquias. Você sabe que não podemos realizar

algo assim sem um reconhecimento oficial. Façamos o transporte do crânio seguindo os ritos comuns e o mantenhemos aqui até ver como proceder. Se o povo prefere pensar que estaremos transportando relíquias, que assim seja. Como você disse, Deus parece estar usando tudo isso para trazer seu rebanho de volta. Se essa é a sua vontade...

— Obrigado, padre — disse Luciano, levantando-se. Estava satisfeito. Sabia que, mesmo se apenas a remoção das correntes fosse feita, isso surtiria o efeito que ele pretendia.

— Ah! antes que você saia, eu também tenho algo para lhe dizer. É uma boa notícia!

Luciano sentou-se novamente e fitou o pároco com curiosidade.

— Eu recebi o recado de uma viúva que mora lá para os lados da sua casa, mais especificamente numa chácara no alto da Rua Holanda. Essa viúva tem uma propriedade na Estrada de Vila Santa Virgínia e parece que quer doá-la para a nossa paróquia. Se for isso mesmo, teremos em breve o local para construir sua sonhada igreja.

— Meu Deus! Não me diga? Quando o senhor pretende visitá-la?

— Ela marcou para esta quinta-feira e quer que você vá comigo.

— Como assim? Ela me conhece?

— Ninguém precisa conhecer pessoalmente o padre do bairro para saber quem ele é.

— É claro, mas como se chama essa mulher? Ela frequenta a matriz? Talvez eu já a tenha encontrado.

— Eu não sei... O nome dela é Dulcelina.

O sino da igreja começou a tocar.



Capítulo 15

LUCIANO VISITA DONA LOLA

Luciano saiu da sacristia experimentando emoções contraditórias. Sentia-se feliz com a notícia da possível doação do terreno para a construção da igreja em Vila Santa Virgínia. Ao mesmo tempo, porém, não se conformava em ter sido tão estúpido, deixando-se trair pelo entusiasmo e quase dando com a língua nos dentes. “Eu sou mesmo um idiota”, dizia de si para si, “um idiota perfeito! Como pude deixar escapar uma coisa dessas? Como pude falar ao velho sobre a cabeça do cachorro?”.

Sim. Quando o padre Luciano foi à sacristia da Matriz de Santo Emílio naquela tarde de segunda-feira, ele já sabia que tipo de crânio tinha sido enterrado no descampado. A própria Dona Lola lhe contara, na manhã daquele mesmo dia, para o seu total desespero.

É que o padre matreiro, antes de ir falar com Pacômio Saaz, tinha pedido que Baxixa o conduzisse até a casa de Kiko. Seu propósito era conhecer a mãe do bebê por cuja alma rezara semanas antes junto à multidão reunida no descampado. Queria também sufocar qualquer possível oposição dela ao plano que acabara de forjar e que envolvia levar os restos da criança para a matriz.

Luciano pensava: “Essa crendice imbecil de que tem um santo enterrado naquele buraco veio bem a calhar. Se eu agora tirar a caveira de lá e levar para Santo Emílio, essa plebe ignorante vai fazer um verdadeiro banzé exigindo a volta da relíquia. Aí eu quero ver se o bispo vai ou não ver a necessidade de construir uma igreja nesse bairro dos diabos”.

A ideia era boa e podia muito bem dar certo. A pressão popular, sem dúvida, faria muita diferença no objetivo de impulsionar o projeto de construção da igreja. “Mas”, calculava o padre, “seria bom se a mãe do ‘anjinho’ não se opusesse.” Convencê-la, porém, não devia ser tarefa muito difícil. Bastava usar os argumentos certos: os restos da criancinha serão enfim depositados em lugar sagrado; o crânio do bebê precisa ficar numa igreja, pois a fé dos humildes já o elevou à condição de santo; e (talvez o argumento mais forte) qual mãe, por menos devota que fosse, se oporia a um privilégio desses, oferecido ao fruto do seu próprio ventre? Com certeza, a simplória Dona Lola cederia bem depressa ao peso dessas palavras e daria pleno apoio à proposta de fazer o transporte do pequeno crânio com os devidos rituais de exéquias.

Foi assim cheio de otimismo que o padre Luciano, acompanhado do sobrinho, chegou à casa de Dona Lola naquela manhã de segunda-feira. Com toda a simpatia do mundo, ele cumprimentou a pobre senhorinha e estendeu a mão para que Kiko a beijasse (o que o menino fez de muita má vontade).

Depois da troca das gentilezas convencionais, a “raposa de batina” falou com doçura:

— Minha filha, antes de tudo aceite as minhas condolências pela perda de um ente que lhe era tão querido. Quero que saiba que eu tenho rezado muito pela alma do pobrezinho e sei que Deus já a livrou do purgatório. Devo também dizer que estou impressionado com o modo como o Senhor elevou Bernardo a um nível de honra tão alto por meio da fé do seu rebanho santo.

Dona Lola estranhou aquelas palavras. Mesmo tendo sido católica a vida inteira, jamais imaginara que a Igreja dava tanto valor aos animais. Por um instante, contudo, lembrou-se de Francisco de Assis que, segundo ouvira dizer, amara o bichos até o ponto de evangelizar um lobo cruel que vivia na floresta de Gubbio! Então concluiu que Luciano nutria o mesmo tipo de devoção.

— Obrigada, padre. Bernardo realmente era muito importante para mim e agradeço por rezar por ele, coisa que, pra dizer a verdade, acho que nunca fiz... Bom, pensando bem, rezei por ele

uma vez sim. Foi quando o danadinho se machucou correndo atrás de um gambá e ficou a noite toda gemendo no quintal. Dava dó de ouvir o choro dele lá fora...

Luciano olhou para a mulher conturbado. Que mãe seria aquela que só rezara pelo filho uma vez na vida? E como podia ter sido tão cruel? Mesmo para os baixos padrões de Luciano, aquilo não tinha o menor cabimento.

— A senhora deixou o coitadinho gemendo lá fora durante a noite toda?

— Ah, padre, eu sei que pode parecer descaso, mas não era. Eu até deixava o bichinho entrar em casa algumas vezes, mas a noite toda não dava. O cheiro dele ficava impregnado no quarto. Não tinha condições.

O padre não podia acreditar no que estava ouvindo.

— O cheiro dele? Minha filha, que absurdo é esse? Como a senhora teve coragem?

Dona Lola percebeu a sincera indignação de Luciano e ficou constrangida. Não queria ferir o espírito franciscano do bom sacerdote. Por isso tentou se explicar.

— Padre, eu só não o deixava dormir e comer dentro de casa, mas eu nunca judiei dele. Eu punha até um cobertor velho lá fora pra ele se enrolar quando queria dormir. E eu o alimentava direitinho. Eu dava todos os restos de comida pra ele. O danadinho fazia a festa. Chegava a lamber o chão.

Luciano ficou estarecido. Os resíduos de humanidade que ainda restavam nele começaram a se inflamar. Com que tipo de gente estava lidando? Não era de se estranhar que aquela vândala tivesse jogado a caveira do próprio filho numa vala qualquer.

— Restos de comida! Lamber o chão! Isso é um despautério! Era óbvio que o coitadinho ia adoecer!

Dona Lola começou a ficar irritada.

— Desculpe, padre, mas o senhor queria que eu fizesse o que? O senhor já teve cachorro em casa?

O padre não entendeu a razão da pergunta, mas, perturbado como estava, respondeu de pronto.

— É claro que sim. Tive e ainda tenho, mas o que isso tem a ver com o nosso assunto?

— E onde o seu cachorro come e dorme? Na sua mesa? Na sua cama?

Kiko e Baxixa não puderam conter o riso. Baxixa, especialmente, vibrou com a inesperada irreverência da mulher, mas abafou depressa a gargalhada, pois o tio logo o fulminou com um olhar severo de reprovação.

— É claro que não. Meu cachorro come e dorme no quintal.

— Ah! E por que o seu cachorro come e dorme no quintal e o meu cachorro tinha de comer e dormir dentro de casa?

— Seu cachorro? Mas do que a senhora está falando? Eu não sei de cachorro nenhum!

— Eu estou falando do Bernardo, o cachorro por quem o senhor anda rezando pra ver se a alma dele sai do purgatório. E eu nem sabia que cachorro tinha alma...

Luciano enrubesceu.

— Eu não estou entendendo... Bernardo é um cachorro?

— *Era*, padre... *Era*. E dos grandes!

Na cabeça de Luciano, os pensamentos começaram a se embaralhar. Virou o rosto para o lado, olhando vagamente para chão. Tentava juntar os pontos, mas relutava em acreditar no que era forçado a concluir.

— Então quer dizer que eu rezei no descampado por um cachorro morto? — disse em voz baixa, num lamento chocho.

— Pelo jeito, sim — respondeu Dona Lola com impaciência. — E se a sua reza foi ouvida,

meu Bernardo está agora feliz da vida, correndo pelos campos celestes junto com o lobo de São Francisco.

Luciano fechou os olhos e baixou a cabeça, levando a mão direita à fronte. O homem esmorecia. Estava ficando sem chão.

— Meu Deus! O que foi que eu fiz? E agora? Como é que eu vou explicar isso? Meu Deus! Estou acabado! Eu vou virar a piada da paróquia!

Todos ficaram em silêncio, percebendo sensibilizados a angústia e a decepção do padre. Baxixa, tangido de real compaixão, tentou dizer algo que consolasse o tio. Então, lembrou-se de uma velha lição que aprendera com o próprio Luciano e à qual ele sempre recorria. Disse, enfim, timidamente:

— Calma, meu tio! O que torna algo válido é a fé da pessoa. Se você rezou com fé...

— Cale-se, imbecil — gritou o padre, perdendo subitamente a compostura. — Você é o culpado de tudo isso, moleque burro! Foi você quem me veio com essa história da cabeça da criança enterrada.

— Mas o Kiko falou...

Kiko que até então estava se divertindo muito com toda aquela confusão, defendeu-se de pronto:

— Eu não falei nada! Eu disse apenas que coloquei a cabeça e a corrente do Bernardo numa caixa e enterrei no descampado. Podem perguntar para o João Tito...

— Mas como eu poderia saber que Bernardo era um cachorro? — disse Francismar tremendo.

— Você entendeu tudo errado! — respondeu Kiko.

E naquele instante, uma tumultuada discussão se desencadeou entre os quatro. Todos falavam ao mesmo tempo. Dona Lola dizia que não tinha nada a ver com aquela história. Os meninos jogavam a culpa um no outro. O padre prometia castigos pesados a Baxixa e se lamentava dizendo que não entendia como pôde ter caído num erro tão grosseiro.

Por fim, Luciano pediu silêncio e suplicou que não contassem nada daquilo a ninguém.

— Mesmo porque se vocês disserem que o que está enterrado no descampado é a cabeça de um cachorro junto com suas correntes, ninguém vai acreditar. Notem que já transformaram Bernardo num santo e até milagres estão dizendo que ele fez. Digam que ele é um cachorro e é capaz de o povo apedrejar vocês. E mais: se vocês espalharem essa história por aí, vou desmentir tudo e dizer que vocês são hereges filhos do cão.

— Mas, tio — acudiu Baxixa. — Se você disser que somos filhos do cão, as pessoas vão achar isso bom porque o cão agora é sagrado e...

— Cale a boca, orelhudo idiota! A conversa com você será em casa. Você não perde por esperar...

Baxixa engoliu em seco e se encolheu assustado. Dona Lola sentiu pena do menino.

— Mas se essas crianças deixarem escapar alguma coisa, o senhor será capaz de mentir negando tudo? O senhor é um padre! Não pode...

— Não se trata de mentira. É uma medida temporária para proteger a Santa Igreja de escândalos. Enquanto isso vou pensar numa saída. Por ora, mais do que nunca, temos de tirar a cabeça do cachorro de lá e também as correntes. Logo alguém vai ter a ideia de roubar as relíquias do santo e aí tudo virá à tona. Precisamos agir rápido. O Kiko e o Francismar bem que podiam ir até o descampado hoje à noite e desenterrar a cabeça.

Kiko recuou. Lembrou-se apavorado do ritual macabro e da visita de Babalolo.

— Desculpe, padre, mas eu não mexo com isso nunca mais. Pode dizer e fazer o que quiser, mas perto daquela cabeça eu não chego nem com as ordens do papa.

— Mas por que? Foi você mesmo quem a enterrou...

Dona Lola, então, já bem nervosa, interferiu em favor do filho.

— Olhe, padre, meu filho tem razão. Ele não vai desenterrar coisa nenhuma. Já imaginou o perigo? E se alguém vir? O menino pode até ser linchado por esses fanáticos do bairro. Além disso, não tente transferir o problema para nós. A encrência é somente sua. Para nós, tanto faz se descobrirem que o que está enterrado no descampado é a cabeça de um cachorro, de um porco ou de uma galinha. Isso não vai nos afetar em nada. Como eu disse, o problema é seu e, talvez, do seu sobrinho. Vocês é que inventaram essa coisa de ir lá fazer a reza. Quanto a nós, o máximo a que nos comprometemos é guardar silêncio porque não queremos dor de cabeça, mas não espere mais nada de nossa parte. E lembre-se que o João Tito também sabe de tudo. Se ele falar não será culpa nossa.

Luciano silenciou. Realmente tinha tentado sutilmente criar cumplicidade com a senhorinha e seu filho, sugerindo que estavam juntos naquele barco. A mulher, porém, mostrou-se mais esperta do que parecia e revelou-se firme em suas decisões. Ficou claro, então, para o padre, que ele só podia contar com o sobrinho. Francismar, porém, era fraco e medroso. Jamais teria coragem de ir à noite fazer a “exumação” necessária. Morria de medo só de pensar no descampado. Com efeito, evitava a todo custo passar por lá e considerava o lugar assombrado depois que ouvira os clamores da alma penada junto à pinguela, equívoco que Kiko, distraído com outras coisas, deixou definitivamente de lado e nunca tentou desfazer.

Voltando, enfim, para casa com o sobrinho que o seguia a certa distância, o padre maquinava um meio de sair daquela situação. Concluiu que ele mesmo teria de por a mão na massa e desenterrar logo aquela maldita cabeça, livrando-se de vez do perigo do vexame. Por outro lado, isso significava o abandono do primeiro plano, o da transferência da relíquia para a matriz, algo que ele considerava crucial para convencer o bispo da necessidade de uma nova igreja. Como preservar simultaneamente todos esses interesses?

Enquanto caminhava taciturno, o padre matutava. “Tem de haver uma boa saída para tudo isso.” Luciano desceu devagar a Rua B em meio ao povo que seguia para o túmulo de Bernardo fazer suas preces. Notou a devoção das mulheres, o rosto esperançoso e sofrido dos doentes, a reverência forçada das crianças que carregavam flores... “A caipira tem razão” — disse consigo. — “Se essa gente fanática pegar algum moleque mexendo no túmulo vão fazer picadinho dele...”.

Prosseguiu, passo lento, até o empório do Branco, na esquina da Rua Holanda. Dali contemplou a praça à esquerda e viu com desprezo a igreja azul da Assembleia de Deus do outro lado, ao longe. Lembrou-se de Dona Lola dizendo que João Tito também conhecia a verdadeira história da caveira. Ficou ainda mais preocupado. “Esses bodes sim é que tinham de ser linchados”, resmungou irado. Ao dizer isso, então, estacou de súbito, posto que uma ideia brilhante lhe veio à mente. “Mas é claro!”, pensou animado, “Há um modo de remover a cabeça do cachorro daquela cova e, ainda assim, fazer a transferência para a matriz! E de lambuja também fecho esses templos dos bodes! Luciano, você é um gênio.”

Sorrindo com malícia, o padre apertou o passo e dobrou à direita subindo um trecho da Rua Holanda. Em seguida entrou na viela em que morava e chegou feliz em casa. Não havia ninguém. Sua irmã tinha ido ao médico. Ele entrou e trancou a porta, deixando Francismar, que vinha logo atrás, para fora. Luciano não abriria mesmo com os chamados mais insistentes do menino. “Que pena que não está chovendo”, lamentou enquanto pegava as revistas escondidas sob o colchão.



Capítulo 16

OS PLANOS DA RAPOSA

Não havia nada de genial na estratégia que havia brotado na mente de Luciano. Na verdade, era até um plano bem simples, fácil de ser elaborado por qualquer alma corrompida cujo cérebro tivesse uma dúzia de neurônios. Constava de umas poucas e infames etapas.

Primeiro, ele iria à Vila Prudência dentro de algumas horas a fim de pedir a Pacômio Saaz que autorizasse o transporte dos restos do “santo” para a matriz. Depois, naquela mesma noite (mais seguramente durante a alta madrugada) iria à cova de Bernardo e desenterraria a caixa de madeira, removendo dali a cabeça do cachorro e deixando apenas a velha corrente. Essa era a parte mais desagradável e arriscada do plano, mas Luciano não tinha escolha e seria obrigado a executá-la sozinho.

Em seguida, o padre daria o passo mais perverso de seu esquema. Ele depositaria dentro da caixa um bilhete montado com palavras recortadas das revistas indecentes que escondia debaixo do seu colchão. Esse bilhete serviria para incriminar os protestantes e diria o seguinte: “Católico perverso, tua abominação foi levada dentro de uma sacola de feira. Lê a *Bíblia* e aprende com Lutero. Se não, tu vais morrer nas trevas”.

Feito isso, a raposa de batina enterraria a caixa de novo no mesmo local e voltaria para casa levando a caveira do bicho. A partir daí precisaria apenas esperar o dia designado para as exéquias. Nesse dia, planejava desenterrar a caixa diante dos olhos comovidos de todos os devotos. Depois a abriria e fingiria estar surpreso ao ver somente as correntes. Então, atônito e confuso, tiraria da caixa o bilhete incriminador, lendo-o em voz alta. O resto ficaria por conta da turba enfurecida. Ele apenas fingiria impedir os ataques da multidão às igrejas dos “bodes”.

E havia ainda um detalhe importante: em meio a isso tudo, Luciano levaria a corrente santa à matriz, preparando assim o terreno para a futura pressão popular que exigiria que a relíquia voltasse ao seu bairro de origem.

O padre estava realmente feliz. Se tudo desse certo, ele se livraria do possível vexame de ter rezado pública e solenemente por um vira-latas morto, teria o apoio do povo na exigência da construção de uma igreja no bairro e, como prêmio adicional, daria um golpe fatal no protestantismo que estava crescendo muito naquelas regiões.

Foi movido por esse plano perverso que o padre Luciano procurou Pacômio Saaz naquela tarde de segunda-feira. Ele quase estragara tudo ao mencionar a cabeça do cachorro durante a conversa, mas, ao sair da sacristia, ainda que estivesse inconformado com tamanho deslize, consolava-se na impressão de que o velho pároco não havia desconfiado de nada.

Conforme relatado, Luciano despediu-se de Pacômio Saaz sentindo-se até mesmo feliz, uma vez que recebeu a informação de que uma tal Dona Dulcelina estava prestes a doar um terreno para a Santa Igreja localizado exatamente em Vila Santa Virgínia. As coisas, conforme tudo indicava, caminhavam melhor do que o esperado.

Foi, porém, quando saía da sacristia, que tudo começou a tomar outros rumos. É que, enquanto atravessava o templo vazio rumo à porta principal, Luciano viu Alberto, o sobrinho do pároco, sozinho, sentado num dos bancos da ala lateral direita, bem próximo a um confessionário. O jovem estava visivelmente triste e, isolado ali em meio à penumbra, era o retrato da própria desolação.

O padre ficou curioso. Quis saber o motivo de tanto abatimento. Não que se importasse com o moço, mas sim porque enxergava em condições assim as maiores oportunidades de manipulação e obtenção de vantagens. Aproximou-se, então, bem devagar, e disse com voz suave e caridosa:

— Alberto, meu filho, você parece tão deprimido! Há algo que eu possa fazer por você? Não se acanhe. Seja o que for, terei grande prazer em ajudá-lo, por amor a Nossa Senhora.

Em outras circunstâncias, o moço daria uma desculpa qualquer e não confidenciaria coisa alguma a Luciano, um padre que lhe despertava lembranças tão desagradáveis. Porém, estava realmente abatido, carregando um fardo emocional imenso e, assim, foi logo desabando diante da primeira oferta de ajuda que lhe foi feita.

— Padre, padre... Quem dera o senhor pudesse me ajudar... Mas, infelizmente, meu problema não tem remédio. Não há nada que o senhor ou qualquer outra pessoa possam fazer.

Essas palavras de Alberto aguçaram ainda mais a curiosidade de Luciano.

— Bem, meu filho, se não há nada que se possa fazer, então ao menos desabafe. Dividir essa carga, com certeza vai fazê-lo sentir-se melhor.

Alberto suspirou desanimado. Fez uma pausa pensativo e prosseguiu enfim com sua queixa.

— O senhor não acreditaria, padre Luciano... É desgraça demais!

— Pois fale, minha pobre criança. Ao menos poderei rezar por você. O que não posso suportar é ver uma ovelha de Cristo padecendo e, então, ir embora sem saber o motivo.

— Está bem, padre. Eu vou lhe contar meu problema. Preciso mesmo falar com alguém. Pensei até em expor tudo para o meu tio. Estava prestes a fazê-lo quando o senhor entrou na sacristia.

— Desculpe, eu não sabia que...

— Não, não, padre. Não se desculpe. Sua chegada foi obra da providência divina! Meu tio não suportaria o peso das coisas que tenho a dizer. Talvez nem o senhor suporte.

— Pois vamos descobrir. Diga o que o aflige, meu jovem. Deus há de mostrar uma saída.

Então Alberto passou a fazer com lentidão o relato detalhado das tarefas que realizava na Casa do Cabido, anexa à catedral do Porto. Luciano tentou disfarçar a impaciência.

— Sim, eu já sei que você cuida da limpeza ali. Seu tio me disse isso há pouco.

— E é verdade. Eu cuido de quase tudo naquele prédio, inclusive das saletas em que ficam expostas as peças que fazem parte do tesouro da catedral. Muita gente visita essa parte da casa para ver os objetos preciosos. É como um pequeno museu.

— Certo. E daí?

— Daí que o andar intermediário, onde ficam essas peças, foi fechado para a realização de alguns reparos no teto. A pintura estava descascando... Então, um dia, antes de as obras começarem, o arcediágo, sabendo que eu estava prestes a vir ao Brasil, ordenou que eu movesse as peças para os cantos das vitrinas e as cobrisse com lençóis.

— Um trabalho bem simples. O que pode ter dado errado?

— O que deu errado, padre... Meu Deus... Até agora eu não consigo acreditar...

Alberto silenciou por alguns segundos. Fechou os olhos e baixou a cabeça. Depois, levando a mão à testa, retomou a narrativa.

— O senhor deve saber que a Catedral do Porto é a guardiã de uma importante relíquia: o dente de Santa Apolônia de Alexandria.

— Sim, eu ouvi dizer. Essa não é aquela mártir que teve todos os dentes da boca arrancados antes de ser queimada viva?

— Sim. É essa mesmo. A Catedral do Porto orgulha-se de ter um dente dessa santa num belo relicário cravejado com pedras preciosas. É uma peça dourada com uma pequena redoma de vidro ao centro. Dentro dessa redoma, preso por um suporte semelhante a um alicate, fica o dente sagrado — um objeto maravilhoso de veneração.

— E você, segundo imagino, foi encarregado de cuidar dessa peça também.

— Exatamente. Assim como de todas as demais.

— Certo, certo... Mas o que aconteceu, afinal?

— Pois bem, quando eu movi esse relicário para o canto da vitrina, notei que a redoma de vidro estava muito suja por dentro. Eu achei que era meu dever... Na verdade pensei que seria até um gesto de devoção limpar a peça antes de guardá-la e cobri-la com o lençol. Então levei o relicário até o lavabo, removi o vidro com todo cuidado e umedeci um pano na torneira da pia para fazer a limpeza. Até aí, tudo corria bem. O problema foi meu excesso de zelo, padre. Foi isso que me arruinou.

Nesse ponto, o jovem ameaçou romper em soluços.

— Fale, moço. Fale de uma vez!

Alberto conteve-se. Tomou fôlego e prosseguiu.

— Quando eu fui instalar o vidro de volta, notei que o dente sagrado também precisava de uma rápida limpeza. Eu juro, padre, não foi descuido. Eu só queria limpar o dente! Eu juro, eu juro, eu juro...

Cobrindo o rosto com as mãos, o pobre rapaz começou a chorar. Luciano ficou em silêncio, esperando Alberto recompor-se. Depois disse em voz baixa:

— Calma, meu filho. Diga o que houve.

— O dente sagrado soltou-se do suporte, padre! Dá pra acreditar? O dente desprendeu-se quando eu passei o pano úmido nele. Soltou-se e rolou pra dentro do ralo da pia. Eu tentei pegá-lo às pressas, mas não teve jeito... Foi desesperador! Eu entrei em pânico. Aquilo não podia estar acontecendo.

Luciano arregalou os olhos e se conteve. Teve vontade de soltar uma sonora e maligna gargalhada, mas tapou a boca com a mão e conseguiu simular grosseiramente algumas feições de espanto.

— O quê? Você deixou o dente da santa descer pelo esgoto?

— Eu não queria, padre... — respondeu Alberto em soluços. — Eu juro que foi sem querer. Eu fiz de tudo pra recuperá-lo. Até desmontei o sifão. Não teve jeito. Foi uma desgraça. Eu não me conformo...

— Meu Deus! Que situação!

— O pior é que agora eu fico o tempo todo imaginando o dente da santa jogado no esgoto, se revolvendo no meio das fezes e da água suja. E tudo por minha culpa. Cada vez que ouço alguém dando descarga nos banheiros da catedral eu choro, sabendo que o dente está sendo sepultado sob camadas e mais camadas de excremento humano. Ai, ai... Que túmulo horrível para o que sobrou de Santa Apolônia! E, pra piorar, naquele dia o arcediago me disse que estava com disenteria. Eu fico imaginando...

— Chega! — gritou Luciano.

Alberto calou-se engolindo os soluços. O padre, cansado de bancar o sacerdote bonzinho, resolveu tirar de súbito a máscara de beato.

— Maldição! Pare com esse choro de bebê, rapaz! Você já é um homem, seu tonto! Que berreiro besta é esse? Levante agora a cabeça e termine logo essa história maluca. Diga-me de uma vez: o que você fez depois que mandou o dente da santa pra fossa?

O jovem ficou surpreso com a mudança abrupta da postura de Luciano, mas a bronca surtiu efeito. Ele parou de chorar e respondeu, enxugando os olhos:

— Na hora eu me apavorei e fiz a primeira coisa que me veio à mente. Fechei a redoma com as mãos tremendo. Depois, coloquei o relicário vazio junto com as outras peças no canto de uma das vitrinas. Peguei então um lençol e cobri tudo.

— Você não contou o ocorrido para ninguém?

— Não tive coragem, padre. Pra ser sincero, o senhor é o primeiro a saber dessa história. Agora a peça está lá, coberta com o lençol. Eu quero crer que, até o momento, ninguém percebeu nada. Mas assim que a reforma terminar, não vai ter jeito. Vão expor novamente o tesouro. Aí darão falta do dente e eu terei de prestar contas de tudo. Já pensei em mentir, em dizer que a relíquia foi roubada ou qualquer coisa assim, mas eu sei que não vão acreditar. Afinal de contas, por que um ladrão roubaria o dente e deixaria para trás o relicário que tem muito mais valor de venda? Ademais, eu não sei mentir. Logo perceberiam... Eu estou frito, padre. Com certeza vou perder o emprego e o apoio do bispo. Minha bolsa de estudos certamente também vai pro brejo. Estou até pensando em não voltar para Portugal. Retornar ou ficar por aqui já não fazem diferença. Eu perco tudo do mesmo jeito. Ficar talvez seja até melhor porque, assim, não terei de enfrentar a fúria do bispo do Porto.

À medida que foi ouvindo os lamentos de Alberto, uma pequena chama de preocupação acendeu-se na mente de Luciano. Aquela história, afinal de contas, não era tão engraçada. Na verdade, poderia atrapalhar muito os seus planos, caso tudo viesse à tona. Com efeito, se isso ocorresse, Pacômio Saaz e o bispo regional teriam de se envolver com o problema de corpo e alma, tentando ajudar o jovem de quem tanto gostavam.

Ora, naquela altura, não interessava a Luciano que seus superiores se ocupassem com distrações. Queria que eles focassem toda a atenção nas questões ligadas a São Bernardo e à nova igreja. Qualquer outro assunto seria um estorvo, um atraso na realização de seus sonhos. O fato é que a história de Alberto podia roubar a cena e Luciano não estava disposto a permitir que isso ocorresse. Então, lentamente, a raposa começou a se preocupar em traçar mais um plano, de preferência um projeto em que o problema de Alberto lhe rendesse algum proveito.

— Nem pense em ficar por aqui! Se não voltar pra Portugal todos o verão como o suspeito por excelência. Vão ter razões de sobra pra pensar que você é um ladrão e isso poderá macular até o nome do nosso bispo e do seu tio. Podem dizer, inclusive, que você furtou a relíquia para trazê-la à nossa diocese. Talvez até desconfiem que você agiu a mando de Pacômio e do bispo regional. Não foram eles que infiltraram você lá? Isso vai abalar muito as relações entre as duas dioceses. Vai ser crise na certa. E mais: você pode até ser excomungado. É isso o que você quer? Imagine a tristeza de sua mãe doente e do seu tio. Devemos encontrar uma solução. Você disse que só contou a história pra mim, certo?

— Isso mesmo, padre. Ninguém mais sabe.

— Então ouça: eu também estou numa enrascada das boas.

Alberto estranhou o modo de Luciano falar. De repente, não tinha mais o tom de voz nem o vocabulário de santo devoto. Naquelas últimas palavras, assemelhara-se mais a um malandro conversando com seu cupincha.

— O senhor também? Em que problema se meteu, se me permite falar assim?

Sem omitir nada, o padre relatou o seu drama ao sobrinho do pároco. Falou da sepultura do descampado, da reza que fizera ali diante da multidão emocionada, do surgimento da crença no poder milagroso de São Bernardo das Correntes, do quanto nutria a esperança de que aquilo tudo impulsionasse a construção de uma igreja ou mesmo a inauguração de uma nova paróquia que ele próprio pudesse chefiar...

Alberto ouvia tudo demonstrando comoção moderada. Até que Luciano falou da terrível descoberta de que o que estava enterrado no descampado era, na verdade, a caveira de um cachorro. A partir daí, enquanto o padre expunha mais detalhes do caso, o moço reagia atordoado, dizendo frases do tipo “Você está brincando”, “Como isso pôde acontecer?” ou “Meu Deus, que situação!”.

Enfim, depois do longo relato, o semblante por vezes caído de Luciano se iluminou com um sorriso velhaco. É que chegara a hora de falar dos planos que forjara para remediar tudo aquilo. Então, gabando-se de sua engenhosidade, revelou ao moço tudo que havia matutado, desde o furto da caveira até a montagem do bilhete que jogava a culpa do sacrilégio nos crentes. Depois, com os olhos faiscando, o padre enunciou uma transição em seu discurso, dizendo:

— Agora, porém, que ouvi sua história, tive algumas ideias novas. Acho que é possível alterar um pouco o esquema que elaborei, fazendo as coisas de um jeito em que possamos ajudar um ao outro. No fim, nós dois sairemos lucrando.

Quando ouviu essas palavras, o jovem sentiu-se inseguro e desconfiado. Era um moço bom e honesto. Por isso, já no momento em que Luciano falara da forma como queria enganar o povo, furtando a cabeça de Bernardo e culpando os protestantes, não conseguira esconder o semblante de repulsa e reprovação. E agora que o padre sugeria a possibilidade de se ajudarem mutuamente, Alberto ficou bastante incomodado. Não queria ser cúmplice de ninguém em obras más.

— O que o senhor tem em mente, padre?

— Preste atenção... Se bem me recordo, o velho Pacômio disse que seu pai trabalha na administração de um cemitério. É isso mesmo?

— Sim. Ele gerencia uma seção do cemitério de Vila Bonita. Por quê?

— Porque seu pai vai nos fazer um grande favor. Você vai pedir para ele lhe trazer o crânio de uma criança.

Alberto reagiu de sobressalto:

— O quê? O senhor está brincando? Como acha que...

— Calma, idiota! Quer se livrar da encrenca em que se meteu ou não?

Não restavam dúvidas de que Luciano removera a máscara beata de vez. Assustado, o jovem respondeu gaguejando:

— É claro que eu quero, mas...

— Então, escute...

O novo plano que o padre passou a expor, se desse certo, resolveria mesmo os problemas de Alberto. Além disso, traria vantagens maiores para Luciano do que o seu esquema original, ainda que algumas partes do projeto anterior permanecessem intocadas.

A estratégia recém-criada pela raposa era assim: No fim daquela tarde, estando seu pai já em casa, Alberto lhe pediria uma caveira de criança, alegando que um velho amigo seu, estudante de medicina, precisava muito disso para fins de pesquisa. Certamente, o pai de Alberto tinha acesso aos restos mortais de crianças abandonadas e facilmente obteria um desses crânios na surdina, sem que ninguém reclamasse. Alberto diria ao pai que era para um propósito nobre, ou seja, o avanço da ciência em sua busca de salvar vidas! Sem dúvida, o bom homem se sensibilizaria com o pedido do filho e não se negaria a cometer essa “ilegalidade inocente”, como disse o padre.

Luciano, por sua vez, precavendo-se contra ladrões de relíquias que já deveriam estar de olho na cova de Bernardo, iria naquela mesma noite ao descampado. Com uma pequena pá, desenterraria a caixa de madeira e levaria embora todo o seu conteúdo, ou seja, a cabeça do cachorro e, seguindo o novo plano, também as correntes. Assim o padre pretendia garantir que não passaria por qualquer vexame, caso o túmulo fosse violado antes da chegada da nova caveira. Se isso ocorresse, era preferível que os ladrões encontrassem a caixa vazia em vez de achar o crânio de um bicho lá dentro. Afinal de contas, uma caixa vazia não lançaria o padre no ridículo, caso os violadores quisessem, de algum modo, alardear seu conteúdo. “Certamente, a

cabeça humana chegará logo”, pensou friamente. “Mas não posso me dar ao luxo de esperar muito para tirar o crânio do cachorro daquele buraco. É arriscado demais.”

Uma vez de posse do crânio trazido pelo pai de Alberto, os dois aliados removeriam um dos seus dentes — o que mais se parecesse com o de Apolônia. Alguns dias depois, Alberto, tendo o cuidado de voltar a Portugal antes do fim das reformas da Casa do Cabido, colocaria a falsa relíquia no reservatório sagrado, substituindo a que descera pelo ralo.

O moço ficou especialmente incomodado com essa parte do plano, pois era notório que as pessoas veneravam com intensa devoção o dente de Santa Apolônia. Como, pois, poderia viver em paz com a consciência, sabendo que, por causa de suas tramoias, o povo de Deus se curvava perante os restos de um cadáver qualquer? Luciano, porém, convenceu facilmente o moço com sua constante afirmação de que é a fé pura e inocente dos cristãos que torna algo sagrado.

— Ademais — argumentou o padre —, nada disso é mera tapeação. Estamos agindo em prol de um objetivo nobilíssimo que é a paz e o bem da Santa Igreja! Certamente, teremos a bênção de Deus e de Nossa Senhora para cada um desses atos que estamos programando.

Estando Alberto finalmente de posse do dente substituto, Luciano voltaria ao descampado, dessa vez para enterrar ali a caveira da criança. Então, no lugar da corrente subtraída, ele colocaria o “bilhete protestante”, dando a entender que os crentes, violando o túmulo, deixaram ali a cabeça do santo, mas levaram debochadamente a outra peça sagrada “numa sacola de feira”.

Com isso, o padre resgatava o projeto inicial de realizar um pomposo ritual de exéquias. Ele levaria, assim, para a matriz uma “peça” que provocaria muito mais o clamor popular em favor do seu retorno do que a velha corrente enferrujada, à qual pouca gente dava alguma importância.

Além de recuperar essa vantagem, Luciano preservaria, com tudo isso, o ardil de incitar o povo contra os evangélicos, coroando de êxito todos os seus desejos e aspirações. E havia mais:

— A sua parte em nosso trato, Alberto, não será somente conseguir a cabeça da criança. Note que isso será mais vantagem para você do que para mim. Por isso, para que nós dois sejamos igualmente beneficiados com esse plano, eu quero que você me prometa uma coisa.

— Diga, padre. O que quer que eu prometa?

— Pacômio disse que você é um protegido do bispo regional. Além disso, seu tio também gosta de você mais do que de qualquer outra pessoa. Assim, eu quero que você tire algum proveito disso e interceda junto a eles pela construção da nova igreja em Vila Santa Virgínia. Diga que esteve no bairro, que viu a necessidade do povo... Diga o que quiser, mas me ajude nisso. Se falar sobre a necessidade de uma nova paróquia, melhor ainda.

— Sem problemas...

— Não se esqueça de que você me deve isso, já que todo o plano é meu. Eu mesmo o criei. Você só está se beneficiando dele. Nada mais justo do que você apoiar a minha causa. Por isso, jure que vai fazer o que mandei. Jure por Nossa Senhora e pelo dente de Santa Apolônia que, por culpa sua, está agora se revolvendo no esgoto fétido e...

— Eu juro! Eu juro!

— Ótimo. E lembre-se: eu tenho como descobrir se você cumpriu o juramento. Basta sondar o seu velho tio. Caso não cumpra esse trato com empenho e bastante insistência, até obter um “sim” do bispo, as coisas poderão se complicar para o seu lado. Pense bem: nada impede que o próprio bispo do Porto receba uma carta anônima relatando tudo que você fez. Eu tenho certeza de que uma carta assim o levaria a verificar com muito cuidado o que há naquele belo relicário. Também lhe fariam muitas perguntas, amiguinho. Como será que o senhor Alberto-Que-Não-Sabe-Mentir se sairia num interrogatório assim?

Alberto estremeceu. Lembrou-se de tudo que perderia caso fosse desmascarado.

— Não precisa nem pensar nisso, padre. Eu falarei com o bispo regional e com meu tio. Vou insistir ao máximo no pedido para que a nova igreja seja construída. Também vou lhe relatar os pareceres deles. Aliás, mesmo estando em Portugal, escreverei cartas reforçando esse pedido. Essa causa pela qual o senhor luta será doravante a minha causa também.

— Ótimo. Agora vá para casa e espere a chegada do seu pai. Precisamos desse crânio depressa. Hoje é segunda-feira. Temos de executar tudo ainda nesta semana.





- O dente sagrado se soltou
do suporte, padre!

Capítulo 17

A “EXUMAÇÃO”

A garoa fina que caía naquela madrugada de segunda para terça-feira era tímida demais para desencorajar o homem que subia a Rua B em meio à escuridão. Fazia frio e ventava um pouco. Luciano, trajando calças, camisa e jaqueta pretas, levava uma sacola na mão. Dentro dela, havia uma pá de jardim e uma pequena lanterna que o padre acenderia somente durante a “exumação”. Queria com isso evitar ao máximo chamar a atenção de alguém que, porventura, perambulasse pelo bairro naquelas horas.

Chegou, enfim, ao alto da rua, junto ao abacateiro, de onde procurou divisar a sepultura de Bernardo, próxima à pinguela lá embaixo. As trevas, porém, cobriam tudo. Parou por um instante, olhou ao redor receoso e tentou ouvir algum som que denunciasse qualquer testemunha indesejada. Nada. Tudo estava envolto no frio, na quietude e na escuridão. Era como se o mundo inteiro tivesse se tornado num imenso cemitério assombrado por espíritos errantes que vagavam silenciosos pelas sombras, agitando levemente a brisa. E nesse cemitério imenso, só havia o túmulo de Bernardo, coberto de flores mortas, de retratos de gente doente, de tocos de vela derretidos.

Luciano seguiu pela vereda estreita até a pinguela. Ali parou e tirou a pequena lanterna da sacola. Lançou o foco de luz para a direita e viu a sepultura. Debruçou-se então sobre ela com a pá de jardim em punho e, afastando as flores, retratos e velas, começou a cavar a terra umedecida pelo orvalho. Depressa o metal da pá encontrou a madeira da caixa. O padre, então mais animado, passou a trabalhar com afinco, usando também as mãos. Logo conseguiu puxar o pequeno baú para fora. Abriu-o e iluminou o seu interior. Lá estava a cabeça de São Bernardo, junto às correntes sagradas.

A garoa engrossara. Inclinado sobre a caixa, Luciano esboçou um sorriso no rosto gelado que se encharcava sob o chuvisco. Estendeu a mão e pegou a caveira amarelada. Elevou-a à altura dos olhos para examiná-la melhor. “Que tralha desprezível!”, pensou. Como sua carreira sacerdotal podia depender de uma coisa tão vil como aquela? Balançando a cabeça, jogou a caveira com desdém na sacola. Depois fez o mesmo com as correntes e, fechando a caixa, devolveu-a à cova. “Se eu tivesse terminado a montagem do bilhete, botava-o aqui dentro agora mesmo”, matutou. Então, enterrando depressa o baú, dispôs os objetos de veneração novamente sobre a sepultura, apagou a lanterna e levantou-se ligeiro para sair dali o quanto antes.

O padre, ao voltar para casa, já se sentia aliviado. O frio e a chuva fina, de fato, lhe valeram. Nenhuma viva alma se aventurara a zanzar pelas ruas naquela noite tão melancólica e inóspita. Assim, sua façanha não tinha sido vista por ninguém. Descia, pois, agora a Rua B, levando faceiro a sua sacola de preciosas relíquias. No caminho, cogitava se seria conveniente livrar-se da maldita caveira de cachorro naquela mesma noite. Havia um riacho não muito longe dali, bem na divisa da Vila Santa Virgínia com o Parque São João. Talvez pudesse jogar ali o velho crânio do animal. Refletiu um pouco, porém, e desistiu dessa ideia. Quem sabe se a cabeça de Bernardo ainda não serviria para alguma coisa? Decidiu, enfim, guardá-la. Nos próximos dias descobriria que tomara a decisão certa.



Capítulo 18

UM NOVO DENTE PARA APOLÔNIA

Na quarta-feira daquela mesma semana, ao fim do dia, Alberto chegou à matriz de Santo Emílio e procurou o padre Luciano trazendo um embrulho na mão. Mostrava-se desconcertado e parecia indisposto para conversar. O padre lançou-lhe um olhar de reprovação.

— Você é um pamonha, Alberto! Ontem, passei o dia inteiro aqui na matriz esperando alguma notícia sua. Falou com seu pai? Conseguiu o crânio da criança? Olhe lá! Não me venha com desculpas esfarrapadas. Eu não sou bobo como você.

O rapaz mordeu os lábios. Começava a se cansar daquele tratamento desrespeitoso. Luciano parecia não enxergar que Alberto não era mais um menino frágil e medroso que ele podia humilhar o tempo todo.

— Consegui, consegui, sim. Eu não procurei o senhor ontem porque não havia nada a lhe dizer. Meu pai só trouxe o crânio agora. Ele mal chegou com a caveira em casa e eu já a tomei e trouxe-a para cá. Eu nem a tirei do pacote. Meu pai a embrulhou para poder trazer...

— Ele acreditou na sua história? Será que está desconfiado de alguma coisa?

— Acho que acreditou, sim. A princípio ele discordou, pensando que eu queria levar a caveira para um colega de medicina lá de Portugal. Quando eu disse que era para um colega daqui, ele baixou a guarda. Mesmo assim não foi fácil convencer o homem. E ele precisou agir na surdina, burlando algumas normas, coisa que não gosta de fazer. É muito caxias!

— Mas o velho pateta cedeu, afinal.

O moço fitou o padre com rancor. Agora as ofensas eram dirigidas contra seu pai também. Alberto sentiu que, em algum esconderijo dentro de si, certos impulsos violentos de outrora começavam a despertar. Conteve-se, porém, e, suspirando, estendeu o pacote para o padre.

— Sim, sim! Aqui está o crânio do bebê.

— Calma! Devagar! Use um pouco essa sua cabeça oca. Não podemos abrir isso aqui. Vamos ao torreão.

O torreão era um campanário que ficava na parte de trás da igreja, anexo à nave. Media mais de vinte metros de altura e exibia seis pequenas janelas em arco, uma em cada pavimento. Perpassando os andares estreitos, uma escada de madeira em caracol conduzia ao topo, onde ficava a câmara do relógio encimada por um sino enorme. Essa câmara também servia como um pequeno depósito de quinquilharias e ferramentas velhas. Raramente alguém subia àquele ponto da torre, até porque era uma escalada fatigante. Por isso, diga-se de antemão, Luciano havia escondido ali a cabeça de São Bernardo recém-desenterrada.

Os dois cúmplices foram até o campanário dando a volta por fora da igreja. Sabiam que o padre Pacômio estava na sacristia e não queriam que ele os visse. Entraram na torre pela porta externa e começaram a escalada. O padre, mesmo sendo mais velho, subia na frente mostrando maior disposição, motivado que estava pelo iminente sucesso do seu plano infame. Já Alberto, trazendo o pacote macabro na mão, vinha atrás ofegante, ouvindo de vez em vez as ofensas de Luciano.

— Encontrei, afinal, um imbecil mais lerdo do que o meu sobrinho. Como suportam um molenga assim na Catedral do Porto? Não me surpreende que um pamonha como você tenha deixado o dente da santa descer pelo ralo...

Alberto ouvia tudo sem responder palavra, enquanto uma fúria imensa ia crescendo dentro dele. Como queria se ver livre de tudo aquilo! Como anelava sair logo de perto daquele cura abominável! E era esse desejo que o fazia controlar-se. Sabia que uma discussão só serviria para

prolongar seu tempo na companhia daquele patife e trazer-lhe ainda maiores aborrecimentos. Por isso, evitava qualquer confronto. Se Deus quisesse, em alguns minutos iria embora às pressas levando consigo a relíquia substituta. Naquele momento, era somente isso o que importava, ainda que fosse enorme o desejo de jogar o padre escadaria abaixo.

Finalmente, ambos chegaram à câmara no fim da escada. Alberto ficou impressionado com o tamanho do relógio e de suas engrenagens. De fato, era uma peça magnífica. A igreja o adquirira graças à doação de milhares de florins ofertados à paróquia pelo próprio governo holandês. Contemplou também o enorme sino conectado ao relógio. Sendo estudante de arquitetura, quis analisar a forma de sua instalação, tentando entender a estrutura que o sustentava, mas foi logo interrompido pelo padre.

— Vamos, Alberto. Dê-me agora esse pacote. Temos trabalho a fazer. Eu trouxe um alicate...

Alberto relutou por um instante. Tudo aquilo era realmente correto? Mentir, aviltar os restos mortais de uma criança, induzir multidões de fiéis ao erro...

— Vamos, molenga! Não tenho o dia todo.

O moço entregou a caveira ao padre. Este rasgou com brutalidade os papéis que a envolviam. Depois, observou satisfeito o pequeno crânio e o ergueu sorrindo, exibindo-o ao moço abatido.

— Perfeito, Alberto! Perfeito! Isto aqui resolve todos os nossos problemas. Devemos essa a seu pai.

O jovem apenas olhava para o padre, sem corresponder ao seu entusiasmo.

— Agora, com este alicate eu vou...

De repente, Luciano engoliu a fala. Seu semblante mudou de súbito e, perplexo, ele começou a examinar afoito a caveira.

— O que houve, padre? Há alguma coisa errada?

O sacerdote levou a mão esquerda à testa.

— Alberto, olhe isto!

O moço não estava entendendo.

— Você não vê, imbecil. Essa caveira é de um recém-nascido. Essa caveira não tem dente nenhum!

— O quê?

— Essa caveira não tem dentes. Pode até servir pra mim, mas não vai ajudar você em nada.

Alberto ficou em silêncio, esperando que Luciano apontasse alguma saída. O padre, porém, apenas suspirou fingindo ares de desilusão. Então, deu de ombros e prosseguiu com sarcasmo:

— Sinto muito... Pelo jeito você vai ficar sem seu dentinho sagrado. É o que acontece quando um filho idiota pede ajuda a um pai também idiota. Só pode dar tudo errado... Bom, pelo menos a caveira eu consegui. Até que vocês prestaram para alguma coisa.

O moço não pôde mais se conter. Com o sangue fervendo nas veias, lançou-se sobre Luciano, agarrando-o pelo colarinho.

— O que está dizendo, canalha? Quer que eu lhe quebre a cara?

O padre, não esperando aquela reação, ficou visivelmente horrorizado. Ergueu os braços e, com as mãos espalmadas em rendição, disse aflito:

— Calma, meu filhinho. Calma! Vamos conversar... Por favor. Eu sou apenas um padre. Não me bata, filhinho. Você seria capaz de ferir um servo de Deus?

As poucas palavras de Luciano amansaram o moço. Alberto refreou seus impulsos. Tranquilizou-se. Soltou o padre e baixou a cabeça esmorecido. Luciano percebeu que estava novamente no controle da situação. Então ousou dar o golpe final.

— Além disso, eu sou o único que conhece a sua história. Se me ferir, talvez eu me veja

obrigado a dizer as coisas que sei. Isso seria muito ruim para você, não seria?

Luciano parecia esquecer que a tragédia de Alberto também podia prejudicá-lo, pois, conforme ele próprio intuía previamente, a tal tragédia, vindo à tona, afastaria a atenção das autoridades eclesiásticas do projeto da nova igreja. Em sua maldade, porém, o padre tinha prazer em ver a dor alheia e mofar dela. Por isso, nesse deleite pútrido, não se recordava dos prejuízos que também poderiam lhe sobrevir quando a história do dente viesse à luz.

Desolado, Alberto deu um passo para trás. Fitou o padre nos olhos e entendeu que não havia mais nada a fazer. Estava só, sem saber onde buscar ajuda para aliviar o imenso aperto em que se achava. Enfim, virou-se derrotado e seguiu até a escada.

— Talvez o velho pateta possa lhe trazer outro crânio, dessa vez com alguns dentes.

O moço parou e voltou-se devagar para o padre, o olhar transbordando de ódio. Luciano sorria com escárnio.

— Se conseguir, tudo será pelo bem da Santa Mãe...

O padre não terminou a frase. Alberto saltou feroz sobre ele e desfechou-lhe um murro bem no meio da cara. Luciano, deixando a caveira rolar pelo chão, escorou-se nas engrenagens do relógio enquanto caía para trás atordoado. Alberto, porém, segurou-o pela camisa e acertou-lhe outro soco no rosto já machucado. O padre tombou desvalido e Alberto, cego de cólera, debruçou-se sobre ele para desferir-lhe uma chuvarada de golpes. Nesse exato momento, porém, as engrenagens do relógio se moveram e os ponteiros marcaram dezenove horas, disparando as badaladas do sino da igreja, logo acima da cabeça do rapaz. O som foi tão alto e agudo que o moço deu um grito e, tapando os ouvidos com as mãos, esquivou-se para um canto da câmara, tentando proteger-se do barulho infernal. Entrementes, estendido no outro canto, Luciano, com o rosto ferido e a boca sangrando, buscava se refazer enquanto também protegia os ouvidos, virando-se de bruços.

Em alguns segundos, o sino parou de tocar e Alberto, aliviado, levantou-se. Olhou ao redor e viu o padre que, com dificuldade, esforçava-se para ao menos sentar-se no chão. Morto de medo, o covarde também protegia o rosto sangrento com uma das mãos.

O moço correu os olhos pelo soalho e viu a caveira da criança jazendo próxima às engrenagens. Abaixou-se devagar e a apanhou com cuidado.

— Esqueça esta caveira, patife! Nem eu e nem você tiraremos proveito dela.

E, levantando-a acima da cabeça, estava prestes a esmigalhá-la jogando-a com força ao chão, quando o padre gritou aflito.

— Espere! Não faça isso! Eu tenho uma saída para nós dois. Ouça, por favor!

Alberto oscilou.

— Por favor, Alberto, ouça-me só mais uma vez. Eu sei como podemos nos livrar de toda essa encrenca. Por favor, me escute. Eu imploro...

O jovem baixou a mão que segurava o crânio e fitou Luciano com desconfiança.

— Fale, homem. Minha paciência já se esgotou.

Luciano ergueu-se alquebrado e, apontando para um amontoado de bugigangas ao lado, disse quase sorrindo:

— Ali... Olhe o que tem ali. Está bem atrás daquela caixa de metal. Veja... Veja você mesmo... Eu trouxe ontem para cá.

Hesitante, Alberto foi até o monte de bugigangas e, pondo de parte a caveira da criança, passou a vasculhá-lo resabiado, sem saber o que estava procurando. Não demorou muito, porém, e encontrou o objeto a que o padre se referia. Lá estava ela: a cabeça de São Bernardo escondida no meio da pilha de cacarecos.

Alberto tomou-a entre as mãos.

— É isso? O que tem isso? É o que estou imaginando?

— Sim, amigo. Essa é a cabeça de cachorro que transformaram em santo — disse o padre, exibindo num sorriso os dentes manchados de sangue.

— Por que você trouxe essa coisa para cá?

— Eu achei que poderia servir para alguma coisa, mas não tinha onde esconder em casa. Agora percebo que fiz a coisa certa. Essa cabeça resolve tudo.

— Resolve tudo? Como? Isto aqui não serve para nada!

— Engano seu, filhinho, engano seu! Veja... Olhe bem para a caveira desse animal. Você não percebe?

O moço examinou o crânio intrigado. Não estava entendendo nada.

— O que tem essa caveira? — disse num sussurro bucólico.

— Dentes! — gritou Luciano. — Ela tem dentes!

Nesse instante, ficou muito claro aonde o padre queria chegar, mas Alberto, abismado, recusou-se a acreditar naquela proposta ardilosa.

— Você não está sugerindo que eu...

— Por que não, amigo? Tudo que você precisa é de um dente. E aí tem para escolher!

— Você quer que eu substitua o dente sagrado de Santa Apolônia de Alexandria pela presa de um vira-latas? Quer que eu coloque o dente de um cachorro no relicário da Catedral do Porto? Isso seria o cúmulo! O sacrilégio dos sacrilégios...

Temendo provocar novamente a fúria do moço, Luciano evitou apresentar seu velho argumento, dizendo que o que torna algo santo é a fé dos humildes. Em vez disso, tentou ser mais prático.

— Sinto muito, mas é a única saída, meu filho. É isso ou a perda do emprego na catedral. Sem falar na anulação da sua bolsa de estudos, o que será quase certa. Não temos opção, Alberto. Pense em seu tio... Pense em seus pais... Eles vão ficar arrasados. E tem ainda a crise que essa história toda vai gerar na igreja! Esse caso é difícil demais! É um beco sem saída! Você tem de optar pelo mal menor, garoto. Veja: a paz da igreja, a felicidade da sua família e a garantia do seu futuro bem valem um pequeno sacrilégio. Nosso Senhor entenderá...

— Eu sei, mas olhe para esses dentes. São todos pontiagudos. Até os molares...

— Nisso nós damos um jeito. Temos algumas ferramentas aqui. Podemos desgastar o dente escolhido. Ontem eu vi uma lima enorme dentro daquela caixa de ferro.

Alberto hesitou por um instante, mas em dois minutos ele e o padre estavam analisando a arcada dentária de Bernardo a fim de escolher uma presa que atendessem os seus propósitos.

— Este aqui do fundo parece ser o melhor.

— O último?

— Sim. O da santa também era um dente do fundo. Só que esse do cachorro é meio pontiagudo.

— Vou tentar tirá-lo com o alicate. Depois a gente desgasta essa ponta com a lima.

E assim, ambos labutaram por quase uma hora, removendo a presa e, depois, raspando-a, desgastando-a e lapidando-a, a fim de que se parecesse ao máximo com o molar perdido da santa alexandrina. Como não havia qualquer mesa ou bancada na câmara, Luciano e Alberto trabalhavam de cócoras, mas faziam pouco caso do incômodo, à medida que percebiam que seus esforços estavam dando resultado.

Finalmente, levantaram-se, Alberto com o dente entre os dedos.

— Não é nenhuma obra de arte — disse o moço examinando a presa moldada e polida. — Mas

acho que dá pra enganar. E vai ficar dentro da redoma. O vidro antigo ofusca um pouco a visão.

Luciano, com a lima e o alicate nas mãos, sorriu satisfeito.

— Agora estamos quites, filhinho. E eu espero que você não esqueça a sua parte no nosso acordo.

Ouvindo isso, o jovem, zangado, fechou a cara. Não parecia mais o paspalho bobalhão que Luciano encontrara chorando no banco da igreja. Fixando os olhos severos no padre, ele enfiou o dente no bolso da camisa e respondeu com dureza:

— Eu não sou seu filho, nem seu amigo. E não há mais acordo algum entre nós. Na verdade, você deveria se dar por satisfeito por eu não ter um dente da sua boca aqui no meu bolso. Agora, preste muita atenção no que vou lhe dizer: se, de alguma forma, você tentar prejudicar a minha vida ou a vida de qualquer pessoa da minha família, seja com essa história ou por qualquer outro meio, eu mesmo virei à sua procura e farei com que amaldiçoe o dia em que nasceu. Se você conhecesse o meu passado, levaria muito a sério o que acabo de dizer.

O padre engoliu em seco e não respondeu palavra.

Alberto, então, caminhou devagar até a escada. Parou por um momento e fitou a figura alquebrada que o observava com o rosto ferido e o corpo encurvado.

— Eu nunca mais quero ver você na minha frente, padre maldito.

E, tendo dito isso, desapareceu descendo os degraus, antes que o sino tocasse de novo.



Capítulo 19

REENCONTRO

Dona Lola subiu a Rua Holanda afadigada. Quando, afinal, chegou ao topo da ladeira, suspirou com alívio, vendo diante de si o caminho plano. Seguiu então em frente por algumas dezenas de metros até chegar à esquina de uma alameda sem pavimentação que se abria à direita. Entrou nessa rua deserta e caminhou até chegar num cruzamento. Nesse ponto, olhou para a direita e viu o enorme paredão amarelo que se erguia em torno de uma vasta propriedade. Segundo diziam, ali morava um velho alemão misterioso que vivia sozinho e isolado de tudo, não permitindo a aproximação de ninguém.

Anos mais tarde, correu pelas redondezas a notícia de que policiais tinham invadido aquela propriedade. De fato, várias viaturas tinham cercado a casa, atraindo curiosos e gerando grande agitação no bairro. Então, muito sapeca e travesso, um garotinho que morava em Vila Santa Virgínia galgou o muro dos fundos para ver o que estava acontecendo. Pobre menino! Ele deu de cara com o cadáver do alemão que estava pendurado numa árvore, a língua exposta, os olhos esbugalhados. O velho alemão solitário morrera enforcado, envergando uma farda verde acinzentada. A notícia desses fatos deixou todos horrorizados, e os moradores da região nunca souberam as razões ou mesmo os detalhes daquela terrível tragédia.

Atravessando o cruzamento, a senhorinha alcançou o fim da rua e chegou ao endereço que buscava. Era uma pequena chácara dominada por árvores frondosas e cercada por um muro azul desbotado. Olhando pela alta grade do portão, Dona Lola viu uma rampa de tijolos que conduzia a uma casa velha de porte médio. A construção parecia meio abandonada. A pintura bege envelhecera e descascara. O antigo telhado estava coberto de folhas secas.

Antes de apertar o botão da campainha, a viúva consultou um pequeno mapa que trazia à mão. Sim. Aquela era a casa que estava procurando. Dona Lola, então, pensou hesitante: “Quem será que mora nessa chácara? E por que me chamou para vir até aqui?”. A mulher tentou reviver os fatos que a levaram a buscar aquele endereço. Presumiu que, talvez, revirando a memória, encontrasse alguma resposta às suas indagações. Lembrava de João Tito que, no dia anterior, a chamara ao portão para lhe entregar um bilhete anônimo:

— Dona Lola, uma senhora passou pela rua e pediu para eu lhe entregar isto.

— Que senhora? — perguntou a mulher, abrindo o bilhete.

— Eu não a conheço. Nunca a vi por aqui. Ela só pediu para eu lhe dar este papelzinho e foi embora.

Dona Lola, ao abrir o bilhete, leu a seguinte mensagem:

Dolores,

Não vou dizer agora quem sou por razões que pretendo revelar depois. Por enquanto, só quero dizer que preciso muito da sua ajuda. Por favor, venha à minha casa amanhã às nove e meia para conversarmos. Então explicarei tudo. Moro na Vila Bem-Te-Vi. Não é longe da sua casa. O endereço exato é Rua Soledade, número 30. Abaixo você tem um pequeno mapa mostrando como chegar. Estarei aguardando. Sua visita será muito importante para mim.

Assinado: Uma velha amiga

Dona Lola ficou bastante intrigada com aquela mensagem e não resistiu ao desejo de desvendar o significado de tudo aquilo. Agora, porém, diante daquela chácara sombria, a senhorinha se questionava se tinha tomado a decisão certa ao ir até ali. Pensou em dar meia-volta e ir para casa. Porém, estava muito curiosa e, além disso, temia que a autora do bilhete fosse mesmo uma velha amiga precisando de ajuda. Pensou, assim, mais um pouco e, enfim, decidiu

anunciar sua chegada apertando a campainha. Em alguns segundos, uma figura tímida surgiu espiando pela abertura da janela da frente. Em seguida, uma senhora magra e de cabelos brancos veio abrir o portão.

— Dolores, que bom que você veio! Já faz muito tempo...

A velha senhora tentava simular algum entusiasmo, mas sua voz amarga e fria revelava um coração deserto. Dona Lola observou os olhos inexpressivos e o semblante caído da mulher. Seu sorriso forçado denunciava a falsidade da animação que queria demonstrar.

— Desculpe, dona... mas eu não me recordo da senhora. Se bem que o seu rosto não me é estranho.

— Ah, eu não a culpo. O tempo e a vida me desfiguraram bastante. Vamos, minha amiga. Entre, por favor. Conversaremos na sala. Você já vai se lembrar de mim.

A velha conduziu Dona Lola pela rampa de tijolos até a varanda da casa. Então entraram na sala, onde havia um grande sofá e duas poltronas de *courvin* verde-claro. Uma mesinha de centro era ornamentada por um vaso azul de vidro. Na parede à direita, ao lado da janela, havia uma antiga estante de madeira, cujas prateleiras superiores sustentavam uma bela enciclopédia com livros de capa vermelha, ornamentados na lombada com detalhes dourados. Sobre as duas prateleiras inferiores, havia um relógio de cabeceira, alguns animaizinhos bastante delicados moldados em vidro e um porta-retratos prateado ostentando a fotografia de um casal de noivos. À esquerda, uma porta fechada parecia dar acesso a um dos quartos. A chave, enfiada do lado de cá da fechadura, dava a impressão de que aquela porta permanecia sempre trancada. A anciã sentou-se na poltrona próxima a essa porta e pediu que Dona Lola ocupasse a outra poltrona, bem à sua frente.

— Desculpe tanto mistério, minha amiga. Vamos direto ao ponto. Eu sou a Dona Dulcelina, esposa do seu antigo patrão, o senhor Nelson. Você e seu marido foram nossos caseiros numa chácara em Munhoz.

Dolores recebeu essas palavras com um sobressalto.

— Dona Dulce! É a senhora? Mas o que...

A senhora anuiu com a cabeça, esboçando um sorriso pálido.

— Desculpe, Dona Dulce, mas a senhora está muito diferente. E não faz tanto tempo. Acho que não nos vemos há mais ou menos...

— Catorze anos — interferiu a velha. — Cerca de catorze anos... Realmente não é muito tempo, mas esses anos caíram sobre mim sem dó nem piedade. Quando me olho no espelho, tenho a impressão de que mais de trinta anos se passaram.

Realmente, o tempo tinha sido severo com Dona Dulcelina. Pelas contas rápidas que Dolores fez de cabeça, talvez ela tivesse agora uns sessenta anos, mas parecia muito mais velha.

— E o senhor Nelson? Ele passa bem?

— Nelson faleceu, minha querida. Passamos por uma fase de muita angústia logo depois que você foi embora do sítio. O coitado adoeceu por causa da tristeza. Perdeu o vigor. Foi minguando... Então teve um derrame e morreu. Isso já faz tempo. Foi uns dois anos depois que você se mudou para Bragança.

— Mas o que aconteceu? Por que ele ficou desse jeito? Um homem tão alegre...

— Você vai saber daqui a pouco. Estou esperando mais duas visitas. Quando chegarem eu vou lhes contar tudo que ocorreu.

— E quanto à sua filha, a Iolanda?

Ao ouvir a pergunta, Dulcelina olhou para o alto e suspirou.

— Teve lá sua sina, como todos nós — disse melancólica.

Dona Lola silenciou. Baixou a cabeça e refletiu por um instante sobre o que ouvira até aquele ponto. Não sabia o que dizer. Também não sabia por que estava ali.

— Você deve estar se perguntando por que eu a chamei aqui, não é mesmo? Bem, você é a única pessoa que pode confirmar pelo menos parte da minha história aos visitantes que estão para chegar. Afinal de contas, você nos conheceu antes das desgraças que recaíram sobre a minha família. Foi por isso que a chamei. Você me ajuda?

A senhorinha anuiu com a cabeça, mas não estava entendendo quase nada. Por que tinha de confirmar a história de Dona Dulcelina a alguém? E quem eram os tais visitantes que estavam prestes a chegar? Aquilo tinha cheiro de confusão! Dona Lola ficou apreensiva. Também não entendia por que a antiga patroa tinha feito tanto mistério para chamá-la e revelar-se a ela, chegando a mandar-lhe um bilhete anônimo com um pedido obscuro. Sobre isso, porém, decidiu não perguntar nada. Imaginou que todas aquelas reservas eram apenas produto do atual modo de vida de Dona Dulce, um modo de vida mergulhado nas sombras, no refúgio, no silêncio e nos segredos.

— Como a senhora veio parar aqui tão perto da minha casa? Eu nunca poderia imaginar que estivesse morando no bairro vizinho ao meu.

— Ah, isso foi coisa do Nelson. Você se lembra quando nós a trouxemos para cá a fim de conhecer a casa que seu cunhado deixou para o Osvaldinho? Naquele dia o Nelson se interessou muito pelo bairro. Gostou do padrão de vida interiorano dentro da própria capital. Então nós voltamos outras vezes para conhecer melhor a região. Quando ele viu as chácaras na Vila Bem-Te-Vi ficou fascinado pelo lugar. Vendeu a casa em que morávamos aqui em São Paulo e comprou esta propriedade. Nós íamos visitar você e dar-lhe a notícia de que havíamos nos tornado vizinhos. Porém, a catástrofe chegou e nós fomos forçados a nos isolar em nossa dor e vergonha... De vez em quando eu a via na feira, mas logo me escondia. Nós evitávamos sair. Pedíamos para os garotos do bairro irem ao empório ou à padaria para nós.

Nesse momento, alguém tocou a campainha. A anciã levantou-se.

— Devem ser os nossos convidados.

De costas para a janela, Dona Lola se virou para ver quem chamava. Não eram pessoas estranhas. Com efeito, ela ficou ainda mais intrigada ao ver que quem batia ao portão eram os padres Pacômio e Luciano. O primeiro trajava uma batina negra surrada; o segundo, vestia calças pretas e uma camisa azul-clara, diferenciada pelo colarinho clerical. Tinha também um curativo no rosto. Dona Dulce foi à varanda para recebê-los.



Capítulo 20

O ANTICRISTO

— Entrem, por favor. O portão está aberto. Tenham a bondade...

Os dois sacerdotes passaram pelo portão e caminharam em direção à varanda. A anciã foi ao seu encontro e, tomando a mão do pároco, beijou-a pedindo a bênção. Luciano também estendeu-lhe a mão, esperando o mesmo tratamento, mas a mulher fingiu não perceber o gesto e apenas lhe disse “bom dia, padre”, forçando-o a recolher o braço desconcertado.

Ao entrar na sala e ver Dona Lola sentada na poltrona, Luciano mal conseguiu esconder o incômodo. O que aquela mulherzinha estava fazendo ali? Justo ela que conhecia segredos tão comprometedores? Dolores, por sua vez, ficou curiosa por saber por que o padre estava com o rosto machucado. Ambos, enfim, se cumprimentaram, fingindo jamais terem se encontrado. Pacômio Saaz também cumprimentou a senhorinha, sem imaginar que ela era a mãe da criança cujo crânio, segundo acreditava, estava enterrado no descampado.

— Esta é Dolores, uma amiga de longa data — disse a anfitriã quase sorrindo.

Os sacerdotes, conduzidos pela dona da casa, tomaram lugar lado a lado no sofá maior e, enquanto Dona Dulce se sentava na poltrona junto à porta do quarto que permanecia trancada, Pacômio Saaz tentou adiantar o assunto.

— Dona Dulcelina, em nome da Igreja, quero dizer de antemão que ficamos muito sensibilizados com sua generosidade expressa no desejo de doar um terreno para a nossa paróquia.

— Obrigada, padre, mas, na verdade, o desejo de fazer essa doação foi do meu falecido marido. Nossa filha adoeceu gravemente e ele prometeu à Virgem Maria que, se a menina não morresse, ele daria o tal terreno à Igreja. A mocinha sobreviveu, mas ficaram algumas sequelas. Ainda assim, ele entendeu que deveria pagar a promessa e me fez jurar que isso seria feito... O senhor vai gostar da propriedade. Fica na Estrada de Santa Virgínia, no bairro aqui ao lado.

— Que bom! Precisamos construir uma igreja nessa região. Fico realmente feliz pela generosidade do seu falecido marido. Quem dera todos os católicos tivessem essa mesma fé e devoção.

A velha viúva recebeu com simpatia o elogio feito ao finado esposo e estava prestes a responder. Naquele instante, porém, Luciano tossiu e, ao olhar para ele, a mulher fechou de pronto o semblante. Em seguida, inclinando um pouco o rosto, observou por um breve momento o vaso azul de vidro que estava sobre a mesa de centro. Por fim, falou:

— Sim, padre, meu esposo era um homem muito devoto, mas antes de tratarmos de sua generosa doação, vamos falar sobre o Anticristo.

Pacômio não entendeu. Luciano, que, até então, mostrava-se bastante indiferente ao diálogo entre o pároco e a viúva, voltou, de repente, o olhar atento para ela.

— Falar sobre quem? — perguntou o padre Pacômio intrigado.

— Vamos falar sobre o Anticristo, o maldito servo do diabo que se finge de santo.

A voz da mulher tinha uma carga de rancor. Dona Lola e o pároco ficaram em silêncio, esperando que Dulcelina se explicasse. Luciano, porém, tentou quebrar a tensão do momento e disse em tom professoral:

— O Anticristo aparecerá no futuro. Então saberemos quem ele é e poderemos nos preocupar com essa figura. No momento não temos sinal nenhum de sua presença neste mundo.

Com o olhar severo, a sisuda anfitriã fitou em silêncio o sacerdote que falava, desviando às vezes o olhar para o vaso azul. Naquela hora, um bem-te-vi cantou três vezes numa árvore

próxima da janela. Pacômio Saaz, rompendo a incômoda quietude, disse com simplicidade:

— Mas, ainda assim, São João disse que muitos anticristos já têm saído pelo mundo afora.

Dona Dulcelina anuiu com a cabeça. Então, apoiando as mãos nos braços da poltrona, falou bem-devagar:

— Sim, padre Pacômio. E nesse espalhar-se pelo mundo, um deles, há vários anos, chegou numa pequena cidade de Minas Gerais chamada Munhoz.

Ao ouvir essas palavras, o padre Luciano moveu-se sobre o assento.

— Munhoz? A senhora conhece Munhoz? Eu já exerci o ministério nessa cidade... Foi, aproximadamente, no ano de...

— Foi no início da década de mil novecentos e sessenta — interferiu Dulcelina. — Foi por esse tempo que você, o Anticristo, o próprio braço de Satanás, chegou a Munhoz. E você me conhece desde então. Será possível que eu esteja tão mudada? Pois vou refrescar-lhe a memória: eu sou a Dona Dulce. Era assim que me chamavam na época. Sou esposa do falecido senhor Nelson. Tivemos uma filha chamada Iolanda. Você também a conheceu. Foi a moça que você desgraçou.

Luciano ficou estarecido, o rosto pálido dava a impressão de que ele acabara de ver um fantasma. Ao mesmo tempo, um turbilhão de imagens, lembranças, segredos e ameaças brotou abruptamente dentro da sua cabeça, deixando-o imóvel, sem reação. Pacômio Saaz voltou-se assustado para o padre esperando uma resposta qualquer, mas percebeu que ele somente mordida os lábios, olhando perplexo para a velha.

— Você, maldito Anticristo... Você nos destruiu... Se eu tivesse forças, patife, eu quebraria sua cabeça agora mesmo com esse vaso de vidro. Você não sabe o quanto estou me controlando para não fazê-lo. Vejo que seu rosto já está ferido. Ah, como eu queria arrebentar todo o resto!

— Meu Deus! — Reagiu o pároco horrorizado. — O que a senhora está dizendo? Que ódio mortal é esse?

Luciano, passado o baque inicial, fez menção de se levantar.

— Vocês vão me dar licença. Essa mulher deve estar muito perturbada. Não sei do que está falando. Certamente me confunde com alguém. Não vou me sujeitar a ouvir tantas ofensas e devaneios.

A velha, porém, gritou:

— Sente-se e fique calado, demônio do inferno! Quer fugir do confronto? Se estou mentindo, o que você tem a temer?

A esta altura, espantado com o modo veloz como a situação havia passado de uma visita tranquila para um confronto tão violento, Pacômio Saaz tentou controlar a situação. Pediu calma à viúva e ao colega. Disse que queria entender a razão de tudo aquilo e que a demonstração de hostilidades de nada serviria para isso ou mesmo para o avanço da conversa. Em seguida, admoestou a mulher a baixar o tom de voz e a escolher melhor seus termos. Por fim, disse ao padre Luciano:

— Você não deve sair desse jeito. É de sua reputação que essa senhora está falando. Você deve ouvi-la para poder se defender. Ademais, eu acredito que, doravante, ela será menos agressiva, não é mesmo, Dona Dulcelina?

Luciano, contrariado, ajeitou-se novamente no sofá. A mulher não demonstrou grande disposição em abrandar a forma de falar, mas como viu que Luciano voltava a se acomodar, decidiu também atender os apelos do pároco.

— Os termos que uso são leves em face do que esse homem realmente é. O decoro, porém me impede de usar palavras mais fortes. De qualquer modo, vou seguir o seu conselho, padre

Pacômio, e dizer com calma o que tenho a dizer. No final, o senhor poderá julgar por si mesmo se o título de Anticristo não cai a ele como uma luva.

O pároco suspirou e, recostando-se no sofá, disse mais aliviado:

— Pois, então, prossiga, por favor.

— A amiga aqui ao lado não foi convidada à toa. Ela é uma testemunha viva de muito que vou dizer. É uma pena que não tenha visto a parte pior de tudo, mas é a única pessoa a quem pude recorrer para confirmar pelo menos um pedaço da minha história.

Dona Lola ficou apreensiva. Já tinha certas indisposições com Luciano. Agora, sem que tivesse dado um passo sequer naquela direção, estava sendo arrastada para uma área de conflito com o padre. Como aquilo tudo podia estar acontecendo? Ela apenas vivia a vida, tentando não se meter no que não lhe dizia respeito. Mesmo assim, lá estava ela, mais uma vez, às voltas com as aventuras do padre pilantra.

Ao mesmo tempo que Dolores se revolia nesses pensamentos, Luciano também raciocinava. Tentava pensar numa saída. Seu raciocínio, porém, patinava num lamaçal de fúria que mal conseguia controlar. Com efeito, seu desejo ardente era despejar sobre aquela velha odiável uma enxurrada de impropérios. Queria gritar com ela, ofendê-la com os mais baixos adjetivos, lançar sem dó contra a viúva os mesmos tipos de ultraje que levaram Alberto a perder a cabeça e quebrar-lhe a cara. Ah, como se contorcia aspirando expor toda sua fúria naquelas explosões que Baxixa conhecia tão bem!

Na verdade, Luciano desejava ir além. Enquanto Dulcelina se preparava para proferir seu relato, o padre, como a viúva pouco antes havia feito, também olhou para o vaso azul de vidro que estava à sua frente e, por alguns segundos, deleitou-se em fantasias sangrentas. A presença inibidora do seu superior hierárquico, porém, forçava-o a restringir os impulsos brutais e, resignado, o padre apenas suspirava, sabendo de antemão tudo que aquela mulher estava prestes a narrar e se esforçando para imaginar uma forma mentirosa de contradizê-la.

— Eu e o Nelson éramos proprietários de uma pequena chácara em Munhoz, onde passávamos quase todos os fins de semana com a nossa filha adolescente, a Iolanda. Como bons católicos, íamos com muita frequência à igreja da cidade. Nossa filha, inclusive, mesmo estando na idade em que os jovens em geral não ligam para a religião, mostrava uma tendência oposta a essa, interessando-se muito pela vida de devoção. A gente até chegou a pensar que ela tinha vocação para o convento! Dona Lola, que era nossa caseira, está aqui para confirmar...

Timidamente, Dolores balançou a cabeça, concordando com a antiga patroa. Pacômio Saaz não disse nada. Apenas olhou para a testemunha de soslaio e, levando a mão ao queixo, fitou Dulcelina com especial interesse, como se dissesse “por favor, continue”.

— Iolanda tinha somente dezessete anos quando começou a trabalhar como catequista de crianças na igreja. E, para nossa miséria, foi exatamente nessa época que um novo padre chegou à cidade.

Luciano baixou os olhos escorando a testa com a mão. O pároco, já prevendo o desfecho daquela história, sentia que uma sombra de lamento e vergonha começava a se alastrar dentro de si. Era inocente, sem dúvida alguma, mas sofria ao vislumbrar a ideia da Igreja ter sido maculada pelo mal procedimento de um sacerdote. Considerando o clero um corpo unificado, entendia que o desvio de um manchava afinal a todos. Era assim que padecia suportando de antemão toda aquela ignomínia, como se fosse ele próprio um transgressor perverso acusado com justiça no tribunal de Dona Dulce.

— O novo padre era um homem alto e bonito. As moças diziam que ele parecia um galã de cinema. Era também muito simpático. Tinha grande facilidade em cativar as pessoas. E foi assim

que, usando esses seus dotes, o patife seduziu nossa criança. Você lembra como agiu, padre Luciano? Eu sei de cada detalhe... Li o diário da pobrezinha.

O padre tentou responder com brandura, fingindo-se abatido. Queria passar a imagem de alguém que sofria por ser alvo de acusações injustas e tão sérias.

— Eu não nego que exerci o sacerdócio em Munhoz no início da década de mil novecentos e sessenta. Eu até me recordo vagamente da senhora e do seu marido. Quanto a essa Iolanda, porém, acho que nunca a conheci. Eu vi vocês na missa várias vezes, mas sequer sabia que tinham uma filha. Realmente não sei aonde a senhora quer chegar...

Dulcelina sorriu zombeteira. Balançou a cabeça ironicamente e, fazendo pouco caso das palavras do padre, prosseguiu:

— Primeiro você flertou com ela, fazendo pequenos gracejos. Depois, despertou os sentimentos da menina, dizendo-lhe em segredo que sofria por ela, que não conseguia afastá-la dos seus pensamentos. Finalmente, prometeu-lhe mundos e fundos. Disse-lhe até que abandonaria a batina, se ela aceitasse ficar com você. Assim, você foi envolvendo a ingênua mocinha em suas malhas, até que obteve o que queria. Resultado: Iolanda engravidou e, quando, apavorada, o procurou para pedir ajuda, você deu-lhe um tapa no rosto, chamou-a de burra, de vagabunda, de suja... Por fim, a mandou embora, dizendo que negaria até a morte que era o pai daquela criança.

— Isso não tem o menor cabimento! — reagiu Luciano. — A senhora enlouqueceu. Eu me recuso a continuar ouvindo essas sandices...

— Aquiete-se, padre! — interferiu o pároco. — Tudo será esclarecido, mas antes devemos ouvir o resto dessa história. Por enquanto, tente se controlar. Vamos deixar essa senhora terminar o seu relato.

E, voltando-se para a viúva, Pacômio Saaz disse sereno:

— Tudo que a senhora disse é muito triste! Se essas coisas realmente aconteceram, é caso para deixar qualquer um horrorizado. Mas diga-me, Dona Dulcelina, o que vocês fizeram então?

— O que fizemos? Não havia muito que fazer. Afinal de contas, quais eram nossas opções? Denunciar o padre e expor nossa única filha à vergonha pública? Opor a palavra de uma adolescente à palavra do sacerdote da cidade? Que provas havia a nosso favor?

— Entendo...

— O Nelson ficou arrasado. Caiu num poço de angústia tão profundo que eu pensei que fosse morrer. Na verdade, foi isso mesmo que o matou, mas somente um ano depois, quando as coisas se agravaram... Quanto a mim, eu chorava por dias e noites a fio, enquanto tentava cuidar do Nelson e da menina. A coitadinha murchou e secou rápido como uma flor. Não comia, não falava... Só ficava dentro do quarto, deitada e com a luz apagada. Não se levantava nem para tomar banho. Foi difícil ver a menina naquele estado, padre. Ah, como foi difícil...

E Dona Dulce chorou, cobrindo o rosto com as mãos.

Sem saber o que dizer, todos na sala esperaram a mulher se recompor.

— Eu e o Nelson, então, decidimos nos mudar em definitivo para a chácara de Munhoz a fim de esconder a gravidez da nossa filha. Ali dificilmente receberíamos a visita de parentes e amigos. Também não tínhamos mais caseiros... Nós já havíamos nos mudado para esta casa, mas achamos que a chácara em Munhoz serviria melhor para guardar nosso segredo. Por isso, o Nelson saiu do emprego aqui na capital e fomos de vez para lá. Sabíamos que as finanças iam apertar, mas nossos planos envolviam ficar na chácara somente até a criança nascer. Depois retomariamos a vida em São Paulo, dizendo a todos que o bebê era nosso filho nascido em Minas Gerais, que tínhamos decidido encomendá-lo porque já havia passado da hora de darmos um

irmão caçula para a Iolanda. Infelizmente, esse plano não deu certo. O que a gente não imaginava era que o pior ainda estava por vir...

— Como assim?

— A menina, padre... Deprimida e isolada dentro daquele quarto escuro, a menina teve uma gravidez muito ruim. Como eu disse, ela não se alimentava, nem se cuidava. Parecia que tinha desistido de viver. Foi se arrastando assim até que o bebê nasceu. Aí deu dó de ver. Era uma criança fraca, um menininho lindo, mas sem vigor algum. Iolanda não quis vê-lo e muito menos tomá-lo nos braços. Recusava-se a amamentá-lo. Eu tentei cuidar do pobrezinho. Fiz de tudo, mas não teve jeito. Era mirradinho demais e eu vi que a vida dele estava se esvaindo ao poucos. Em uma semana o coitadinho morreu.

Nesse instante, Dona Lola lembrou-se de Sebastião, o filho doente que ela havia perdido em Munhoz. Condoída, sentiu os olhos umedecidos. Conteve-se para não chorar abertamente.

— O Nelson, quando viu o corpinho sem vida sobre a nossa cama, decidiu, pra evitar escândalos, não levá-lo ao cemitério, mas sim sepultá-lo ali mesmo na chácara. Mas quis fazer algo decente, pois sabia que a criança não tinha culpa de nada. Por isso, construiu um bonito túmulo revestido de azulejos azuis atrás da casa. Ele ajeitou o corpinho dentro de uma caixa de ferramentas feita de ferro e o sepultou ali. Junto ao bebê morto, ele colocou o diário de Iolanda em que ela contava toda a história do seu envolvimento com o Anticristo. Não sei por que meu marido fez isso. Acho que ele acreditava que aquela história pertencia ao bebê, sendo sua única herança. Ou talvez quisesse sepultar o passado da filha junto com aquela criança... Não sei. De qualquer modo, foi isso o que ele fez.

Luciano tentou disfarçar o abalo que lhe sobreveio diante daquelas informações. Sabia sim que tinha tido um filho com Iolanda, mas acreditava que a criança vivia bem, cercada de cuidados em algum lugar. Jamais imaginara que tivesse morrido em condições tão lamentáveis. Muito menos que tinha sido sepultado no fundo de um quintal, num solo tão sagrado quanto o descampado que recebera a cabeça de Bernardo.

— O passado, porém, não pode ser sepultado, padre Pacômio. Podemos queimar fotografias, mudar de cidade, romper relacionamentos... Não importa o que façamos. O passado continua vivo dentro da gente. E esse passado vivo dentro de Iolanda, tão cruel como era, não deixou de torturá-la. Ela emagreceu ainda mais. Virou pele e ossos. Os dentes de sua boca se soltaram. Foram caindo um a um. A sua fala ficou estranha. Ela começou a pronunciar errado as palavras. A coitadinha também passou a dizer sandices, coisas sem qualquer sentido. Entre outras loucuras, dizia sempre que tinha medo dos papas de Avinhão. Eu e o Nelson, fomos pesquisar para saber que papas eram esses...

— Sim, sim... — disse o pároco. — Foram papas que fixaram o trono pontifício numa pequena cidade da França, chamada Avinhão. Foi durante o século 14. É o que chamam de “Cativoiro Babilônico do Papado”. Os críticos dizem que, nessa época, vários sucessores de Pedro viveram no luxo, servindo somente aos interesses do rei francês.

— Foi exatamente o que descobrimos. Eu acredito que ela começou a associar o padre que a enganou a esses papas que foram morar longe da cidade sagrada.

A velha pronunciou essa última frase fitando Luciano com severidade. Dessa vez, porém, ele se ateu a baixar os olhos.

— Houve um dia — continuou a viúva — que Iolanda perdeu os sentidos e nada a fazia acordar. Foi então que Nelson fez a promessa de doar o terreno da estrada para a Igreja, caso a menina melhorasse. Depois de quase uma hora, ela voltou a si. Parecia então estar curada. Conversou conosco, sorriu, comeu... Ficamos animados, acreditando que um milagre havia

acontecido. Porém, durante a madrugada, ela nos chamou em pânico. Corremos ao seu quarto e a vimos encolhida num canto apertando o crucifixo entre os dedos com tanta força que chegava a sangrar. Dizia palavras confusas e repetia que estava com medo dos papas de Avinhão.

A essa altura, Dona Lola não conseguiu mais se manter em silêncio. Estava inconformada e disse chorando:

— Dona Dulce, não é possível que a Iolanda tenha acabado desse jeito. Uma moça tão linda e inteligente... Como isso foi acontecer? Eu não consigo acreditar...

— Pois foi exatamente isso que ocorreu depois que você foi embora, minha amiga. E o responsável é o Anticristo sentado à nossa frente.

Então, tomada de uma onda de ira repentina, a velha voltou-se para o padre, estendeu a mão e disse com voz grave e imponente:

— Eu amaldiçoo você, servo do diabo. Maldito seja para sempre. Eu amaldiçoo você para que seja excomungado e banido da Igreja. Sim... E que todos os tormentos do inferno lhe sobrevenham já nesta vida e que você passe o resto dos seus dias na vergonha e na miséria.

Nesse ponto, o padre chegou ao seu limite. Não conseguiu mais manter a pose de vítima resignada e só não despejou todo seu rancor sobre a viúva num gesto violento porque a presença do pároco ainda o inibia em certa medida.

— O quê? Maldita é você, bruxa blasfema. Acha que pode atacar dessa forma a Igreja de Cristo? Ah, mulher perversa e caluniadora! Que suas imprecações caiam sobre a sua própria casa. O que está pensando? Acha que a Santa Igreja é tola ao ponto de acreditar em histórias descabidas como essa? Olhe aqui: eu não entendo porque você pretende me prejudicar. Eu não fiz nada disso e sequer conheci essa louca devassa que a senhora chama de filha.

— Devassa? Devassa é...

— Eu sei muito bem o que a senhora está tentando fazer — interrompeu o padre, elevando ainda mais a voz. — Quer jogar a culpa das fornicações de sua filha nas costas da Igreja e decidiu me tomar como bode expiatório porque eu era o padre de Munhoz na época de suas aventuras imundas. Isso lhe é bem conveniente, não é mesmo? A filha vadia se diverte com a molecada da rua e depois a mãe a transforma numa santa inocente, dizendo que a culpa dos seus desvios é do padre. Ora, tenha dó... E essa história de ficar louca porque engravidou... Onde já se viu uma bobagem dessas? Acha que meus superiores vão levar isso a sério?

— Ah, demônio perverso, você vai engolir cada uma dessas palavras. Veja, Anticristo: eu acredito na seriedade da Igreja Católica Romana que só é maculada às vezes porque patifes como você se infiltraram nela a fim de tirar proveito dos fiéis. Sei, porém, que a Santa Mãe Igreja zela pela verdade. E eu digo isso pelo seguinte: o túmulo azul do seu filho ainda está lá na chácara, bem atrás da casa. E dentro desse túmulo está também o diário da menina citando o seu nome e narrando tudo que você fez. A propriedade está abandonada há anos. Basta ir até lá para conferir tudo. Eu vou pedir que o pároco investigue essas coisas e julgue se o que digo tem fundamento ou não. Enquanto isso não for feito e você não for jogado na sarjeta, não vou assinar doação nenhuma.

— O quê? Agora quer nos chantagear! Para mim está claro com que tipo de gente estamos lidando! A senhora jurou ao seu falecido marido que faria a doação...

— E farei! Mas antes vou exigir que minha história seja ouvida, que investiguem o túmulo e o diário e que expulsem você do clero quando verificarem a veracidade do que digo.

— Túmulos e diários... O que essas coisas vão provar? Qualquer criança pode estar sepultada em sua chácara! Qualquer um pode escrever um diário inventando o que quiser. Na verdade, nós sequer sabemos se essa tal Iolanda existiu mesmo! Onde ela está, afinal?

— Dona Lola a conheceu. Ela pode confirmar...

— É mesmo? E quem é essa mulher? Quem garante que vocês não estão mancomunadas para me prejudicar? Na minha opinião, você inventou tudo isso. Como eu disse, lembro-me até do seu marido, mas não me recordo de vocês serem pais de moça nenhuma.

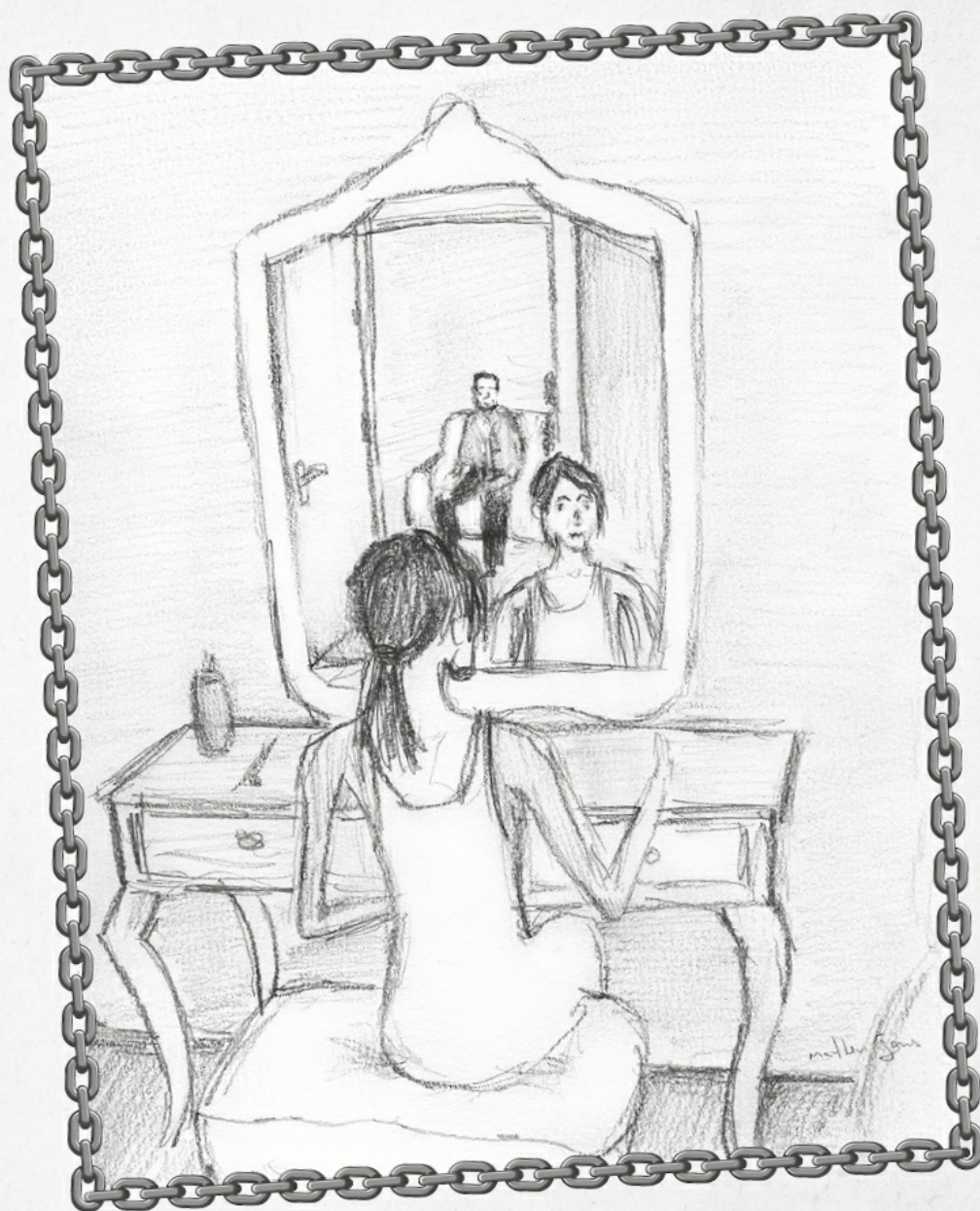
— Isso é realmente de surpreender — respondeu Dulcelina retomando a calma —, pois a Iolanda nunca se esqueceu de você.

— Bobagem! A senhora...

Nesse instante, Luciano interrompeu a fala porque, de repente, Dona Dulce se levantou da poltrona. O padre assustou-se com esse gesto abrupto, pensando que a mulher fosse atacá-lo. Porém, sob o olhar surpreso de todos, ela se dirigiu para a entrada do quarto que estava trancado e, virando a chave, abriu a porta. Luciano e Pacômio Saaz curvaram-se no sofá para ver o que havia naquele recinto. Dona Lola também, curiosa, olhou para dentro do quarto. Ali, de costas para todos, sentada diante de uma velha penteadeira, estava uma mulher magra, esquelética de fato, trajando uma camisola branca. Os olhos fundos, o rosto pálido e os cabelos desgrehados projetavam-se no espelho. Sem se virar, ela percebeu o reflexo dos visitantes. Então voltou-se para eles e, levantando a mão cadavérica, apontou para Luciano e gritou com a boca desdentada:

— Avião! Avião! Avião!





Sentada diante de uma velha penteadeira,
estava uma mulher magra, esquelética de fato,
trajando uma camisola branca.

Capítulo 21

UMA CHANCE DE ARRUMAR AS COISAS

Os dois padres desceram a Rua Holanda sem trocar uma só palavra. Pacômio Saaz, ainda sob o impacto de tudo que ouvira, não sabia o que dizer. Estava desapontado com Luciano e estarecido com a história que ouvira. Não sentia, porém, nenhum rancor contra o colega. Na verdade, nutria até certa compaixão por ele. Sabia, contudo, que não podia passar por cima de tudo que Dulcelina narrara, pois a pena que sentia do amigo não era mais forte do que sua boa consciência. Tinha, assim, de investigar o caso, mesmo sabendo do preço que Luciano pagaria por isso, caso tudo fosse verdade, como Pacômio tendia a crer.

Quanto a Luciano, seu silêncio era apenas uma sensível reação à mudez do pároco. Ele presumira corretamente que a cabeça do velho estava bastante agitada por pensamentos confusos e que o seu coração estava totalmente tomado por tristeza e decepção. Sentia-se, assim, deslocado, tendo receio de puxar conversa e atrapalhar os esforços do pároco em colocar suas ideias e sentimentos em ordem.

Ambos seguiram assim quietos, andando devagar, até que chegaram à esquina da viela em que Luciano morava.

— O senhor gostaria de ir à minha casa para uma xícara de café?

— Não, padre Luciano. Agradeço muito, mas vou aproveitar para visitar alguns conhecidos aqui perto, no Parque São João.

— O senhor não acreditou naquela história, acreditou?

O pároco coçou a cabeça acanhado e disse, evitando olhar nos olhos do colega:

— Meu caro irmão Luciano, se eu acreditei ou não naquela história, essa é a menor das questões. O problema é que aquela mulher não nos deixa escolher, senão investigar tudo. Do contrário, a Igreja será acusada de fazer vistas grossas e eu mesmo serei visto como seu cúmplice. Ponha-se no meu lugar... Se essa história chegar ao bispo, ele vai perguntar por que eu a ignorei. Eu não desconfio de você, mas agora estou numa situação delicada. Espero que compreenda.

Na verdade, Pacômio Saaz desconfiava sim de Luciano. Para ele, não havia sentido algum em Dulcelina fazer aquelas acusações, chegando a expor o nome da filha, pelo simples prazer em inventar lorotas. De fato, que vantagem obteria disso? Na avaliação do pároco, portanto, era muito provável que a mulher queria prejudicar Luciano movida por vingança. Só essa hipótese parecia se ajustar àquele caso. A questão a ser respondida agora era a seguinte: o que originara o desejo de vingança de Dulcelina? Que dano o padre lhe havia causado? Para Pacômio Saaz, era necessário levar muito a sério a hipótese de que esse dano era precisamente o que Dulcelina havia exposto. Não restava outra alternativa, pelo menos até aquele momento.

— Seria uma perda de tempo investigar isso, padre Pacômio. O senhor está levando essa história a sério porque tudo foi muito chocante, mas nada daquilo deve nos distrair. Temos coisas mais importantes para fazer. Tem a questão do transporte das relíquias de São Bernardo...

Acometido, então, abruptamente por um sopro de impaciência, o velho reagiu com dureza:

— Irmão Luciano, a mulher demente o reconheceu e apontou para você, gritando o nome da cidade dos papas... Pelo amor de Nossa Senhora! Como espera que eu ignore isso?

— Aquela figura medonha não deve ser levada em conta, padre — acudiu Luciano, tentando mitigar a irritação do velho. — Todos a conhecem por aqui. Ela vive gritando no alto desta rua. Pergunte a qualquer um... E ela não grita “Avinhão” e sim “avião”.

Pacômio suspirou cansado.

— A mãe disse que ela tem problemas de dicção...

— A mãe disse, a mãe disse... Padre Pacômio, já imaginou se todas as acusações que os inimigos da fé levantassem contra nós tivessem de ser investigadas do modo como aquela mulher exigiu? A igreja ficaria estacionada, somente tentando explicar o que essas mentes perversas inventam!

— Irmão Luciano, entenda bem: eu já tenho sacrificado minha consciência ao tolerar que o povo deste bairro venere relíquias falsas de um santo que não existe. Minha passividade diante disso já me incomoda muito. Agora você pede que eu permaneça inerte diante de um caso como esse, pondo em risco não somente a nossa reputação, mas também uma doação tão importante para a Igreja. Você mesmo tem enfatizado a necessidade de construirmos uma igreja aqui e eu concordo. Será que podemos agora nos dar ao luxo de virar as costas para a chance de receber uma oferta tão boa e que vai suprir essa necessidade? Ouvi dizer que o terreno a ser doado é enorme e fica na própria Estrada de Santa Virgínia. Não há localização melhor! Você espera mesmo que eu despreze essa doação, além do testemunho da viúva e também a minha consciência para poupar você de incômodos. Ora, se você não tem o que temer, não vejo por que colocar tudo a perder.

— Está bem... Eu entendo. O que, então, o senhor pretende fazer? Vai falar com o bispo?

— Por enquanto, não. Mas uma coisa é certa: em uns dois ou três dias eu vou até Munhoz pessoalmente para visitar a chácara da viúva. Quando chegar à cidade pedirei que o padre de lá me acompanhe. Se encontrarmos o tal túmulo com o cadáver do bebê e o diário, vou falar com o bispo e ver o que ele vai decidir fazer.

— Eu faço questão de ir com o senhor. Eu sei onde é...

— Não. Você fica. Eu vou falar novamente com a viúva e me informar sobre o local exato. Enquanto isso, se eu fosse você, aproveitaria esse tempo para... arrumar as coisas...

— Como assim?

— Eu quero dizer que você deve rezar bastante nestes dias para que essa situação se resolva.

É difícil precisar o que Pacômio Saaz realmente quis dizer ao sugerir que Luciano aproveitasse o tempo para “arrumar as coisas”. Ao que parece, estava propondo sutilmente que o padre fosse às pressas até Munhoz e destruísse as provas que havia na chácara, tendo um prazo de dois ou três dias para fazer isso. Seja como for, Luciano interpretou aquelas palavras precisamente dessa forma, entendendo que o pároco estava tentando ajudá-lo, dando-lhe a chance de sumir com tudo o que, porventura, o comprometesse. Luciano também entendeu que Pacômio preferia não tomar conhecimento algum do que ele faria para “arrumar as coisas”. Optando por não saber de nada, o pároco lidaria mais facilmente com a consciência sensível.

Pensando nisso tudo, Luciano entrou em casa e trancou-se em seu quarto. Deitou-se por alguns minutos, tentando colocar os pensamentos em ordem depois dos baques que sofrera naquela manhã. Em seguida, levantou-se e revirou as revistas que escondia debaixo do colchão, pegando uma folha de papel que havia guardado entre elas. Era o bilhete falso que havia montado com palavras recortadas, a mensagem que pretendia depositar no túmulo de Bernardo para incriminar os “bodes” protestantes.

O padre havia planejado executar a tal proeza na noite daquela quinta-feira, mas achou por bem cuidar de problemas mais urgentes. O relógio marcava pouco mais de onze horas da manhã. Então, enfiou o bilhete no bolso e pensou: “Eu vou pegar o ônibus para Bragança Paulista ainda hoje. A jardineira deve partir de lá para Munhoz no fim da tarde. Com a ajuda de Deus, chego na cidadezinha antes das nove da noite. Durmo lá e amanhã cedo ‘arrumo as coisas’ na chácara, como sugeriu o velho”.

A ideia de Luciano era destruir o pequeno túmulo azul, remover o entulho e livrar-se do

pequeno cadáver e do diário. Depois daria fim aos vestígios cobrindo o local com galhos de árvore, folhas secas, pedras e outras tranqueiras que encontrasse espalhadas pela chácara. Enquanto, porém, colocava uma muda de roupas na sacola, lembrou-se de que precisaria de ferramentas. “Vou precisar passar na torre da matriz”, concluiu, sabendo que ali certamente encontraria tudo de que viesse a precisar.

— Está de saída? — perguntou a irmã do padre, ao vê-lo ir em direção à porta com a sacola na mão. — Comecei agora a fazer o almoço... Assim que o Francismar chegar da escola...

— Eu não vou almoçar aqui. Preciso resolver algumas coisas. São negócios da igreja. Volto somente amanhã.

— Amanhã?

— Eu estou com pressa e não posso explicar agora. Conversamos depois.

Batendo a porta, o padre apressou-se para chegar ao ponto final do ônibus que o levaria à matriz em Vila Prudência. Então, já próximo ao empório do Branco, ficou surpreso ao ver o bairro agitado, com muitas pessoas circulando eufóricas pelas ruas. A maioria delas descia depressa na direção da chácara do Fino, formando bandos armados com pedaços de pau. Luciano seguiu hesitante o seu trajeto e, quando chegou à extremidade da praça, viu que muita gente estava cercando a chácara do moço e gritando xingamentos e ameaças.

— O que está acontecendo? — perguntou o padre a um transeunte.

— É o Fino, padre... Aquele chacareiro maluco atacou um menino. Ele deu uma tijolada na cabeça do garoto. Acho que o coitadinho morreu. Agora o povo quer fazer justiça.

Luciano observou impressionado a turba enfurecida e, maldoso como era, não tardou a imaginar com prazer o efeito semelhante que a mensagem guardada em seu bolso surtiria contra os protestantes tão logo fosse divulgada. Parou, pois, por alguns instantes para assistir satisfeito ao tumulto, mas logo se lembrou de apertar o passo na direção do ponto de ônibus, já que tinha uma longa viagem pela frente e queria concluí-la o mais rápido possível. Ademais, imaginou que a qualquer momento uma alma caridosa pediria que, como ministro de Cristo, ele tentasse conter a violência das pessoas. Ficaria, então, numa situação constrangedora, não tendo como justificar a omissão. Precisava, portanto, sair logo dali. Naquele dia, Fino e sua velha mãe teriam de contar somente com a intervenção direta de Deus. A Santa Igreja tinha coisas mais importantes para fazer.



Capítulo 22

A BOLHA PURULENTA

Depois que os padres saíram, Dona Lola permaneceu mais algum tempo na casa de sua ex-patroa. Ela falou mansa e tranquilamente com Iolanda e ficou comovida quando viu que a “menina” se lembrou dos fins de semana que haviam passado juntas em Munhoz. De fato, Iolanda revelou-se muito feliz ao reconhecer a antiga caseira e quis até abraçá-la, balbuciando algumas palavras de afeto. Dona Lola chorou e tomou a mão da pobre mulher entre as suas, passando a dar-lhe humildes conselhos:

— Você precisa ficar bem, Iolanda. Deve esquecer o passado, alimentar-se, cuidar melhor de si mesma... Confie em Deus, ele lhe ajuda. Se quiser, posso vir visitá-la às vezes. Você também pode ir à minha casa. É aqui pertinho. Podemos fazer um bolo de fubá juntas e tomar café na varanda...

Dulcelina ficou animada ao ver a reação de Iolanda àquilo tudo. Sua filha sorria, e o que deixava a viúva ainda mais impressionada era que, ao sorrir, Iolanda tentava às vezes esconder a boca com uma das mãos, mostrando, assim, uma súbita consciência da estética ruim do seu sorriso sem dentes. Também de maneira surpreendente, Iolanda fez perguntas sobre a vida de Dona Lola, querendo saber como havia vivido ao longo de todos aqueles anos, se passava bem e, especialmente, se ainda tinha o cachorro que seu pai lhe dera.

Enquanto Dona Lola dava sequência à conversa, respondendo tudo, Dulcelina não deixava de se admirar. Havia anos que não testemunhava a querida filha participando normalmente de um diálogo como aquele! Parecia que, afinal, Iolanda estava despertando de sua loucura! Seria, contudo, aquele fenômeno apenas mais um clarão passageiro como o que ocorrera anos atrás, pouco antes do apagão total? Ou Iolanda estaria realmente voltando a si? Dulcelina teve cautela para não nutrir esperanças precipitadas e, enfim, amargar novamente grandes decepções. Porém, o fato é que, pelo que se via, Dona Lola parecia mesmo estar puxando vagarosamente a moça para fora de uma imensa bolha purulenta, onde a pobrezinha se revolvera ao longo de dias sem fim em secreções asquerosas de vergonha, ódio, desespero e apreensão.

Com efeito, Iolanda, sendo tão jovem e delicada ao tempo de suas calamidades, refugiara-se dentro daquela bolha, totalmente dominada pelo medo de enfrentar o mal reinante lá fora. Para ela, ainda menina, os monstros que havia no lado externo — padres mentirosos, juízes cruéis, pais arrasados, bebês indesejados... — pareciam muito mais horrendos do que os dejetos pútridos de dentro da bolha. Para piorar, os pais da adolescente infeliz, mesmo bem intencionados, a haviam empurrado ainda mais para dentro da tal esfera repulsiva, afastando-a de tudo e de todos, sem apontar-lhe qualquer saída e sem lhe mostrar sequer um fio de esperança.

Agora, porém, em sua simplicidade, Dona Lola aparecia de repente, surgindo ilesa do passado e mostrando que, mesmo desde os tempos remotos em que as trevas sobrevieram ao mundo e os monstros passaram a povoar a terra, tinha sido possível sobreviver lá fora. De fato, a humilde caseira de Munhoz surpreendia a devastada Iolanda dando provas de que naquele mundo exterior cheio de males e ameaças ainda era possível viver bem e em paz. Na verdade, naquele mundo povoado por monstros, era possível até mesmo fazer bolos de fubá e tomar café na varanda, seguindo em frente e com fé em Deus.

É claro que sair da bolha purulenta não era o tipo de desafio a ser superado num só dia. Porém, quem tinha pressa? Todos sabem que não se sai de um abismo dando um só grande salto, ainda que quem ali se precipite leve somente alguns segundos para chegar ao fundo. O importante, pois, agora, era que Iolanda parecia estar arriscando os primeiros passos no rumo de casa, e Dona

Lola se dispunha a andar com ela, numa jornada lenta de desprendimento, paciência e compaixão.

— Não vá embora, Dolores. Fique mais um pouco. A Iolanda ficou tão feliz em ver você!

— Eu tenho de ir, Dona Dulce. O Francisco já deve estar voltando da escola e eu nem fiz o almoço ainda. Mas pode contar comigo pra ajudar a Iolanda. Se a senhora permitir, eu quero vir visitá-la outras vezes.

— Nem precisa pedir permissão, minha amiga. Venha quando quiser.

As duas mulheres desceram a rampa de tijolos. No portão, a velha viúva pediu que Dona Lola a desculpasse por tê-la feito passar por momentos tão desagradáveis.

— Eu quero que me desculpe principalmente por ter ficado irritada e por ter respondido ao padre de forma agressiva. Você não merecia ver tudo aquilo, Dolores. Acho que perdi o controle. Eu estava a ponto de saltar sobre aquele patife. Você não tem ideia do quanto eu odeio aquele homem. Espero que entenda... Afinal de contas, depois do que ele fez com a minha família...

— Eu entendo, Dona Dulce... A senhora sabe... Eu estou frequentando uma igreja batista faz algumas semanas. Num dia desses, o pastor falou sobre esse problema de a gente ter raiva dos outros. Ele disse certas coisas sobre o perdão que eu não sabia. Eu até anotei algumas palavras dele no meu caderninho, mas não me lembro agora. Se algum dia a senhora quiser ir a essa igreja comigo...

Dona Dulce abriu um sorriso dissimulado, empurrando o portão enquanto Dona Lola saía. Queria agora que ela fosse embora logo. Se a igreja verdadeira havia lhe trazido tantos dissabores, que quantidade infinita de males poderia lhe causar uma seita protestante? Despediu-se, pois, apressada, inventando a desculpa de que não podia deixar Iolanda sozinha.

A viuvinha, então, voltou para casa pensando em tudo que tinha visto e ouvido. Quando entrou na Rua Holanda, porém, sua mente se esforçava num sentido em particular. Dona Lola revirava o interior da cabeça em busca do que o pastor Altino havia dito sobre o perdão. Como era mesmo aquela frase? Ora, a sentença que a senhorinha tentava recordar era simples e bastante superficial: “As pessoas que guardam muita raiva no coração não são as que foram mais feridas pelos homens, mas sim as que foram menos perdoadas por Deus”. Dolores, contudo, não conseguia se lembrar das palavras exatas, ainda que as tivesse anotado com erros de português em sua caderneta surrada. De qualquer modo, no dia seguinte ela encontraria a frase do pastor em meio às suas várias anotações. Então, tentaria tirar proveito dela para não deixar que o ódio contra Fino se alojasse para sempre em seu coração.



Capítulo 23

OS MENINOS FERIDOS

Kiko, Baxixa e João Tito saíram da escola quando Dona Lola ainda conversava com Iolanda e no exato momento em que o padre Luciano se despedia de Pacômio Saaz. Entre bandos animados de alunos, eles seguiram até o descampado, subindo, então, a vereda que levava até o abacateiro. Chegando à pinguela, observaram silentes um pequeno grupo de devotos que fazia orações junto ao túmulo de Bernardo. O fervor pelo novo santo já começava a esfriar, mas, ainda assim, o trânsito de pessoas que vinha da Rua B e descia rumo ao lugar sagrado era maior do que o habitual.

Sabendo que o assunto deixava Baxixa bastante aborrecido, os outros dois garotos evitaram qualquer comentário sobre o mártir das correntes. Em vez disso, decidiram animar a caminhada apostando uma corrida até o abacateiro. João Tito, sempre o mais veloz, saiu vencedor e, quando chegou ao pé da árvore, achou um caroço de abacate que os meninos transformaram em bola de futebol.

Vinham os três assim, brincando animados pela Rua B, quando, bem em frente à casa de João Tito, ouviram um grito bastante familiar: “*Mueque u capeta*”. Os meninos, reconhecendo aquela voz doente, pararam atônitos e se voltaram para ver de onde vinha. Então, alarmados, perceberam que Fino, o chacareiro maluco, estava a apenas alguns metros de Francisco, abaixando-se para pegar uma pedra.

O garoto estacou e perdeu a cor. Imóvel e com o rosto desfigurado pelo medo tornou-se, por alguns segundos, um alvo totalmente vulnerável, até que João Tito gritou: “Corre, Kiko!”. O berro do amigo funcionou, rompendo o bloqueio paralisante do menino que, gemendo, tentou escapar do ataque alucinado. Dessa vez, porém, Fino não erraria o alvo. Na rua sem calçamento, com restos de entulho espalhados aqui e acolá, o chacareiro havia encontrado um grande pedaço de tijolo e se preparava para atirá-lo, mal o garoto iniciara a corrida.

— *Mueque u capeta* — repetiu o louco enquanto despedia com violência o bloco.

Francisco, estando então de costas, foi atingido na nuca com tanta força que o tijolo se espatifou, desfazendo-se numa explosão de fragmentos. João Tito e Baxixa gritaram estarrecidos. Ferido, o pobre menino cambaleou dando dois passos bambos para a frente. Então, caiu desacordado e jazeu no chão de poeira, o material escolar espalhado pela rua.

— Esse maluco matou o menino! — gritou um dos inúmeros transeuntes que presenciaram a cena.

De pronto, o povo que ia e vinha do túmulo de Bernardo começou a berrar improperios contra Fino, chamando-o de assassino e avançando sobre ele com paus e pedras. Moradores da Rua B uniram-se à genterada furiosa engrossando o tumulto que, depressa, tomou um vulto enorme. Sentindo-se, assim, ameaçado, o agressor demente foi dominado pelo pânico e correu para casa, clamando pela ajuda da mãe.

Enquanto isso, a mãe de João Tito, que aguardava a chegada do filho ao portão, trouxe Kiko para dentro de sua casa, auxiliada por dois vizinhos, e o colocou sobre o sofá da sala. Depois, pediu que alguém saísse depressa em busca de Dona Lola, não sabendo que, naquele instante, ela estava na Vila Bem-Te-Vi, despedindo-se da antiga patroa.

Francisco continuava desacordado, mas parecia respirar normalmente. O pedaço de tijolo que Fino atirara nele estava úmido. Esse foi o motivo por que o bloco se espatifou na cabeça do menino. Não fosse assim, a dureza do impacto teria sido muito maior e a sorte da criança talvez tivesse sido bem outra.

Ao receberem a notícia de que Dona Lola não estava em casa, a mãe de João Tito e os dois vizinhos que haviam prestado socorro confabularam entre si, decidindo o que fazer para obter ajuda médica. O hospital mais próximo situava-se em Vila Prudência e ninguém na Rua B possuía automóvel. Todos concordaram que não havia condições de Francisco ser levado de ônibus. Ademais, concluíram que não era bom movimentá-lo sem que um profissional o examinasse primeiro. Então, decidiram que o melhor seria buscar um médico que avaliasse o estado do menino ali mesmo onde ele estava. Havia um doutor cujo consultório ficava no fim da Estrada de Santa Virgínia e logo designaram alguém para chamá-lo. Nesse meio tempo, o garoto ficaria sob os cuidados da mãe de João Tito, que tentaria acordá-lo chamando-o pelo nome.

Passados alguns minutos, Dona Lola chegou. Estava apavorada, pois mal se acercara do empório do Branco e logo lhe informaram o ocorrido. Entrou na sala, perguntando afoita acerca do filho. Vendo-o sobre o sofá, correu até ele e ajoelhou-se ao seu lado, chorando e acariciando-lhe o rosto.

— Kiko, meu filho... Por favor, acorde.

Inesperadamente, o menino abriu os olhos e saudou a mãe com a voz fraca. Dona Lola sorriu aliviada.

— Graças a Deus! Graças a Deus! Você está com muita dor, filhinho? Olhe... Fique quietinho. O doutor logo virá para ver você.

O tempo foi passando, porém, e o tal médico não chegava. Kiko, zozinho, desfaleceu de novo. Quando acordou, percebeu que diversas pessoas tinham vindo à casa para vê-lo e oferecer algum amparo à Dona Lola. Com a visão embaralhada, o garoto distinguiu cinco membros da Assembleia de Deus que frequentavam a igreja azul da praça. Eram dois homens trajando terno e gravata e três mulheres com coque no cabelo. O pastor Altino e Dona Jandira, tão logo souberam do caso, também tinham ido ver o menino. Aurélio Augusto os acompanhara, pois queria representar os jovens da igreja batista num gesto de solidariedade.

Abobalhado, Francisco também viu Dona Lola recostada na parede à sua frente, olhando desolada para o chão. Mostrava-se cansada e abatida. Certamente implorava a Deus para que o médico chegasse logo.

Enquanto Kiko a observava em silêncio, a senhorinha ergueu o rosto e virou-se para ele. Um semblante alegre então estampou a face da mãe aflita ao ver que o menino acordara outra vez. De pronto, ela veio lentamente em sua direção e, em pé ao seu lado, contemplou o filhinho querido com olhos de ternura. Francisco, mesmo atordoado, notou que uma lágrima discreta havia escorrido pela face da mãe e pendia de seu queixo, lutando teimosa para não despencar dali.

— Mãe...

— Não fale, meu filho — interrompeu a mulher num sussurro. — Apenas esvazie a cabeça...

— Mas, mãe... Eu preciso...

— Tudo será seu, meu menino. Tudo...

Então, abrindo bem os olhos, Kiko percebeu que o que pendia do queixo de sua mãe não era uma lágrima, mas sim um filete de saliva. A mulher babava. E agora começava a babar em profusão.

— Babalolo? — reagiu Kiko assustado.

O demônio, num sorriso afável, estendeu a mão cinzenta e a pousou sobre a testa de Francisco, deslizando-a depois por sua face, as unhas negras arranhando levemente a pele.

— Chegou a hora, meu filho. Apenas respire fundo e esvazie a sua mente. Não tenha medo de expandir a consciência. É aqui que tudo começa...

— Não! — gritou o menino, chamando a atenção de todos na sala.

A voz do espectro, então, tornou-se terrivelmente grave, semelhante ao rugido de um enorme dragão.

— Siga-me, servo meu! Andaremos juntos sobre o brilho das pedras e chegaremos à leveza do vazio, onde nosso eu se fundirá. Então o seu trabalho será grandioso!

— Não! — berrou Francisco em pânico. — Saia daqui! Saia, Babalolo! Saia!

Quando ouviram esses gritos, os assembleianos entreolharam-se boquiabertos. O pastor Altino e Dona Jandira também ficaram confusos e sem ação. Somente Aurélio Augusto correu até o menino tentando descobrir o que o afligia tanto.

— Saia, Babalolo! Saia! — repetia Francisco agitando a cabeça.

Então, um dos assembleianos bradou admirado:

— Vejam! Ele está falando em línguas! Oh, glória, glória, glória!

A partir desse instante, a balbúrdia completa tomou conta da casa. Os cinco pentecostais iniciaram um verdadeiro pandemônio! Um clamava daqui, outro pulava dali, outro ainda repetia aleluias aos berros, olhando para o alto. As mulheres de coque choravam, estendiam os braços e enunciavam sílabas repetidas e sem sentido. Todos, de forma aleatória, levantavam as mãos, sapateavam, dançavam e cantavam freneticamente, cerrando os olhos e contorcendo o rosto numa histeria total. Era o império da desordem!

Kiko, deitado no sofá, continuava em pânico, ordenando afoito que Babalolo fosse embora. Perdidos no meio da baderna, o pastor Altino e Dona Jandira foram depressa chamar Dona Lola que tinha ido até sua casa buscar qualquer coisa para o filho. A mãe de João Tito, sem saber o que fazer, isolou-se assustada na cozinha, esperando que aquele espetáculo acabasse logo. Aurélio, por sua vez, mantinha-se ao lado do menino tentando acalmá-lo e intercalando essas tentativas com orações de pedido de ajuda a Deus.

Entrementes, lá na rua também reinava a confusão. Tão logo Fino atacara o menino, várias pessoas o perseguiram, cercando a chácara em que ele se refugiara. Seu ímpeto, porém, havia esmorecido, pois circulou o boato de que Kiko passava bem. Recebendo, contudo, a notícia de que o garoto, de fato, não melhorava, dezenas de homens, mulheres e até crianças haviam reacendido os ânimos e decidido capturar e linchar o moço, invadindo, para isso, a chácara. O pobre rapaz, morrendo de medo, permanecia refugiado junto à mãe e, encolhido num canto do barraco, chorava dizendo “*u queo apanhá*”, que traduzido é “não quero apanhar”.

— Jurandir, meu filho, o que você fez, afinal? — Perguntou pela décima vez a velha lavradora, enquanto via a turba alucinada agora se aproximar, pisoteando os canteiros.

O moço, porém, não respondia, e a mulher, percebendo que estavam prestes a entrar na casa para arrebatá-lo, decidiu agir depressa. Correu, pegou ligeiro uma vassoura de piaçava e, segurando-a com as duas mãos como se fosse uma espingarda, pôs-se resoluta ao pé da porta. Então, disse com voz firme ao povaréu que se aglomerava à sua frente:

— Alto lá! Onde pensam que vão?

Surpreendidos pela coragem da senhorinha, os revoltosos pararam e responderam em meio a xingamentos e afrontas:

— Vamos pegar o covarde que atacou uma criança e fazê-lo pagar pelo que fez.

— Ele é doente! — rebateu a velha. — Não tem juízo! Está agora apavorado, chorando como um menininho. Se feriu alguém, chamem a polícia, ela saberá cuidar disso. Nesta casa, porém, nenhum de vocês vai entrar...

— Isso é o que veremos... — responderam alguns homens, dando um passo à frente.

A velha, então, numa surpreendente demonstração de força física, estendeu os braços e quebrou a vassoura ao meio, jogando os pedaços aos pés dos invasores. Todos pararam

perplexos, sem acreditar no que haviam visto. Em seguida, ela empunhou um machado que estava recostado ao batente da porta e disse:

— Não se deixem enganar pelas aparências! A vida me fez mais dura do que pareço. Ah, meus amigos! Eu já peguei o diabo pelos chifres. Pensam que carreguei os meus fardos até aqui com mãos de seda? Quanta ilusão! Eu mato serpentes a dentadas e esmago escorpiões com os pés descalços. Na minha lida, já enfrentei jagunços e facínoras dez vezes mais perigosos do que vocês e escarrei sobre os cadáveres deles. E fiz isso sozinha, sem me esconder atrás de nenhum bando de desmiolados, porque sei que isso sim é covardia.

A multidão, admirada e atônita, não ousava agora proferir qualquer injúria ou provocação.

— Vejam, corja de frouxos: Eu tenho tanto amor em meu peito que sou capaz de morrer mil vezes pelo meu filho. Mas notem bem: aqui dentro há também tanto ódio acumulado, tanto rancor represado, que eu poderia fazê-los conhecer o próprio inferno ainda nesta Terra. Se acreditam então que vou ficar chorando num canto enquanto espancam o meu menino, estão mesmo equivocados. Deem somente mais um passo... Sim, um passo apenas... E verão esse machado partir cabeças e mais cabeças ao som das minhas gargalhadas. Vocês querem ver sangue, não é? Pois bem, eu lhes darei muito sangue! Venham, covardes! Venham conhecer de perto esta lâmina. Quem será o primeiro?

E, dizendo isso, ergueu o machado à altura do peito, cravando os olhos ameaçadores nos homens da linha de frente. Estes oscilaram, perdendo o ímpeto. Ninguém, de fato, tinha coragem de avançar. Então, sentindo a humilhação de terem sido desmascarados em sua falsa valentia, os principais agitadores grunhiram furiosos:

— Deixe estar, bruxa maldita! Você e seu filho louco vão pagar de qualquer jeito.

Voltaram-se, então, para a multidão e gritaram:

— Vamos destruir os canteiros! Arrasem tudo! Arranquem tudo!

O povo não esperou segunda ordem. Todos se entregaram ao saque, devastando a plantação e enchendo os braços com tudo que podiam carregar. A lavradora, baixando o machado, contemplou o seu trabalho de meses ruir em poucos minutos e, enfim, desmoronou, chorando amargamente.

João Tito, que tinha ido à praça para assistir curioso a toda a agitação do bairro, encontrou-se ali com Baxixa, que também perambulava pelas ruas atraído pelos fatos então em andamento. Este informou João que a chácara do Fino estava sendo pilhada e os dois meninos foram até lá para ver o espetáculo.

Adentrando pela propriedade, os garotos caminharam sobre os canteiros destruídos, observando os saqueadores que não deixavam nada para trás, nem mesmo o que ainda não tinha amadurecido. No fundo da chácara, João Tito viu a mãe do Fino. Em pé, junto à porta do barraco, usando um avental branco e um lenço na cabeça, ela não dizia ou fazia nada para impedir o cruel vandalismo de que estava sendo vítima. Apenas chorava num verdadeiro retrato de desolação.

Logo depois de vê-la assim combalida, João Tito, voltando-se para o chão barrento, deparou-se com uma pequena beterraba que, num canteiro revirado, tinha sido deixada para trás. Ele olhou ao redor e viu Baxixa ao longe. O amigo afastara-se, rebuscando os demais canteiros na companhia de outros meninos. Sozinho, João hesitou. Mirou o fruto por alguns instantes, o coração tomado pela tentação de arrebatá-lo. Por um momento, virou-se e tentou resistir. Baxixa e os outros meninos, porém, pareciam agir tão naturalmente tomando o que encontravam! João Tito foi, então, fraquejando aos poucos e sucumbiu finalmente aos apelos da cobiça. Abaixou-se, pois, bem devagar, e estendeu a mão para pegar a beterraba suja de barro. Em seguida, já de

posse do fruto, correu para casa, tentando se convencer de que não fizera nada de realmente grave.

Foi assim que João Tito contribuiu para o domínio da injustiça no mundo que estava emergindo. Sim, pois naquele dia, unindo-se aos inimigos do bem durante o saque, ajudou, na verdade, a depredar a Cidade de Deus cujos fundamentos são o amor e a retidão de Jesus.

Enquanto, porém, juntava-se aos que reuniam os despojos, o garoto, cercado pelo alvoroço, não foi capaz de prever que, ao curvar-se para pegar o fruto barrento, a seta flamejante da consciência o atingiria em cheio, ferindo-o para sempre.

Ah, é verdade que, atormentado pela culpa, João Tito tentou, no dia seguinte, reparar o erro cometido, restituindo à pobre mulher o ganho da rapina. Ela, porém, não sendo dona da propriedade saqueada, foi embora no mesmo dia do ataque, partindo às pressas com o filho doente para não se sabe onde e deixando com João Tito, além de uma beterraba, a lição dolorosa de que há pecados cujo dano não se pode reparar, devendo o cristão, também por causa disso, fugir de todos eles.



Capítulo 24

DE VOLTA A MUNHOZ

As escadas que levavam ao topo da torre da matriz nunca pareceram tão longas. Suado e ofegante, Luciano galgava os degraus o mais rápido que podia. Por fim, chegou ao alto e lançou-se depressa sobre a pilha de bugigangas à procura de uma caixa de ferramentas. Não demorou muito para encontrar o que buscava. Abrindo, então, a caixa, pegou um martelo e uma pequena talhadeira, lançando tudo na sacola de feira que trazia consigo.

Não aproveitou, porém, a ida ao torreão somente para pegar as ferramentas. Na passagem rápida por ali, também verificou se o crânio de Bernardo e a caveira do bebê trazida por Alberto permaneciam escondidas no lugar onde as havia deixado. Conforme esperado, ninguém havia mexido nelas e, ainda naquela semana, Luciano pretendia depositar na cova do descampado a cabeça da criança junto com a mensagem montada com recortes que trazia no bolso.

Já prestes a sair, o padre contemplou por um instante as duas caveiras. O destino da humana ele já havia traçado. O que fazer agora com a cabeça de Bernardo? Esta, concluiu, não lhe serviria para mais nada, exceto para levantar questionamentos incômodos, caso fosse encontrada ali na torre. Então, sempre maquinando alguma forma de mal, a velha raposa disse para si mesma: “Eu bem que poderia fazer uma pequena traquinagem nessa minha ida a Munhoz. Em vez de destruir completamente o túmulo azul, eu posso apenas abri-lo e remover o que tem dentro, pondo essa cabeça de cachorro no lugar. Aquela viúva precisa passar vergonha. Quero ver a cara dela quando disserem que encontraram essa caveira de bicho sepultada em seu quintal. Vou dar boas risadas quando concluírem que a bruxa é tão maluca quanto a filha. Tão maluca que edifica túmulos para cães!”.

Animado com a brincadeira de mau gosto que desejava agora fazer, Luciano meteu o crânio de Bernardo na sacola junto com o martelo e a talhadeira e, descendo rápido as escadas, correu para o ponto de ônibus, onde embarcou no coletivo que o deixou próximo à rodoviária. Ali, comprou passagem para Bragança Paulista, onde chegou por volta das quatro da tarde.

A jardineira partia para Munhoz à noitinha e o padre perambulou pelos arredores da estação por cerca de duas horas. Embarcou, enfim, cansado e partiu para a cidadezinha, percorrendo a estrada que, num sobe e desce interminável, cortava colinas e contornava pequenos pastos que se estendiam aos pés de morros altos e pedregosos. Mas Luciano apreciou pouco a paisagem, pois logo chegou a escuridão espessa da noite escondendo tudo e tornando a longa viagem ainda mais monótona.

O padre ficou sonolento com o ronco e o balançar contínuo da jardineira. Abraçado à sacola de feira que trazia, curvou-se um pouco para a frente e adormeceu. Só despertou quando o veículo cruzou a ponte sobre o rio Corrente, já bem próximo da cidade. Minutos depois, ao desembarcar, procurou hospedagem numa pensão situada na rua central, perto da igreja. Cuidadoso, não querendo ser reconhecido por ninguém, evitou fornecer seu nome verdadeiro à dona da hospedaria. Esta sequer fez questão de ver os documentos do recém-chegado, tão logo ele disse que os havia perdido e que estava disposto a pagar o dobro pelo pernoite.

Alojou-se, pois, o padre naquela pensão, partindo dali tão logo o dia amanheceu. Ao cantar do galo, já seguia no rumo do sítio de Dona Dulcelina, sabendo muita bem onde ficava, pois, nos tempos que assediara Iolanda, tinha cuidadosamente sondado o lugar em que a moça morava. Seguiu, então, numa caminhada de quase três quilômetros. Chegando à porteira, conseguiu transpô-la sem qualquer dificuldade, posto que estava amarrada apenas com um arame enferrujado.

O local estava totalmente abandonado. O mato havia crescido, as construções tinham se deteriorado e o velho galpão estava quase todo destelhado. Galhos de árvore, pneus velhos, restos de entulho, móveis despedaçados e outras tranqueiras espalhavam-se pela área outrora tão bem cuidada pelos caprichos do senhor Nelson e pelas mãos de Osvaldinho.

Lembrando-se das palavras de Dulcelina, Luciano dirigiu-se para a parte de trás da casa principal. Seguiu pelo lado esquerdo da construção quase em ruínas e alcançou o acanhado quintal ao fundo. Ali estava o alvo da sua visita: o pequeno túmulo revestido de azulejos azuis erguia-se melancólico no meio do que antes fora um singelo jardim de delicadas flores coloridas.

Hesitante, o padre aproximou-se da sepultura. Tudo à sua volta era só silêncio e solidão. Abaixou-se, abriu a sacola e pegou as ferramentas que havia trazido. Desajeitado, Luciano fincou a talhadeira no lado superior da tumba e, com golpes de martelo, deslocou parte do tampo de cimento. Foi assim debulhando aos poucos a cobertura até que abriu uma brecha por onde pôde ver a caixa de metal em que o senhor Nelson depositara o cadáver do bebê. Viu também pela fresta um embrulho deixado junto à caixa e presumiu que fosse o diário de Iolanda, tantas vezes referido por Dulcelina.

Luciano removeu tudo que havia dentro do sepulcro. Então abriu a caixa de ferro em que jazia o pequeno cadáver. O bebê estava envolto em panos. Apenas a cabeça fora deixada exposta. O rostinho murcho e ressequido, vazado pelos orifícios vazios dos olhos, tinha uma coloração escura. Tétrica e medonha, a boca se abrira na face estorricada. O padre contemplou com aversão o cadáver do filho e, não suportando a visão tão repulsiva, fechou logo a caixa de ferro, pondo-a de lado e voltando-se então para o embrulho que fora depositado junto dela.

O senhor Nelson havia envolvido o diário da filha num plástico branco e amarrado o pacote com um barbante. O padre removeu depressa a embalagem e, ansioso, começou a folhear a brochura. Descobriu então admirado que Iolanda registrara várias de suas conversas com ele — diálogos nos quais o padre fazia juras de amor e revelava à moça um coração cansado de sofrer por ela.

O que havia, contudo, de mais perigoso nesses registros eram informações da vida pessoal de Luciano, dados que não seria possível Iolanda conhecer, exceto por meio de conversas particulares, comuns apenas entre pessoas bem íntimas.

De fato, em suas investidas sobre a menina, querendo conquistar-lhe a confiança e o afeto, o padre lhe revelara detalhes da sua infância, nomes de familiares, de velhos amigos e de animais de estimação. Também lhe falara de lugares em que havia residido e por onde havia passado, além de experiências vividas no seminário.

Todas essas coisas constavam do diário como fragmentos de conversas mantidas em encontros secretos. E era impressionante a precisão com que Iolanda registrara o conteúdo dessas conversas. Entre as inúmeras anotações, uma se destacava como simplesmente incontestável e, portanto, bastante comprometedora: a menina fazia alusão ao nascimento recente de um sobrinho do padre a quem tinham dado o nome de Francismar. Ela citava o nome dos pais e, não somente o dia, mas até mesmo o horário aproximado em que a criança fora dada à luz!

“Até nisso o Baxixa me serve de estorvo”, pensou Luciano, fechando bruscamente o diário.

Por fim, a parte mais trabalhosa de tudo que o padre havia tramado estava superada. Agora, restavam apenas juntar tudo e cair fora dali, não sem antes fazer a traquinagem tola que maquinara para zombar de Dulcelina. Com um sorriso impiedoso, Luciano tirou a cabeça do cachorro da sacola e a inseriu no túmulo. Ele sabia que, mesmo que vissem que a tumba tinha sido violada, ainda assim pairaria sobre a viúva a pecha de maluca.

Satisfeito, o padre recolheu as ferramentas e o diário, enfiando-os na sacola. Depois voltou-se

para o pequeno sarcófago de ferro e tentou imaginar como poderia se livrar daquilo. De início, pensou em tirar o cadáver da caixa e jogá-lo no matagal que havia a certa distância, logo atrás do galpão. Os animais selvagens certamente dariam conta de sumir com tudo ainda naquele dia. Estava mesmo prestes a fazer isso quando a consciência — ou o instinto natural — lhe soprou nos ouvidos uma frase incômoda: “Ele é seu filho!”. Nesse instante, Luciano estacou. Por alguns momentos pensou na esposa e na prole que um dia desejou ter, no modo como sua vida poderia ter sido diferente, muito mais feliz e realizada.

Sensibilizado por essas reflexões, ele decidiu então dar um destino mais digno para os restos do menininho. Julgou que, agindo assim, reduziria um pouco a dívida que sabia ter junto à criança com quem deveria ter brincado no quintal de casa, em passeios a parques de diversão e em festas barulhentas de aniversário. Tomou, por fim, a caixa e, ajeitando-a cuidadosamente na sacola de feira, saiu em busca de um lugar em que pudesse enterrá-la.

Nessa procura, chegou até a porteira e percebeu que à esquerda corria uma cerca de arame que ladeava a estrada de terra que conduzia à cidade. Luciano, querendo achar um ponto bem-isolado, seguiu margeando a cerca pelo lado de dentro da propriedade. Caminhou umas poucas dezenas de metros até que entrou num leve declive. Nesse ponto, o padre olhou à esquerda e viu um enorme pasto que se estendia lá embaixo, elevando-se depois na direção da floresta, em cuja margem se erguia uma grande paineira. “É ali, debaixo daquela bela árvore, que vou sepultar o meu filho”, pensou.

Enveredou-se então, cruzando o pasto, no rumo da paineira, sem imaginar que seguia na direção do poço que, muitos anos antes, Tatu e Osvaldinho haviam cavado.

As ramas do mato baixo tinham coberto quase por inteiro a boca da cisterna. A manivela que fora deixada ali caíra no fundo do poço quando os cavaletes de madeira que a sustentavam apodreceram sob a exposição prolongada à ação do sol e da chuva. Não havia, assim, nenhum sinal que sugerisse a existência de um grande buraco naquele local. Luciano, então, quando já se acercava da paineira, percebeu de repente que o chão lhe faltava e precipitou-se horrorizado para dentro do poço.

A queda foi violenta. O padre caiu gemendo sobre a velha manivela de ferro, fraturando o osso da coxa direita que ficou exposto. Bateu também o tórax na pedra que Osvaldinho havia usado para esmagar a cabeça da onça, a “pedra feijão”, e nisso quebrou ainda duas costelas.

O homem gritou de dor, contorcendo-se por alguns instantes. A afobação, porém, para escapar daquela armadilha lhe deu forças para se levantar e tentar galgar as paredes da cisterna. Não havia, contudo, algo em que pudesse se apoiar e o buraco era fundo demais. Então, vencido pelo cansaço e torturado pela dor lancinante, o padre se pôs a gritar por socorro. Quem, porém, o ouviria naquela imensidão deserta? Luciano esgoelou-se até ficar rouco. Por fim, desistiu e ajeitou-se exausto no fundo da cova, tentando imaginar uma saída.

Olhou aflito à sua volta à procura de qualquer coisa que pudesse usar como instrumento para escapar. Porém, viu somente a manivela enferrujada e alguns pedaços de pau podre. Viu também os objetos que trouxera na sacola todos espalhados pela cova estreita. A caixa de ferro que servira como esquife para o corpo de seu filho havia se aberto na queda e o cadáver do bebê jazia esfacelado numa pequena poça de lama negra.

Recostado junto à parede do poço, sufocado dentro daquele buraco estreito e torturado pela agonia da dor, o padre notou que sua visão começava a escurecer, enquanto a perna sangrava. Perdeu, assim, os sentidos e deixou-se desabar, só voltando a si horas mais tarde quando alguns raios do Sol do meio-dia lhe feriram a face. Luciano não se ergueu. Estava fraco demais. Começou a chorar de dor. Com a voz apagada, tentou gritar por socorro mais algumas vezes.

Tudo em vão.

As horas foram passando e com elas se esvaía qualquer esperança de ele sair daquela situação. O padre começou, então, a murmurar orações e textos sacros. Lembrou-se de uma passagem de Virgílio citada por São Jerônimo: “O horror se espalhava por todos os lados; o profundo silêncio inspirava terror em minh’alma”.

Num dado momento, movendo-se sobre a perna esquerda na busca de uma posição mais cômoda, sentiu o atrito de um pequeno volume no bolso da calça. Era a mensagem feita de recortes que havia montado para incriminar os protestantes. Tomou a folha de papel, abriu-a e leu: “Católico perverso, tua abominação foi levada dentro de uma sacola de feira. Lê a *Bíblia* e aprende com Lutero. Se não, tu vais morrer nas trevas”.

O padre abateu-se ainda mais. Que terrível ironia! Parecia que tinha produzido um texto profético para si mesmo! E, ao que tudo indicava, a parte mais assustadora do vaticínio ainda estava por vir: “Tu vais morrer nas trevas”. Com efeito, as trevas da noite não tardariam a chegar e, com elas, o desespero ainda maior ou, quem sabe, até mesmo a morte.

A tarde foi passando lenta e silenciosa e logo uma penumbra enlutada envolveu tudo. Luciano ajeitou-se como pôde dentro do poço e rezou, implorando a Deus que alguém o encontrasse. Já alta noite, ouviu um ruído. Alguém lá fora parecia acercar-se da cova. O padre se animou. Levantou-se e começou a chamar: “Há alguém aí? Socorro!”. Ouviu então o rosnado de um bicho qualquer que logo de afastou assustado. O visitante era apenas um animal silvestre que perambulava por ali numa busca noturna por alimento.

Após a noite horrível de vigília, dores e clamores, o dia, enfim, amanheceu. O estado de Luciano piorara. Sua perna estava inchada e ele ardia em febre. Seu rosto e suas mãos estavam cobertos por picadas de inseto. Sentia-se agora tão fraco que não conseguia se levantar. Sua visão estava nublada, tinha falta de ar e a cabeça lhe doía. Na sua miséria, sem qualquer alternativa, ele urinou e aliviou o ventre nas calças. Estava também com fome, mas era a sede que mais o torturava.

Suportou, assim, esmorecido, o arrastar-se lento de mais um dia e o tormento hediondo da segunda noite. Quando o dia novamente clareou, estava totalmente exaurido e com a perna fraturada tomada por um inchaço ainda mais amplo e feio. Agora mal conseguia se mover, tamanha a sua fraqueza. Rendeu-se, pois, à miséria em que se afundara e ficou ali em silêncio, horas seguidas, observando os restos do filho morto.

Finalmente, nesse estado de completa penúria, o padre perdeu os sentidos e, horas depois, faleceu. Seu corpo nunca foi encontrado, ainda que Pacômio Saaz tivesse se empenhado ao máximo na procura pelo amigo. Anos mais tarde, quando foi finalmente inaugurada a igreja de Vila Santa Virgínia, construída no terreno doado por Dona Dulcelina, o velho pároco fez questão de que o templo recebesse o nome de *Igreja de Nossa Senhora da Conceição e de São Luciano*. Depois disso, Pacômio Saaz ainda perseverou nas suas buscas, até que faleceu, em 1985.





Ficou ali em silêncio,
horas seguidas, observando
os restos do filho morto.

Capítulo 25

OS RAIOS DE SOL

O domingo rompeu alegre e ensolarado. Dona Lola chegou à igreja batista na hora do intervalo entre o culto matutino e a escola dominical. Todos estavam então no pátio, com exceção da organista que ensaiava um hino e de alguns jovens que tinham se reunido diante do quadro de avisos para rir da nota recém-publicada pela irmã Roseli. Dessa vez, o comunicado era realmente engraçado, pois sugeria romances embaraçosos ocorridos no passado:

O irmão Nilson já se recuperou do problema no estômago. Ele teve alta médica e está em casa, podendo receber visitas. A irmã Wanda já foi na morada dele. Depois dela, várias outras irmãs também foram. Se você ainda não foi, não perca essa oportunidade de mostrar amor verdadeiro.

Os gracejos dos jovens em frente ao quadro de avisos, o entusiasmo dos amigos que se cumprimentavam cheios de riso e alegria, as animadas rodas de conversa espalhadas pelo pátio repleto de gente bem-arrumada, o corre-corre das crianças peraltas que o olhar reprovador de alguns velhos não conseguia conter, nada disso contagiou a pobre senhorinha naquela manhã tão linda. De fato, ela estava bastante desanimada e pensamentos acinzentados povoavam a sua mente.

Tímida, Dona Lola recostou-se ao batente da entrada do salão de cultos e passou a observar as pessoas. Foi dali que ela percebeu quanta maldade havia se infiltrado naquele tumultuado ajuntamento. De um lado, ela viu Ananias e Atanásio, os odiáveis filhos de Agnes Herrera, zombando dos sapatos velhos de Estevão que, indefeso e envergonhado, fingia achar a chacota engraçada para não ser indelicado. Voltando-se para outra direção, a senhorinha também viu o irmão Avelino usando de mentiras para convencer uma mulher recém-chegada a comprar uma galinha preta que ele havia trazido consigo naquela manhã. “Eu juro que não é de macumba”, repetia o velho matreiro à mulher que, constrangida, tentava se desvencilhar dele.

De seu posto de observação, Dona Lola também notou o modo de agir de Irlandino que supervisionava como líder supremo cada roda de conversa. Ele demonstrava, dessa forma, que as pessoas podem sim melhorar bastante pela graça de Deus, mas que certos defeitos jamais serão emendados, nem mesmo depois das mais duras lições.

Indignada, a mulher reparou ainda em Agnes Herrera que, sempre tentando exhibir a todos sua “imensa” espiritualidade, entrara no salão de cultos e se prostrara diante do púlpito, numa representação repugnante e grosseira de santidade.

Estava, assim, contemplando inconformada todos esses desvios, quando Marvin Cottrel se aproximou. Vestia um macacão de jeans e trazia na mão uma seringa de metal com que estivera lubrificando as dobradiças das portas. Pelos seus trajes dava para perceber que não viera à igreja naquela manhã para participar do culto, mas sim para realizar pequenos serviços.

— Bom dia, irmã Dolores! É bom vê-la! Como tem passado?

— Bom dia, irmão. Eu vou bem, obrigada.

— A senhora parece um tanto desanimada, ou é impressão minha?

— Não é nada, não...

Depois, não se contendo, completou:

— É que eu tenho pensado em como é difícil encontrar uma igreja boa, sem todas as coisas erradas que a gente vê por aí. O senhor sabe... Tem muita enganação, maldade, fingimento... A gente desanima...

A mulher passou, então, a dar exemplos das coisas ruins que testemunhara nas igrejas que

havia conhecido pela vida afora. Ela falou das tramoias do padre desaparecido, do povo enganado que fazia preces a um cachorro morto, dos desatinos dos crentes pentecostais...

— Eu cheguei até a enrolar a língua, achando que aquilo era certo — disse envergonhada.

Por fim, ousou até falar da atitude orgulhosa de “alguns” pastores, numa referência velada a Jerônimo Altino. Expôs, assim, todo seu inconformismo com as crueldades, hipocrisias e intrigas que vira nas igrejas por onde passara e disse não entender como todas essas coisas podiam existir entre homens e mulheres que se declaravam discípulos de Jesus.

Marvin Cottrel ouviu o desabafo da viúva com paciência e sincera atenção.

— O joio crescerá com o trigo — disse Cottrel —, até o dia em que o Senhor vier separá-los. Então, como diz o primeiro *Salmo*, “os pecadores não prevalecerão na congregação dos justos”. Enquanto isso não acontece, nosso dever é perseverar na comunhão dos irmãos, fugindo apenas de igrejas falsas.

Cottrel prosseguiu explicando que “igrejas falsas” são aquelas que se afastam da pregação da cruz, proclamando invenções tolas e tradições mortas, sem realçar a salvação que vem somente pela fé no Cristo crucificado e ressurreto.

— Entendi — respondeu a senhorinha agora mais aliviada. — Mas será que as igrejas verdadeiras, mesmo tendo ali suas mudas de joio, não deveriam mostrar também algum pé de trigo?

O gringo sorriu com bondade e, afastando-se com a ampola de óleo na mão, deu dois passos no rumo do portão do pátio. Então, voltou-se novamente para a mulher e disse:

— Minha irmã, a água poluída não exhibe apenas a cor turva. Se a senhora olhar com cuidado, verá que ela também reflete os raios do Sol.

Então, Dona Lola, movida por essas palavras, levantou os olhos e viu Aurélio Augusto explicando um versículo bíblico para dois rapazes que visitavam a igreja. E virando-se para outro lado, viu João Tito levando um copo de água para uma idosa cansada que havia entrado no salão para se sentar. Viu também Brenda Livorno, encantadora, mostrando as flores coloridas do jardim para algumas crianças bem-pequenas. Viu ainda Dona Jandira, abraçando com amor sincero as irmãs de fé, e notou o próprio Marvin Cottrel que agora começava a lubrificar as dobradiças do portão.

De repente, enquanto observava absorta tudo isso, uma voz familiar chamou a atenção da senhorinha.

— Mãe! A senhora chegou atrasada!

Era Francisco. O menino estava diferente e até um pouco engraçado. Curiosamente, não vestia nenhuma de suas camisetas estampadas com figuras monstruosas. Em vez disso, trajava camisa e calças sociais e tinha até passado brilhantina no cabelo. Ninguém havia exigido isso dele e nenhum garoto da igreja se vestia daquela maneira, mas, ao que parecia, Kiko decidira romper radicalmente com o universo oculto dos demônios, querendo deixar isso claro especialmente para Babalolo que, diga-se de passagem, nunca mais o incomodou.

— Eu não consegui chegar mais cedo. Eu...

— Veja, mãe! Olhe quem veio à igreja!

Dolores olhou na direção do portão e viu Dona Dulcelina e Iolanda chegando. Era a primeira vez que a antiga patroa havia aceito o convite de visitar a igreja batista e a senhorinha ficou muito feliz em vê-la. Também animou-se ao concluir que Iolanda tinha melhorado bastante depois dos vários encontros que tivera com ela. De fato, a moça estava bem-arrumada num vestido florido e, quando viu a velha amiga, sorriu tímida, exibindo a prótese que Pacômio Saaz fizera questão de financiar.

Marvin Cottrel, junto ao portão, saudou com simpatia as duas mulheres recém-chegadas. E foi nesse momento de doce surpresa que Dona Lola ouviu no coração os acordes suaves de uma bela melodia que, começando discreta, foi num crescendo até encher completamente o ar. Era a música silenciosa da fé, da esperança e do amor que parecia agora permear gloriosa todo o universo. E os movimentos de cada justo que estava naquele humilde pátio de terra eram como os passos esmerados de uma dança alegre e delicada que compunha, junto com os pequenos e grandes eventos da história, o imenso espetáculo da redenção.

Contemplando, assim, toda aquela beleza, Dona Lola percebeu que os acordes desafinados do mal eram abafados sob a força da melodia e os encantos da dança. Então, ela mesma, abandonando o posto de sentinela, subiu ao palco do grande balé e, abrindo os braços, correu até as amigas com lágrimas nos olhos. Como estava feliz agora! Fazia parte de uma igreja com manchas, era sim verdade. Mas a bondade de Deus trabalhava ali e até trazia mais gente para aquele convívio a fim de que muitos provassem o seu gosto adocicado. “Realmente”, pensou, “a água poluída também reflete os raios do Sol”.



EPÍLOGO

Devotos e curiosos apinhavam-se no pátio em frente à Catedral do Porto, ocupando toda a Calçada Dom Pedro Pitões e todo o Terreiro da Sé. A multidão estava ansiosa pela chegada do Papa Paulo VI que, em visita a Portugal, realizaria a celebração eucarística naquela cidade.

Cardeais, arcebispos, bispos, dignatários de diversas igrejas, vigários-gerais, cônegos, diáconos, presbíteros, seminaristas, chefes de ordens monásticas, além de representantes do alto escalão do governo português lotavam a nave da catedral ao som do coro que cantava o *Salmo 24* numa melodia solene.

*Ao Senhor pertence a terra
e tudo o que nela se contém,
o mundo e os que nele habitam.
Fundou-a ele sobre os mares
e sobre as correntes a estabeleceu.*

O som magnífico do órgão de tubos e das trombetas altissonantes ecoava entre as colunas esplendorosas, cingindo as imagens sacras e ribombando nas paredes cobertas de suntuosos ornamentos dourados.

Alberto, em pé no coro à esquerda do altar, mostrava completa falta de entusiasmo, cantando baixo e dando pouca atenção ao regente. Às vezes, seus olhos se voltavam para o relicário de ouro que haviam posto ao lado do trono episcopal, situado ao centro. Ali estava o que todos consideravam o supremo tesouro da catedral: o dente de Santa Apolônia de Alexandria!

*Quem subirá ao monte do Senhor?
Quem há de permanecer no seu santo lugar?
O que é limpo de mãos e puro de coração,
que não entrega a sua alma à falsidade,
nem jura dolosamente.*

As vozes do coro dominavam a atmosfera num hino prolongado que repetia cada estrofe e encobria o murmúrio das pessoas importantes que ocupavam os bancos da catedral.

Então, num dado momento, a multidão ficou de pé. É que o séquito do Sumo Pontífice irrompera sob os umbrais das portas do templo e vinha marchando imponente pelo corredor central, trajando becas brancas. Os membros do cortejo seguiam em duplas. Somente um deles vinha sozinho. Este trazia um grande incensário, cuja fumaça encheu o ambiente.

No momento em que o cortejo chegou próximo do altar, as trombetas soaram mais forte e o coro bradou com fervor:

*Levantai, ó portas, as vossas cabeças;
levantai-vos, ó portais eternos,
para que entre o Rei da Glória.
Quem é o Rei da Glória?
O Senhor, forte e poderoso,
o Senhor, poderoso nas batalhas.*

Alberto, descorçoado, virou-se para a porta. Sob os olhares reverentes e emocionados do povo, o Supremo Vigário de Cristo adentrou pelo recinto, envergando suas vestes sagradas e trazendo a fêrula reluzente na mão direita. A mitra sobre a cabeça evocava noções de realeza, posto que ali estava o verdadeiro e único Príncipe da Igreja Romana.

Paulo VI seguiu com lentidão pelo corredor e, chegando à mesa do altar, beijou-a solenemente. Em seguida, voltou-se para a multidão e a abençoou “*In nomine Patris et Filii et Spiritus Sancti*”.

Dando sequência à cerimônia, o bispo do Porto pronunciou um pequeno discurso saudando Sua

Santidade e enaltecendo a sabedoria e as demais virtudes do pontífice. Depois, a palavra foi dada ao papa. Ao falar ao povo, ele elogiou a igreja portuguesa e destacou o privilégio que Deus havia concedido àquela nobre cidade, isto é, a honra inefável de abrigar a relíquia de Santa Apolônia.

Sempre cabisbaixo, Alberto ouvia tudo com o coração pesado, até que a cena que se seguiu realmente o aterrorizou. Havendo terminado seu discurso, Paulo VI pediu que lhe trouxessem o relicário e abrissem a redoma de vidro. Um auxiliar obedeceu.

Então, o Pontífice Máximo curvou-se diante do dente sagrado e o beijou três vezes, venerando assim a relíquia imaculada.

Alberto curvou a cabeça e fechou os olhos.



SOBRE O AUTOR

Marcos Granconato é pastor da Igreja Batista Redenção, em São Paulo. Formou-se em Teologia pelo Seminário Bíblico Palavra da Vida e em Direito pela Universidade São Francisco de Bragança Paulista. Obteve o título de mestre em Teologia Histórica (Th.M) no Centro Presbiteriano de Pós-Graduação Andrew Jumper. Atua também como conferencista, ministrando palestras sobre Teologia Sistemática, Teologia Bíblica e História da Igreja.